

Provedor do Ouvinte

Relatório de Actividade 2018



João Paulo Guerra

Provedor do Ouvinte

Lisboa, Janeiro 2019

Relatório de Actividade do Provedor do Ouvinte 2018

No uso da competência prevista na alínea f) do n.º 1 do artigo 37.º dos Estatutos da Rádio e Televisão de Portugal, S.A., aprovados pela Lei n.º 39/2014, de 9 de Julho, apresenta-se este relatório de actividade relativo ao ano de 2018, durante o qual o signatário exerceu a função de Provedor do Ouvinte.

Na capa: o técnico Sérgio Rodrigues na torre do Centro Emissor do Mendro. © Direitos Reservados

Índice

Introdução	5
Gente feliz com rádio	5
I – 2018: Recordar para não esquecer	9
1. Ouvintes, Técnicos e Provedor, a mesma causa	13
2. Desinvestimentos em várias frentes.....	17
3. Multimédias	21
4. Cronologia de uma crise técnica	28
5. Discriminação positiva	32
II – Crises dentro da crise	35
1. – Activos descartados	35
2. – Em busca da marca perdida	39
3. – Em defesa do Serviço Público	43
III – A Rádio e os Ouvintes através do Provedor	47
1. Informação e comentário na agenda dos Ouvintes	48
a) Um caso exemplar: um mau exemplo	49
b) O sentido das palavras	53
2. – Futebol e outros jogos	54
3. – Outros campos	58
IV – Em Nome dos Ouvintes	61
V – Concluindo...	65
VI – Anexos	67
1. Análise estatística das mensagens recebidas	69
2. Ouvintes questionam – Provedor responde	77
3. Em Nome do Ouvinte – guiões do programa	145
Notas de fim	358

Introdução

Gente Feliz com Rádio

Na Rádio é que eu me sinto Feliz.

António Macedo, entrevista ao Provedor,

Em Nome do Ouvinte, 11 Maio 2018

O meu sonho é passar um mês sem ouvir falar que há avarias na rádio.

Já fico feliz.

Confissão do Director Técnico

ao Provedor do Ouvinte, 20 Outubro 2018

No ano de 2018 expôs-se em toda a sua dimensão a crise técnica latente no funcionamento de instalações e equipamentos desadequados, fora de prazo, de regeneração sempre adiada, sempre postergada para próxima oportunidade, para futuro orçamento, talvez para um milagre, numa estação de Rádio subalterna e discriminada no seio da empresa mãe. A crise técnica da Rádio bateu de tal maneira no fundo que se pensou que não haveria mais fundo e que, a partir de então, teria forçosamente que se iniciar a ascensão.

E aí começou a raiar alguma esperança e alguma alegria. Nos últimos dias de Julho e nos primeiros de Agosto, quando se ergueu nova torre no Centro de Emissores de Monsanto, havia felicidade nos rostos do grupo que se juntou para colocar e para testemunhar a colocação dos dipolos na nova torre da Marinha Portuguesa, pelos técnicos trepadores da Rádio do Serviço Público. Estava para acabar uma crise que os ouvintes tinham sinalizado e cujos efeitos o programa do Provedor tinha divulgado intensamente.

A felicidade durou pouco tempo. Em consequência dos critérios contabilísticos da Administração da RTP, que determinaram que se instalassem novas antenas mas não, para já, um novo quadriplexer, que recebesse e redistribuísse os sinais, a incompatibilidade entre equipamentos novos e velhos deu mau resultado e levou a que um esforço enorme resultasse em novo abaixamento forçado de potência.

Poucos dias antes ainda reinava a confiança reinstaurada na Rádio com a colocação das novas antenas em Monsanto. E até o novo Director de Engenharia da RTP, Carlos Barrocas, se permitia manifestar tímidos e prudentes sonhos de felicidade:

«O meu maior sonho é passar um mês sem ouvir falar de avarias na Rádio. Já fico feliz.»ⁱ

Foi uma desilusão para os ouvintes. Mal comparado foi como em Maio, quando António Macedo, a caminho da recuperação de um acidente nas instalações da RTP, anunciou no programa do Provedor de 11 desse mês:

«Segunda-feira, se tudo correr bem, volto a estar em programa».ⁱⁱ

E voltou. Voltou na segunda-feira, 14 de Maio, para fazer felizes todos os ouvintes que acompanharam com desvelo o seu estado clínico. Voltou em Maio, maduro Maio, para sair de vez em Junho. Ninguém queria acreditar, menos ainda os ouvintes que fizeram votos pelo seu regresso à antena do Serviço Público.

A RTP e a Rádio do Serviço Público – a célebre Rádio, meio de comunicação de maior credibilidade na Europa e em Portugalⁱⁱⁱ – viveram de crise em crise neste ano de 2018. E os ouvintes foram dando pelas incidências dos períodos críticos ao longo do ano.

Em 2018, o Provedor recebeu e respondeu a 623 mensagens de ouvintes, menos do que as mensagens recebidas em 2017 e 2015, mais do que em 2016, 2014 e 2013. Esta é a trave mestra da intervenção do Provedor, a correspondência dos ouvintes. O Provedor reúne a informação necessária para responder aos ouvintes e responde com frequência até a perguntas subsequentes que resultam dos esclarecimentos iniciais. Depois condensa dúvidas e respostas, ideias e propostas, no programa semanal “Em Nome do Ouvinte”.

As mensagens dos ouvintes vão servindo de barómetro sobre a situação da Rádio. Como seria de esperar, as questões técnicas foram as principais razões de queixa dos ouvintes no ano de 2018.

A crise técnica ameaçou a execução do contrato de serviço público, pois o primeiro dever do Serviço Público de Rádio e de Televisão, nos termos do contrato de concessão em vigor, celebrado entre o Estado e a empresa Rádio e Televisão de Portugal (RTP), em 6 de Março de 2015, é o de garantir a acessibilidade dos cidadãos aos serviços difundidos.

A sucessão de outras crises que assolaram a RTP em 2018 em nada ajudaram a empresa a cumprir com honra o contrato do serviço público. E esse foi também o papel nefasto da crise de confiança que se declarou com o desinvestimento da Rádio em alguns dos seus activos humanos mais valiosos.

Em Junho, quando a crise técnica parecia a caminho de resolução mas se abriu a crise de confiança com o afastamento de António Macedo, deu-se um encontro de vontades não previsto nem agendado. Por sugestão de Adelino Gomes e José Nuno Martins, aos quais se juntou Mário Figueiredo, reuniram-se o actual e antigos Provedores do Ouvinte originários da radiodifusão. Uma conversa franca, rigorosa e profunda: o actual Provedor informou os seus pares sobre a situação técnica da Rádio e o desperdício de activos, cotejando todos a situação com anteriores crises da Rádio.

«*O que nos contaste foi duríssimo de ouvir*», desabafou Adelino Gomes, declarando, com José Nuno Martins e Mário Figueiredo, todo o apoio às posições que o Provedor tomara ou viesse a tomar.

E a simples força e firmeza daqueles apertos de mão na tarde de 22 de Junho de 2018 fortaleceu a certeza no futuro da Rádio e na felicidade dos que a amam.

I. 2018: Recordar para não esquecer

O primeiro dever do Serviço Público de Rádio e de Televisão, nos termos do contrato de concessão em vigor, celebrado entre o Estado e a Rádio e Televisão de Portugal em 6 de Março de 2015, é o de garantir a acessibilidade dos cidadãos aos serviços difundidos. Sem difusão segura e cobertura eficiente do território de nada servem os conteúdos que sem condições de irradiação não chegam ou mal chegam aos respectivos destinatários, os ouvintes.

Durante mais de metade do ano de 2018, as condições de distribuição dos sinais de radiodifusão do serviço público estiveram altamente condicionadas na região da Grande Lisboa, onde se encontra a maior concentração de ouvintes do país. Assim, cerca de 30% da população ouvinte, a que acresce um universo de potenciais ouvintes, foram afectados pela capacidade diminuída de difusão de rádio. Com efeito, os emissores da Antena1, Antena2, Antena3 e RDP África localizados na Estação Emissora da Serra de Monsanto, concelho de Lisboa, estiveram a funcionar, segundo um plano de contingência, com redução de potência de 10 KW para 2 KW, afectando a cobertura de Lisboa, algumas localidades das áreas limítrofes e a populosa margem sul do Tejo.

Em Agosto, depois de erguida nova torre e ali instaladas as antenas do serviço público de rádio, registou-se nova avaria, originada por incompatibilidade entre equipamentos novos e antigos, o que impôs novo período de emissão de contingência, embora sem afectar desta vez de forma mensurável a cobertura, conforme reportado pela direcção técnica.

A par das avarias persistentes de maior dimensão, como a de Monsanto, registaram-se igualmente, em 2018, frequentes avarias nos estúdios, por efeito de mesas obsoletas e de deficiências no funcionamento do gestor e distribuidor de conteúdos – o “*famigerado Dalet*”, nas palavras do Director Técnico da Rádio, Carlos Barrocas^{iv} –, bem como falhas constantes no material de transmissões exteriores, as quais fizeram da Rádio da RTP um mórbido serviço público.

Neste cenário, as vulnerabilidades existentes só não tiveram consequências mais catastróficas porque a Rádio, que não tem santo padroeiro, descobriu os seus patronos nos homens e mulheres que fazem no dia-a-dia o milagre de manter no ar a transmissão das ondas electromagnéticas, com coragem e competência e, por vezes, com risco físico: a renovação das antenas da Foia foi executada à altura de 22 andares, em Março de 2018; a emissão da A1, A2 e A3 a partir da Estação Emissora da Serra do Muro, também em Março, foi reposta no cimo das antenas sob forte nevão.

A crise vivida na Rádio em 2018, e que já se encontrava iminente, devido à falta de investimento como oportunamente reportado pelo Provedor do Ouvinte, detonou no fim-de-semana de 10 e 11 de Dezembro de 2017, quando a Tempestade “Ana” passou por Lisboa. A Antena1 deu a notícia, reduzida a meia dúzia de linhas por efeito do formato “piloto automático” das madrugadas e fins-de-semana das emissões e mesmo dos noticiários. As notícias sobre a tempestade puseram a tónica nas centenas de árvores derrubadas, no Porto, Braga, Aveiro, Viseu, Coimbra e Lisboa. Nem a Rádio, nem qualquer outro meio, fez referência aos efeitos que iriam transformar a tempestade passageira numa verdadeira tormenta. E os ouvintes, no correio do Provedor, manifestavam-se então maioritariamente mais atribulados com as brejeirices e outras irreverências do humorista Mata-Bicho.

Mas naquele fim-de-semana de Dezembro de 2017, técnicos da área de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da RTP foram alertados nos respectivos telemóveis, como sempre acontece perante qualquer acidente com incidências técnicas, para a passagem da Tempestade “Ana”: a torre que suportava as antenas do serviço público que irradiavam a partir de Monsanto para Lisboa e Sul do Tejo, por intermédio da Antena1, Antena2, Antena3 e RDP África, ficara com uma perigosa inclinação e ameaçava ruir. O alerta chegou a tempo, a avaliação da situação foi feita no terreno e reportada oportunamente para a Direcção dos Serviços de Engenharia, mas a reparação previa-se demorada, até por via de alguma engenharia financeira: a torre metálica, de 80 metros de altura e 19 toneladas de peso ameaçava ruir. Mas, mesmo inclinada como a Torre de Pisa, até ver, desempenhava as suas funções.

Foi só quando a torre foi arriada, depois de ser negociada a sua substituição com a Marinha Portuguesa, detentora das instalações de Monsanto onde os equipamentos estão sediados, e depois de retiradas as antenas, transpostas para a torre da Rádio Renascença – por cortesia da Emissora Católica, desde que as emissões da Rádio do Serviço Público não interferissem com a irradiação da RR –, que os efeitos da Tempestade “Ana” chegaram às casas dos ouvintes. Para não interferir com as emissões da RR, os emissores da RDP passaram a operar com potência reduzida de 10 KW para 2 KW.

Mesmo assim, os ouvintes deram os primeiros sinais de alerta quando a situação da torre e das antenas de Monsanto era ainda, dentro da Rádio, uma conversa de corredores. E as primeiras perguntas e reclamações chegaram da margem Sul do Tejo e de Lisboa, em meados de Fevereiro:

Exmº Sr. Provedor,

É absolutamente inconcebível que a pagar respectiva taxa de difusão mensal à RDP (...) a sintonização da Antena 1 (FM) seja tão má na zona do Seixal e adjacências, distorcida pela sobreposição de emissoras próximas da posição de sintonia 95,7.

“Solicito que por vosso meio esta missiva chegue às autoridades competentes e logo, responsáveis pela matéria, por forma, finalmente, a dar cobro à referida situação, pois trata-se do não cumprimento unilateral em boa ordem do contrato de um serviço público acordado e devidamente pago (...).

O ouvinte de Seixal cansara-se de reclamar para um telefone de sentido único e escreveu ao Provedor. E, nesse mesmo dia, obteve resposta.

Senhor Ouvinte,

Recebi a sua queixa à qual dou inteira razão: é inadmissível que nem sequer obtenha resposta para as queixas que tem apresentado, o que passo a fazer.

Os emissores que servem a zona da Grande Lisboa das Antena 1, Antena 2 e Antena 3 em FM estão temporariamente reduzidos na sua potência de 10 para 2 KW. Esta situação deve-se à substituição de uma torre que suporta as antenas da rádio do Serviço Público, localizada na colina de Monsanto, em Lisboa, e que foi

seriamente danificada pela tempestade “Ana”, no passado mês de Dezembro. A substituição da torre já começou, depois serão instaladas novas antenas, ligadas a novos emissores, e a situação só então estará restabelecida. Não conheço prazos.

Como Provedor vou procurar informar os ouvintes sobre a situação através do programa “Em Nome do Ouvinte”. E vou alertar as direcções das antenas do Serviço Público para a necessidade de informar os ouvintes sobre a situação e perspectivas de solução.

A partir daí, o Provedor foi, durante largos meses, a primeira e, em frequentes situações, a única voz a informar e a esclarecer os ouvintes e a opinião pública em geral sobre a situação decorrente do acidente de Monsanto, designadamente sobre o carácter transitório da quebra de potência dos emissores e acerca das medidas em curso para ultrapassar a situação. Sobre esta situação, o Provedor respondeu directamente às questões suscitadas pelos ouvintes que inquiriam sobre as razões da debilidade do sinal da rádio do serviço público, mas também prestando ampla informação através do programa “Em Nome do Ouvinte”, onde a situação técnica da Rádio foi o tema central abordado em sete edições.

O primeiro desses programas foi para o ar em 2 de Março de 2018, com entrevista da engenheira Ana Cristina Falâncio, responsável da secção de emissores na Direcção de Engenharia da RTP. No programa seguinte, deram a cara dois dos 11 “Homens Invisíveis”, que ninguém vê mas que estão “lá” quando são necessários, Vítor Fernandes e Pedro Mendes:

«Somos como as ondas radioeléctricas: ninguém nos vê, mas nós existimos». ^v

No dia em que desmontaram as antenas da torre inclinada de Monsanto, os “homens invisíveis” seguiram dali a caminho da Serra d’Ossa para garantir que chegava ao sul do País o relato de um clássico do futebol previsto para o dia seguinte. Dias depois estavam a trepar para chegar a antenas cobertura de neve, na Serra do Muro, e devolver o som da Rádio a Ponte de Barca, Ponte de Lima, Viana do Castelo, Gerês, Esposende, norte de Braga.

Estes homens, que subiram ao cimo da torre de 18 metros, danificada e inclinada, na iminência de desabar, levam a Rádio no coração em cada escalada que fazem.

1. Ouvintes, Técnicos e Provedor, a mesma causa

Para a denúncia, divulgação e debate da debilidade técnica da Rádio do Serviço Público muito contribuíram os alertas dos ouvintes. Não foram imediatos, como já se viu, porque a manutenção da torre das antenas, mesmo fortemente inclinada, assegurava a difusão mas, antes ainda de se mexer na torre inclinada, a inclinação dos ouvintes já detectava quebra de qualidade nas emissões: em 11-02-2018, sobre a má qualidade na transmissão da Antena 1:

Nos últimos dias tenho notado que a Antena 1 se ouve com mais dificuldades em Lisboa. A transmissão piorou consideravelmente de qualidade. Experimentei nos vários rádios que tenho em casa para confirmar se seria um problema do aparelho ou da estação. Em todos se ouvia igualmente mal. Bem como no rádio do carro. Na viagem que fiz para o Algarve deixou de ser possível ouvir a Antena 1 a poucos quilómetros de Lisboa. Gostava de saber o que se passa e se esta deficiente transmissão vai continuar. Muito obrigada e continuação de bom trabalho.

Prezada Ouvinte,

Recebi a sua queixa que agradeço, registo e lamento. Há presentemente problemas graves com o emissor de Monsanto que deveria garantir a boa cobertura da Grande Lisboa pela Rádio do Serviço Público. Vou procurar saber o ponto da situação em relação à reparação que estará a decorrer. 12-02-2018

Uma semana depois, os ouvintes já colocavam questões mais substantivas ao Provedor que, por seu lado, já tinha dados mais concretos para lhes prestar informação.

19-02-2018 - Fraca qualidade da emissão

Boa tarde, tenho experienciado algumas dificuldades em ouvir as emissões da Antena 1, na zona de Lisboa. Gostaria de saber a que se deve esta perda de qualidade e quando se prevê que a situação esteja normalizada.

Prezado ouvinte,

Recebi a sua mensagem que segui com o maior interesse. A tempestade “Ana”, que se abateu sobre Lisboa em meados de Dezembro, danificou seriamente a torre de Monsanto que sustenta a antena que cobre a Grande Lisboa servindo a rádio FM do Serviço Público em 95,7 MHz (Antena1), 94,4 MHz (Antena 2), 100,3 MHz (Antena 3) e 101,5 MHz (RDP África). Está em vigor um plano de contingência enquanto se aguarda a aplicação de uma solução definitiva para a emissão das A1, A2, e A3 a partir da Estação de Emissores de Monsanto. Dos trabalhos na Estação Emissora de Monsanto resulta que a potência de emissão ficou desde já reduzida de 10 para 2 KW. O Provedor do Ouvinte não tem de momento qualquer informação dos Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da Rádio e Televisão de Portugal sobre prazos das obras em curso e da normalização da emissão de FM na Grande Lisboa.

19-02-2018

«No exercício de mediação que lhes é atribuído por Lei, os Provedores não podem dispensar, antes devem exercer o seu papel privilegiando funções pedagógicas e de formação do cidadão como consumidor de Rádio e de Televisão».

Estes e outros princípios alinhados pelos Provedores fundadores José Manuel Paquete de Oliveira e José Nuno Martins, em 8 de Maio de 2006, constituem ainda hoje um precioso guia para o trabalho do Provedor do Ouvinte, e estou em crer que do Provedor do Telespectador, e respectiva relação com os ouvintes da Rádio e os telespectadores da TV.

Nos frequentes contactos com ouvintes, a propósito da crise técnica, o Provedor fez questão de explicar os antecedentes e as incidências da situação, por palavras e ideias

próprias, ou através de entrevistas com credenciados técnicos de radiodifusão. Esse procedimento transformou em muitos casos a pura e simples indignação dos ouvintes – *“pago a CAV e não sou devidamente servido”* – numa atitude de compreensão para com quem trabalha na Rádio em condições técnicas de tamanha fragilidade. Não faltaram mesmo ouvintes a perguntar de que modo poderiam ajudar na divulgação da situação real e dos sérios problemas que a Rádio e quem nela trabalha enfrentam. Por iniciativas populares, respostas do Provedor a alguns ouvintes de Lisboa e da margem Sul do Tejo circularam como folhas volantes de informação sobre a situação da rádio e do serviço público.

Para o esclarecimento da situação de debilidade técnica da rádio do serviço público foi essencial ao Provedor ganhar a atenção e confiança dos Ouvintes, como também a confiança de dirigentes e trabalhadores dos Serviços de Engenharia da RTP. Essa confiança mútua levou dirigentes e técnicos a assumirem a denúncia da situação, atitude incómoda e até mesmo arriscada mas corajosamente assumida.

O Provedor do Ouvinte indagou e divulgou informação obtida através de consultas a quatro directores técnicos da Rádio, dois já reformados, um entretanto substituído na liderança da Direcção de Engenharia, mas o Provedor também ouviu o novo Director de Engenharia, como também entrevistou directores-adjuntos, técnicos credenciados da manutenção e substituição de emissores, de operação de estúdios, de transmissões exteriores e da Central Técnica.

Além de responder directamente a grande número de ouvintes, o Provedor autorizou diversos ouvintes a divulgarem as suas respostas e pareceres, e realizou sete edições do programa *“Em Nome do Ouvinte”* especificamente dedicadas a questões de ordem técnica, que foram ainda abordadas avulsamente em diversas outras edições. A temática dos programas do Provedor reflectiu a seriedade dos problemas em causa, assim como as questões mais suscitadas pelos ouvintes ao longo do ano. Na verdade, como seria de esperar, o assunto que deu azo ao maior volume de correspondência dos ouvintes foram as *“questões técnicas”*.

A confiança de dirigentes e outros trabalhadores, baseada na lealdade e no superior interesse do Serviço Público, foi essencial para a realização de tais programas e para obter dados para respostas seguras e confiáveis destinadas aos ouvintes.

A defesa da Rádio e do Serviço Público de Radiodifusão foi o cimento que sustentou este relacionamento cordato, leal e produtivo. No entanto, o Provedor não pode deixar de sublinhar que nem sempre obteve respostas aos apelos que lançou nem até mesmo às simples perguntas que fez no âmbito do mais elementar dever de cooperação entre organismos da RTP.

O Provedor do Ouvinte honra-se de ter permanecido na primeira linha da informação e esclarecimento sobre a situação na Rádio e na defesa incansável da resposta da Rádio ao zeloso cumprimento do contrato de serviço público de radiodifusão. Mas não é fácil, nem cómodo. Se fosse, porventura o Provedor não estaria aqui.

2. Desinvestimento em várias frentes

Há problemas na Rádio que, por terem sido ignorados ou mal resolvidos, nunca mais se resolvem. E em Dezembro de 2018, o Provedor, alertado por um ouvinte, deu uma notícia que deveria fazer corar de vergonha o Estado português e a RTP: A Rádio Nacional de Espanha e a Rádio Exterior de Espanha, aqui ao lado e tão longe, duplicaram a partir do final de Outubro de 2018 as horas de emissão em Onda Curta. E estão a emitir em português, com destino a pesqueiros do Atlântico Norte, para o Atlântico Sul e África Ocidental, para o Oceano Índico e o Oriente... através da onda curta, da qual o Governo de Portugal e a RTP abdicaram.

A extinção das emissões em onda curta é uma decisão não tomada, mas aplicadamente apregoada. Porém, o único “documento” que oficializa a decisão é uma declaração do ministro Miguel Relvas, em tom exaltado, no Parlamento, em Janeiro de 2013:

«Sobre a Onda Curta, vamos eliminar? Vamos. Não temos meios. Vamos sim senhor, eliminar a Onda Curta. Não há aqui dúvidas. Vamos fazer as coisas necessárias».^{vi}

O presidente da RTP, Gonçalo Reis, tem o seguinte entendimento:

“O tema da Onda Curta é um tema, desculpe usar a expressão, é um tema da Guerra Fria”.^{vii}

Mais eis que acabada a conversa, fechado o dossiê, com equipamento solenemente inaugurado, pouco antes do fim proclamado, a envelhecer nas instalações de Pegões, a Onda Curta dá sinal de vida, aqui ao lado. E foi um ouvinte a dar por isso e a alertar o Provedor.

Essa denúncia recente sobre a extinção da Onda Curta tem data de 7 de Dezembro do ano de 2018: um ouvinte lamenta que a Espanha esteja a transmitir em português através da onda curta.

“Isto competia à RDP Internacional”, diz o ouvinte.

Com efeito, e tal como o Gabinete do Provedor confirmou, a Rádio Nacional e a Rádio Exterior de Espanha, equivalente castelhano à RDP Internacional, transmitem para diversos destinos, através da onda curta, na língua de Camões... embora com sotaque de Cármen Miranda. A Rádio Nacional de Espanha avançou em 2018 em língua portuguesa, por um espaço que Portugal deixou aberto com a extinção informal da onda curta, reforçou a programação com novos espaços de produção própria, difundida de forma complementar através de aplicações de internet, TDT, meios móveis e por satélite.

À semelhança do que aconteceu com os emissores da onda curta, também a onda média (OM) foi vítima de desinvestimento por parte da RTP, alegadamente para reforçar o investimento na FM. No entanto, surpreendentemente, em 2018, foi anunciada a “Rádio Mundial”, disponível em Portugal na OM para seguir o Campeonato Mundial de Futebol “Rússia 2018”. E as queixas dos ouvintes não se fizeram esperar. A onda média, deixada cair ao longo de uma década, era paradeiro de localização difícil para os ouvintes.

Reduzida actualmente a uma rede de uma dúzia de emissores, a OM desapareceu de facto da metade sul do país e de largas zonas do interior norte. Entre instalações abandonadas e vandalizadas, como em Chaves e na Meia Léguas, e terrenos vendidos, como o caso da Estação Emissora de Miramar, a onda média foi perdendo património e os ouvintes perderam o rasto da OM.

O Director Técnico dos tempos da Onda Média, Carlos Portugal, diz hoje que a sentença quanto à OM não se baseia apenas em questões financeiras.

“É a convicção que tenho de que a Onda Média não é ouvida”, declarou o ex-diretor técnico em entrevista ao Provedor. ^{viii}

Em Janeiro de 2018, o então director de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da RTP, Carlos Gomes, revelou ao Provedor, por escrito, que “a RTP parou de investir” na Onda Média em 2010, “até ver”, canalizando os recursos para a rede de FM.

O actual Director Técnico, Carlos Barrocas, que tomou posse em Julho de 2018, desconhece a directiva da Administração para deixar cair o investimento na OM,

testemunhado por escrito pelo seu antecessor, Carlos Gomes. Mas acrescenta que é um facto que não tem qualquer investimento na OM em perspectiva. ^{ix}

No entanto, há quem reconheça, no seio da RTP, e com independência em relação a eventuais directivas mais ou menos discretas, que a Onda Média tem ainda hoje o seu papel – que a RTP está a desprezar como desprezou a Onda Curta – nomeada e particularmente em situações de catástrofe.

Pedro Mendes, técnico do Departamento de Emissão Nacional, avaliou a Onda Média como um meio que, embora com menos qualidade que a FM, tem um maior alcance, o que será fundamental para o país, numa questão estratégica de comunicação em caso de catástrofe.

«Em caso de terramoto, ou se houver um apagão em Lisboa, podemos sintonizar a OM em Montemor ou Elvas e poderemos ter as informações e as notícias. Se houver um apagão em Lisboa falha a energia e o satélite, as antenas podem cair. É muito provável que falhe a FM. Já os emissores de OM são de longas distâncias e portanto o emissor de Coimbra pode chegar a Lisboa. Pode não chegar com grande qualidade mas o objectivo da OM não é chegar com qualidade, é chegar. E chegam também as informações da polícia e dos bombeiros. Qualquer kit de resgate deve ter um rádio de Onda Média com pilhas. Toda a gente diz que a OM não serve para nada mas a OM tem muita utilidade. Fazer mais investimentos talvez não, mas manter o que temos no ar é muito importante.» ^x

Na verdade, a utilização dos meios de radiodifusão pelos serviços de protecção civil para comunicar com a população em caso de perigo vem reconhecida em legislação já publicada este ano^{xi} e que institui o Sistema Nacional de Monitorização e Comunicação de Risco, de Alerta Especial e de Aviso à População.

Além do continuado desinvestimento nas redes de emissores de onda curta, onda média e mesmo frequência modulada, que põem em risco a qualidade e o alcance do sinal das estações de rádio de serviço público, objeto de tantas queixas por parte dos ouvintes, destacam-se ainda as várias insuficiências existentes ao nível dos meios móveis da rádio,

com consequências notórias nas transmissões em directo, interrompidas ou mesmo suspensas por avaria dos equipamentos e deficiências nas transmissões.

Tal situação ocorreu de forma evidente aquando da cobertura dos incêndios de Pedrógão em 2017, não permitindo à rádio do serviço público desempenhar plenamente o seu papel informativo nestas circunstâncias. Em Junho de 2018, o Provedor questionou o Director de Informação, João Paulo Baltazar, que superintende toda a transversal intervenção informativa da rádio, sobre se esta já estava em condições de cumprir a sua missão, que tinha falhado no ano anterior.

«Depois dos grandes incêndios de 2017, a Direcção de Informação insistiu na necessidade do reforço dos meios móveis de reportagem. Em nosso entender essa foi a principal fragilidade registada durante a cobertura do incêndio de Pedrógão e sobretudo dos grandes fogos de Outubro em vários concelhos do País. Perante a nossa insistência foi dada luz verde para a compra de alguns equipamentos mais robustos. A última informação que me chegou refere que os equipamentos estão a chegar neste início do mês de Junho. Em relação aos meios humanos não foi possível reforçá-los, até ao momento apesar de termos já sinalizado a exiguidade das equipas sobretudo na região Centro». ^{xii}

«Os equipamentos em causa chegaram, foram testados e estão a ser usados com bons resultados – comunicação mais fiável», declarou o Director de Informação ao Provedor, já em Janeiro de 2019.

No entanto, repórteres já a utilizar os novos meios móveis queixaram-se ao Provedor de terem recebido uma formação pouco metódica e rigorosa para operar os novos equipamentos que consideram adequados para algumas mas não para outras operações.

Em 2018, manteve-se a situação periclitante nos estúdios da rádio do serviço público, tendo ocorrido várias avarias ao longo do ano, que levaram ao encerramento temporário de diversos estúdios. Na edição de 16 de Março de 2018, o programa do Provedor guiou os ouvintes pelos interiores e exteriores da rádio do serviço público, com a colaboração do técnico Nuno Isidro e da Directora de Operações Maria João Dias.

O cenário da visita era a realidade do Serviço Público de Rádio: equipamento ultrapassado e mobiliário dos estúdios completamente desajustado, estúdios e operações a funcionarem sem orçamento, com despesa decidida casuisticamente, sendo que a maioria dos pedidos nem sequer merece aprovação.

«*Quase nenhuns*», confirma a directora com a responsabilidade dos estúdios. ^{xiii}

Confirma-se, pois, que não só não há uma estratégia de investimento na rádio, que lhe permita afirmar-se no plano nacional e no plano internacional para as comunidades portuguesas no mundo e para os países que têm o Português como língua oficial, como também não há uma gestão adequada que permita, no mínimo, assegurar a prestação do serviço público de rádio, como legalmente exigido, e manter os padrões indispensáveis de qualidade na prossecução dessa missão de interesse público.

3. Multimédias

O mais expressivo volume de correspondência de ouvintes ao Provedor envolvendo a área de multimédia – 16 queixas registadas no total para o Online e a RTP Play –, tem a ver com questões meramente operacionais e de acessibilidades aos meios digitais. Muito raramente as perguntas ou queixas dos ouvintes neste domínio entram no campo das concepções, da filosofia e da adequação dos meios ou mesmo da continuidade e/ou descontinuidade entre o analógico e o digital. Mas em 21-10-2018 uma ouvinte exprimia as suas ideias do seguinte modo:

*Correndo o risco de parecer "velha do Restelo" é com apreensão que vejo a chegada do/da "Visual Rádio" ou Rádio com imagem, que no fundo é do que se trata (para quê falar em inglês se temos o português que é o nosso património?!)
A Rádio representa o mistério. A Rádio é voz, músicas e canções, sons. A ausência de imagem transporta-nos para locais da imaginação que a televisão jamais conseguirá porque nos dá muita informação visual e não deixa espaço para imaginar.*

Não me esqueço de ouvir o António Macedo contar (que saudades de o ouvir!) que um dia, ao ajudar um cego a atravessar a Av. da Liberdade, foi por ele reconhecido "apenas" pela voz. O "apenas" está entre aspas porque, precisamente, significa tudo.

As notícias na rádio não têm um formato igual ao da televisão. As pessoas da rádio (creio que a maioria) não têm especial desejo em aparecer e serem reconhecidas na rua.

Surgem-me várias questões: a força do som não se irá perder com a imagem? Vai ser uma "coisa" híbrida entre uma espécie de rádio e uma espécie de televisão e uma espécie de vídeos no YouTube? Vão alterar a linguagem para ser mais "televisiva"? E que interesse tem ver uma pessoa no estúdio a mexer em botões e olhar para os ecrãs dos computadores? Ou a ideia é fazer "folclore" para entreter quem está a "ouvir" a emissão?

Senhora Ouvinte,

Recebi a sua mensagem que agradeço e com a qual concordo a 100 por cento. Aliás, na mais recente edição do programa do Provedor, "Em Nome do Ouvinte", baseada numa entrevista com a direcção técnica da RTP, o Provedor deixava bem clara a sua posição sobre a matéria: «E de momento há um projecto ainda pouco claro que a RTP embala como quem acalenta um filho: o neófito dá pelo nome de Visual Radio. Ou seja, já que estamos a falar de projectos, de relevância, de investimentosNuma rádio presa por arames... já começou a colocação de câmaras de vídeo nos estúdios. «Isto de rádio com imagem... uma rádio está-se mesmo a ver... parecendo que não levanta uma questão racional. Acontece que o sortilégio da rádio é o mistério da voz. O Som da rádio é a antítese da imagem da TV. A imagem da TV dá e diz tudo, o som da rádio sugere tudo e mais alguma coisa. E ninguém debateu esta questão, quando se tratou de promover a rádio no modo visual. «Claro que a Rádio Visual – Visual Radio, no original, em inglês – poderá sempre contribuir para um novo realismo radiofónico, ou suprarrealismo indigente, se preferirem... Mostrar a cadeira que range no estúdio ou a cara do animador quando o directo não entra.

08-11-2018 On Demand Programa Histórias da História

Bom dia Sr Provedor,

O conjunto semanal das gravações On Demand deste programa tem ficado incompleto com alguma frequência, o que é desagradável, pois estamos a seguir a história e entretanto falta um capítulo ou os restantes para o desfecho. Restamos imaginar o final (!?!). Também já enviei várias mensagens sem resposta a esta questão. Muito obrigado.

Senhor Ouvinte,

Recebi a sua mensagem que agradeço. Alertado pela sua mensagem o Provedor contactou os serviços técnicos da RDP. Os episódios em falta de "Histórias da História" estão subidos de novo. Estas falhas acontecem por diversas razões, designadamente por excesso de tráfego. O que vale é que os ouvintes monitorizam as emissões e publicações e os eventuais erros. 14 Novembro 18

E o mesmo ouvinte:

Muito obrigado Senhor Provedor, pela sua atenção e disponibilidade. A nossa Antena 1 merece.

Sobre o tema da transmissão áudio digital, um ouvinte colocou ao Provedor, em 24 de Maio de 2018, sob o assunto *Digital Audio Broadcasting (DAB)*, o seguinte:

Sabendo que a evolução da rádio tem sido um assunto abordado nos seus excelentes programas, venho "desenterrar" novamente o tema do DAB em Portugal, pedindo as suas melhores diligências no sentido de sensibilizar para a reativação da rede DAB em Portugal.

Estou, por motivos profissionais, na Bélgica, e tenho-me apercebido da excelente qualidade de receção deste sistema (DAB e DAB+), tanto em casa como na viatura, bem como a notável expansão da rede DAB aqui e também nos países vizinhos (com maior relevo para a França).

Recordo que os novos modelos de veículos possuem já equipamento de receção DAB e o aumento do quantitativo e da diversidade de marcas dos recetores

"domésticos", com os respetivos custos a diminuírem, poderão ser já fatores de decisão para reativar a rede (existente) em Portugal.

Permita-me que refira ainda que o maior desperdício é ter uma capacidade instalada e não a utilizar, sabendo que, de um modo geral, os custos associados são menores comparados com outros formatos de emissão. Grato pela atenção

Senhor ouvinte,

Recebi a sua mensagem que muito agradeço e à qual repondo de imediato.

Em 1998, a RDP iniciou as transmissões em DAB (Digital Audio Broadcasting) por ocasião da abertura da Expo 98, com emissores em Lisboa, Arrábida, Serra de Montejunto e Monte da Virgem, Vila Nova de Gaia. A instalação da rede previa 74 emissores, cobrindo a totalidade do território continental até ao final de 2004 e as Regiões Autónomas até final de 2006. Apenas 44 foram instalados.

A empresa RDP fez um enorme investimento mas a rede DAB acabou por morrer em 2011. Porque a empresa – a RDP fora integrada na Rádio e Televisão de Portugal / RTP em 2004 – não teve capacidade para produzir programas para o T-DAB. Os programas em FM eram os transmitidos no DAB. A rede DAB é uma rede síncrona. A manutenção e o funcionamento numa rede síncrona exigem muitos meios, inclusive humanos, para tomar conta da rede que trabalha numa única frequência.

*E assim, e tendo também em conta o elevadíssimo preço dos receptores, os equipamentos acabaram por ser desligados, embora uma grande parte desses apetrechamentos esteja a ser usada em redes de TV montadas pela RTP em África. Agora em Portugal, quando se fala em rádio digital, em termos de futuro, usa-se a formulação: “seja através de redes DAB, quer seja através de outra tecnologia”.
Espero ter respondido à questão que me colocou. 25 Maio 18*

Desde há alguns anos que o fim da Rádio em FM, ou da sua migração para a Internet têm sido cavalos de batalha dos vendedores de tecnologias e de sonhos virtuais. Mas a realidade é que os anos vão passando e como proclamou num debate internacional um veterano da Rádio de Espanha:

«2020 está ao virar da esquina e nem os carros vão voar nem a FM desaparecerá»^{xiv}

Mas um novo administrador da RTP, concessionária do Contrato de Serviço Público de Rádio e de Televisão, começou por anunciar a “ *fusão do digital com a rádio*”, acrescentando que tal determinação “ *vai trazer novas oportunidades*”.^{xv}

Na rádio do serviço público continuam a usar-se expressões vagas, como “ *transição digital*”, e avançam modalidades híbridas envergonhadas de suposto progresso tecnológico, como é o caso da “ *visual radio*”.

Ao mesmo tempo, um considerável número de estúdios da Rádio do Serviço Público, onde as cadeiras continuam a ranger durante as emissões e gravações, as conversas dos corredores ou os tacões dos sapatos dos visitantes continuam a entrar pelas frinchas das portas e o Dalet continua a pregar partidas e “brancas”, há cada vez mais bastidores e outra quinquilharia dos cenários de uma rádio a falar para o boneco.

A notícia caíra como uma bomba nas páginas do Público de 13 de Setembro de 2018: em entrevista, o presidente da RTP anunciava a reformulação dos estúdios da Rádio com “ *visual radio*”.

“ *Agora vamos reformular os estúdios da rádio com visual radio*”.^{xvi}

O director de Engenharia, Carlos Barrocas, em entrevista ao programa do Provedor, desenvolveu o tema:

« *Visual Radio significa apenas transportar para uma zona, para um local, imagem da rádio. Já existem Visual Radio feitos, mesmo na própria RTP que já fez essas imagens. Isto fica feito de forma um bocadinho mais profissional. Posso chamar assim*». ^{xvii}

P: Uma rádio visual, ou *visual radio*, como lhe chamam em inglês, implica uma questão filosófica e não meramente técnica: a Rádio Visual despreza o principal sortilégio da Rádio, que é o mistério da voz. O som da rádio é a antítese da imagem da televisão. A imagem da TV dá tudo, o som da rádio sugere. Ninguém debateu esta questão, que é a *Visual Radio*? Não se falou deste assunto?

R: *Do meu conhecimento esse assunto não foi tratado, sendo que nesta fase o Visual Radio não é ainda uma instalação neste contexto. Nesta primeira fase estamos mais dedicados a questões muito mais eminentemente técnicas. A visual radio será uma segunda fase que irá alavancar-se na recuperação tecnológica que estamos a fazer, que será para 2019, seguramente.* ^{xviii}

A questão do papel do analógico e do digital na rádio, questão muito mais vasta e concreta, continua a ser discutida pelos profissionais: papel complementar, certamente; substituição, nem por isso.

Victor Fernandes, técnico de emissores da RTP, é um homem actualizado face às tecnologias e meios de comunicação de massas. Pelo que sabe, pelo que estuda, pelo que acompanha, pelo que faz, admite que daqui por uns anos o digital possa constituir uma alternativa à emissão analógica. Mas nem a Rádio está à espera que a Internet a substitua, nem a Internet está em condições de substituir definitivamente a Rádio:

“Nenhum país depende nem pode depender em termos estratégicos, de segurança, de serviço público, só de uma rede de internet. Será um erro estratégico. Porque se há um apagão não falamos para ninguém, não conseguimos chegar a ninguém”, observou Victor Fernandes, falando para o programa do Provedor. ^{xix}

O técnico da Rádio Pedro Mendes, que lida dia-a-dia com a imponderável realidade da radiodifusão, entende que a Internet e a Rádio poderão e deverão ser complementares mas sem aspirar, qualquer delas, a substituir a outra.

O técnico Vítor Fernandes, por seu lado, apresentou como exemplo, a sustentar afirmação no mesmo sentido, que o investimento de milhares de milhões no SIRESP de nada valeu no caso dos incêndios de 2017, deixando uma parte do País incomunicável perante uma aposta errada de comunicação.

“A Internet, sim senhor, nos grandes centros urbanos, pessoas com possibilidades económicas, sim senhor, pode ser uma alternativa. Mas não é a melhor. Porque o

timing, a diferença de tempo, a notícia, a rádio é directo, no momento, não precisa de estar à espera 15 segundos para chegar a informação. Isso é muito tempo".^{xx}

A inovação da Visual Radio é tanto mais incompreensível e chega a ser risível quanto tudo se passa em estúdios obsoletos, com cadeiras que rangem durante os directos, nomeadamente nas entrevistas, com ruído exterior a entrar pelas frinchas das portas, com uma organização espacial do estúdio em que o jornalista ou animador quase não vê os seus interlocutores e por aí adiante.

Mas, entretanto, os consumos de Rádio continuam consideráveis em Portugal, onde este meio tem conseguido, como nenhum outro, adaptar-se às realidades e às concorrências e sabido interpretar as necessidades e aspirações dos ouvintes, além de se manter como o meio de informação e de comunicação mais credível.

As estações do Serviço Público, apesar da concorrência feroz de outros meios e outras rádios, apesar das crises técnicas sucessivas e do desinvestimento sistemático, apesar da fuga de quadros seja pela austeridade propriamente dita seja pelos respectivos sucedâneos e modalidades, têm mantido níveis de audiência sensivelmente constantes.

No ranking de Audiências Acumuladas de Véspera (AAV) em 2018, as estações do Grupo RTP registaram uma subida face a 2017:

- Antena 1 cresce 7 por cento;
- Antena 2 sobe dos 0,4 para os 0,5 por cento da AAV;
- Antena 3 regista a maior audiência desde 2015.

Na tabela de *share*, houve um incremento de 18 por cento da Antena 1, que sobe para 4º lugar do top; a Antena 3 sobe 10 por cento.^{xxi}

Estes números, sem dúvida indicadores da vitalidade da rádio, foram obtidos num ano em que as condições técnicas de transmissão para uma enorme fatia do auditório estiveram reduzidas a 1/5 da sua potência. Imagine-se então o que poderia alcançar a rádio de serviço público a funcionar dentro da normalidade.

4. Cronologia de uma crise por motivos técnicos

- 10/11 Dezembro 2017: a passagem da tempestade “Ana” tem consequências na torre das antenas de Monsanto, que fica em risco de ruir.
- 31 Dezembro 2017: o Presidente da RTP, Gonçalo Reis, na Mensagem de Ano Novo, anuncia que “na área da produção, de exteriores e de estúdios, tem mesmo de haver uma atenção especial à rádio”.
- 15 Janeiro 2018: o Director de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da RTP, Carlos Gomes, revela ao Provedor, por escrito, que “a RTP parou de investir” na Onda Média em 2010, “até ver”, canalizando os recursos para a rede de FM.
- 9 Fevereiro 2018: o Director Carlos Gomes revela internamente que a tempestade “Ana” comprometeu definitivamente a torre de Monsanto e que a Marinha, detentora das infraestruturas utilizadas pela RTP no local, autorizou à empresa “a implementação de um plano de contingência enquanto se aguarda a implementação de uma solução definitiva para a emissão a partir da Estação de Monsanto. Na solução definitiva, as antigas antenas de painéis serão substituídas por novos dipolos na torre que vai ser erguida em Monsanto; temporariamente ficará a funcionar um sistema radiante provisório e a potência de emissão ficará desde já reduzida”.
- 2 Março 2018: o programa “*Em Nome do Ouvinte*” dá conta da dimensão da crise técnica e tecnológica da Rádio, através de entrevista com a engenheira Ana Cristina Falâncio, responsável pelos emissores na Direcção de Engenharia: “*A substituição ou reparação da torre e das antenas localizadas em Monsanto envolve verbas ainda não libertadas [pela Administração] que andarão pelos 150 mil euros*”.
- 2 Março 2018: o programa “*Em Nome do Ouvinte*” entrevista dois dos onze técnicos de emissores da Rádio do Serviço Público, Vítor Fernandes e Pedro Mendes, “*homens invisíveis*”, “*anjos da guarda das antenas*”: “*Nós, como temos sistemas de rastreio, sabemos quando a emissão vai abaixo. Antes da Central Técnica nos avisar, antes do ouvinte reclamar, já estamos a caminho do local, ou*

já repusemos a emissão remotamente. E essa parte ninguém sabe que aconteceu.”

- 6 Março 2018: o Provedor, ouvido na Comissão Parlamentar de Educação e Comunicação, reclama *“mais investimento”* na Rádio do Serviço Público e pede particular atenção à situação técnica da Rádio. A par da necessidade de haver mais investimento no meio rádio, o Provedor reclama *“menos discriminação na RTP da rádio em relação à televisão”*.
- 8 Março 2018: o Provedor do Ouvinte apela ao Presidente da Administração da Rádio e Televisão de Portugal *“para que se junte publicamente à apreensão que reina sobre esta situação técnica da Rádio e use todos os seus poderes (...) para ultrapassar uma crise inesperada da maior gravidade para o presente e futuro da rádio de Serviço Público e para o cumprimento dos deveres que cabem à empresa RTP como concessionária do serviço público de radiodifusão”*.
- 15 Março 2018: em condições climatéricas severas, é reposta a emissão da A1, A2 e A3 a partir da Serra do Muro. Técnicos subiram à torre, fustigada por forte nevão, e substituíram os cabos de distribuição de potência inutilizados, o que permitiu colocar os emissores em funcionamento.
- 15 Março 2018: o Presidente da RTP pede à direcção técnica uma visita guiada aos estúdios da Rádio. No final manifesta *“grande preocupação”*.
- 16 Março 2018: entrevista ao programa do Provedor de Maria João Dias, Directora da operação dos estúdios e transmissões exteriores: *“Não tenho orçamento. Solicito equipamentos”*. P. – *E dos pedidos que faz, quantos são aceites?* R. – *“Quase nenhuns”*.

Na mesma edição do programa são entrevistados os técnicos da mesma área, estúdios e exteriores, Nuno Isidro e José Carlos Teixeira, *“santos da casa”* que fazem todos os dias o milagre de fazer rádio em condições técnicas de extrema debilidade. P. – *Quando é que as coisas começaram a descarrilar desta maneira? Foram as políticas de austeridade? Foi a integração da rádio com a televisão?* R. – *Eu penso que sim que teve a ver com a junção com a RTP. O desinvestimento começa aí.*

- 20 Março 2018: o Presidente do Conselho Geral Independente e o presidente do Conselho de Opinião da RTP, em sessões separadas, levam o estado técnico da Rádio à Comissão Parlamentar de Educação e Comunicação.

- 21 Março 2018: a Comissão de Trabalhadores da RTP confronta o Presidente da Administração da empresa com a situação técnica da Rádio, procurando saber se este meio está a ser tratado “*como merece*”, obtendo como resposta a intenção de avançar com uma “*discriminação positiva*” da rádio, promessa feita anteriormente no programa do Provedor, em 6 de Outubro de 2017. A CT declara em comunicado que «*Sendo a Rádio reconhecida internacionalmente como o “meio de transmissão mais credível”, assim como aquele que por excelência serve para comunicar com as populações em caso de catástrofe, o estado a que se deixou chegar a rádio pública, não só é irresponsável, como estúpido*».
- 29 Março 2018: a Direcção de Engenharia, em resposta a pergunta do Provedor, informa que “*está concluída a renovação das antenas da Foia, que aguardava uma janela de bom tempo para ser executada a 66m (22 andares) de altura*”.
- 5 Abril 2018: a Direcção de Engenharia, em resposta a pergunta do Provedor, informa que uma avaria no sistema de híbridos afetou a entrada em programa das chamadas dos ouvintes no programa “*Antena Aberta*”.
- 10 Abril 2018: o Provedor dirige-se por escrito aos directores da Rádio do Serviço Público e ao director técnico, pedindo-lhes que “*mantenham os ouvintes regularmente informados sobre a situação (técnica) e o seu carácter transitório, sob risco de a Rádio estar a deixar escapar audiência de modo irrecuperável na região de maior concentração de potenciais ouvintes de todo o País*”. Acrescentando que “*a informação aos ouvintes representará também um compromisso público no sentido de concretizar e apressar a solução do problema nos emissores de Monsanto*”.
- 10 Maio 2018: avaria do “*rato*” elimina o Dalet provocando na emissão uma “*branca*” de 30”.
- 11 Maio 2018: a emissão principal da Antena1 passa para os estúdios do Porto às 6 da manhã por avaria no estúdio 7/8 de Lisboa, que substituíra o estúdio 5, igualmente avariado.
- 25 Maio 2018: A RTP procede à formalização da compra do novo sistema radiante (antenas) destinado à Estação Emissora de Monsanto.
- 22 Junho 2018: por sugestão de Adelino Gomes e José Nuno Martins, aos quais se juntou Mário Figueiredo, reúnem-se o actual e antigos Provedores do Ouvinte provenientes da radiodifusão; o actual Provedor informou os seus pares sobre a

situação técnica da Rádio e o desperdício de activos. “*O que nos contaste foi duríssimo de ouvir*”, desabafa Adelino Gomes.

- 31 Julho a 2 Agosto 2018: é erguida a nova torre de Monsanto e instaladas novas antenas das estações do Serviço Público de Rádio.

O Provedor testemunha em Monsanto a subida da nova torre e em comunicado “*congratula-se com a concretização de uma obra que devolve a Rádio ao Serviço Público aos Ouvintes numa das maiores concentrações populacionais do País*”. Mas acrescenta que “*os problemas técnicos da Rádio do Serviço Público mantêm-se na ordem dos dias.*”

Chega-se ao fim de Julho e não entraram em funções, tal como tinha sido anunciado, os novos meios móveis de reportagem distribuídos e depois recolhidos sem serem testados. O projeto está anunciado para o primeiro trimestre de 2019

- 25 Agosto 2018: registam-se de forma recorrente problemas com o sistema de emissão Dalet no estúdio de Emissão da RDP África. Pelo terceiro dia consecutivo, os bloqueios do sistema afectam directamente a emissão.
- 5 Setembro 2018: as primeiras emissões com as novas antenas de Monsanto são medidas e revelam excelente qualidade mesmos em relação aos concorrentes, segundo informação da direcção técnica ao Provedor.
- Setembro: falhas técnicas ao longo do mês: sons no Dalet não entram na emissão; cortes nos concertos Proms em transmissão na Antena2; falha de directo de enviado especial no jornal de Desporto; falhas sucessivas na entrada de chamadas na “*Antena Aberta*”.
- 15 Setembro 2018: ouvintes de Moçambique queixam-se de sucessivos cortes na emissão da RDP África em Maputo, cidade onde a RDP África tem vasto auditório.
- 19 Setembro 2018: entrou em funcionamento a nova antena da Estação Emissora da Serra do Muro.
- 25 Setembro 2018: Substituída a antena da estação emissora do Pico Alto, Santa Maria, Açores.
- 30 Setembro 2018: falha a transmissão da Missa Dominical na Antena1.
- Outubro 2018: o quadriplexer da estação de Monsanto avaria-se. Para manter em funcionamento a estação é necessária uma nova redução da potência de emissão o que origina redução de cobertura.

- 15 Outubro 2018: a Tempestade “Leslie” passa pelo território continental português mas não afecta directamente as emissões do Serviço Público de Rádio, informa a Direcção Técnica, em resposta a consulta do Provedor. Em Lisboa, falhas de energia obrigaram a acessos remotos para verificação mas foi possível manter em funcionamento todos os emissores.
- 20 Outubro 2018: o novo Director Técnico da RTP, Carlos Barrocas, responde sobre a crise ao Provedor e aos ouvintes e confessa: “o meu maior sonho é passar um mês sem ouvir falar de avarias na rádio”.^{xxii}
- 29 Outubro 2018: a emissão da RDP África em Maputo foi reposta, por técnicos do Serviço Público de Rádio enviados de Lisboa.
- 8 Novembro 2018: um novo quadriplexer para Monsanto está em fase de aquisição, informa a Direcção Técnica em resposta ao Provedor.

5. Discriminação positiva

O ano de 2018 começara para a Rádio do Serviço Público com uma promessa do Presidente da Administração da RTP: “Como tradicionalmente a televisão tem tido muitos meios, eu até diria que estamos abertos a uma discriminação positiva para a rádio e para o online porque são meios que, nessa medida, têm que ser protegidos.”

A promessa foi feita em primeira mão no programa do Provedor do Ouvinte, em 19 de Outubro de 2017, e repetida depois, pelo Presidente da RTP em diversas ocasiões, do Parlamento ao Conselho de Opinião, do CGI à porta da rua para o microfone de uma repórter da Antena1.

No Plano Estratégico RTP 2018/2020, foi necessário chegar à página 31 (em 34 páginas) e à iniciativa 31 (em 35 iniciativas) para encontrar o lugar da rádio na estratégia da empresa. Aí se projeta, em 2019, «avançar no reequipamento das infraestruturas de produção, estúdios, redacções e emissores». Sem mais detalhes. Dir-se-ia que a este plano falta ainda substância, corpo, orientação e, naturalmente, o sentido estratégico.

Na Mensagem de Bom Ano Novo para 2019, o Presidente da RTP foi mais específico do que em anos anteriores, ao preconizar «*uma série de investimentos em áreas críticas, na rádio*», como sejam «*renovação dos estúdios, upgrade do software de programação e rede de distribuição*». Porém, tudo ficará sempre dependente dos avanços e recuos orçamentais.

A questão da resolução dos candentes problemas técnicos da Rádio do Serviço Público parece andar sempre à procura de suprir a falta de meios financeiros, para além da Contribuição Audiovisual arrecadada pela RTP. O presidente da RTP já disse ao Provedor que a repartição da Contribuição Audiovisual, em Portugal, segue as modalidades e percentagens praticadas nesse domínio na Europa:

“Em média eu diria que o investimento em rádio deve andar entre 25 e 30 por cento (...) É a média europeia e a média da RTP.” ^{xxiii}

No entanto, a julgar pelo tempo que demorou a disponibilizar a verba de 150 mil Euros para aquisição de novas antenas para Monsanto, num procedimento que deveria ser de urgência, para permitir que a rádio de serviço público chegasse aos ouvintes, não parece plausível que a rádio esteja efetivamente a usufruir de tal percentagem da CAV.

A empresa RTP aforra verbas na ordem dos 170 milhões anuais da CAV e reparte-as de forma discricionária, sendo que o Presidente da Administração já reconheceu que a Rádio tem sido desfavorecida e discriminada nas partilhas. A tal ponto de ser necessário realizar a tal discriminação positiva para a rádio.

Todavia, apesar das declarações de boa-vontade no início de 2018, ainda não foi no ano passado que a Rádio do Serviço Público foi positivamente discriminada. A crise técnica aguda que se viveu durante a maior parte do ano de 2018 teve como principal causa um crónico desinvestimento estratégico associado a uma gestão financeira deficiente.

Esperamos que os projetos anunciados para 2019 e que integram o plano estratégico até 2020 sejam mais do que um *slogan* e sejam efetivamente postos em prática, sem pretextos como aqueles que têm sido frequentemente usados. A par da CAV, a RTP faz

contas a um desejado e presumível aumento de capital, na casa dos 16 milhões, por conta do Estado, alegadamente para cumprir dívidas resultantes da não aplicação de normas europeias. E essa verba, que representa cerca de 10 por cento da CAV, é em geral a condicionante para cumprir ou não cumprir as promessas e planos de investimento. Que são prementíssimos para a Rádio.

II. Crises dentro da crise

Em cima da crise técnica que fez temer pelo futuro imediato do Serviço Público de Rádio, ou pelo menos da concessão do Serviço Público à Rádio e Televisão de Portugal / RTP, outras crises se manifestaram contribuindo para o arsenal com que sectores da sociedade procuram liquidar o Serviço Público. E os ouvintes estiveram em geral na primeira linha da denúncia das situações, recorrendo ao Provedor.

1. Activos descartados

Uma crise de confiança abateu-se em 2018 sobre a credibilidade do serviço público de rádio dada a dificuldade com que os ouvintes entenderam, ou simplesmente não entenderam, a notícia da dispensa, pela Rádio da RTP, de um dos mais conceituados e credenciados “activos” da Radiodifusão, o locutor, animador e realizador António Macedo.

Em Março de 2018, António Macedo, uma das mais populares figuras da Antena1, sofreu um acidente na empresa que o afastou mês e meio dos microfones. Deu para entender a falta que Macedo fazia aos ouvintes. Mas quando se anunciou o regresso do popular animador à condução das manhãs da Antena1, e à locução e realização de diversos outros programas, percebeu-se que o caso não ficaria por ali. Em Junho consumaram-se as piores suspeitas: a Administração da RTP aceitou pagar uma indemnização de algum valor para arrumar de vez uma injustiça de década e meia. António Macedo era um “precário” de longuíssima duração e de provecta idade, trabalhando a tempo inteiro, numa multiplicidade de programas e de horários, sem contrato, que a RTP aceitou indemnizar para ver pelas costas. E assim saiu o António Macedo da Rádio do Serviço Público.

Viriato Teles, do gabinete do Provedor, escreveu a título pessoal:

Sim, algum dia o António Macedo haveria de sair da rádio. A rádio, essa, é que nunca vai sair dele. ^{xxiv}

O Provedor explicou a situação a cada um dos ouvintes que quis saber o que se passava e ao conjunto do auditório através do programa “*Em Nome do Ouvinte*”:

“Senhores Ouvintes

“A Rádio e Televisão de Portugal / RTP e António Macedo firmaram um acordo, patrocinado por um Tribunal, nos termos do qual a RTP paga uma indemnização a António Macedo, cessando este de imediato a colaboração com a empresa. A RTP mantinha com este profissional um vínculo precário há quinze anos. A RTP, que argumenta com frequência que não tem dinheiro para equipar a rádio com o mais elementar dos mínimos de condições técnicas necessárias, aceitou pagar o afastamento de uma das figuras mais emblemáticas da Rádio e da Antena1. Esta decisão funciona objectivamente contra a Rádio e contra o Serviço Público de Radiodifusão, levando-os a perder um activo de grande notabilidade e popularidade. O António Macedo também contribuiu certamente para o sucesso recente da Antena1, que nas últimas audiências conseguiu passar a ser a rádio de palavras mais ouvida em Portugal.

“O Provedor fez perguntas sobre a saída de António Macedo da Antena1 ao presidente da administração da RTP, Dr. Gonçalo Reis, e ao director da estação, Rui Pêgo. Mas há neste caso uma situação contranatura, tanto mais que isto se passa numa empresa de comunicação: a “outra parte” que por sinal é o sujeito desta notícia, a parte mais directamente visada, o próprio António Macedo, não pode prestar declarações nos termos do acordo firmado em tribunal. Esta situação inviabiliza, para já, qualquer divulgação das especificidades deste caso.

“Mas há um dado que desautoriza por completo o afastamento de António Macedo. O Presidente da Administração da RTP procurou desvalorizar os efeitos do afastamento de Macedo, ou mesmo explicar o afastamento, com resultados de um “estudo de mercado” nos termos do qual os ouvintes considerariam o perfil e a prestação de Macedo desgastada e envelhecida. Ora na única referência expressa a António Macedo no “estudo” citado pelo presidente da RTP, e ao qual o Provedor teve acesso, os respondentes “reconhecem e valorizam o profissionalismo e a qualidade de António Macedo”.

“O Provedor do Ouvinte – que não pára de receber queixas e lamentos pelo afastamento de António Macedo – só pode deplorar que a Rádio do Serviço Público tenha perdido a colaboração de um profissional com a qualidade e a notoriedade de António

Macedo que, para além das Manhãs da Rádio, colaborava em diversos programas por vontade expressa dos respectivos autores e em muitas outras iniciativas da estação. Quando se deu o afastamento, Macedo estava convocado para a equipa do Mundial.

“A perda de António Macedo soma-se a todas as outras parcelas negativas que perturbam a vida normal da Rádio e comprometem a prestação do Serviço Público de Radiodifusão, como sejam a sangria de meios humanos decorrentes da chamada “austeridade”, cujos efeitos se mantêm sem reposição nem qualquer compensação na Rádio; a não integração de trabalhadores precários, prevista por lei, a não ser daqueles cuja integração foi imposta por Tribunal; a degradação extrema dos estúdios e dos equipamentos; a fragilidade que se manifesta em constantes avarias, perdas de contacto nas ligações externas e quebras de sinal na difusão; a todos os resultados fatais do desinvestimento acumulado na Rádio na última década e meia, fazendo da Rádio o parente cada vez mais pobre e mais votado ao abandono na RTP.

“David Ferreira, autor de um programa da Antena1, comentando o afastamento de António Macedo, perguntava recentemente se se tratava de “negligência ou estratégia”.

Dá que pensar.

“João Paulo Guerra, Provedor do Ouvinte”

O Provedor, como se vê, não acredita no argumento evocado pela Administração da RTP para dispensar António Macedo. Porque na única argumentação usada pela Administração que pode ser confrontada com a realidade, tal argumentação revela-se falsa. No “estudo de mercado” nos termos do qual os ouvintes depreciariam o perfil e a prestação de Macedo, considerando-a “desgastada e envelhecida”, todos os respondentes muito simples e claramente “reconhecem e valorizam o profissionalismo e a qualidade de António Macedo”.

O mais esclarecido e combativo dos defensores de António Macedo foi David Ferreira, autor do programa *“David Ferreira a contar”*. Com particular lucidez e acutilância, David Ferreira interrogou-se em voz alta, de microfone aberto:

“Será que eu posso dizer isto? Será que eu posso dizer isto, aqui?”

E na dúvida, disse o que tinha a dizer, continuando a interrogar-se:

“Negligência ou estratégia? Dá que pensar”.

Um leitor do jornal *Público* escreveu mesmo, a propósito da saída de Macedo, que a Rádio da RTP se encontra em “*processo autodestrutivo*”. E a concluir uma carta ao director, desabafou o leitor do jornal *Público*:

“Parece que alguém quer calar a Antena 1.” ^{xxv}

Alguns trabalhadores da RTP expressaram o seu sentir num texto que fizeram circular entre colegas:

“A voz de António Macedo era a voz das manhãs da Antena1, o horário nobre da telefonia; foi o anfitrião de muitas operações especiais da rádio pública; era apresentador e co-realizador de muitas rubricas e espaços da programação do principal canal do serviço público de rádio; é uma referência e foi exemplo para muitos profissionais durante várias gerações. É um homem culto e um comunicador de excelência. A saída de António Macedo de antena, sem qualquer explicação dada aos ouvintes, sem que a empresa tenha pensado nos efeitos da sua ausência para o público da rádio é uma decisão preocupante e angustiante para outros trabalhadores da RTP, que veem neste caso um exemplo de como podem os bons profissionais ser descartados numa empresa para quem já nem o público parece contar para muito”.

Até mesmo quando aceitou sair sem dizer adeus, António Macedo, como sempre, prestou um grande serviço à rádio. Pôs muita gente a falar e a escrever sobre a rádio. E pelo melhor dos motivos: o amor à rádio.

“Na Rádio é que me sinto feliz”, desabafara Macedo no programa “Em Nome do Ouvinte”, quando do seu afastamento por lesão em Março. ^{xxvi}

O Provedor fez neste caso tudo o que a consciência lhe ditou em nome e em defesa dos Ouvintes, pelo Serviço Público de Rádio de qualidade.

A saída de activos das rádios do serviço público, com preponderância em 2018 para a saída de António Macedo, conta-se entre uma das mais sentidas razões de queixa dos

ouvintes no ano que findou, com um total de 47 mensagens ao Provedor. Mas Macedo não foi o único.

O processo das chamadas “rescisões amigáveis”, iniciado em 2013, terá subtraído só à redacção da Rádio pelo menos 70 jornalistas, segundo fontes da própria redacção. No mesmo período, e de acordo com as mesmas fontes, terão entrado na redacção duas dezenas e meia de jornalistas, a maioria precários. E deste lote já saíram 8 jornalistas.

Feitas as contas, desde 2013, para substituir 70 jornalistas, a redacção da informação da rádio conta com 17 novos profissionais.

Só nos últimos três anos, a informação da rádio perdeu jornalistas experientes - como Maria Flor Pedroso, Ricardo Alexandre, Carlos Ramos, Ana Neves Almeida -, mas deixou fugir também “sangue novo” que conseguira atrair, como foram os casos de Filipe Santa-Bárbara ou Frederico Pinheiro.

2. Em busca da marca perdida

Com três letrinhas apenas se escreveram, desde Fevereiro de 1976, as duas palavras Radiodifusão Portuguesa. RDP foi o símbolo químico dessa via para falar com os outros, que não conhecia fronteiras nem reconhecia limites. RDP foi a sucessora da caótica Empresa Pública de Radiodifusão. Herdou uma dezena de rádios com múltiplos canais e dezenas de frequências, 2.600 trabalhadores, uns do sector público, outros do privado, dez edifícios só em Lisboa, três orquestras, um cinema, uma editora, uma fábrica de discos, até mesmo uma exploração agrícola. No início do século XXI, a RDP ultrapassara porém todas as crises, de crescimento e de emagrecimento, adquirira estabilidade, independência, boa imagem, alguma qualidade.

A rádio pública saíra da crise pelo seu pé. Podia considerar-se estável. E o financiamento continuava a pingar da Taxa de Radiodifusão que, entretanto, fora abolida por Cavaco Silva para a Televisão, em cima da abertura das estações privadas. Na comunicação social pública, se alguma entidade andava a pedir reestruturação não seria a Rádio. Mas foi

quando a RDP se punha de pé, estável e com financiamento seguro, que foi integrada na RTP. E terá resgatado a televisão pública da falência iminente.

Sílvio Correia Santos, professor na Universidade de Coimbra, escreveu na tese de doutoramento que a RDP foi... *engolida*... pela RTP. ^{xxvii}

E Carlos Magno, presidente da ERC, disse em Fevereiro de 2014 que a “*Rádio está a ser vampirizada pela TV*”. ^{xxviii}

A sigla RDP tem vindo a ser deixada cair pelos sucessivos responsáveis do Serviço Público de Rádio. Insinua-se mesmo que a sigla deixou de existir, foi abolida, ou “emigrou”, quando na verdade ela é usada no dia-a-dia na designação de, pelo menos, a RDP África, RDP Internacional, RDP Madeira e RDP Açores. Mas a “*marca RTP*” para as Rádios apareceu estampada em diversos documentos da empresa, em papel e na internet, como na carroçaria das viaturas de serviço.

Em 2018, no PAIO, o Plano de Atividades, Investimento e Orçamento, avançava-se um passo na escalada:

«Criação de um padrão da marca RTP, de modo a garantir dignidade institucional à presença pública das diferentes rádios». ^{xxix}

Ora a verdade é que a lei em vigor, que procedeu a reestruturação da concessionária do Serviço Público de Rádio e Televisão – Lei n.º 8/2007, de 14 de Fevereiro, versão mais recente pela Lei n.º 39/2014, de 09/07 –, e que no ponto 1 atribuiu a titularidade das concessões dos serviços públicos de Rádio e de Televisão e a exploração directa dos respectivos serviços de programas à Rádio e Televisão de Portugal, estabelece no ponto seguinte (ponto 2) do artigo 2º:

«São mantidas as marcas RDP e RTP associadas, respectivamente, à prestação do serviço público de rádio e de televisão».

Assim, criar «*um padrão da marca RTP*” para as “*diferentes rádios*”, como a RTP aventou no PAIO 2018 é sobrepor um documento interno da empresa a uma Lei da República, isto é, um atropelo à marca registada na Lei e no Instituto Nacional de Propriedade Industrial,

até 2023, bem como no Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e de Televisão.

A marca, com a difusão e o conteúdo, são os pilares do sucesso para uma estação de Rádio, como para qualquer projecto. É pois naturalmente uma medida de gestão, no mínimo discutível, pretender liquidar um desses três pilares. Não se vislumbra qualquer vantagem em criar confusão entre uma marca desde sempre associada à televisão com o serviço de rádio nem de que modo a marca RTP traria mais dignidade institucional à rádio pública.

Nunca ninguém fez contas ao prejuízo que terá resultado, continua e continuará a resultar para a Rádio do Serviço Público pela absorção da sigla RDP pela RTP. Benefício para o ramo da Radiotelevisão Portuguesa foi o recurso ao excedente do fundo da Taxa da Rádio que tirou a empresa RTP de aflições imediatas.

E depois disto, será claro para a generalidade dos portugueses que a RTP – sigla criada, lançada, propagandeada e mantida desde 1957 como sinónimo de Televisão – desde o primeiro quinquénio do século XXI também compreende a Rádio e essa rádio é o Serviço Público da RDP, entretanto crismado exclusiva e insistentemente de Antena1, Antena2, Antena3, e “lá para fora” apodado de RDP Madeira, RDP Açores, RDP África e RDP Internacional? Certamente que não.

No final de 2017, o programa do Provedor, “*Em Nome do Ouvinte*”, abordou a questão das marcas RDP e RTP, entrevistando o professor Sílvio Correia Santos, da Universidade de Coimbra, investigador nas áreas da Comunicação, que fez a tese de mestrado sobre o Serviço Público de Radiodifusão em Portugal. O professor lamentou o esbatimento da marca RDP, acrescentando que *«do ponto de vista daquilo que eu acho que são boas práticas em termos de gestão da marca, seria interessante a manutenção da marca RDP»*.

Registada até 2023 no Instituto Nacional de Propriedade Industrial, a marca RDP valerá menos hoje do que valeria há 14 anos, quando começou a ser deixada cair. Com o que o entrevistado concordou:

«Eu diria que tem claramente menos valor. Até porque, com o dizíamos há pouco, as pessoas já não têm tanto a percepção da RDP enquanto marca isolada. E portanto eu diria que houve um decréscimo do valor da marca RDP.»^{xxx}

Com a negociação de novo Contrato de Serviço Público no horizonte, reclamada a cada oportunidade pela Administração da RTP, é bem provável que a empresa venha a pretender arrumar de vez, através da revisão do contrato, questões como a da marca da Rádio. Mas essa não é uma questão a resolver a dois, entre concessionário e concessionado, sobrepondo-se a alterações legislativas por fazer. O Serviço Público reclama um debate mais sério, profundo e participado, que tem de ir além das meras contas de deve-e-haver.

No ano de 2018 a questão da integração da RDP na RTP ainda provocou situações conflituantes na empresa, com reflexo em alguma correspondência ao Provedor. A empresa viveu um clima de constante conturbação – crise na Administração, culminando na saída de Nuno Artur Silva, depois também da administradora Cristina Vaz Tomé, ou seja dois em três administradores, tudo isto mesmo em cima da realização em Lisboa do Festival da Eurovisão; crise prolongada na Direcção de Informação da RTP, director sai, director fica, outro director convidado, director regressa, e a nomeação posterior de Maria Flor Pedroso, mais um valioso activo retirado à Rádio; crise da integração dos precários; permanente crise laboral com sucessivas ameaças de greve.

Nenhuma empresa vive e produz serenamente num clima de tão permanente e diversificada agitação. É certo que o Provedor do Ouvinte não tem directamente a ver com questões laborais ou com assuntos de gestão, recursos humanos e organização. Mas é impossível que todo este desassossego não tenha reflexos nos planos de investimentos, nos financiamentos, nos conteúdos, nos programas, nos planos da Rádio e no Serviço Público. E com isso, o Provedor, em nome dos ouvintes, tem tudo a ver.

3. Em defesa do Serviço Público

Os ouvintes que recorrem ao Provedor sabem que o fazem porque o serviço público de radiodifusão lhes proporciona essa possibilidade, venha ou não venha a ter resultados práticos quanto a eventual queixa, reclamação, sugestão ou pedido de informação ou esclarecimento.

E, com frequência, os ouvintes recordam ao Provedor que estão a usar um benefício que resulta de serem simultaneamente contribuintes, de contribuírem para o audiovisual com a quantia de 2.85 euros por mês mais IVA, pagos por agregado familiar e na conta da electricidade. Salvo as excepções, que são muitas, a CAV garante o Serviço Público Audiovisual, de Rádio, Televisão e Online e tudo o que o serviço público fornece como acréscimo de serventia, entre o qual se contam os préstimos de provedores do ouvinte de Rádio e do telespectador de Televisão.

Este ano, no programa do Provedor, falou-se de tudo sobre a CAV: como e porque se paga e quem não paga, isto é, os mais de 900 mil consumidores de electricidade isentos de pagar taxa do audiovisual, entre os quais se contam os agricultores e até os criadores de camelos. Sim, os criadores de camelídeos. ^{xxx}

Embora a referência ao pagamento da CAV seja geralmente utilizada por ouvintes como arma de arremesso para reclamar qualquer coisa em troca – a música que preferem, os programas que mais os satisfazem, opiniões favoráveis, ou no mínimo menos hostis, às respectivas cores políticas ou clubísticas – os ouvintes também sabem avaliar as vantagens do Serviço Público e frequentemente não regateiam elogios à Rádio que, através do Serviço Público, lhes serve o que mais nenhuma outra estação proporciona.

Com a Contribuição Audiovisual, não opcional, o ouvinte sabe que ajuda a manter uma Antena1 generalista, a Antena2 de cultura, a Antena3 jovem, de cultura pop, a RDP África, para as comunidades africanas, a RDP Internacional, para os emigrantes e outros falantes de língua portuguesa, a RTP Multimédia, com diversos canais online de rádio estratégicos

e/ou de ocasião suportados na internet, mais a disponibilização online de toda a programação da rádio e da televisão, em directo ou por escolha, a RTP Arquivos, disponibilizada gratuitamente para todo o mundo.

Assim, quase a fechar o ano de 2017 e a entrar em 2018, um ouvinte fez tenção de integrar o coro dos elogios à Rádio e escreveu o seguinte ao Provedor:

«Na 6.ª feira passada ouvi o seu último programa do ano de 2017. Fiquei a pensar como somos injustos, as vezes inconscientemente. Ao ouvi-lo dizer quão poucos foram os ouvintes que manifestaram agrado pelo que ouviram na rádio pública em 2017, venho fazer mea culpa e tentar aumentar o número dos que elogiam a rádio.

Antes de mais, devo dizer que na “sua” rádio tem um número elevado de bons jornalistas. Quando foi dos incêndios lembro-me de comentar com familiares as excelentes reportagens feitas na Antena 1 por José Manuel Rosendo. Distinguia-se entre todos os outros.

Também na Antena 1 são muitos os excelentes jornalistas. Nomeio poucos, sabendo que há muitos: António Macedo, Maria Flor Pedroso, Rui Cardoso Martins (comentador nas manhãs de 4.ª feira), etc. Felicito ainda a Antena 1 pelo regresso de Francisco Sena Santos».

A 21 de Janeiro de 2018, outro ouvinte endereçava felicitações:

«Gostaria que "transmitisse" os meus melhores votos de agrado a toda a equipa pela produção do EXCELENTE programa A CONTAR de David Ferreira... que inicialmente até teria ouvido "a cantar..." Já há muito tempo que o devia ter feito.

Não gosto de agradecer o que me oferecem porque esses profissionais cumprem de facto o seu destino quando fazem trabalhos desta qualidade... Mas queria dizer-vos que estes programas são mesmo MUITO BONS (para mim).

Que alegria ter este programa!»

A 18 de Fevereiro de 2018 sobre a Antena 2 e o assunto: *refugiados-em-portugal-o-que-foi-feito-o-que-falta-fazer-festival-antena-2-18-fevereiro* - *Importância: Alta*

«Felicitações à Radio Antena 2 pela excelência da iniciativa e programa transmitido, que foi companhia enriquecedora de informação, reflexão e humanismo que me foi concedida durante a tarde de hoje, 18 de Fevereiro.

Como voltar a ter acesso a esta emissão? Irá ser transmitida em RTP Play? Porque voltar a escutar e divulgar me seria grato.

Saudações cordiais de cidadania à Antena 2. Muito obrigado!»

Há ouvintes, com efeito, que fazem questão de comunicar com o Provedor para elogiar algo do que ouviram nas antenas do serviço público de rádio. No ano de 2018, o Provedor recebeu quase meia centena de mensagens de “satisfação” dos ouvintes, o que corresponde a um valor assinalável de aproximadamente 7,5 por cento das mensagens recebidas.

Este é, em dúvida, também um motivo de grande satisfação para o Provedor, pelo que significa quanto à apreciação do trabalho dos profissionais da rádio do serviço público como também pela possibilidade de ser mensageiro de boas notícias.

No geral, a natureza das mensagens dos ouvintes, segundo a sua própria classificação, divide-se maioritariamente em críticas (41 por cento) e queixas (30 por cento); os restantes 29 por cento dizem respeito a dúvidas, sugestões e elogios.

III. A Rádio e os Ouvintes através do Provedor

O Provedor recebeu e respondeu, em 2018, a 623 mensagens de ouvintes. A primeira preocupação dos ouvintes no ano passado, como seria de calcular, foram as questões de ordem técnica: cerca de 16 por cento do total das mensagens.

As questões sobre programas rondaram os 13 por cento, logo seguidas das questões relativas à Informação, com cerca de 12 por cento das mensagens. Mensagens relativas a Opinião e Comentários, adicionadas a questões quanto à “Antena Aberta”, registaram uma percentagem acima dos 5 por cento.

O futebol teve fases mais altas e mais baixas, mas rendeu perto de 11 por cento das mensagens de ouvintes, com as outras modalidades a ficarem pelos 3,5 por cento.

A música e o humor estabilizaram em baixa, com perto de 5 e de 4 por cento, respetivamente, das mensagens dos ouvintes.

A Antena 1 assacou mais de 55 por cento das mensagens dos ouvintes, seguindo-se a Antena 2 e a Antena 3, a RDP África e a RDP Internacional, a RDP Açores e a RDP Madeira.

A correspondência, através do formulário disponível no portal web da RTP, de correio electrónico ou de correio postal, é a pedra de toque da ligação do Provedor à sua razão de ser, os Ouvintes. É por aí que começa o dia do Provedor, excepto em dias de gravação do programa semanal “*Em Nome do Ouvinte*”. O Provedor procura responder aos ouvintes no próprio dia em que recebe cada mensagem, desde que disponha de dados suficientes e necessários para o fazer. Por vezes demora, em função do atraso na demanda de informação ou a obtenção de respostas. É muito rara a correspondência que fica sem resposta, na maior parte das vezes por erro ou insuficiência de identificação do ouvinte ou, o que é ainda mais raro, por uso de evidente má-fé ou termos insultuosos para o Provedor ou para profissionais do Serviço Público.

Das 623 mensagens que recebeu e às quais respondeu em 2018, o Provedor deu expressamente razão aos ouvintes em 147 casos, em situações que implicavam tal juízo, o que correspondeu a 24 por cento do total das mensagens. É de assinalar que, mesmo quando as mensagens têm um teor crítico, a maior parte da correspondência contém perguntas ou pedidos objectivos de informação.

A relação atempada com os ouvintes foi por vezes dificultada pelo atraso ou escusa de respostas de responsáveis a consultas do Provedor. O Provedor sempre colocou no topo da sua atenção e actividade as respostas directas às consultas dos ouvintes, por vezes sucedendo-se às respostas, réplicas e trélicas a novas consultas.

Ainda no âmbito das suas atribuições e no exercício das suas funções, o Provedor manteve relações de cooperação com as diversas direcções envolvidas na produção e emissão da Rádio, com a Administração, com instituições como o Conselho Geral Independente e o Conselho de Opinião, assim como com a Comissão de Trabalhadores.

1. Informação e comentário na agenda dos ouvintes

Uma das matérias mais polémicas trazidas pelos ouvintes diz respeito à promiscuidade entre a informação e o comentário de especialistas sobre notícias da actualidade, bem como a opinião manifestada em crónicas de rádio.

Em frequentes respostas a ouvintes, o Provedor não se cansa de reafirmar que a informação se quer rigorosa e rigorosamente confirmada, enquanto a opinião é livre. A informação reclama o exercício do contraditório, que oponha o confronto de observações e versões diferentes sobre a realidade e os factos; a opinião é livre por definição.

Um grande número de objecções, críticas, reparos de ouvintes em relação a questões de notícias, de reportagens e de comentários, tem a ver com a concepção muito ténue da fronteira entre informação e opinião, designadamente porque, no entender de ouvintes queixosos, a informação muitas vezes contém opinião, os factos com frequência agregam

avaliações, pelo menos pela forma como são apresentados, e os comentários de jornalistas ou peritos são eventualmente tendenciosos.

Se é certo que há ouvintes que confundem a natureza das notícias, com a editorialização de comentários e com o teor dos textos de opinião, outros há que distinguem muito bem quando elogiam grandes reportagens da Antena1, onde se encontram, regularmente, trabalhos de imensa qualidade e prestígio, e quando criticam notícias carregadas de dados subjectivos.

Um número significativo de ouvintes reclama da parcialidade repetidamente veiculada pelos comentadores de assuntos de política nacional, internacional ou economia, até pelo facto de estes comentários estarem insertos num espaço eminentemente informativo e os seus autores serem identificados como jornalistas.

Efetivamente, não sendo este tipo de comentário o relato de uma notícia, não detém também a qualidade de uma simples opinião, na medida em que se requer a perspectiva de um especialista e, por conseguinte, ser-lhe exigível o conhecimento necessário e, subsequentemente, o rigor e imparcialidade que daí advêm. O comentador perito tem uma margem para exprimir a sua leitura dos factos, o que tem inerentemente um carácter algo subjectivo, mas deve eximir-se de transmitir perspectivas carregadas de juízos de valor, opinativas ou palpites de adivinhação, que nada contribuem para o entendimento da situação em causa e o esclarecimento dos ouvintes.

Por vezes, esta confusão entre os papéis dos intervenientes no espaço informativo não é exclusiva dos ouvintes.

a) Um caso exemplar: um mau exemplo

A situação mais polémica de confusão entre informação e opinião aconteceu este ano num noticiário da Antena1 sobre a greve dos enfermeiros, em 7 de Dezembro de 2018. Porque se tal confusão se manifesta com alguma frequência nas críticas de ouvintes com dificuldades em destrinçar as fronteiras entre o rigor da informação e a liberdade da

opinião, a notícia em apreço avançou ela própria por uma inaceitável confusão entre rigor jornalístico e respectivas fontes e liberdade de opinião. A visão adulterada das regras de informar, neste caso concreto, foi detectada e denunciada por um ouvinte em mensagem ao Provedor, datada de 10 de Dezembro de 2018:

«Aconteceu na sexta-feira passada, mas só hoje segunda-feira, adquiri consciência da importância e, assim, de reportar ao Provedor. Programa Antena aberta. Assunto: saúde. A greve dos enfermeiros ou o adiamento cirurgias. Tudo normal. Até que a seguir, talvez nas notícias das 13 e das 14, pelo menos, a Antena1 passou, emitiu dois dos telefonemas dos ouvintes para a Antena Aberta. E para prevenir não ser suficientemente entendido, digo mais: então agora o noticiário passa telefonemas de ouvintes anónimos, que dizem o que lhes apetece, para outros programas?!»

O Provedor foi ouvir a “Antena Aberta” de 7 de Dezembro, os noticiários das 13 e das 14 horas do mesmo dia, confrontou com os factos o senhor Director de Informação, recebeu resposta e emitiu parecer no dia 14 de Dezembro de 2018:

“O Provedor do Ouvinte recebeu uma queixa relativa à inclusão em noticiário da Antena1 de uma peça sobre a greve dos enfermeiros, composta por excertos de participações de três ouvintes, ao telefone, por sua iniciativa, no programa “Antena Aberta” dedicado ao mesmo tema.

“Então agora o noticiário passa telefonemas de ouvintes anónimos» de outro programa (antena aberta), «onde os ouvintes dizem o que lhes apetece?!», interrogava-se o ouvinte.

“Da análise da queixa do ouvinte, da audição do noticiário da Antena1 das 14h do dia 7 de Dezº e em particular de uma peça desse serviço noticioso relativa à greve dos enfermeiros, e também da resposta do senhor Director de Informação Rádio às queixas e acusações do ouvinte, o Provedor do Ouvinte concluiu:

“Os factos relatados não foram confirmados, os testemunhos editados não são directos mas de terceiras pessoas, constituem tão só uma opinião manifestada por iniciativa dos próprios ouvintes, da qual se extraíram excertos avulsos,

irrisórios para a peça do noticiário. Por último, a conclusão da peça é claramente excessiva.

“Os ouvintes não serão “anónimos”, como escreve o ouvinte e contesta o Director de Informação, na medida em que são identificados por um nome na “Antena Aberta”: o nome que os próprios ouvintes declinam à produção do programa, ao ligar, por sua iniciativa, para um número de telefone anunciado na Antena1. No caso da peça incluída no noticiário das 14h de 7 de Dezº os três ouvintes cooptados da “Antena Aberta” são designados pelo nome que deram para o programa. Mas o próprio Director de Informação admite na sua resposta que, «em alguns casos, os nomes até podem não corresponder à verdade», e não acrescenta que foram confirmados nesta situação concreta.

“O programa “Antena Aberta” será de informação, segundo a orgânica e a nomenclatura da Rádio do Serviço Público. Mas o modo como o programa é anunciado no site da RTP introduz significativas mudanças num conceito estritamente informativo do programa: “Diariamente na Antena 1, a opinião dos ouvintes. Um tema por cada dia, atual e relevante, analisado por especialistas e comentado pelos ouvintes da Rádio pública”.

“A opinião dos ouvintes”, “comentado pelos ouvintes”, foi isto que foi para o ar, no noticiário em apreço, que o Director de Informação designa por “depoimentos”, “testemunhos”.

“Desta forma, e sem terem sido certificados os factos divulgados pelos ouvintes, o que foi para o ar foram histórias não confirmadas, relatadas por terceiros e retiradas do contexto de um programa destinado a reunir comentários de ouvintes, que ligam para a rádio por iniciativa própria, para participar num programa dando as suas opiniões sobre temas actuais e relevantes. Não existe qualquer “vantagem” para a procura da verdade numa notícia pelo facto de ser sustentada por testemunhos “da iniciativa dos próprios” e pior ainda se os “próprios” tiverem “algum envolvimento ou interesse nos assuntos”. Tais “vantagens” só sobrecarregam as notícias de factores de suspeição.

“Na resposta ao Provedor, o Director de Informação elogia a peça incluída no noticiário também pelo facto de dar uma oportunidade à vox pop, uma modalidade ligeira de consulta popular sobre temas vulgares.

“O louvor que o senhor Director atribui à peça do noticiário representa uma autocrítica mitigada.

“A escassez de recursos humanos, que é real e chega a ser dramática na Rádio do Serviço Público, explica algumas mas não todas as debilidades da Informação da Rádio. Não explica o facilitismo e o comodismo, o “jornalismo” sentado. Para ouvir a voz do povo o mais indicado é sair à rua, ir ter com o povo, de microfone na mão, ser o repórter a interpelá-lo, ouvi-lo de olhos nos olhos, em vez de o ouvir pelo telefone a partir da redacção, numa atitude passiva, mais ainda quando é o próprio ouvinte que marca o número de telefone para fazer ouvir a sua opinião, publicada num meio de largo alcance.

“O senhor Director remata a resposta ao Provedor declarando que a Informação da Rádio não faz mais do que a sua “obrigação: serviço público”, ao ouvir sobre a greve em questão, a par de enfermeiros, médicos, administradores hospitalares, governo, forças políticas e... utentes. Porém, não são utentes do SNS que se fazem ouvir no noticiário em apreço: todos esses “testemunhos”, coligidos da “Antena Aberta”, são de terceiros que relatam casos dos quais tiveram conhecimento.

“A peça incluída no noticiário em apreço termina com uma declaração excessiva para a credibilidade e o peso dos três depoimentos respigados: «Quem tem disponibilidade financeira está a optar pelas cirurgias no privado».

“Não é possível retirar de três depoimentos dispersos, e ademais não confirmados, qualquer extrapolação para o plano nacional como aquela que foi feita. Deve especialmente o jornalista abster-se de o fazer, sob pena de tornar a informação alvo de suspeita de manipulação.

“Resumindo e concluindo: ouvir de viva voz, nos locais dos factos, protagonistas ou testemunhas dos acontecimentos devidamente identificados; confirmar os factos relatados.

“Confirmar sempre. A credibilidade faz tanta falta a um testemunho como a fonte a uma notícia.”

O programa “Antena Aberta”, que sob o ponto de vista administrativo é considerado de “informação”, é com efeito uma arena de confronto de opiniões de ouvintes, comentadores, representantes de forças políticas e instituições. E é também, no seio da Antena1, um cenário de atritos pelo acesso às antenas da rádio do Serviço Público.

Sucedem-se acusações de ouvintes, de favorecimento de uns e desfavorecimento de outros, há ouvintes com listas daqueles que já foram ouvidos e quantas vezes e dos que serão sistematicamente ignorados. Um ouvinte de posições extremadas e com acusações de censura na ponta da língua, chegou a queixar-se ao Provedor por alegadamente estar numa lista de excluídos da “Antena Aberta”. Passou-se em Novembro de 2018 até que, num dia desse mês, o ouvinte que se inscrevia todas as manhãs para acesso ao programa foi enfim chamado ao telefone para participar. Desligou uma, duas, três vezes, até que a produção do programa desistiu. Mais tarde, o ouvinte confessou a sua frustração e azar, quando finalmente a “Antena” se abriu para ele:

“Estava no trabalho e por infelicidade a minha tinha comigo a administradora da empresa para a resolução de um problema, como é expressamente proibido fazer telefonemas eu cortei a chamada e fui obrigado a faze-lo 2 vezes. Como critico quando não concordo deixando o meu descontentamento, também me sinto na obrigação de pedir desculpas quando do outro lado manifestam vontade de me deixar participar.” xxxii

b) O sentido das palavras

O ano que passou, com a campanha eleitoral no Brasil, um território ocupado pelo poder massificado de grandes grupos de média, que na campanha tomaram posição concertada e inequívoca a favor de um candidato, chegaram protestos quanto a uma expressão comumente utilizada por repórteres e outros jornalistas enviados da Antena1, ouvida no Brasil em sectores da emigração portuguesa e criticada por representantes destes sectores para o Provedor do Ouvinte da Rádio Pública Portuguesa.

A expressão criticada tinha a ver com a designação de um candidato como sendo de “extrema-direita”. O Provedor não teve dúvidas, na maior parte das vezes, que a expressão era adequada às declarações e posições do candidato e à respectiva posição no leque político e ideológico, embora pudesse não ser do interesse estratégico da candidatura e respectivos apoiantes tal epíteto.

Passou-se algo semelhante sobre a situação e o conflito na Catalunha na Primavera de 2018. Um ouvinte criticou de forma virulenta a cronista Alexandra Lucas Coelho, do painel “*O Fio da Meada*”, acusando-a de “falta de respeito e educação” por se referir ao Rei de Espanha como “não eleito”. O Provedor, começando por frisar que se tratava de uma crónica, um texto de opinião, e que a opinião é livre, acrescentou que é um facto consumado e, goste-se ou não, indiscutível: o Rei de Espanha é um “não eleito”. E isto nem sequer constitui uma questão de interpretação.

2. Futebol e outros jogos

Há futebol a mais nas antenas da Rádio do Serviço Público e disso se queixam cada vez mais ouvintes. Sobretudo quando, por imperativos dos sempre crescentes e dominantes horários do futebol, a programação da Rádio é alterada geralmente sem aviso prévio. O Provedor só pode dar razão às críticas dos ouvintes nesta matéria.

O futebol das tardes de domingo e das quartas-feiras europeias estende-se hoje por todos os dias da semana e por horários diversos, ao Campeonato e à Taça de Portugal acrescentam-se a Taça da Liga, a Liga dos Campeões, a Liga Europa, a Liga das Nações da UEFA, os jogos particulares e de preparação, os arranques e os rescaldos de época. O futebol é um negócio mundial de Televisão e receitas de publicidade e a Rádio segue na procissão embora sem voto na matéria quanto aos horários definidos em função dos tempos mais frequentados das TVs.

Paulo Sérgio, Director-adjunto de Informação com o pelouro do desporto no serviço público de rádio, a propósito do Mundial de 2018, explicou no programa do Provedor, como funciona o negócio:

“Há uma coisa que é incontornável. Hoje em dia todas as modalidades são modalidades que trabalham para a televisão. E o futebol tornou-se um produto absolutamente impressionante do ponto de vista do retorno financeiro, onde as televisões pagam, e é um bocadinho aquela imagem “quem paga, manda”^{xxxiii}”

O Serviço Público de Rádio gaba-se de fazer relatos de jogos que mais ninguém faz. E se isso se explica e se compreende em relação a jogos com especial significado – como foi o relato da Antena1, já em Janeiro de 2019, numa tarde de domingo, do encontro entre as equipas “fantasmas” do ex-Belenenses e ex-Estrela da Amadora, às quais, perdidos os nomes próprios, só restam as cores desbotadas das camisola e o amor dos adeptos –, não há explicação para um canal de Serviço Público alterar sistematicamente a programação e defraudar a expectativa dos ouvintes fiéis de certos programas para pôr no ar mais um desafio de futebol.

Em 26 de Novembro de 2018, perante o afluxo de queixas de ouvintes contra a arremetida e alastramento dos relatos de futebol pela programação da Antena1, o Provedor alertou a direcção do Serviço Público:

«Há futebol praticamente todos os dias e a rádio, mesmo a rádio que não vive da publicidade, vai atrás do cortejo do futebol, com prejuízo para a restante programação. Na correspondência dos ouvintes esta começa a ser uma razão de queixa persistente, sobretudo quando por via de relatos de futebol programas da rádio são deslocalizados ou descontinuados.»^{xxxiv}

O alerta do Provedor nem sequer obteve resposta. Com a crescente frequência de relatos, verifica-se paralelamente a invasão das notícias e comentários de futebol nos noticiários de informação geral e até nos espaços de opinião. A demissão de um treinador já chegou a ser tema de debate proposto aos ouvintes na “Antena Aberta”.

Por outro lado, por critérios de edição e por modelos de gestão dos horários e equipas nos fins-de-semana no chamado modo de “piloto automático”, o futebol tem mais caminho aberto nos horários desguarnecidos do Serviço Público de Rádio. As equipas de noticiários descansam mais facilmente aos fins-de-semana porque as equipas de futebol estão em força de serviço. E assim se vai acomodando o pós-troica numa Rádio que depois da austeridade continua a perder pessoal.

“Venho por este meio exprimir a minha indignação e solicitar uma providência imediata. Eu não importuno nem sonego o prazer dos amantes de futebol com os

meus programas sobre literatura ou arte ou ainda actualidade política e científica. Então também não admito que deixem de dar os meus programas, que já pecam por defeito, para dar jogos de futebol ou, o que é pior, prognósticos e reações. Só na última semana foram 3 programas que eu sigo e me dão prazer – foi 6ª feira à noite, dia 2 de nov., na RTP3 "o último apaga a luz", foi 4ª feira "A páginas tantas" na Antena 1, e na 5ª feira, o "Esplendor de Portugal", também na Antena 1, que ficou mais curto. Ora o tempo de um serviço público não pode ser monopolizado nem sugado por um grupo de pessoas em detrimento de outro. Eu gosto de arte, poesia, literatura, ciência, somos poucos! Admito que uma das orientações de um serviço público no que diz respeito ao tempo, seja este distribuído em função do número de adeptos mas uma vez determinada a programação não admito que omitam a de minha eleição para dar futebol. Desde quando é que interrompem jogos de futebol para dar as novas sobre um festival literário ou para falar de arte?

xxxv

O Provedor tem dado inteira razão a protestos desta natureza. Por outro lado, um assinalável número de queixosos manifesta-se de cada vez que o Serviço Público não transmite o jogo ou os jogos que determinado ou determinados ouvintes e grupos estão à espera. Mesmo que não anunciados. Mas isso, apesar de tudo, é mais raro.

O futebol terminou a época de 2016/2017 e entrou na época de 2017/2018 em ambiente de pré-guerra civil, com as hostes a alardearam argumentos, ameaças, insultos, através da comunicação social e derivando do carácter incendiário das palavras para a violência de facto. A época de futebol de 2017/2018 culminou com manifestações de violência extrema, mas durante todo o ano dirigentes e assessores, com absoluta impunidade e frequentemente infringindo leis da República, incendiaram o clima do futebol e espalharam o ódio onde só deve haver lugar para a competição desportiva segundo as regras e o ambiente de jogo limpo.

A crise directiva no Sporting Clube de Portugal que culminou com a invasão do balneário e a agressão a jogadores e técnicos do clube – um caso que está na Justiça – foi desenvolvida a par e passo por vagas de violência verbal e insultos e agressões a jornalistas.

Em Fevereiro de 2018, as redacções, nomeadamente da RDP e RTP, foram surpreendidas pela intimação de jornalistas de ambas as redacções, indigitados nominalmente, para uma “sessão de esclarecimento” no clube. Os “convites” foram enviados pessoalmente a alguns jornalistas, sem se conhecer qual o critério que incluía uns e excluía outros. Os jornalistas da RDP como os da RTP (assim como muitos outros profissionais convidados) declinaram o convite. A designação de jornalistas que acompanham este ou aquele acontecimento compete às chefias das redacção da Rádio e a TV do Serviço Público, e dos demais órgãos de comunicação e não aos promotores das ocorrências.

Os Provedores – do Ouvinte e do Telespectador – mais uma vez, em 2018, lançaram alertas comuns à opinião pública e avisos para o interior da RTP no sentido de prevenir os efeitos da acção de verdadeiros incendiários à solta nos meios de comunicação social. Era tempo de travar os excessos de incitamentos ao ódio e os Provedores apelaram à RTP para que reduzisse as notícias de futebol e não difundisse o discurso agressivo.

Seis recomendações constituíam a essência do documento dos Provedores:

1. A RTP deve abster-se de dar a voz a todas as figuras conhecidas por fomentarem o estilo incendiário que alguns tentam instalar de roda do futebol.
2. A RTP deve procurar reduzir o número e a importância conferida às notícias sobre futebol nos serviços informativos dos seus diversos canais.
3. Por outro lado, é necessário lembrar que muitas das outras modalidades desportivas só têm visibilidade mediática através do Serviço Público de Rádio e Televisão.
4. A Rádio e a Televisão do Serviço Público devem defender os seus profissionais e proporcionar-lhe meios de defesa jurídica quando eles sejam acusados sem provas, injuriados por sistema e mesmo agredidos fisicamente, como aconteceu no final da Taça de Portugal de futebol, no Jamor.
5. No que diz respeito ao Serviço Público de Televisão, recomenda-se a quebra do quase monopólio que os ditos “três grandes” clubes detêm no canal que emite debates sobre o futebol nacional.

6. No que diz respeito ao Serviço Público de Radiodifusão, mais uma vez se recomenda, mais relato e menos comentários nos 90 minutos de jogo, como aliás é da melhor tradição da rádio. xxxvi

Os Provedores querem crer que alguma coisa terá ficado na cultura do Serviço Público, no sentido de serenar o discurso em torno do futebol nessa fase viscosa e turbulenta do pontapé português na bola.

Outra constante na prática dos Provedores foram sucessivas recomendações pela atenção devida a outras modalidades, para que Portugal não se constitua num País de monocultura em matéria de divulgação e prática desportiva.

3. Outros Campos

No relatório de atividade relativo ao ano de 2017, a páginas cinquenta e tal, já teríamos falado do Humor, estaríamos à beira de falar de Música... Mas o Humor, na correspondência dos Ouvintes ao Provedor, desincentivou um pouco com a morte auto-infligida do *Mata-Bicho* à entrada para o Verão de 2018. E a Música banalizou-se tanto como também as críticas dos ouvintes à música que lhes é servida.

Claro que ainda há ouvintes indignados com referências do *Portugalex* à inefável fonte de humor que é a Fonte de Boliqueime.

E quanto à música os ouvintes terão começado a entender que o mal não está tanto na *playlist* como naquilo que a *playlist* carrega. Das 31 mensagens relativas a música, apenas 11 se focavam na *playlist*. A crítica à música da rádio do serviço público dirige-se agora, directamente, à própria música seleccionada: música que os ouvintes classificam como incharacterística, sem identidade, amorfa.

Curiosamente, os ouvintes que criticam a música, agora só criticam a música, tendo deixado de pressentir ou de tentar localizar que ali havia sequer uma esparrela, quanto mais uma teoria da conspiração, para vender discos, pautas musicais ou espectáculos.

Por outro lado, sem que os ouvintes portugueses percam o sentido crítico e a verrina que lhes é própria, aqui, nesta relação de confiança entre falantes e ouvintes, ganhou espaço a crítica construtiva. As mensagens de “satisfação” foram em número de 44, cerca de 7 por cento. É praticamente o dobro do ano passado, quando apenas cerca de 3 por cento das mensagens de ouvintes se dirigiam ao Provedor exclusivamente para dizer bem de algo que tinham escutado na rádio do serviço público.

IV. Em Nome dos Ouvintes

O Provedor provê, actua, intervém, em nome dos ouvintes. É dos ouvintes que o Provedor recebe o mandato, embora a nomeação tenha origem no Conselho de Administração da RTP e seja avaliada pelo Conselho de Opinião e a actuação do Provedor seja também acompanhada pela Comissão da Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto da Assembleia da República e pela Entidade Reguladora da Comunicação.

O relatório de actividade referente ao ano de 2018, o segundo do mandato do Provedor, aqui está.

Pode bem acontecer que os ouvintes sintam algum desânimo perante a escassez de resultados de vulto para grande parte das suas críticas. Por cada mensagem, e quando seja esse o caso, o Provedor informa o Ouvinte que a crítica, o protesto, o elogio, seguiram para a direcção respectiva do Serviço Público de Rádio.

Mas, em primeiro lugar, logo nas respostas, na parte que cita explicações das direcções da Rádio, os ouvintes não podem deixar de notar que as direcções jogam sistematicamente à defesa mesmo na correspondência com o Provedor... Está tudo bem assim e dificilmente se vê modo de ser de outra maneira.... E depois, mesmo quando as direcções dão razão aos ouvintes... há geralmente um 'mas', um 'não obstante', um 'pelo contrário', que inviabiliza uma correcção ou alteração visíveis.

O Provedor, mesmo quando dá razão aos ouvintes, adverte que a solução talvez não seja fácil ou, pelo menos, imediata. E que o facto de o Provedor estar de acordo com o Ouvinte não significa que as coisas vão mudar: o Provedor apenas provê, não decide.

Os Ouvintes contactam o Provedor por escrito, por via electrónica (correio electrónico ou através do gestor de mensagens da RTP) ou por correio postal. O Provedor responde pela mesma via através da qual recebeu a consulta. Para além do correio directo entre o

Provedor e o Ouvinte, o Provedor responde ainda à generalidade dos ouvintes através do programa semanal do Provedor, que vai para o ar às sextas-feiras, depois das notícias e da informação de trânsito das 16horas, na Antena1, e eventualmente também na Antena2 e Antena3, RDP Açores e RDP Madeira, RDP África, e fica a partir da data da emissão disponível na RTP Play.

Em Janeiro de 2017, ao comparecer perante o Conselho de Opinião da RTP, no âmbito dos trâmites para a nomeação para o cargo de Provedor do Ouvinte, o candidato a Provedor respondeu à conselheira Diana Andrina, que sim, já tinha uma ideia para o programa de rádio do Provedor:

A ideia é fazer... um programa de rádio.

E o programa começou em 7 de Abril de 2017, com o título adoptado dos anteriores provedores: *Em Nome do Ouvinte*.

Até final de 2018 estão publicados e disponíveis na RTP Play 72 episódios do programa; no Relatório do ano passado foram publicados os guiões dos programas 01 a 29; o presente Relatório contém os guiões dos programas 30 a 72. É um grande trabalho de uma pequeníssima equipa de profissionais que o Provedor se orgulha de liderar: o sonorizador João Carrasco, a jornalista Inês Forjaz e o jornalista Viriato Teles.

No ano que findou, sempre a partir de questões suscitadas pelos ouvintes, o programa do Provedor guiou o auditório por visitas aos meandros da rádio do Serviço Público. Os ouvintes viveram, através do programa, os engarrafamentos do Serviço de Trânsito – garantido para a rádio e a TV apenas por quatro pessoas –, assim como as limitações das madrugadas e dos fins-se-semana reduzidos às prestações do “piloto automático” das emissões gravadas. E visitaram a rádio de coração aberto na Central Técnica, por onde passa tudo, antes que passe na rádio. Como travaram conhecimento, na primeira pessoa, com personalidades fascinantes que povoam a rádio, como Ricardo Saló, Rui Cardoso Martins, Luís Carlos Patraquim. Do mesmo modo que partilharam a Memória da Rádio, no velho teatro radiofónico, escutando passagens de uma raríssima peça gravada num campo de prisioneiros portugueses em Goa, “A Ceia dos Oficiais”, posta em cena no campo de Alparqueiros pelo locutor Ninélio Barreira e pelo actor Pedro Pinheiro.

O programa do Provedor e dos Ouvintes também visitou a memória da rádio que punha os ouvintes a fazer exercício físico logo pela manhã: “Ginástica para Todos”, ao ritmo do “1 e 2 e 3 e insiste, insiste...” do professor Celestino Marques Pereira, na Emissora Nacional, 1952. E como não podia deixar de ser, falando de Memória da Rádio o programa do Provedor também falou com Ana Aranha que sempre tratou esta memória com o coração.

Dos 72 programas produzidos pela equipa do Provedor em 2017 e 2018, uma edição foi realizada, gravada, sonorizada e quando estava pronta para ir para o ar, o Provedor decidiu retirá-la da grelha de emissão. Foi o programa número 61, agendado para 12 de Outubro. O programa era sobre a editoria de política da Antena 1 e nesse dia, pouco antes de o programa ir para o ar, a editora de política e protagonista do programa, a jornalista Maria Flor Pedroso, anunciou que aceitara o convite para desempenhar o cargo de Directora de Informação da RTP. O Provedor, que desejou publicamente a Maria Flor Pedroso os maiores sucessos nas novas funções, considerou que a transferência da jornalista retirava todo o sentido ao programa que estava gravado, sobre a organização, funcionamento, meios e objectivos da editoria de Política da Antena 1.

Primeiro comentário de uma ouvinte no correio do Provedor:

«Foi uma boa notícia para a TV, péssima notícia para a Rádio».

V. Concluindo...

A Rádio do Serviço Público tem de cobrir o território previsto no respectivo Contrato de Concessão, com emissões de qualidade profissional.

A Rádio necessita de autonomia, poder de decisão e de estratégia própria para o seu futuro.

A Rádio necessita de investimento certo e seguro e de uma gestão que sustente as suas obrigações legais e contratuais.

A Rádio, tal como dispõe de director de Informação e director de Programas, necessita de um director Técnico exclusivo.

A Rádio necessita de regenerar a rede de emissores de FM e reconstituir uma rede essencial de Onda Média para responder ao País em casos de emergência.

A Rádio necessita de reorganizar os estúdios da Antena 1, Antena 2, Antena 3, RDP África, RDP Internacional em Lisboa.

A Rádio necessita de reorganizar centros regionais e de restabelecer a sua rede de correspondentes.

A Rádio necessita de reconstituir os seus quadros de pessoal a nível nacional e regional.

A Rádio – que tem apenas editorias de política e de desporto – necessita de mais informação especializada, diversificada e atenta.

A Rádio tem de ser rigorosa na informação e pluralista na opinião.

A Rádio tem que dar prioridade à recolha da informação no local dos acontecimentos com base em testemunhos identificados e credíveis.

A Rádio tem que praticar um pluralismo efectivo e aberto e não apenas uma recolha de opiniões afinadas pelos partidos políticos.

A Rádio tem que diversificar a informação que fornece aos ouvintes por áreas de interesses da vida social: política, economia, nacional e internacional, ciência, cultura, artes e espectáculos, saúde, educação, ensino, desportos, entre outros.

A Rádio deve cultivar fontes de informação próprias para garantir uma maior independência e diversidade na informação que presta aos ouvintes.

A Rádio deve orgulhar-se por ser o meio de comunicação mais credível e tudo fazer para defender esse estatuto.

A Rádio deve usar as suas antenas para chegar a diferentes públicos, com informação, cultura e divertimento.

A Rádio deve cultivar a interactividade com os ouvintes, explorando para isso as suas próprias potencialidades.

A Antena 1 deve trabalhar 24 horas por dia, 7 dias por semana, com informação sempre em directo e programação em directo ou diferida, mas sem nunca perder o contacto, a proximidade e a intimidade com os ouvintes.

A Antena 2 deve distinguir-se pela extrema qualidade do seu som.

Tudo isto para que regressem os *Dias de Ouvintes Felizes com Rádio*.

João Paulo Guerra

Provedor do Ouvinte

Janeiro de 2019

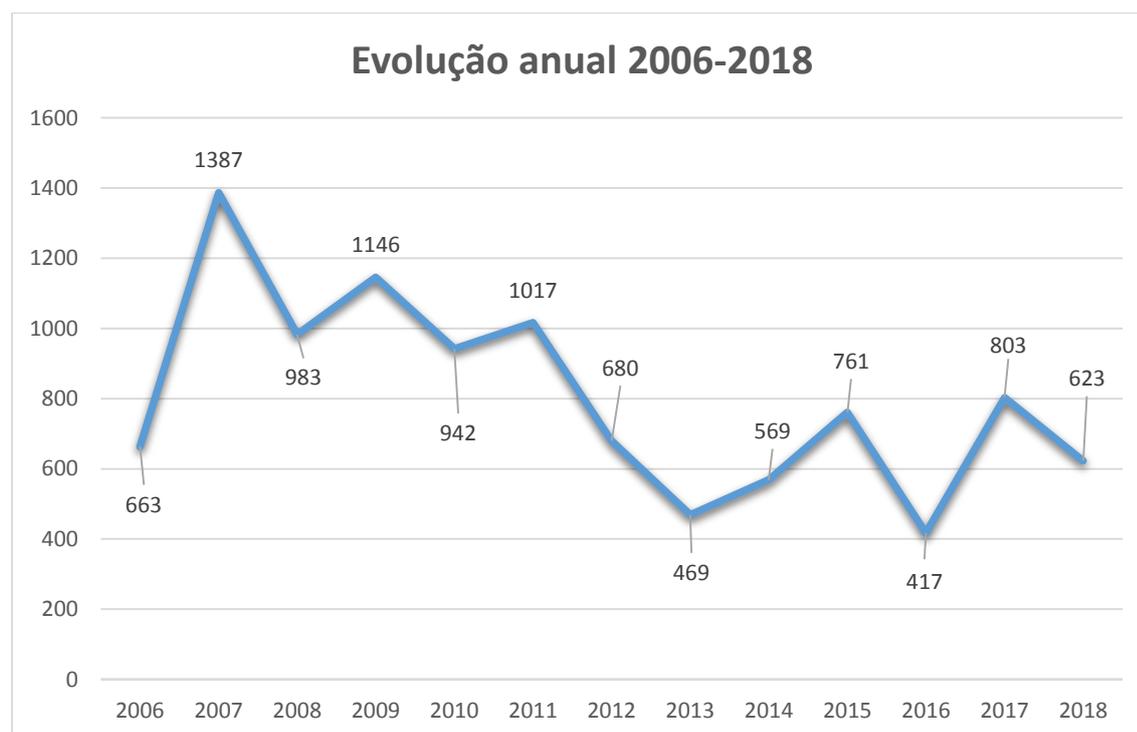
VI. ANEXOS

A1. Análise estatística das mensagens recebidas

Apresentação geral

Durante o ano de 2018 o Provedor do Ouvinte recebeu um total de **623** mensagens, das quais 543 chegaram através do formulário disponível no portal web da RTP, e as restantes através de correio electrónico e correio postal. Este valor representa uma diminuição global de cerca de 20% relativamente ao ano anterior.

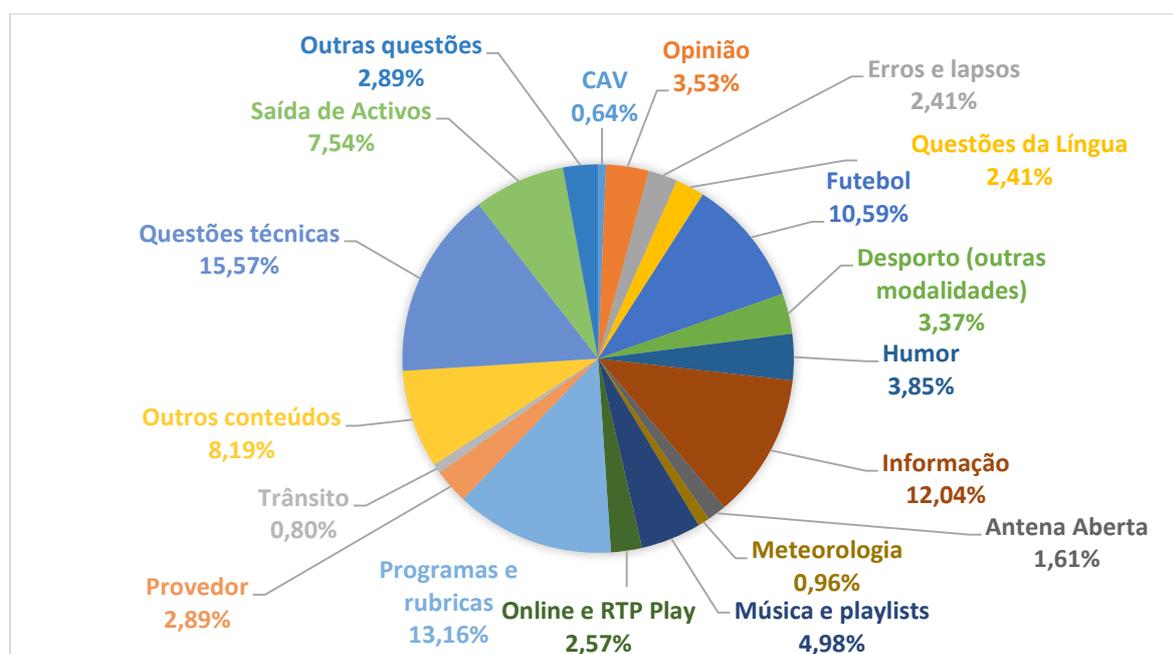
Ainda assim, este valor representa um pequeno aumento – na ordem dos quatro por cento – relativamente à média de mensagens recebidas pelo provedor do ouvinte nos cinco anos anteriores, que foi de 603 mensagens/ano.



Do ponto de vista temático (ver quadro seguinte), verifica-se que as questões técnicas estiveram no centro da atenção dos ouvintes que se dirigiram ao provedor. A este facto não é com certeza alheia a situação originada pela queda da torre do Centro Emissor de Monsanto, em finais de 2017, que criou graves problemas de captação das emissões na região da Grande Lisboa e margem sul do Tejo.

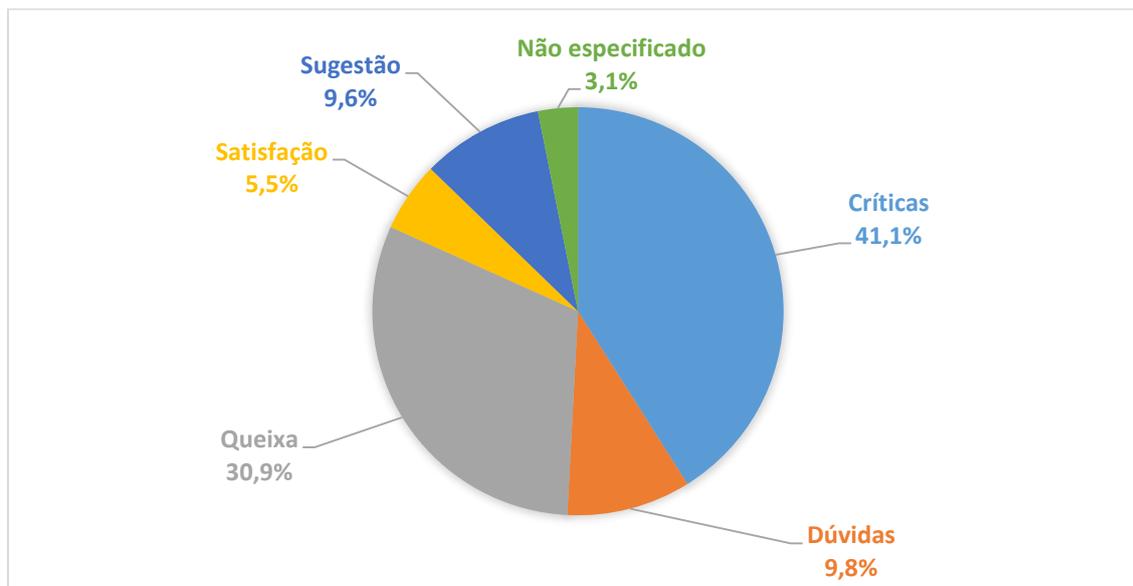
Distribuição geral por temas

		%
Contribuição Audiovisual	4	0,64
Opinião	22	3,53
Erros e lapsos	15	2,41
Questões da Língua	15	2,41
Futebol	66	10,59
Desporto (outras modalidades)	21	3,37
Humor	24	3,85
Informação	75	12,04
Antena Aberta	10	1,61
Meteorologia	6	0,96
Música e playlists	31	4,98
Online e RTP Play	16	2,57
Programas e rubricas	82	13,16
Provedor	18	2,89
Trânsito	5	0,80
Outros conteúdos	51	8,19
Questões técnicas	97	15,57
Saída de Activos	47	7,54
Outras questões	18	2,89
TOTAL	623	100

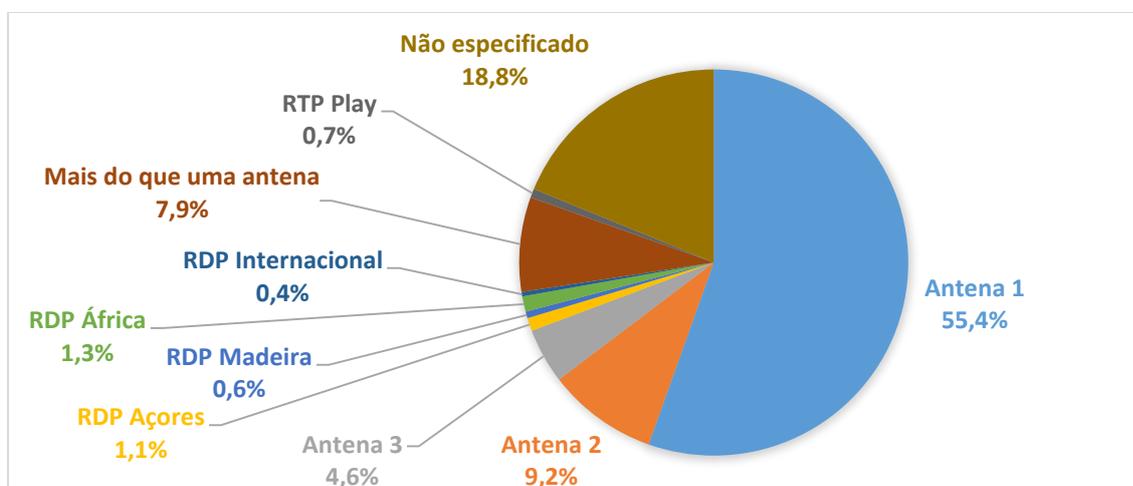


Distribuição por tipo e por antena

Na distribuição **por tipologia**, mantém-se a tendência verificada em períodos anteriores, embora com algumas oscilações. Comparativamente ao exercício de 2017, houve uma pequena diminuição das queixas (de 35,8 para 30,9%) e das críticas (de 43,8 para 41,1%) e um aumento percentualmente significativo das dúvidas (de 6,1 para 9,8%) e das mensagens de satisfação (de 2,4 para 5,5%).



Já na distribuição **por antenas**, as maiores oscilações verificam-se nas mensagens visando a Antena 2 (de 4,9% em 2017 para 9,2% em 2018) e a Antena 3 (de 11,6% para 4,6%). As restantes antenas não sofreram alterações significativas, mantendo-se a Antena 1 como o alvo principal das mensagens dirigidas ao provedor, com mais de metade do total:

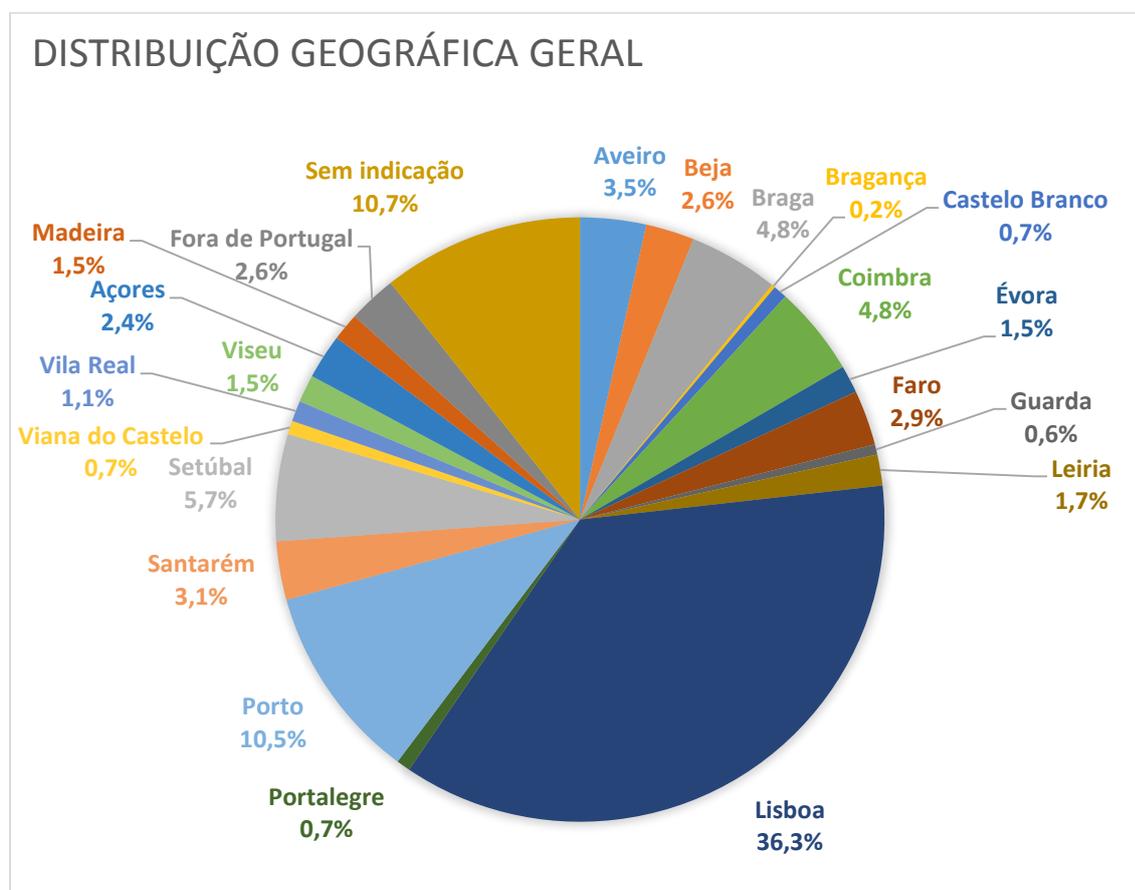


Origem das mensagens

A distribuição de mensagens por **local de origem** continua a seguir a lógica da distribuição demográfica nacional, com os distritos de Lisboa e Porto a manterem a liderança destacada (com 46,8% do total de mensagens) relativamente aos restantes distritos.

O dado mais significativo, porém, será o aumento (não apenas percentual, mas também quantitativo) do número de mensagens recebidas dos distritos do Sul – Setúbal, Beja e Évora – que este ano representam, no seu conjunto, 9,8% do total (contra 5,5% do ano anterior) que correspondem à seguinte distribuição: Beja, 14 mensagens (6 em 2017); Évora, 8 (5 em 2017) e Setúbal, 31 (25 em 2017).

Estes distritos são justamente aqueles em que mais se fizeram sentir os efeitos da avaria do Centro Emissor de Monsanto, nos primeiros meses de 2018. Juntamente com Vila Real (6 mensagens, 5 em 2017) e as regiões autónomas dos Açores (13 mensagens, 7 em 2017) e Madeira (8 mensagens, 7 em 2017), foram os únicos onde se registou um aumento quantitativo de correspondência dirigida ao provedor.

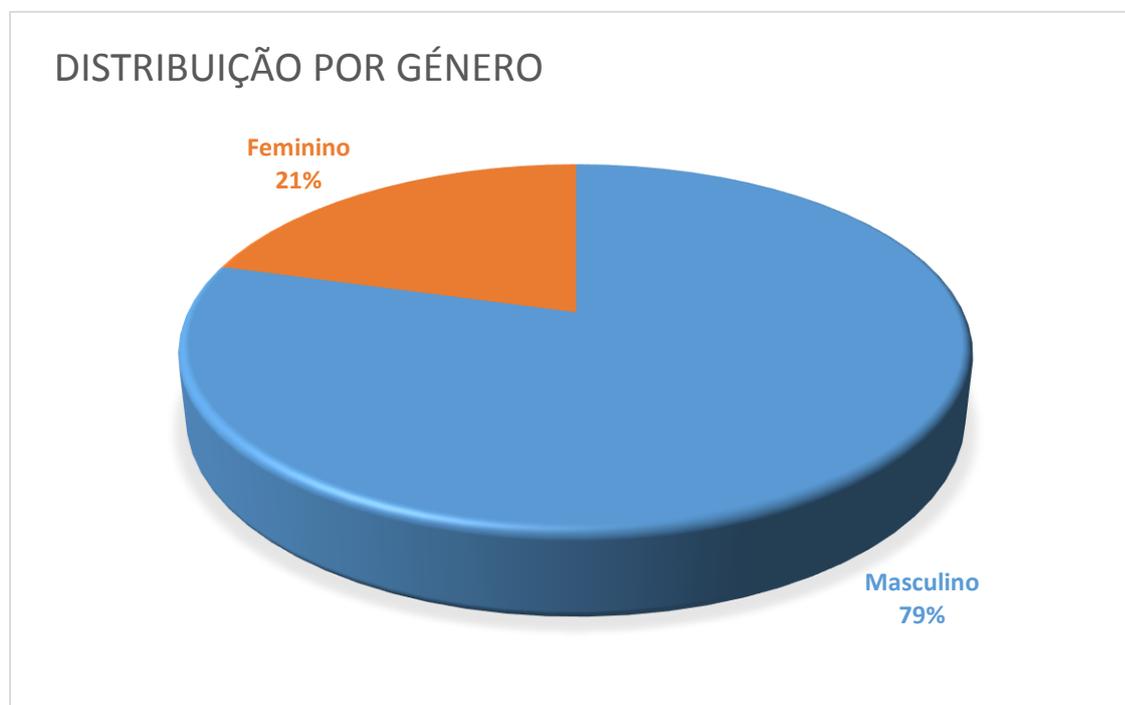


Distribuição quantitativa por distritos / regiões (detalhe)

Distrito	Nº mensagens	%
Aveiro	19	3,5
Beja	14	2,6
Braga	26	4,8
Bragança	1	0,2
Castelo Branco	4	0,4
Coimbra	26	4,8
Évora	8	1,5
Faro	16	2,9
Guarda	3	0,6
Leiria	9	1,7
Lisboa	197	36,3
Portalegre	4	0,7
Porto	57	10,5
Santarém	17	3,1
Setúbal	31	5,7
Viana do Castelo	4	0,7
Vila Real	6	1,1
Viseu	8	1,5
Açores - São Miguel	6	-
Açores - Terceira	3	-
Açores - Pico	4	-
Total Açores	13	2,4
Madeira - Ilha da Madeira	8	-
Total Madeira	8	1,5
Sem indicação	58	10,7
Fora de Portugal	14	2,6
Total de mensagens via web¹	543	100
Outras vias (email / carta)	80	-
TOTAL	623	-

¹ Total considerado para a análise estatística

Perfil dos utilizadores

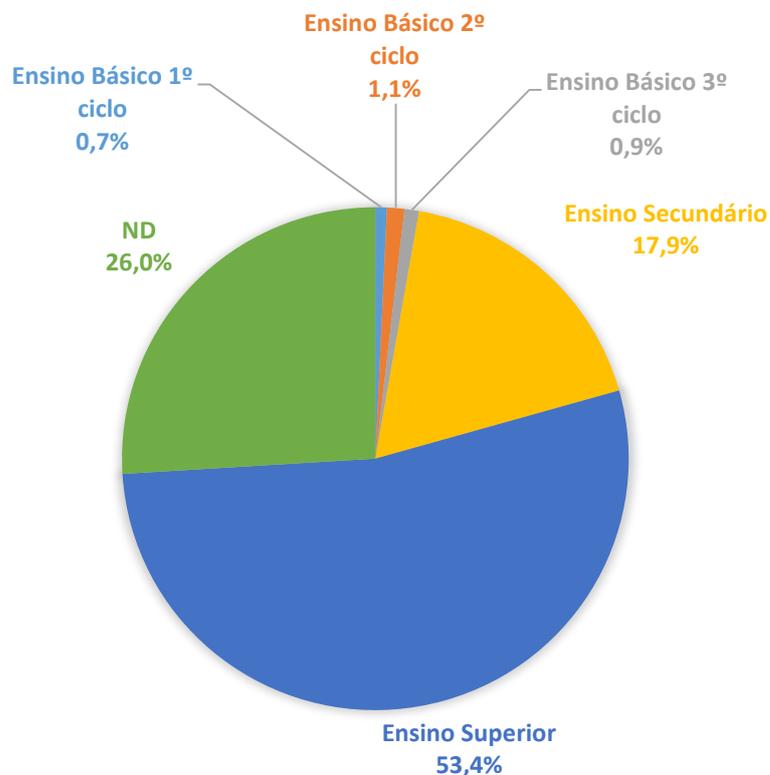


A análise do **perfil dos ouvintes**² que se dirigiram ao provedor em 2018 evidencia a tendência para uma preponderância de contactos por parte do auditório masculino – uma constante desde o início da actividade dos provedores da RTP. Percentualmente, houve mesmo um aumento face ao ano anterior (de 73 para 79 por cento) deste segmento, com a subsequente diminuição do número de mensagens enviadas por ouvintes do sexo feminino (de 27 para 21 por cento).

Ainda assim, se comparados com os dados de anos anteriores, pode afirmar-se que a participação de mulheres nos contactos com o provedor se tem mantido sempre dentro dos mesmos parâmetros – entre 20 e 30 por cento do total de mensagens recebidas desde 2006 – registando apenas uma pequena diminuição em 2015, quando apenas 18 por cento das comunicações com o Gabinete de Apoio aos Provedores foram feitas por ouvintes do sexo feminino.

² Em virtude de alterações introduzidas ao formulário de contacto com os provedores no portal da RTP, alguns dados deixaram de ser solicitados e, por consequência, não é possível neste relatório apresentar todos os indicadores de análise constantes de relatórios anteriores, nomeadamente o perfil etário dos ouvintes que se dirigiram ao provedor em 2018. Esta situação deverá ser corrigida em 2019.

NÍVEIS DE ESCOLARIDADE



Do mesmo modo, os números relativos à distribuição por **níveis de escolaridade** seguem a tendência de anos anteriores, com mais de metade dos ouvintes a declararem serem possuidores de estudos superiores. Ainda assim, verifica-se uma diminuição percentual dos que assinalaram o Ensino Superior como grau de escolaridade (de 60,8 para 53,4%), embora tenha aumentado a quantidade dos que não disponibilizaram estes dados: 26%, contra 15,8% em 2017. No nível secundário não se verificam alterações substanciais (17,9, contra 16,6% em 2017) e os níveis básicos de ensino mantêm indicações residuais (menos de 3% nos três graus do ensino básico), tendo ainda assim descido relativamente ao período anterior – em que, no conjunto, totalizavam cerca de 7%.

A2. Ouvintes questionam, provedor responde

1. INICIATIVAS DO PROVEDOR

1.1. Promoção da Rádio no universo RTP

– Mensagem recebida em 20/1/2018 e reencaminhada aos directores

Tipologia: Comentários e Sugestões | Rádio Antena1 e Antena2

Descrição:

Queria dar uma sugestão de um anúncio que o universo RTP poderia fazer, à semelhança da promo que a BBC Music fez para lançar este mesmo recente canal. Para incentivar as pessoas a ouvirem rádio e música portuguesa nas 3 antenas, podiam fazer uma promo ou uma curta com vários artistas marcantes, transversais no estilo, na voz e no tempo (marcantes, não mediáticos no momento) novos e antigos, desde Celeste Rodrigues, José Cid, Quim Barreiros, até novos artistas como Capicua, Mafalda Veiga.

– Directores da Rádio concordam com sugestão do ouvinte

Senhores directores,

A sugestão lançada por um ouvinte, que adoptei, acrescentei e vos remeti em 29 de Janeiro para vossa apreciação, e que tinha por objecto promover a Rádio do Serviço Público através da Televisão do SP, à semelhança do que faz a BBC, recolheu as seguintes avaliações [dos outros directores da Rádio]:

“Registo, com agrado, a sugestão do ouvinte. A promoção cruzada Rádio/Televisão é, sem dúvida, um instrumento extraordinário de promoção da rádio na televisão que, há anos, temos tentado introduzir. A verdade é que não tem tido grande acolhimento. A inversa, no entanto, a promoção da televisão na rádio, tem feito o seu caminho. Prosseguiremos, com entusiasmo, os esforços para equilibrar a relação”

Rui Pêgo, Director da Antena 1, RDP África e RDP Internacional

“É uma sugestão muito interessante, na linha do que vem sendo defendido pela DI nos últimos 3 anos (para além de uma campanha de promoção de marca para a Antena 1, que vai tardando...). Neste momento já existe alguma promoção a programas das rádios no “mosaico” de sugestões que, de vez em quando, surge nos ecrãs da RTP, mas penso que se poderia fazer mais. Admito que tenha partilhado esta sugestão com os directores de programação das diferentes antenas, se a ideia for defendida em conjunto terá certamente mais hipóteses de sucesso.”

João Paulo Baltazar, Director de Informação

“O Provedor da rádio enviou esta sugestão para um spot televisivo sobre os canais de rádio da RTP... Parece-me interessante. À consideração do marketing.”

João Almeida, Director da Antena 2

“Sou obviamente a favor de tal prática, e mais acrescento que, no caso da Antena 3, ela vai acontecendo com alguma regularidade. Em 2017 produzimos vários spots de promoção para as redes sociais da Antena 3, que tiveram também passagem assegurada nos canais de televisão, através da medição da Direcção de Marketing. Da nossa participação nos festivais de verão, à estreia de alguns programas, fomos conseguindo manter essa "cross-promotion" nos canais de TV da casa, nomeadamente RTP1, 2 e Memória.”

Nuno Reis, Director da Antena 3

Se estiverem de acordo, o Provedor do Ouvinte fará seguir a sugestão, e os pareceres que a mesma mereceu, para a Direcção do Marketing e Comunicação.

João Paulo Guerra

– Comunicação à Direcção de Marketing

Senhora Directora do Marketing Estratégico e Comunicação

Dra. Marina Ramos

C/c Presidente do CA e directores da Rádio

«(...) Chegou ao conhecimento do Provedor do Ouvinte uma sugestão de um ouvinte no sentido de promover rádios do Serviço Público através da Televisão, prática aliás seguida lá fora, designadamente na BBC.

Trata-se de promover a Rádio do Serviço Público através da Televisão do SP, por intermédio de figuras da música – espectro abrangente, de José Cid a Capicua, de Quim Barreiros a Salvador Sobral, etc. – que apareceriam em spots da TV a anunciar: “Querem ouvir-me cantar?” Ou: “Querem ouvir o meu disco mais recente? Ouçam-me na Antena 1”, ou na Antena 2, ou na Antena 3, na RDP África, ou na RDP Internacional.”

O mesmo se poderia fazer em relação à informação. Por exemplo, com os entrevistados de Maria Flor Pedroso: “Querem saber o que eu penso? Ouçam a entrevista na Antena 1.” Ou com os intervenientes nos “Radicais Livres” – Esta semana vamos discutir....”, Ou com os do “Esplendor de Portugal...”, etc.

No desporto também funcionaria. Jonas, Bas Dost, Marega: “Querem ouvir o meu golo antes de o verem? Ouçam na Antena 1”.

As figuras da música, da política, do desporto, teriam vantagem em participar, significaria mais presença, mais promoção, a Rádio do SP ganhava com a promoção e a RTP ganhava uma oportunidade para um acto solidário no âmbito dos parceiros da Rádio e Televisão de Portugal.

Desta sugestão dei conhecimento aos directores das estações da Rádio do SP, dos quais recebi as seguintes manifestações de apoio (...)

A sugestão fica nas suas mãos. Como frisou o ouvinte, esta é uma prática seguida na Europa, em particular na BBC.

Espero da sua parte o melhor acolhimento à sugestão do ouvinte, que apoiei, tal como a apoiam quatro directores da Rádio do Serviço Público. (...)

9 Fevereiro 18

SEM RESPOSTA

1.2. Carta ao Presidente do CA da RTP sobre o CE Monsanto

Lisboa 8 de Março de 2018

Senhor Presidente da Administração da Rádio e Televisão de Portugal

Dr. Gonçalo Reis

Como é seguramente do seu conhecimento, nos passados dias 10 e 11 de Dezembro de 2017, ao passar por Lisboa, a tempestade “Ana” danificou seriamente a torre que sustentava em Monsanto as antenas da rádio do Serviço Público que cobrem a Grande Lisboa: Antena 1, Antena 2, Antena 3 e RDP África. A torre de 70 metros de altura e 19 toneladas de peso, instalada em alojamento da Marinha Portuguesa, ameaçava quebrar-se pelo que foi apeada e será substituída.

Entretanto, as antenas da rádio de Serviço Público estão alojadas na torre que sustenta as antenas da Rádio Renascença, no mesmo estabelecimento militar, e localizadas de forma a não interferir com as emissões da RR. Os emissores da rádio de Serviço Público que cobrem a Grande Lisboa estão a funcionar, segundo um plano de contingência, com redução de potência de 10 para 2 KW.

Não está no ar qualquer aviso sobre a situação. Muitas queixas dirigidas ao Provedor dizem respeito a crescentes e novas dificuldades de sintonizar o sinal da rádio do Serviço Público e ao desaparecimento desse sinal abafado por interferências de outras estações de rádio a operar em condições normais. Na região afectada pelo plano de contingência em vigor localiza-se cerca de um quarto do auditório global de Antena 1, constituindo essa área certamente a maior concentração de ouvintes e potenciais ouvintes da rádio do Serviço Público.

A substituição da torre das antenas depende da Marinha e está a decorrer. Mas a decisão de substituir as antenas e emissores está dependente da libertação de verbas pela Administração da RTP que não ultrapassarão os 150 mil euros, verba insignificante no quadro da Contribuição Audiovisual arrecadada pela Rádio e Televisão de Portugal. O Provedor recorda que os investimentos na Onda Média estão suspensos “até ver” para

privilegiar a Frequência Modulada. Ora Monsanto envolve precisamente emissores de FM em crise.

A indecisão quanto a esta situação, desencadeada vai para três meses, pode atrasar e prolongar no futuro uma situação que penaliza drasticamente os ouvintes da rádio do Serviço Público e a própria componente de radiodifusão da Rádio e Televisão de Portugal. Os ouvintes uma vez perdidos dificilmente serão recuperados, tanto mais que não há qualquer aviso sobre o carácter transitório da deficiência no alcance do sinal da Antena 1, Antena 2, Antena 3 e RDP África na Grande Lisboa.

O Provedor do Ouvinte, naturalmente muito preocupado com esta situação, tem acompanhado a sua evolução e o programa *Em Nome do Ouvinte* é mesmo a única fonte de informação aos ouvintes sobre esta ocorrência, na rádio do Serviço Público e na comunicação em geral, uma vez que a empresa também não se manifesta sobre o assunto. Na audiência na Comissão Parlamentar de Cultura e Comunicação, a que compareci no dia 6 de Março, para apresentação do Relatório de Actividade do Provedor de 2017, este assunto foi tema de perguntas de todos os quadrantes políticos, unidos pela preocupação comum quanto a esta situação.

Atendendo ao previsível dano que a situação no centro de emissores de Monsanto poderá causar, o Provedor do Ouvinte apela ao senhor Presidente da Administração da Rádio e Televisão de Portugal para que se junte publicamente à apreensão que reina sobre esta situação e use todos os seus poderes, incluindo poderes excepcionais, para ultrapassar uma crise inesperada da maior gravidade para o presente e futuro da rádio de Serviço Público e para o cumprimento dos deveres que cabem à empresa RTP como concessionária do serviço público de radiodifusão.

É tendo em conta a gravidade e premência desta situação que lhe dirijo este apelo.

SEM RESPOSTA

2. EM NOME DO OUVINTE – Programa do Provedor

Mensagem de 24-02-2018 – Onda Média / Onda Curta

Gostei imenso do seu programa deste fim-de-semana.

Como querem que as pessoas ouçam a onda média se a política da estação pública tem sido reduzir potencias ou simplesmente desligar? Fiz inúmeras viagens de carro pela Europa e Norte de Africa e a minha companhia foi sempre o 666 do CEN ou os 720 kHz de Faro.

Hoje a emissão de Faro não existe e o CEN chega com algumas dificuldades à Av. 24 de Julho em Lisboa devido à brutal redução de potência. Nos Açores desligaram os 837 kHz da Barrosa, no ano 2000 desligaram os 1260 da Espalamaca por queda da torre, há cerca de 3 anos desligaram os 693 de Santa Barbara por queda da torre.

Resta o emissor do Monte das Cruzes nas Flores (828), muitas vezes com o sinal de áudio excessivo que lhe provoca "soluços". Nas minhas viagens aos Estados Unidos levava sempre o meu SONY e até 2011 ouvi sempre o serviço internacional da RDP que também se foi.

Fico muito triste constatar este abandono das plataformas analógicas do serviço público da radiodifusão. Se querem fazer poupanças façam-nas em outras coisas desnecessárias ao bom desempenho da nossa Rádio. Só para terminar a frequência 666 do CEN ouvia-se em qualquer ilha ou no mar dos Açores no período da noite. Hoje ouve-se uma amálgama de sons de fundo provocada pela fraca potência do emissor e pelos delays provocados por outros emissores da estação com a mesma frequência a retransmitir com o intervalo de tempo do satélite. Muito triste!!!

Resposta do Provedor (24-2-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

Ainda bem que se identificou com o programa do Provedor do passado dia 23, sobre o crescente abandono da Onda Média à semelhança do abandono da Onda Curta. E depois, do que fica, o FM, o estado em que está é o que se vê mas cada vez menos se ouve. Agora, a região da Grande Lisboa, que concentra mais de um quarto do auditório da rádio do Serviço Público, está reduzida dos 10 KW de potência para 2 KW, provisoriamente, enquanto se repara uma avaria.

Aconselho-o a que ouça os próximos programas nos quais continuaremos a abordar esta questão.

O abandono da Onda Média foi muito mau para os Açores, pois a OM atinge maiores distâncias que o FM, e tem sido a frequência ouvida nos transportes marítimos, de carga como de recreio.

Oportunamente também estará disponível online o Relatório de Actividade do Provedor relativo a 2017, no qual relato a política de “terra queimada” que está a ser seguida para a rádio – Já foi a Onda Curta, a Onda Média vai pelo mesmo caminho, depois será o FM – e restará por fim uma estação online, o que não é de todos a mesma coisa.

Tudo isto contará com a minha denúncia e oposição.

Mensagem de 17-03-2018 – Em Nome do Ouvinte na Madeira

Caro João Paulo Guerra

Por que razão o programa do provedor do ouvinte foi riscado da programação da rádio na Madeira?

Obrigado

Resposta do Provedor (19-03-2018)

Prezado ouvinte

Com efeito, o programa do Provedor não estava a ser transmitido no Emissor Regional da Madeira e ninguém tinha dado por isso. Incluindo o próprio Provedor, mas a verdade é que não tenho escuta da emissão da Madeira em Lisboa.

O director responsável pelos conteúdos da RDP Madeira, que também não tinha dado pela falta do programa, diz-me que a culpa cabe à “organização que permite autonomia às chefias intermédias”. Terá sido a esse nível que alguém, por imposição de horários, decidiu cancelar a transmissão do programa do Provedor. O director do Emissor Regional diz a isto que “a empresa tem um problema grave de organização” e depois cabe-lhe a ele “pedir desculpa quando há falhas e erros graves”.

Foi o que fez. A partir desta semana, o programa Em Nome do Ouvinte será emitido também pela RDP Madeira.

Agradeço-lhe por ter levantado a questão, permitindo assim a resolução de um problema.

Réplica do ouvinte (19-03-2018)

Boa tarde. Muito obrigado pela atenção e pelo seu empenho em resolver esta questão.

O mais importante, para já está resolvido. A RDP Madeira passará a transmitir o seu programa.

Mensagem de 23-03-2018 - Santos da Casa fazem Milagres

Boa tarde!

Os meus parabéns pela excelente reportagem e pela coragem dos intervenientes (tenho que falar em coragem - basta lembrarmo-nos do que aconteceu a um seu antecessor, que ousou desnudar a falácia do responsável pela RTP/RDP, que invocava o desinteresse das emissões para terras longínquas, como se todos os portugueses no estrangeiro ou no mar trabalhassem em frente de um computador).

Para além de muitas razões que justamente invocaram, também me preocupa que a rádio não tenha uma missão predefinida, e universalmente ensinada e conhecida, como meio de ajuda em emergência. Vimos todos os telemóveis e os telefones a silenciarem-se nas tragédias dos incêndios. Mas também pode haver sismos, ...

Um grande obrigado.

Resposta do Provedor (26-03-2018)

Estimado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço em meu nome e no da equipa que faz o programa Em Nome do Ouvinte.

A rádio do serviço público atravessa um período difícil, após muitos anos de desinvestimento: estúdios e emissores velhos e frágeis, alguns já eram velhos e frágeis quando vieram das Amoreiras ou mesmo do Quelhas para este edifício onde a rádio foi integrada na RTP. E depois há muito gente cujo currículo, vocação e habilitação é dizer que está tudo bem assim.

Felizmente também há profissionais conscientes e com brio, como os que se atreveram a falar e a denunciar a situação, que também vão encorajar outros a tomarem posições.

Quanto ao Provedor, está a cumprir o seu dever, Em Nome do Ouvinte.

E o senhor ouvinte pode colaborar, divulgando a existência do programa e o papel do Provedor.

Muito agradecido, apresento os melhores cumprimentos

Mensagem de 27-04-2018 – Programa do Provedor

Exmo Senhor João Paulo Guerra

Apresento-lhe os meus parabéns pelos seus programas, quer o de 20.04 bem como o de hoje, 27.04.2018, programas de excelente qualidade que só através desta emissora se conseguem ouvir.

Resposta do Provedor (29-04-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

Só esta emissora proporciona os dois programas que tanto lhe agradaram, porque só o Serviço Público tem um gabinete de Provedor do Ouvinte e porque o programa, para além do próprio Provedor, conta com profissionais de elevado nível e grande dedicação e dispõe de acesso a fantásticos arquivos históricos.

O programa, *Em Nome do Ouvinte*, vai para o ar às sextas-feiras, depois das notícias das 16 horas, e fica depois disponível na RTP Play.

Mensagem de 08-07-2018 – Agradecimento

Boa tarde.

Quero felicitar o Sr. Provedor por tudo o que tem lutado pelo futuro da radio pública.

Um grande bem-haja.

Resposta do Provedor (9-07-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

Como deve calcular não é fácil defender firmemente e em todas as situações e circunstâncias posições de princípios. Mas o meu compromisso, que assumi quando fui indigitado para Provedor do Ouvinte, foi defender os interesses dos ouvintes o que, em meu entender, significa defender o Serviço Público de Radiodifusão.

E o Serviço Público de Radiodifusão, tanto quanto me é possível acompanhar e perceber, está refém desde 2004 da integração com a Televisão na Rádio e Televisão de Portugal.

E continua: desde a divisão das receitas da CAV ao desaparecimento de facto da marca RDP, do encerramento da Onda Curta, da condenação à morte da Onda Média, agora ressuscitada para o Mundial de Futebol, da degradação dos centros emissores e dos estúdios, do envelhecimento do equipamento, da escassez de meios humanos, tudo se passa a favor de um meio e contra o outro. Desconfio que a ideia é que a rádio – ou o que reste dela – venha a ser um mero e barato fornecedor de conteúdos para a internet. Porque há quem pense que a Rádio pode ser substituída pela Internet.

A sua mensagem fez-me ganhar este dia e sentir-me com forças para continuar.

Muito obrigado

Mensagem de 25-11-2018 - Associação de ouvintes

Senhor Provedor

Apesar de um dos últimos programas nos ter mostrado um Provedor cansado, a rádio continua. Também porque os provedores não têm poder, já lhe ocorreu "desafiar" os ouvintes a criarem uma associação de ouvintes?

Resposta do Provedor

Senhor Ouvinte

Recebi mais uma mensagem sua que registo.

A sugestão de criar uma associação de ouvintes está completamente arredada dos meus propósitos pelo simples facto de tal não caber ao provedor e por ser impossível assegurar qualquer tipo de representatividade de tal associação.

Quanto ao seu diagnóstico de eu supostamente me mostrar cansado bem pode ser resultado do meu profundo empenho no trabalho com uma dedicação total.

3. SATISFAÇÃO

Mensagem de 07-01-2018 – Saudação e Apreciação

Caro João Paulo Guerra

Uma alegria, a sua indigitação para essa função. Bem-haja e desejo-lhe todas as satisfações possíveis no cumprimento da missão.

Também quero dizer-lhe que, como ouvinte "viciado" em rádio desde tenra idade – já lá vão cinquenta e alguns anos com esse vício –, venho assistindo a um nível de qualidade e de serviços extraordinário. Hoje sou consumidor maioritariamente da Antena 1 e esporadicamente da Antena 2. Os programas que me atraem são aqueles em que há conversa (mas nem todos!). As manhãs da Antena 1 são o máximo, mas também as tardes. Jornalistas de alto gabarito, a nadar como peixes na água, e uma diversidade de temas e abordagens muito enriquecedoras. Os programas temáticos de música e entrevistas aos sábados e domingos, etc., etc.. Na 2, há umas entrevistas em que a qualidade dos entrevistados justifica cada minuto da nossa atenção.

Não gosto: a importância nauseabunda dada ao futebol "dos três grandes" e o directo da Antena 1 entre as 11 e o meio-dia, em que por muito bons que sejam os jornalistas, facilmente se descamba para a manipulação por parte dos intervenientes.

Quando voltaremos a ter João Govern às 10 para as 8? Foi saneamento, puro e duro.

Obrigado pelas potencialidades da internet. Assim, quando tenho tempo livre, ouço o que a vida me impediu de ouvir em directo. Excelente serviço.

Abraço para todos os que têm boa vontade e são eticamente responsáveis

Resposta do Provedor (8-01-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço. O meu dia-a-dia faz-se a ler, investigar e responder a queixas de ouvintes sobre coisas de que não gostam na rádio do serviço público. De maneira que cada mensagem de um ouvinte a regozijar-se com o que ouve é uma festa e, já agora, um acto de justiça.

Vou dar conta da sua mensagem aos directores da Antena 1, Antena 2 e Direção de Informação – que tutela o futebol. Far-lhes-á bem a eles e à programação receber louvores e críticas por algo do que fazem. Concordo consigo que há futebol a mais. Quanto a João Govern começou agora a fazer com Margarida Pinto Correia, aos sábados, 10h, Antena 1, o programa Encontros Imediatos.

Muito grato, envio as mais cordiais saudações

Mensagem de 14-01-2018 - Programas

É da mais elementar justiça, para quem tanto critica a A2 destacar o meu agrado e satisfação pelos vossos programas regulares – O Tempo e a Música, “Coreto”, “A Propósito da Música”, “Música Eterna” – como uma contribuição cultural no mais nobre e simples sentido da palavra. Sou um "analfabeto" musical, e de rádio sei ligar e desligar a aparelhagem. Um simples "gostante" de música de todos os estilos. e agradado por ter pessoas que "gratuitamente" nos dizem o que se passa e passou neste mundo musical. Estes programas estão ao nível de tudo o que se faz de melhor nas outras A 2 ... de Espanha França Suíça que também vou ouvindo como auditor de rádios, mais que visor de televisões...

São estes os programas que podem repetir (sem aviso prévio) para ouvir uma e outra vez. Pois que se mantenham com as equipas que os realizam e produzem.

A gritar: Viva a Antena 2!

Resposta do Provedor (14-1-208)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e registo, com agrado, que se trata da satisfação de um ouvinte por diversos programas e uma antena da rádio do Serviço Público, a Antena 2.

No programa do Provedor, Em Nome do Ouvinte, transmitido em 29 de Dezembro passado, passo em revista as referências de satisfação de ouvintes que distinguiram diversos programas das antenas do Serviço Público, e lá está também a Antena 2.

Pode ouvir na RTP Play em <http://www.rtp.pt/play/p3388/e323070/em-nome-do-ouvinte-o-programa-do-provedor-do-ouvinte-v-serie>

Mensagem de 21-01-2018 - Felicitações

Gostaria que "transmitisse" os meus melhores votos de agrado a toda a equipa pela produção do EXCELENTE programa A CONTAR de David Ferreira... que inicialmente até teria ouvido "a cantar..."

Já há muito tempo que o devia ter feito.

Não gosto de agradecer o que me oferecem porque esses profissionais cumprem de facto o seu destino quando fazem trabalhos desta qualidade... mas queria dizer-vos que estes programas são mesmo MUITO BONS (para mim)

Que alegria ter este programa!

Que tristeza isto só aparecer uma vez por semana. Lá terei de recorrer às tecnologias para re-ouvir estas peças

Muito obrigado!

Resposta do Provedor (22-01-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem e é sempre com alegria que registo a satisfação de ouvintes por algo que ouvem na rádio do Serviço Público.

Vou transmitir o conteúdo da sua mensagem ao Director da Antena 1 e ao autor David Ferreira, que tive o prazer de entrevistar para um dos programas do Provedor sobre a música e a playlist na Antena 1, em 27 de Julho do ano passado.

<https://www.rtp.pt/play/p3388/e297329/em-nome-do-ouvinte-o-programa-do-provedor-do-ouvinte-v-serie>

Mensagem de 26-01-2018 - Programa Fio da Meada

Quero dar os parabéns à Antena 1 e que continue com o programa Fio da Meada por muitos anos com personalidades irreverentes. Especialmente, o Sr. Rui Cardoso Martins (as crónicas "desalinhadas" dele são necessárias!) e a D.ª Alexandra Lucas Coelho que traz temas quotidianos, capazes de me emocionar, com um voz linda e hipnotizante.

Sugestão: melhorem as escolhas musicais (insistem em bandas portuguesas de qualidade questionável, muito fado... há muito boa música portuguesa e não só... que encaixaria melhor no estilo Antena1).

Resposta do Provedor (26-01-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço, tanto mais que ela elogia o trabalho de dois colaboradores de um painel da Antena 1, "O Fio da Meada".

O Rui Cardoso Martins é com efeito desalinhado e muito talentoso e por tudo isso necessário. A Alexandra Lucas Coelho também tem sensibilidade e talento para nos mostrar o mundo e emocionar.

Quanto à música, a questão fia mais fino. Como saberá, a música da Antena 1 é ordenada por uma playlist que respeita a lei, quanto às quotas desta e daquela música, mas cede muito às pressões do chamado "mercado". Já fiz uma recomendação, recordando que «a radiodifusão portuguesa do serviço público, por acréscimo da Lei portuguesa da Rádio, tem também o dever da "qualidade", que nem sempre se conforma com os imperativos

do "mercado". Assim, a playlist poderá fazer sentido desde que estes princípios e deveres do serviço público sejam respeitados e a qualidade acautelada»

Mais dia, menos dia, terei que renovar e reforçar o parecer.

Pedi à Direcção de Informação que transmitisse aos dois comentadores a sua opinião elogiosa.

Mensagem de 27-01-2018 - Dizer bem

Boa Tarde.

Hoje na antena 1 - aproveitou-se quase tudo - acordei com a reposição do "vivo" programa das madrugadas 5h/7h, depois o João G./Margarida P. Correia conduziram com mestria e emoção (Margarida) a conversa com... e Miguel Sousa Tavares. De seguida a Maria Flor trouxe-nos a realidade humana e inteligente na entrevista ao Prof. Sobrinho Simões. Para fechar em bom, vieram como sempre os "Radicais Livres". Aproveito ainda para dizer que ouço e gosto de "Um homem e uma mulher" e "A páginas tantas".

Bem hajam.

Resposta do Provedor (29-01-2018)

Estimada Ouvinte

Recebi a sua mensagem a que me apresso a responder.

É sempre motivo de agrado para o Provedor a satisfação dos Ouvintes por algo que ouvirem na rádio do Serviço Público. Fico muito feliz pelas suas amáveis palavras a respeito da manhã de sábado.

O Provedor não dirige a programação, mas saber os ouvintes satisfeitos, a ponto de se darem ao trabalho de o manifestar, para quem representa os ouvintes e intermedia as suas queixas ou manifestações de regozijo, é um motivo de satisfação.

Não deixarei de passar a sua mensagem à direcção da Antena 1, com pedido de que a faça chegar aos visados.

Mensagem de 12-01-2018 – 2 elogios... e umas questões

Exmo Senhor Provedor

A Antena 1 mora cá em casa, em permanência e desde sempre.

Umhas horas antes do programa de hoje, ouvi que é depois das 16, mal cheguei, 16h 13, comecei a ouvir.

Fiquei curioso quanto a um dos aspetos focados, e se calhar, adiante, terei de acrescentar outro elogio.

O primeiro elogio: Embora a voz do Provedor seja grave, foi fixe a forma como detalhou os passos, os cliques, ate o ouvinte chegar ao email.

O segundo elogio. Reiterando que nem sempre ouço o programa, mas pelo que ouvi no ano 2017, vou evidenciar um elogio, pois outros provedores fizeram asneira. Explico: os anteriores provedores ouviam e colocavam no ar a opinião dos trabalhadores da radio visados nas criticas dos ouvintes. Regra geral, os ouvintes reclamantes resultavam humilhados. Mesmo que num caso ou outro, se percebesse que o ouvinte não prestava. Mesmo assim.

A seguir três casos que certamente merecerão a atenção do Senhor provedor.

Caso 1: porque é que ao domingo, nas notícias das 8 horas da manha não é dita a notícia que mais interessa aos ouvintes, os graus que faz no porto, lisboa e faro? Seriam mais uns pouquitos segundos. Não tenho a ideia de que o façam antes do sinal horário das 8 horas, mas porque não o fazem?

Caso 2: também no seu programa de hoje, que será o balanço de 2017, é dito ou temido que a radio seja para acabar. E como crescentemente começo a perceber que a radio esta a vocacionar-se para os condutores, aos mais ouvintes restarão migalhas?

Caso 3: tal como a missa, que é uma tradição na antena, também o futebol. Mas ao longo dos tempos tem havido muito exagero, muito futebol. E não estou a referir-se a um europeu ou mundial. O assunto foi abordado por todos os provedores, mas mal.

Compreendo que os trabalhadores do departamento desportivo ate fizessem gala em oferecer futebol a torto, e a direito a ouvintes.

Foi criada a antena 2 e 3, e nunca ouvi sequer discussão para criar-se a 4 para desporto.

Repito: uma coisa é tradição (tardes e ate noites domingo e noites sábado).

Repare, faz favor: por que raio, fora disso, os ouvintes, que até são permanente à radio, ao contrário de muitos que só descobrem a radio quando emite futebol, ficam privados da antena 1 ?

Esta é que é grande questão, o respeito pelos ouvintes, que nunca vi abordado.

Resposta do Provedor (16-01-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem e, seria falsa modéstia escondê-lo, fiquei feliz com os elogios ao programa do provedor, um trabalho de equipa.

Sobre os casos que coloca:

Caso 1 – O compromisso da Antena 1 com a transmissão da Missa de Domingo inclui o início da missa às 8 horas. São 2 minutos de síntese de notícias, um jingle da estação e segue para Eucaristia Dominical.

Caso 2 – A minha preocupação, como Provedor, como cidadão e como profissional, é que a rádio esteja a ser esvaziada e, quando estiver vazia, fecha ou pendura-se na internet sem nada daquilo que fez dela o mais próximo dos meios de comunicação. Não deixarei de denunciar e de lutar contra esse cenário.

Caso 3 – Há excesso de futebol na antena da rádio do Serviço Público; excesso de futebol na TV; não há matéria para três jornais diários dedicados em mais de 90 por cento ao futebol. E o maior espaço dedicado ao futebol, em detrimento das restantes modalidades, não é sequer sobre a competição saudável mas acerca de intrigas doentias. Já propus, como Provedor, “mais relato do futebol e menos comentários”; o relato é o jogo visto pelos ouvintes nas vozes dos relatores, é objectivo; o comentário é o reino da subjectividade. A direcção de informação, que tutela o desporto, esteve de acordo com a minha proposta mas não mudou nada até hoje.

Não creio que alguém defenda na empresa uma antena de desporto para a rádio, porque tirar o futebol da Antena 1 é tirar-lhe muita audiência. Para já vou continuar a pugnar por menos futebol, e mais informação desportiva, e no futebol “mais relato e menos comentário”.

Mensagem de 10-02-2018 – Felicitações pelo serviço público

Ao Provedor

Apresento as minhas felicitações pelo bom trabalho e escolha de programação, especialmente da Antena 2 e da RTP2. Apesar dos 200 canais disponíveis em casa, acabamos por ver essencialmente a RTP2. A experiência da rádio vai preferencialmente para a 2.

Quanto à Antena 1 tem bons programas, especialmente de divulgação, que nunca são demais. Esta antena peca, no entanto, por excesso de futebolismo, que lamentamos profundamente.

Os nossos parabéns pelo bom serviço

Resposta do Provedor (12-02-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

As mensagens de satisfação são especiais, pois elogiam a rádio do Serviço Público e dão conta de motivos de satisfação dos ouvintes.

Comunicarei essa satisfação aos directores competentes, para que as divulguem pelas respectivas equipas.

Não deixarei de assinalar também o “excesso de futebolismo”, que lamenta.

Mensagem de 16-02-2018 – Programa 'À Esquina da Um'

Caro Sr. Provedor do Ouvinte,

Escrevo-lhe porque os provedores, também servem para que se lhes diga o que está bem e o que gostamos.

Foi com grande emoção que ouvi há umas semanas a repetição (ainda que sem continuidade) do programa 'À Esquina da Um', aquando da morte do seu autor, António Cardoso Pinto, o qual o apresentava diariamente na Antena 1, entre 1996 e 1998. Este referido programa foi de extrema importância para mim, marcou-me profundamente e deixou-me uma saudade que nunca mais consegui esquecer.

Tenho desde há quase 20 anos procurado, sem sucesso, mais informações sobre o programa, nomeadamente tenho tentado encontrar um episódio do programa, que possa guardar e ouvir sempre que quiser.

Uma vez que o referido programa não se encontra listado no arquivo de programas da RDP, Já contactei o arquivo no sentido de saber como obter o áudio de um qualquer episódio do programa, ou então, pelo menos tentar saber qual a obra musical que era o genérico/introdução, mas sem qualquer resposta.

A minha questão é, caso exista e seja possível, como poderei obter um registo sonoro do programa, ou já me satisfazendo bastante, obter a informação do nome do autor e da obra genérico/introdução desse programa, sendo o objectivo apenas e só a utilização pessoal e privada.

Grato pela atenção dispensada.

Resposta do Provedor (16-02-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e cujo conteúdo partilho.

Os programas 'À Esquina da Um', de António Cardoso Pinto, não estão disponíveis na RTP Play mas existem em arquivo, segundo informação que este serviço prestou ao provedor.

O que lhe sugiro é que o senhor ouvinte através do site da RTP, na barra de cima chegue à divisão ARQUIVOS e uma vez nesta clique em SERVIÇOS e aqui siga as instruções: registe-se e preencha o formulário a solicitar cópia de outros conteúdos que não estão ainda disponíveis online.

Espero que obtenha o que pretende e que usufrua os programas de António Cardoso Pinto 'À Esquina da Um'.

Mensagem de 19-02-2018 – Parabéns

Parabéns a rádio pública pelo bom serviço que esta a prestar.

O debate sobre os incêndios esta óptimo.

Aliás, a Antena 1 está excelente. Esperemos não haver retrocesso...

Resposta do Provedor (19-02-2018)

Prezada ouvinte

Recebi a sua mensagem de parabéns à Rádio do Serviço Público. Como deve calcular, manifestações de ouvintes satisfeitos é o melhor que o Provedor pode receber.

Vou transmitir aos seus parabéns à Direcção da Antena 1, nomeadamente pelo debate sobre os incêndios.

Mensagem de 19-02-2018 – Pregador - palavra homógrafa

Boa tarde!

Em primeiro lugar, quero agradecer a excelente qualidade do serviço público de rádio quer da Antena 1 quer da Antena 2 (não costumo ouvir a Antena 3).

Ouçõ mais frequentemente a Antena 2 e hoje, nas "Palavras de Bolso", a propósito de um texto do Padre António Vieira, constatei a confusão na articulação das palavras pregar e pregador. Trata-se de palavras homógrafas, que de facto exigem atenção ao contexto para serem devidamente articuladas.

Sei que a responsabilidade destes textos não é da Antena 2 mas do PROLE. Peço no entanto o favor de transmitirem este meu reparo (que insiro abaixo) às responsáveis por esta rubrica diária.

Muito obrigada.

Nota para as autoras da rubrica "Palavras de Bolso":

Se alguém prega pregos, o "e" de pregar e pregador é mudo; se falamos de um padre que prega um sermão, então as palavras pregar e pregador leem-se com "e" aberto. Esta homografia já acontece há muitos anos, não decorre do tão falado acordo ortográfico.

Obrigada pela atenção.

Resposta do Provedor (19-02-2018)

Prezada Ouvinte

Recebi a sua mensagem que segui com toda a atenção.

É sempre grato para o Provedor tomar conhecimento da satisfação de ouvintes em relação a prestações e programas da rádio de Serviço Público. Registo que na sua opinião a Antena 1 e Antena 2 prestam um serviço de “excelente qualidade”.

Quanta à edição de “Palavras de bolso”, suponho que do dia 15 de Fevereiro – 'Sermão de St.º António aos peixes', do Padre António Vieira, Música: quinteto 'A truta', de Schubert – transmitirei a sua crítica à direcção da Antena 2, com indicação de que a faça chegar às autoras da rubrica que, de facto, acentuam incorrectamente a palavra 'pregador' ao deixarem a vogal 'e' muda na referência ao pregador padre António Vieira. A menos que seja uma gracinha, da qual os ouvintes não se apercebem.

Mensagem de 18-02-2018 – A contar - David Ferreira

Boa noite, Provedor João Paulo Guerra,

Acabei de re-ouvir um dos últimos episódios do "A contar", do David Ferreira, concretamente a propósito de uma adaptação de Mário Laginha (voz do Camané) do poema "Ai Margarida", de Álvaro de Campos. No programa, David Ferreira refere-se a uma segunda adaptação do poema que, de tão fraca, nem sequer foi apresentada. Ora eu tive a sorte de, num Bons Sons de há coisa de 3-4 anos, conhecer uma banda chamada Guta Naki (no que terá sido o seu derradeiro concerto) que tem uma versão maravilhosa deste poema. Bem entendido, "maravilhosa" para mim; quero acreditar que a tal segunda versão omitida do programa não era a dos Guta Naki e que o David Ferreira a desconhece... e gostava, confirmando-se esta hipótese, de partilhar com ele esta versão.

Termino enviando um cumprimento de admiração profunda para o David Ferreira, autor de dois dos melhores programas da "minha" rádio.

Votos de continuação do óptimo trabalho,

Resposta do Provedor (19-02-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem e nesta data contactei por correio electrónico David Ferreira, autor do programa “A Contar”, transmitindo-lhe os seus cumprimentos de admiração. Comuniquei-lhe também que o ouvinte tem acesso a uma versão de “Ai Margarida”, de

uma banda chamada Guta Naki, que ouviu há 3 / 4 anos no Bons Sons e que quer acreditar que não seja a segunda versão omitida do programa.

Quanto à possibilidade de partilhar com David Ferreira essa versão, dir-lhe-ei depois alguma coisa.

Mensagem de 13 Maio 2018

Boa tarde,

Estabeleço este contacto, em primeiro lugar, para elogiar e agradecer os óptimos programas que os profissionais da Rádio Pública disponibilizam a quem quer usufruir deles. Dentre eles destaco, na Antena 1:

O Programa da Manhã, com todos os seus intervenientes (Portugalex, O Fio da Meada, Mata Bicho, etc.), O Esplendor de Portugal, Contraditório, Encontros Imediatos, Os dias do Futuro, Vozes da Lusofonia, À Volta dos Livros, etc, etc.;

Na Antena 2:

Um Certo Olhar, A Força das Coisas, Antena 2 Ciência, A Ronda da Noite, Baile de Máscaras, Jazz a 2, etc.. Sempre que me encontro em casa ou no automóvel (e, até no comboio ou em caminhadas) estou a ouvir rádio em direto ou em podcast.

Aproveito para fazer uma sugestão (com base na minha experiência de 40 anos no ensino, lidando com estudantes e professores) - porque não fazer "5 minutos de Matemática" (à semelhança do " 5 minutos de Jazz"), e contribuir para a desmistificação do "papão" que tanto continua, ainda, a condicionar as escolhas dos nossos jovens? Seria um ótimo serviço prestado ao desenvolvimento futuro do país e que (com histórias, questões e humor) traria, por certo, mais ouvintes jovens para a rádio.

Resposta do Provedor (15-05-2018)

Senhora Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço e que enviei para conhecimento e apreciação aos directores da Antena1 e Antena2.

No caso da Antena2, recebi já resposta do respectivo director, considerando a sua proposta para criação de um programa de "5 minutos de matemática", uma sugestão a anotar por parecer bem construtiva.

No fraco apoio que o Provedor pode dar à concretização da sua sugestão, conte com ele.

Mensagem de 19-09-2018 – Reportagens Antena 1 – Nem tudo é mau

Se a minha última mensagem, ou melhor, a mais recente mensagem enviada por mim ao Provedor se referia à péssima ideia da saída de António Macedo da Rádio (...) hoje não posso deixar de enviar uma mensagem de parabéns aos autores da Reportagem passada na Antena 1, "Com Olhos de Ouvir", de Rita Colaço, com sonoplastia de Paulo Castanheiro. Ouvi com auscultadores como recomendado – não com "óscutadores", como disse o pivot da manhã – e senti-me dentro daquelas ruas, das estações dos comboios e nos sítios por onde a reportagem foi passando. Calcei os sapatos do jovem Telmo Baldé. Uma reportagem que nos contou uma história de vida. Não é isso que se espera das reportagens, afinal?!

A inovação resultou. O som foi trabalhado com pinças.

Muitos parabéns, pois então!

A ouvinte agradece

Resposta do Provedor (20-09-2018)

Estimada Ouvinte

Recebi a sua mensagem que me encheu de satisfação.

Em primeiro lugar por partilhar comigo o gosto – que também tive – de ouvir e apreciar o melhor da Rádio: uma enorme reportagem da grande Rita Colaço, com sonorização de Paulo Castanheiro, com quem trabalhei nos anos 90.

Em segundo lugar, por constatar que continua a ouvir o Serviço Público de Rádio e ainda bem. Como diz, e bem, a reportagem, com a tecnologia de som 3D, e a mestria da repórter e do sonorizador, coloca os ouvintes naqueles lugares por onde se vai desenrolando o enredo, a privar com aquelas pessoas e as respectivas histórias de vida, em particular com o Telmo Baldé.

Vou naturalmente fazer chegar à Rita Colaço, que por sua vez fará chegar ao Paulo Castanheiro, a sua mensagem de satisfação. Toda a gente gosta de saber-se apreciado...

Mensagem do Provedor para Rita Colaço (20-09-2018)

Rita Colaço

É com imenso gosto que te transmito a mensagem de satisfação de uma ouvinte pela tua reportagem "Com Olhos de Ouvir", e que junto às palavras da ouvinte as minhas próprias felicitações pela qualidade deste teu trabalho e do Paulo Castanheiro.

É do seguinte teor a mensagem da ouvinte (...)

Resposta de Rita Colaço ao Provedor (21-09-2018)

João Paulo

É tão bom percebermos que a nossa dedicação ao som reverbera nos ouvintes!

Fico feliz por termos arriscado e ter resultado. Afinal, com poucos recursos, mas com as parcerias certas, conseguimos que o serviço público siga nos carris da inovação.

Em meu nome e em nome do Paulo Castanheiro, muito muito muito obrigada!

Rita Colaço

Mensagem de 21-11-2018 - Felicitação pela qualidade do serviço de programação da Antena 2

Estimado provedor do ouvinte

Já tinha retomado há algum tempo a escuta radiofónica, que era algo que já não fazia há muito tempo. Não há dúvida que a rtp1, a rtp2, são as melhores estações de televisão em Portugal de momento oferecendo serviço público na verdadeira ascensão do termo. O mesmo se passa com a rádio, quer a antena 1, quer a antena 2, quer a antena 3, que a par da RUM, da RUC e da RUA (rádios universitárias do Minho, de Coimbra e do Algarve), são as melhores estações de rádio em Portugal, sem qualquer sombra de dúvida. Estão todos de parabéns, estão todos a fazer um excelente trabalho. Às vezes há coisas com que não me identifico ou que me magoam na grelha de programação quer da rádio quer da televisão pública, mas como disse alguém que conheço recentemente, o humor não é um problema. O problema está na inteligência com que é feito, e na inteligência com que é recebido.

Resposta do Provedor (22-11-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem e, pela parte que diz respeito à Rádio, agradeço as referências que faz e transmiti-las-ei às direcções das estações do Serviço Público de Radiodifusão a que se refere, Antena1, Antena2 e Antena3.

É sempre gratificante para o Provedor que os ouvintes se deem ao trabalho de comunicar para enaltecer o esforço e o labor de quantos trabalham nas estações de rádio do Serviço Público.

Não tenha qualquer retraimento em contactar o Provedor em relação aos casos que lhe desagradam nas grelhas de programação.

Mensagem de 9-12-2018 – Parabéns

Sou uma ouvinte assídua da Antena1, desde manhã até à noite, e gostaria de felicitar toda a equipa pelo excelente trabalho que fazem todos os dias. Muito obrigada pelos momentos agradáveis que nos fazem passar.

Resposta do Provedor – 10-12-2018

Senhora Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

Os seus parabéns serão transmitidos às direcções de Programas e de Informação da Antena1.

É sempre muito gratificante que ouvintes dediquem um mínimo do seu tempo a reconhecer o esforço dos que trabalham para eles, nem sempre com as melhores condições mas sempre com espírito de Serviço Público.

Mensagem de 18-12-2018 – Agradecimento

Estou reconhecida pela consideração mostrada pelas opiniões de uma ouvinte avulsa.

Resposta do Provedor (21-12-2018)

Senhora Ouvinte

Recebo de ouvintes da RDP centenas de queixas, críticas, apreciações, perguntas, dúvidas, manifestações de satisfação e estas últimas, como deve calcular, são as mais raras. É muito mais fácil deitar abaixo, demolir, ser agressivo, eventualmente malcriado, do que elogiar alguma coisa de que se gosta ou na qual se reconhece um esforço por fazer bem e merecer o público que se tem.

O seu caso foi raríssimo entre a correspondência dos ouvintes, porque analisou a programação, avaliou o trabalho e destacou quem entendeu que deveria destacar. Até distinguiu o facto mais negativo do ano e, segundo a minha própria avaliação pessoal, acertou em cheio ao indicar o afastamento do António Macedo, acontecimento penoso para o Serviço Público de Rádio e susceptível de atingir a credibilidade e grau de confiança que os decisores desta empresa deveriam merecer.

O diálogo que mantive com a senhora ouvinte foi simplesmente aquele que me pareceu justo e proporcional ao seu empenho em contribuir para a melhoria da Rádio do Serviço Público.

Mensagem de 21-12-2018 – Elogio

No dia em que Joana Marques deixa o programa da manhã da Antena 3, venho elogiar este excelente programa, que conta(va) com 4 grandes profissionais da rádio e da comunicação. Agora ficam 3, espero que continuem a fazer o melhor e mais elegante programa de rádio da manhã.

Na Antena 2, são perfeitas as entrevistas de João Almeida, assim como o estilo austero e seco dos "dias da História".

Uma pérola, o programa do MEC "SOS Vinil".

Resposta do Provedor (21-12-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem que me encheu de alegria, como sempre acontece quando um ouvinte se dá ao trabalho de escrever ao Provedor para elogiar algo que ouviu no Serviço Público de Rádio. Não é que a Rádio não tenha excelentes programas em todas as antenas e a várias horas do dia. Mas é sempre mais fácil criticar do que elogiar.

Comunicarei aos directores das Antena1, Antena2 e Antena3 os seus elogios aos programas "SOS Vinil", "Quinta-Essência" e "Manhãs da 3".

4. QUESTÕES TÉCNICAS E MULTIMÉDIA

Mensagem de 24-12-2017 – Problemas com o transmissor de radio

Na área onde eu resido, Mogadouro, costumam existir problemas de transmissão da rádio Antena 3. O último dos quais mantém-se há várias semanas e é um ruído de fundo bastante audível e incomodativo.

Como não sei quem se deve contactar nestas situações resolvi escrever ao provedor do ouvinte.

Resposta do Provedor (5-01-2018)

Prezado Ouvinte

Informa-me o Director dos Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia das rádios do Serviço Público que, na realidade, o problema não era com os emissores de Bornes, que servem a região de Mogadouro, mas com o receptor de satélite, pelo que automaticamente passou para a emissão por retransmissão dando origem à introdução de ruído existente.

O Director acrescentou que foi reparada a avaria do receptor de satélite pelo que a emissão normalizou.

Agradeço a colaboração que prestou para resolução deste problema, denunciando-o. Não sei se terá chegado a ser contactado pelos serviços para identificação e resolução do problema em directo.

Nova resposta do Provedor (8-01-2018)

Prezado Ouvinte

Uma vez que foi reparada a avaria do receptor de satélite, pelo que a emissão normalizou, cessando a introdução de ruído, devo considerar resolvida a questão que me apresentou. E assim não penso que seja necessário o contacto directo consigo por parte do serviço de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da rádio do Serviço Público.

Folgo que assim seja.

Para qualquer nova questão que se levante pode contar com o Provedor do Ouvinte.

Mensagem de 1-01-2018 – Programação dia 1 de janeiro

Depois da transmissão do concerto de ano novo, ofereceram-nos uma peça musical de Schubert... e um silêncio de MUITO TEMPO.

Nada nos é dito... é assim ficamos no tempo do "programa segue dentro de momentos".
LAMENTÁVEL

Final do dia programa de debate crítico “Um Certo Olhar” que foi preparado para ser ouvido na véspera de Natal... exibido hoje, esperamos que em repetição SEM AVISO o que é frequente... LAMENTAVEL

SE a ideia é acabar com a Antena 2 acho uma péssima ideia!

Resposta do Provedor (2-01-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua crítica que muito agradeço e que não deixarei de fazer chegar à Direcção da Antena 2.

Posso adiantar-lhe o seguinte. A programação da Antena 2, como de grande parte da programação de toda a rádio do serviço público, está a ser produzida em condições técnicas e tecnológicas muito frágeis. Foram muitos anos de austeridade e de cortes orçamentais, em meios humanos e tecnológicos, os orçamentos actuais são de reposição, é difícil andar para a frente.

A Antena 2, por exemplo, perdeu grande parte dos técnicos, de gravação, captação e emissão. Grande parte das emissões são realizadas em auto-operação, isto é, operadas tecnicamente pelo realizador ou locutor. E grande parte das emissões, madrugadas, feriados, fins-de-semana, correm em sistema de “piloto automático”, pré-gravadas e operadas pelo sistema tecnológico.

A rádio do serviço público, toda ela, está a precisar de muita atenção e de forte investimento. Recuso-me a aceitar a ideia de que há por aí um plano tenebroso para deixar cair e vender os destroços como sucata.

Manter-me-ei atento e peço-lhe que também o faça e comunique sempre as deficiências que encontrar.

Com votos de bom ano de 2018

Réplica do ouvinte. Mensagem de 2-01-2018

Agradeço a resposta que me foi enviada no seguimento de uma reclamação à vossa programação da Antena 2. Pela primeira vez fui entendido, e atendido, e fico com alguma tristeza pelo teor do que me é referido. Talvez devesse ser do domínio público as dificuldades por que passa essa estação "minoritária", mas que é onde tenho sintonizada uma telefonia que ligo diariamente. Hábito de há anos... tantos que até vejo, e muitos, jogos de futebol com o som da Antena-2... óperas do Met, e Chelsea- Arsenal na TV....

Uma perversão pessoal, mas muitos farão outra utilização.

De todas as formas agradeço-lhe os termos e fico contente por saber que ainda há quem nos ligue, e responda.

Obrigado, igualmente.

Mensagem de 14-01-2018 – Emissão da Onda Curta e outros

Sr. provedor do ouvinte, na última emissão afirmou que todas as mensagens enviadas para o Sr. obtêm resposta, tal afirmação não corresponde à verdade. Eu, nunca recebi nenhuma mensagem de resposta de V. Ex.

Continua a ser constrangedor ainda não parecer ninguém com responsabilidade na RDP (sim RDP, que isso de misturar com a RTP com a Rádio é um flop) a explicar o porquê do fim das emissões em Onda Curta. Se era para poupar dinheiro poderiam ter emissões com menos horas como faz a congénere Espanhola. É muito mau as emissões em Português ser feitas pela Rádio China Internacional, Rádio Vaticano ou por estações Brasileiras.

É inexplicável também a adopção das famigeradas "play list" na Rádio pública.

Travem por favor o desinvestimento na Rádio via hertziana, a difusão da Rádio pública via Internet é um engodo para justificar a não manutenção dos emissores. A chamada "Rádio Digital" DAB foi outro fracasso.

Sugestão: para poupar dinheiro acabe-se com as emissões em AM e volte as emissões em Onda Curta, ainda que poucas horas por dia.

Resposta do Provedor (14-01-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

1 - Quanto a mensagem anterior que não lhe foi respondida, consegui localizá-la: é de 12-02-2015 reclamando “Reponham as emissões da RDPI”, e foi dirigida à anterior provedora, Dra Paula Cordeiro. Está no gestor de mensagens de ouvintes com a indicação de que se encontra “em análise”... há mais de dois anos. Peço-lhe desculpa, embora a recepção da queixa e o seu não andamento não se tenham passado comigo.

2 - Quanto “a explicar o porquê do fim das emissões em Onda Curta” – Fiz dois programas inteiramente dedicados à RDPI e à Onda Curta – que pode ouvir na RTP Play, datas de 10 e 17 Novembro 2017 – nos quais deixei bem claro que a actual administração da RTP se recusa a responder a perguntas que lhes fiz como sejam: Quem decidiu a extinção da Onda Curta? Quando? Com base em que estudos e argumentos?

Tenho também defendido as emissões hertzianas e no programa que fiz sobre a RDPI – 3 Novembro – deixei claro as dúvidas sobre substituição da Onda Curta por retransmissão

através de emissores alheios. Também defendi a marca RDP no programa de 15 de Dezembro – está em marcha uma proposta da administração para as rádios serem de marca RTP – e neste programa contei mesmo o caso de Timor onde a estação da RDP fora ocupada por emissões da União Europeia.

Espero ter respondido às que suscitou. Da minha parte continuarei a defender as posições que entendo serem do interesse dos ouvintes e da rádio do Serviço Público.

Mensagem de 15-01-2018 – Perda ou ausência de sinal de Onda Media

Por uma razão exclusivamente economicista a transmissão de sinal Rádio em Onda Média tem diminuído a sua potência dos anteriores 100/ 120 kilowatts para uns residuais 10, afectando quem necessita de informação longe do espectro de cobertura do sinal em Frequência Modelada - FM

Explicando: quem anda no mar longe da costa deixou de poder escutar a Nada Média da Antena 1, coisa que outrora podia fazer mesmo em travessias do Continente para as Ilha Adjacentes, com alguma sorte ainda pode escutar a Rádio Renascença, e toda a cadeia SER Espanhola, pescadores, navegantes, etc., assim como quem reside em zonas montanhosas não cobertas pelo FM fica no "escuro".

Quem decidiu por esta redução de sinal não tem consciência do que se passa para além do seu gabinete ou viatura, e decidiu restringir uma Rádio ao meio urbano. Tenho uma habitação nos Açores, local onde ouvia perfeitamente a Onda Média da RDP e até da Rádio Comercial em 1035 kilowatts do Emissor de Porto Alto então ainda pertencente a RDP, isto respeitante a S. Miguel quanto às ilhas do grupo Ocidental neste momento o silêncio é total. JA não é a primeira vez que estou quase católico de tanto ouvir a Renascença durante as minhas viagens de barco (vela). Havia anteriormente uma opção, mais ruidosa que era a também a defunta Onda Curta que sintonizava num Rádio com HF.

Cordialmente

Resposta do Provedor (16-01-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e que procurei esclarecer com a direcção dos Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da Rádio e Televisão de Portugal.

A resposta que obtive só me surpreendeu pela frontalidade com que foi dada. Informou-me o director desses serviços que «a RTP parou de investir nesta tecnologia (Onda Média) em 2010.»

O director acrescentou que as razões para tal decisão, que não era assumida até agora, são as seguintes:

«1) *Má qualidade de som desta emissão.*

2) *Conteúdos repetidos em relação ao FM (com exceção da áudio-descrição que hoje se faz em TDT).*

3) *Enorme consumo de energia destes emissores.»*

O director acrescentou que «a paragem de investimento em Onda Média, devida essencialmente aos pontos 1 e 3 [má qualidade, consumo de energia] não é exclusiva da RTP. Também a R. Comercial, desativou completamente o seu emissor de Miramar, por razões idênticas. Apenas a Rádio Renascença mantém os emissores de OM e esses afetos ao canal “Sim”, nos locais onde não foi possível adquirir (por via da ARIC) licenças de FM.»

Não deixarei de abordar esta decisão – com a qual discordo profundamente – em futuras posições do Provedor do Ouvinte.

Réplica do Ouvinte (16-01-2018)

Exactamente pelas razões que invoquei! As que têm que ver com os custos de energia, todavia a cobertura em OM é superior a 20 Emissores de FM, a qualidade é inferior, certo! Mas também não é novidade nenhuma, para finalizar direi que a BBC retomou as emissões em OM, possivelmente para contrariar a Antena 1. Os estrategas do 25 de Abril escolheram a OM porque sabiam que tinham escuta das senhas em todo o lado.

Mensagem de 15-01-2018 – Rectificação de informação

Boa noite.

O pedido de rectificação de informação é referente ao programa transmitido na Antena 1 no dia 10.11.2017 pelas 16h. Nesse programa, foi referido várias vezes, que o Emissor S. Gabriel fica localizado em Pegões quando, na verdade, o referido Emissor ficar localizado na freguesia de Canha.

A freguesia de Canha é a maior freguesia do Concelho do Montijo, abrangendo 68% da sua área, e oferecendo serviços como GNR, Bombeiros Voluntários, Santa Casa da Misericórdia e Unidade de Cuidados Paliativos.

Com frequência, verifico a omissão do nome de Canha em prol de outras localidades vizinhas. Como outro exemplo, posso citar que todo o projecto do novo aeroporto que é denominado como localizado em Alcochete fica na realidade na freguesia de Canha.

Como morador de longa data desta vila de nome Canha que tanto prezo, não me agrada que esta seja constantemente ignorada.

Gostaria ainda de pedir, que me informassem do dia e hora em que será feita a rectificação da informação, via telemóvel ou mail.

Resposta do Provedor (16-01-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço. Mas o senhor ouvinte, neste caso, não tem razão.

No programa que refere, Em Nome do Ouvinte, edição nº 24, transmissão Antena 1, dia 10 de Novembro, pelas 16 horas, fiz diversas referências ao Centro de Emissores de Onda Curta da RDP, designado na rádio do Serviço Público por Centro de S. Gabriel, Pegões.

Na primeira referência, logo a abrir o programa – que poderá voltar a ouvir na RTP Play – em <http://www.rtp.pt/play/p3388/e314739/em-nome-do-ouvinte-o-programa-do-provedor-do-ouvinte-v-serie> – o texto diz e o Provedor leu expressamente:

«É oficial: o Centro Emissor de Ondas Curtas da RDP, em São Gabriel, Pegões, está à venda junto de diversas imobiliárias.

RM – inauguração de novos emissores em 2006

«A rádio pôs São Gabriel no mapa, como localidade do colonato de Pegões, freguesia de Canha, concelho do Montijo, distrito de Setúbal.»

Não há pois motivo para qualquer rectificação.

Agradeço mesmo assim a comunicação e a atenção que possa dispensar ao caso do encerramento e venda do Centro de Emissores de Onda Curta da RDP, um negócio que não favorece nem a rádio do Serviço Público nem os Ouvintes.

Mensagem de 30-01-2018 – Falta de sinal

Acontece que estou a morar em Sesimbra à um mês e qual é o meu espanto que não consigo sintonizar a antena1, só consigo a rádio Sesimbra e mais nada. Eu sei que é uma zona difícil mas se tenho um bom sinal com uma rádio local porque que não consigo uma rádio como a antena 1 que por sinal é a minha preferida e para a qual pagamos uma taxa?

Desde já o meu obrigado pela atenção que dispensar.

Resposta do Provedor (14-01-2018)

Prezado ouvinte

Fui informado pela direcção técnica da rádio do Serviço Público, após o contacto que teve consigo, que a receção com o rádio da viatura não apresenta qualquer deficiência.

Já a recepção no interior da habitação não seria expectável dado o senhor ouvinte não dispor de qualquer antena no receptor instalado em casa. A rádio local chega à sua audição por uma questão de proximidade.

Espero que o contacto com os serviços de engenharia da rádio do Serviço Público e esta informação o ajudem a sintonizar, como quer, a Antena 1.

Mensagem de 16/02/2018 (enviada via Linha de Apoio da RTP)

Ouvinte, residente em Cruz de Pau (Seixal) reclama que há 3 dias que não apanha sinal da Antena 1 (95.6). (MTPIRES)

Resposta do Provedor (11-02-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem à qual passo a responder.

O emissor que serve a zona da Grande Lisboa das Antena 1, Antena 2 e Antena 3 em FM está temporariamente reduzido na sua potência de 10 para 2 Kw.

Esta situação deve-se à reparação de uma torre que suporta as antenas da rádio do Serviço Público, localizadas no Parque de Monsanto, em Lisboa, e que foi danificada pela tempestade Ana, no passado mês de Dezembro.

Espero ter respondido à questão que colocou.

Mensagem de 11-02-2018 – Má qualidade na transmissão da Antena 1

Nos últimos dias tenho notado que a Antena 1 se ouve com mais dificuldades. A transmissão piorou consideravelmente de qualidade. Experimentei nos vários rádios que tenho em casa para confirmar se seria um problema do aparelho ou da estação. Em todos se ouvia igualmente mal. Bem como no rádio do carro. Na viagem que fiz para o Algarve deixou de ser possível ouvir a Antena 1 a poucos quilómetros de Lisboa.

Gostava de saber o que se passa e se esta deficiente transmissão vai continuar.

Muito obrigada e continuação de bom trabalho.

Resposta do Provedor (12.02.2018)

Prezada Ouvinte

Recebi a sua queixa que agradeço, registo e lamento.

Há presentemente problemas graves com o emissor de Monsanto que deveria garantir a boa cobertura da Grande Lisboa pela Rádio do Serviço Público.

Vou procurar saber o ponto da situação em relação à reparação que estará a decorrer.

Mensagem de 19-02-2018 – Fraca qualidade da emissão

Boa tarde, tenho experienciado algumas dificuldades em ouvir as emissões da Antena 1, na zona de Lisboa. Gostaria de saber a que se deve esta perda de qualidade e quando se prevê que a situação esteja normalizada.

Resposta do Provedor (19-02-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que segui com o maior interesse.

A tempestade Ana, que se abateu sobre Lisboa em meados de Dezembro, danificou seriamente a torre de Monsanto que sustenta a antena que cobre a Grande Lisboa servindo a rádio FM do Serviço Público em 95,7 MHz (Antena1), 94,4 MHz (Antena 2), 100,3 MHz (Antena 3) e 101,5 MHz (RDP África).

Está em vigor um plano de contingência enquanto se aguarda a aplicação de uma solução definitiva para a emissão das A1, A2, e A3 a partir da Estação de Emissores de Monsanto. Dos trabalhos na Estação Emissora de Monsanto resulta que a potência de emissão ficou desde já reduzida de 10 para 2 KW.

O Provedor do Ouvinte não tem de momento qualquer informação dos Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da Rádio e Televisão de Portugal sobre prazos das obras em curso e da normalização da emissão de FM na Grande Lisboa.

Mensagem de 18-02-2018 – Antena 1 com sinal fraco

Boa noite,

Está prestes a começar o Festival RTP da Canção. Venho informar que o sinal da Antena 1 na Amora/Cruz de Pau está mais fraco desde há uma semana (aproximadamente). Verifiquei a queixa da minha mãe, que vos acompanha durante todo o dia (é invisual), e de facto, o sinal está fraco (95.7 ou 99.4) ao ponto de tornar difícil a compreensão da fala. Verifiquei em vários rádios, em analógicos e em digital, e de facto, nota-se uma fragilidade do sinal que é inabitual. Seja relativamente a outras rádios em frequências próximas, seja em termos de sinal absoluto, o volume precisa de ser muito elevado, e só no rádio digital dá para ouvir, com a antena toda esticada. Terá ocorrido alguma alteração, atmosférica, de potência, ou algum tipo de interferência, local ou não que o justifique?

Solicito que verifiquem o que se passa.

Resposta do Provedor (19-02-2018)

Prezado ouvinte

A tempestade Ana, que se abateu sobre Lisboa em meados de Dezembro, danificou seriamente a torre de Monsanto que sustenta a antena que cobre a Grande Lisboa servindo a rádio do Serviço Público em 95,7 MHz (Antena1), 94,4 MHz (Antena 2), 100,3 MHz (Antena 3) e 101,5 MHz (RDP África).

Está em vigor um plano de contingência enquanto se aguarda a implementação de uma solução definitiva para a emissão das A1, A2, e A3 a partir da Estação de Emissores de Monsanto. Dos trabalhos na Estação Emissora de Monsanto resulta que a potência de emissão ficou desde já reduzida de 10 para 2 Kw.

O Provedor do Ouvinte não tem de momento qualquer informação dos serviços técnicos sobre prazos das obras em curso e da normalização da emissão de FM na Grande Lisboa.

Mensagem de 20-02-2018 – Problemas com o sinal de emissão

Desde sábado passado (17) notei o sinal da RDP2 (94,4 MHz) muito fraco e por isso interferido com estações próximas e ruído. A zona de audição é Corroios-Seixal. Tive oportunidade de o constatar em receptores portáteis de sintonia analógica e digital. Se se confirmar a minha afirmação, espanta-me que não haja informação sobre o problema.

Resposta do Provedor (20-02-2108)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que segui com o maior interesse.

A tempestade Ana, que se abateu sobre Lisboa em meados de Dezembro, danificou seriamente a torre de Monsanto que sustenta a antena que cobre a Grande Lisboa servindo a rádio FM do Serviço Público em 95,7 MHz (Antena1), 94,4 MHz (Antena 2), 100,3 MHz (Antena 3) e 101,5 MHz (RDP África).

Está em vigor um plano de contingência enquanto se aguarda a aplicação de uma solução definitiva para a emissão das A1, A2, e A3 a partir da Estação de Emissores de Monsanto. Dos trabalhos na Estação Emissora de Monsanto resulta que a potência de emissão ficou desde já reduzida de 10 para 2 KW.

O Provedor do Ouvinte não tem de momento qualquer informação dos Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da Rádio e Televisão de Portugal sobre prazos das obras em curso e da normalização da emissão de FM na Grande Lisboa.

Mensagem de 25-02-2018 – Qualidade da sintonia da RDP

Exmo. Sr. Provedor

Não sei se a questão que vou apresentar se enquadra nas suas competências, mas se não se enquadrar solicito-lhe que a encaminhe para a instância adequada.

A questão é a seguinte: hoje dia 25 de Fevereiro, durante a manhã, sintonizei a Antena 1 como é meu hábito. A qualidade da emissão, em termos técnicos, estava muito má, devido à emissão de uma rádio que transmite praticamente na mesma frequência. Pareceu-me que se trata de uma tal "Rádio Tropical".

Penso que a Antena 1, serviço público nacional, não pode permitir que uma qualquer rádio "abafe" a sua emissão. Deve dotar-se de emissores mais potentes ou promover a proibição de emissão de outras rádios que estejam a prejudicar a sua qualidade.

Muito obrigado pela atenção

Resposta do Provedor (26-02-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem, que agradeço, e que se enquadra perfeitamente no âmbito das minhas funções.

O que se passa é o seguinte: o mastro que sustentava as antenas de FM das rádios do Serviço Público (95,7 MHz (Antena1), 94,4 MHz (Antena 2), 100,3 MHz (Antena 3) e 101,5 MHz (RDP África)), localizado em instalações da Marinha, no Parque de Monsanto, foi atingido e seriamente danificado pela tempestade "Ana", que se abateu sobre Portugal, e em particular sobre Lisboa, em 10 e 11 de Dezembro passado.

Em consequência, as estações do Serviço Público, na Grande Lisboa, estão a funcionar nos termos de um plano de contingência, com a potência dos emissores reduzida de 10 para 2KW, o que explica as sobreposições de outras estações. A situação já está identificada mas falta libertar as verbas para as reparações e aquisições de equipamentos. Não tenho, por enquanto, qualquer informação sobre prazos de resolução do problema.

O Provedor considera que a resolução desta questão deverá constituir uma prioridade absoluta para a Administração e as Direcções da rádio do Serviço Público.

Recomendo-lhe que ouça sexta-feira, depois das notícias das 16 horas, na Antena 1, o programa "Em Nome do Ouvinte", da responsabilidade do Provedor – que pode ser ouvido posteriormente online na RTP Play – onde este tema será abordado em profundidade.

Mantenha-se informado e receba os meus cumprimentos.

Mensagem de 20-02-2018 – DAB

Exmo Provedor

Continuamos sem DABs

Porquê?

Há tantos anos...

Resposta do Provedor (21-02-2018)

Senhor ouvinte

Recebi a sua mensagem.

Os projetos para a emissão Digital através do sistema DAB (Digital Audio Broadcasting) iniciaram-se em Portugal no final dos anos 80 e a partir de 1992 fixaram-se as bases para a aplicação de um sistema de recepção. Em 1998, a RDP iniciou as transmissões em DAB por ocasião da abertura da Expo 98, com emissores em Lisboa, Arrábida e Serra de Montejunto, e um outro emissor no Monte da Virgem, em Vila Nova de Gaia.

A instalação da rede previa 74 emissores, cobrindo a totalidade do território continental até ao final de 2004 e as Regiões Autónomas até final de 2006. Apenas 44 foram instalados.

A empresa RDP fez um grande investimento mas a rede DAB acabou por morrer em 2011. Porque a empresa não teve capacidade para produzir programas para o T-DAB. Os programas em FM eram os transmitidos no DAB. A rede DAB é uma rede síncrona. A manutenção e o funcionamento duma rede síncrona exigem muitos meios, inclusive humanos, para tomar conta da rede que trabalha numa única frequência.

E assim, e tendo também em conta o elevadíssimo preço dos receptores, os equipamentos acabaram por ser desligados, embora uma grande parte desses equipamentos esteja a ser usada nas redes de TV em África.

Agora em Portugal, quando se fala em rádio digital, em termos de futuro, usa-se a formulação: quer “seja através de redes DAB, quer seja através de outra tecnologia”.

Espero ter respondido à sua questão.

Mensagem de 3-03-2018 – Sintonizar a Antena 1 passou a ser problemático

Habitado há tanto tempo a sintonizar e a escutar, com qualidade, durante o dia a Antena Um, passei a encontrar no lugar desta estação de rádio, ruído e vozes com sotaque brasileiro que apagam os locutores que sempre me fizeram companhia, ao longo da vida.

A sintonia agora é outra e chega-me diminuta, roufenha, afogada num marmoto ruidoso. Moro em Almada velha, e tal como em Lisboa (onde vivi 63 anos até a gentrificação me expulsar) sempre sintonizei a Antena Um com êxito, deliciando-me a escutar a sua programação. Actualmente acontece este contratempo que espero seja resolvido com eficácia e sem demora.

Resposta do Provedor (5-03-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

Em 10 / 11 de Dezembro passado a tempestade "Ana" ao passar por Lisboa danificou a torre localizada no Parque de Monsanto de onde irradiam a Antena 1, Antena 2, Antena 3 e RDP África. As antenas que cobrem a região da Grande Lisboa da rádio de Serviço Público (SP) estão agora a funcionar segundo um plano de contingência, com os emissores reduzidos de 10 para 2 quilovátios. As antenas da rádio do SP estão a usar a torre das antenas da Rádio Renascença, apontadas para Norte, enquanto as da RR estão orientadas para Sul (cidade de Lisboa e margem sul do Tejo).

A substituição e reparação da torre e das antenas localizadas em Monsanto envolve verbas ainda não libertadas pela Administração da Rádio e Televisão de Portugal / RTP: 150 mil euros... o que equivale a 0,08 por cento da Contribuição Audiovisual que a RTP recebeu no ano passado.

Não sei se o senhor ouvinte, em Almada Velha, poderá eventualmente recorrer ao emissor de Grândola (99.2), ou ao de Montejunto (98.3).

No programa Em Nome do Ouvinte, Antena 1, sexta-feira, após notícias das 16h e depois disso na RTP Play, continuarei a batalhar pela libertação da verba para resolução do problema.

Mensagem de 1-03-2018 – Qualidade do sinal - Porto da Cruz, Madeira

Gostaria de reclamar da qualidade do sinal, sobretudo da Antena 1, na minha região (Porto da Cruz, 9225-240- Madeira), como cidadão e Tesoureiro da Junta de Freguesia local. Esta situação é constante e, por vezes, ficamos sem sinal, ou então, fica com eco na transmissão. Mais grave e que me leva a fazer esta reclamação é o facto de nestes dias, com avisos vários de mau tempo, não haver sinal ou haver somente aos "soluços".

As outras rádios locais, poucas e de fraca qualidade, diria, transmitiam normalmente, enquanto aquelas rádios que eu pago não tinham sinal ou transmitiam com interrupções de segundos. Não é admissível. Espero que resolvam esse problema.

Resposta do Provedor (2-03-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

Contactei a respeito da sua reclamação a direcção do Emissor Regional e os serviços de Engenharia da RTP.

Muito possivelmente, as deficiências que observou na qualidade do sinal, sobretudo da Antena 1, na região de Porto da Cruz, podem dever-se ao facto de a emissão estar a ser transmitida por satélite (por força do temporal/neve que afetou fortemente a estação do Areeiro), dependente da recepção pela antena parabólica e que, com o vento forte, é mais suscetível a falhas na recepção e cortes.

Se foi esse o motivo é suposto que quando a emissão é reposta por feixe, fica logo mais estável.

Até ao novo temporal que ainda persiste, a indicação que havia nos serviços técnicos era que a emissão voltara a funcionar bem. Seria assim? Informe-me se a resposta for negativa, nesse caso contactarei de novos os serviços der engenharia.

Mensagem de 8-03-2018 – Deficiente sinal da Antena 2

Tomei conhecimento, através de um noticiário da Antena 1, da sua audição - desassombrada - na AR.

Retomo as questões que há anos venho abordando:

- Más condições de receção da Antena 2 em Coimbra e na zona centro do país (não há nenhuma AF disponível);
- Não se perceber o abandono do DAB, quando outros países vão acabar com o FM e apostar apenas neste sistema de difusão.

Queira aceitar os meus respeitosos cumprimentos,

Resposta do Provedor (8-03-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Consultado o Gabinete de Tecnologias da RTP posso informá-lo do seguinte:

A resolução para o problema apresentado, que permita aumentar a qualidade da cobertura, será a instalação de uma nova estação emissora para a Antena 2 em Coimbra. Porém, neste momento a RTP não tem em curso nenhuma acção nesse sentido.

No entanto e com o intuito de ajudar a melhorar a qualidade de recepção, sugere-se no caso de recepção fixa a utilização de uma antena exterior apontada para o centro emissor

de Lousã na frequência de 89.3 MHz. No caso da receção móvel, sugere-se a activação da funcionalidade AF do sistema RDS.

Alternativamente dispõe da emissão da Antena 2 em <http://www.rtp.pt/play/direto/antena2>

O maior problema da rádio do Serviço Público é o desinvestimento.

E o desinvestimento na rádio tem um marco que foi, em 2004, a integração com a televisão na chamada Rádio e Televisão de Portugal, ex-Radiotelevisão Portuguesa. A integração serviu, em primeira instância, para os fundos acumulados da taxa de radiodifusão pagarem a dívida monstruosa da televisão: 1.300 milhões de euros em 2003. Depois foi criada a Contribuição Audiovisual, para financiar a rádio, segundo lei de 2003, e cujos eventuais excedentes reverteriam para a tv. Depois, estes termos foram invertidos: a CAV passou a financiar a tv e as sobras ficaram para a rádio. A rádio até perdeu o nome com a integração: Radiodifusão Portuguesa, RDP, embora exista como marca registada, deixou praticamente de se usar.

Com tudo isto, a rádio do serviço público, vive em termos técnicos e tecnológicos, como um museu ao vivo (embora em matéria de museu a rádio também tenha perdido o seu com a integração, passando a dispor de meio núcleo museológico a meias com o núcleo da televisão, de que não existia museu nem núcleo). Pelo que conheço, em Lisboa, o equipamento e mobiliário dos estúdios é o que veio das Amoreiras em 2004 e ainda algum do Quelhas, dos anos 70. Os emissores vão fechando como as ondas: primeiro as Ondas Curtas, extintas sem que ninguém o assuma por escrito e com assinatura, agora a Onda Média tem investimento parado para que se privilegie a FM. Mas a FM de Lisboa, que serve um quarto do auditório da rádio do serviço público, está com uma avaria que exige um investimento de 150 mil euros que nunca mais é libertado, e a potência dos emissores está reduzida a um quinto. E a DAB na qual foi feito enorme investimento ficou pelo caminho.

Perante toda esta situação, o que se pode ser senão desassombrado, não me dirá? É de forma desassombrada que tenho que cumprir o mandato de Provedor do Ouvinte.

Aconselho-o prezado ouvinte a procurar e a ler o livro de um professor da Universidade de Coimbra, Sílvio Correia Santos, intitulado “Da rádio estatal ao modelo integrado”. O autor escreve que a RDP, com a integração, foi... engolida... E tem razão.

Mensagem de 14-03-2018 – Má recepção zona Barreiro

Sou ouvinte, desde há, muitos anos da antena 1. Que era do meu agrado, mas ultimamente, tal não me é, possível ouvir, porque a receção, não existe no meu radio. Frequência- 95.7. O 98.3 muito má e 99.4 também muito má, agradecia que verificassem esta situação.

Resposta do Provedor – 14-03-2018

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

Em 10 / 11 de Dezembro passado a tempestade “Ana” ao passar por Lisboa danificou a torre localizada no Parque de Monsanto de onde irradiam a Antena 1, Antena 2, Antena 3 e RDP África. As antenas que cobrem a região da Grande Lisboa da rádio de Serviço Público (SP) estão agora a funcionar segundo um plano de contingência, com os emissores reduzidos de 10 para 2 quilovátios.

A substituição e reparação da torre e das antenas localizadas em Monsanto envolve verbas ainda não libertadas, passados três meses, pela Administração da Rádio e Televisão de Portugal / RTP.

Não sei se o senhor ouvinte, na zona do Barreiro, poderá eventualmente recorrer ao emissor de Grândola (99.2), ou ao de Montejunto (98.3).

Mensagem de 20-03-2018 – Torres de emissão / sinal que chega aos nossos receptores / homens invisíveis

É com gosto e sem ironia, que oiço neste momento o seu programa (3^afeira, 20 Março 18 às 19h15', Antena 2).

Juntando a notícia de há pouco sobre a degradação dos emissores de Monsanto, tudo se conjuga para eu voltar a afirmar, desculpe a insistência Sr. Provedor, que as mensagens sucessivas e de há anos para cá, se foram acumulando nas caixas de correio dos sucessivos provedores, com razão justificada.

Creio que não é a palmada nas costas que me conforta, simplesmente saber que algo corre mal, aqui em Monsanto, e não só.

O único sabor amargo é o de, nos momentos certos, que já são passado, não ter tido qualquer elucidação sobre este facto - degradação efectiva dos emissores nacionais e também a falta de técnicos, que não é referida neste seu programa - ou do assunto me parecer ter sido desvalorizado por quem representa a nossa voz.

Agradeço a sua atenção

Resposta do Provedor (21-03-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

Ainda recentemente, em entrevista ao programa do Provedor, um técnico da RDP confirmou que o desinvestimento e a degradação das instalações e equipamentos tem um marco original: a integração da rádio com a tv.

Cada provedor que por aqui passou terá o seu método e o seu estilo. Eu trato os assuntos com frontalidade e não sou dado a palmadinhas nas costas. Gosto mais de murros na mesa, para ver se assim saímos da cepa torta.

Tenho insistido com a administração da Rádio e Televisão de Portugal e com os directores das antenas para que sejam prestadas informações aos ouvintes sobre a situação na rede de emissores, particularmente em Monsanto onde a resolução vai ser mais demorada. Os ouvintes têm direito a saber o que se passa e a rádio tem vantagem em que os ouvintes saibam. Esses meus apelos não têm obtido resposta e temo que seja por nenhum responsável conseguir prever quanto tempo vai durar a situação de contingência com os emissores reduzidos de 10 para 2 KW e as antenas de costas para a cidade de Lisboa e a margem sul do Tejo.

Continuarei no meu posto e no meu combate em defesa dos ouvintes, da rádio de serviço público e das pessoas que fazem milagres para que a rádio funcione.

Mensagem de 8-03-2018 – Corte de emissão da Antena 2 no sudeste da ilha do Pico

Moro numa freguesia do sul da ilha do Pico, Ribeiras, onde apenas se consegue captar apenas TRÊS emissoras de rádio: RDP-Açores, Antena 2 e uma estação local ligada 24h à RFM. Faz amanhã, dia 10, SEIS semanas que foi cortada a emissão da Antena 2, a estação que nos faz companhia em casa e no carro. Contactei directamente, já por QUATRO vezes, os serviços técnicos da RDP em Ponta Delgada, que me dizem sempre que vão tratar do assunto. Mas seis semanas depois a situação continua igual e não me é dada uma resposta cabal em relação à resolução deste problema (os cortes de emissão deste canal, e só deste canal, é recorrente nesta parte sudeste da ilha). Agradeço tudo o que possam fazer para se resolver de uma vez por todas este problema.

Obrigado.

Resposta do Provedor (27-03-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua queixa sobre corte da emissão da Antena 2 nas Ribeiras e, como terá provavelmente notado, a emissão já foi reposta.

A avaria foi detectada através da queixa que apresentou, pelo que a rádio do Serviço Público lhe está duplamente agradecida.

Mensagem de 2-04-2018 – Sintonização da Antena 1

É absolutamente inconcebível que a pagar respectiva taxa de difusão mensal à RDP, não obstante as muitas reclamações já dirigidas à própria RDP e à Antena1 (nunca se dignaram responder), a sintonização da Antena 1 (FM) seja tão má na zona do Seixal e adjacências, distorcida pela sobreposição de emissoras próximas da posição de sintonia 95,7.

Solicito que por vosso meio esta missiva chegue às autoridades competentes e logo, responsáveis pela matéria, por forma a, finalmente, dar cobro à referida situação, pois trata-se do não cumprimento unilateral em boa ordem do contrato de um serviço público acordado e devidamente pago.

Resposta do Provedor (2-04-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua queixa à qual dou inteira razão: é inadmissível que nem sequer obtenha resposta para as queixas que tem apresentado, o que passo a fazer.

Os emissores que servem a zona da Grande Lisboa das Antena 1, Antena 2 e Antena 3 em FM estão temporariamente reduzidos na sua potência de 10 para 2 Kw. Esta situação deve-se à substituição de uma torre que suporta as antenas da rádio do Serviço Público, localizada no Parque de Monsanto, em Lisboa, e que foi seriamente danificada pela tempestade “Ana”, no passado mês de Dezembro. A substituição da torre já começou, depois serão instaladas as antenas, ligados a novos emissores e a situação só então estará restabelecida. Não conheço prazos.

Como Provedor tenho procurado informar os ouvintes sobre esta situação através do programa “Em Nome do Ouvinte”. Mas vou voltar a alertar a Direcção da Antena 1 para a necessidade de informar os ouvintes sobre a situação e perspectivas de solução.

Mensagem de 5-04-2018 – Antenas 1 e 2

Era ouvinte assíduo do PROGRAMA DA MANHÃ, diariamente, na Antena 1. Há aproximadamente um mês que não consigo a sintonização na frequência habitual (95.7), o mesmo acontecendo com a Antena 2 (94.4).

Já tentei outras frequências e nada. Este fim-de-semana estive na área de Sesimbra e o problema é o mesmo. Moro em SANTO ANTÓNIO DE CAPARICA. Como poderei continuar a usufruir da rádio pública, entidade para quem pago mensalmente uma taxa?

Resposta do Provedor (6-04-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua queixa que agradeço e à qual passo a responder.

Os emissores que servem a zona da Grande Lisboa das Antena 1, Antena 2 e Antena 3 em FM estão temporariamente reduzidos na sua potência de 10 para 2 Kw, o que para além de lhes diminuir o alcance os tornam mais vulneráveis a interferências. Esta situação deve-se à substituição de uma torre que suporta as antenas da rádio do Serviço Público, localizada no Parque de Monsanto, em Lisboa, e que foi seriamente danificada pela tempestade “Ana”, no passado mês de Dezembro. A substituição da torre de 70 metros de altura e 19 toneladas de peso já começou, depois serão instaladas as antenas, ligadas a novos emissores e a situação só então estará restabelecida. Não conheço prazos para resolução final do problema.

Como Provedor tenho procurado informar os ouvintes sobre esta situação através do programa “Em Nome do Ouvinte” (sextas-feiras, Antena 1, depois das notícias das 16h). Mas vou insistir com a Direcção Técnica e a Direcção da Antena 1 e Antena 2 para a necessidade de informar os ouvintes sobre a situação e perspectivas de solução.

Mensagem de 5-04-2018 – Falta de capacidade de transmissão das rádios Antena 1, Antena 2 e Antena 3

Venho por este meio queixar da atual transmissão rádio pública, que devido a uma avaria, julgo de antena de transmissão, não se ouve e nem se consegue sintonizar da melhor forma na área de Lisboa e margem sul do Tejo, há já algum tempo. Parece um pouco estranho que após algum tempo de "avaria", ainda não se tenha resolvido o problema. Nós contribuintes descontamos para transmissão das rádios e televisão públicas, não será falta de verba espero... este tipo de situações não deveriam arrastar por tanto tempo e nem se compreende a razão pela qual continuamos a ouvir mal as rádios. Onde está o serviço público de qualidade?

Obrigada pela atenção

Resposta do Provedor (10-04-2018)

Prezada Ouvinte

Tem toda a razão na queixa que fez chegar ao Provedor do Ouvinte. O Provedor, nas suas posições públicas, designadamente quando foi ouvido na Comissão Parlamentar respectiva e no Conselho de Opinião, como semanalmente no programa “Em Nome do Ouvinte”, tem denunciado a fragilidade das condições técnicas em que se está a fazer a rádio do Serviço Público e as péssimas condições em que o sinal está a chegar à maior concentração de ouvintes, na chamada Grande Lisboa, a norte e a sul do Tejo.

A reparação dos danos causados pela tempestade Ana, de Dezembro passado, é demorada, não compete apenas à Rádio e Televisão de Portugal e atrasou-se por diversas indecisões. Cabe à Marinha Portuguesa – em cujas instalações se situa a Estação de Emissores – erguer a torre onde serão colocadas as antenas da rádio do Serviço Público. A rádio já terá aberto concurso – obrigatório por lei – para compra de novos emissores.

O Provedor não compreende a razão pela qual a rádio do Serviço Público não dá informação aos ouvintes sobre a situação. A manifestação das opiniões dos ouvintes é essencial para pressionar a solução do problema.

Agradeço a sua mensagem, disponha sempre do Provedor.

Mensagem de 19-04-2018 – Qualidade da emissão da RDP

Aparentemente a rádio tem vindo a perder peso nas prioridades do grupo RDP-RTP. E isso vê-se todos os dias com a qualidade (ou a falta dela) da emissão da Antena 1.

No seu último programa já se referiu a este assunto, trazendo este tema para a discussão pública.

Parece que a administração da empresa publica RDP-RTP esquece que cada vez menos pessoas veem TV (nomeadamente o canal 1) enquanto que a rádio, para muita gente, é a sua companhia diária.

A Antena 1 devia ser uma das rádios com melhor captação e melhor sinal, mas infelizmente tal não acontece, pelo menos onde habitualmente a sintonizo:

a) Nos Olivais - Lisboa, perto dos estúdios da RDP a captação é muito pior que rádios regionais da margem sul, já para não falar de rádios nacionais.

b) Na zona do Cartaxo, frente aos emissores de Montejunto, a sua captação é pior que muitas rádios regionais e nacionais.

Será que as taxas que obrigatoriamente pagamos não deveriam ser uma razão adicional para termos uma melhor Rádio Nacional?

Para onde são canalizadas estas verbas, que são de todos nós?

Um abraço

Resposta do Provedor (19-04-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço. Nos programas do Provedor e em resposta a muitos ouvintes tenho abordado a falta de qualidade da emissão da rádio do Serviço Público, apesar da competência e do empenho de muitos técnicos da RDP que realizam reparações em situações que chegam a ameaçar a integridade física.

Acontece que a passagem da “Tempestade Ana” por Lisboa, em Dezembro do ano passado, danificou seriamente a torre que sustentava as antenas do Serviço Público, em Monsanto. Ora isto afecta em particular os ouvintes da chamada Grande Lisboa, para norte e sul do Tejo.

A reparação é demorada – há que substituir a torre, depois aproveitar para substituir as antenas e omissores – e não depende apenas na RTP, pois a torre é da responsabilidade da Marinha Portuguesa, que aloja o centro de emissores de Monsanto. Também houve hesitações e demoras da própria RTP para libertar as verbas necessárias.

A este respeito e perante outras circunstâncias, tenho denunciado e criticado a subalternidade com que a rádio e a RDP são tratadas – e financiadas – no âmbito da sua integração da RTP / Rádio e Televisão de Portugal. A rádio é parente pobre da empresa, embora mais de uma vez tenha socorrido compulsivamente os défices da televisão.

Não é fácil a função do Provedor do Ouvinte. Mas eu estou aqui para defender uma causa e não cedo. Mas preciso de apoio dos ouvintes.

Disponha sempre

Mensagem de 19-04-2018 - Qualidade da emissão da RDP

Aparentemente a rádio tem vindo a perder peso nas prioridades do grupo RDP-RTP. E isso vê-se todos os dias com a qualidade (ou a falta dela) da emissão da Antena 1.

No seu último programa já se referiu a este assunto, trazendo este tema para a discussão pública.

Parece que a administração da empresa publica RDP-RTP esquece que cada vez menos pessoas vêem TV (nomeadamente o canal 1) enquanto que a rádio, para muita gente, é a sua companhia diária.

A Antena 1 devia ser uma das rádios com melhor captação e melhor sinal, mas infelizmente tal não acontece, pelo menos onde habitualmente a sintonizo:

- a) Nos Olivais - Lisboa, perto dos estúdios da RDP a captação é muito pior que rádios regionais da margem sul, já para não falar de rádios nacionais.
- b) Na zona do Cartaxo, frente aos emissores de Montejuento, a sua captação é pior que muitas rádios regionais e nacionais.

Será que as taxas que obrigatoriamente pagamos não deveriam ser uma razão adicional para termos uma melhor Rádio Nacional?

Para onde são canalizadas estas verbas, que são de todos nós?

Resposta do Provedor (19-04-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço. Nos programas do Provedor e em resposta a muitos ouvintes tenho abordado a falta de qualidade da emissão da rádio do Serviço Público, apesar da competência e do empenho de muitos técnicos da RDP que realizam reparações em situações que chegam a ameaçar a integridade física.

Acontece que a passagem da “Tempestade Ana” por Lisboa, em Dezembro do ano passado, danificou seriamente a torre que sustentava as antenas do Serviço Público, em Monsanto. Ora isto afecta em particular os ouvintes da chamada Grande Lisboa, para norte e sul do Tejo.

A reparação é demorada – há que substituir a torre, depois aproveitar para substituir as antenas e omissores – e não depende apenas na RTP, pois a torre é da responsabilidade da Marinha Portuguesa, que aloja o centro de emissores de Monsanto. Também houve hesitações e demoras da própria RTP para libertar as verbas necessárias.

A este respeito e perante outras circunstâncias, tenho denunciado e criticado a subalternidade com que a rádio e a RDP são tratadas – e financiadas – no âmbito da sua integração da RTP / Rádio e Televisão de Portugal. A rádio é parente pobre da empresa, embora mais de uma vez tenha socorrido compulsivamente os défices da televisão.

Não é fácil a função do Provedor do Ouvinte. Mas eu estou aqui para defender uma causa e não cedo. Mas preciso de apoio dos ouvintes.

Mensagem de 25-04-2018 – Colocação das rádios RTP na TDT

Bom dia Provedor do Ouvinte,

Venho escrever-lhe esta mensagem para a RTP colocar as rádios do grupo na TDT.

Gostaria de ver todas as rádios (Antena 1, Antena 2, Antena 3, RDP África, RDP Internacional, Antena 1 Madeira, Antena 3 Madeira e Antena 1 Açores).

Resposta do Provedor (26-04-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Em entrevista ao programa do Provedor, transmitida em 6 de Outubro do ano passado, o presidente da Rádio e Televisão de Portugal, Gonçalo Reis, declarou:

“Logo que seja possível queremos colocar os canais de rádio na TDT”.

Portanto, ouvintes e rádio, estamos todos à espera que “seja possível”, com a consciência de que haverá outra ordem de prioridades.

Mensagem de 22-04-2018 – Como poder ouvir as rádios da RDP via WEB

Boa tarde.

Estou a escrever este pedido de informações em nome do meu pai que se encontra cego e as rádios da RDP são uma das suas companhias diárias.

O meu pai adquiriu recentemente um equipamento específico para cegos (Blaze EZ). Entre as inúmeras funcionalidades uma delas é permitir ouvir radio via web (pois a qualidade de som é substancialmente melhor que via FM)

Passo então a explicar as dificuldades encontradas:

O Blaze EZ permite fazer uma pesquisa de rádios web mas, infelizmente, não encontra as da RDP.

Podemos adicionar manualmente via um PC o/os links de uma emissora pretendida mas, mais uma vez, os links da RDP não funcionam (mesmo os do código HTML). Posso dizer que já tentei de tudo.

Já contactei a própria marca que me diz que esse é o procedimento correcto e uma forma de testar a compatibilidade é inserir os links por exemplo no software VLC.

Acontece que no VLC também não consigo nada do grupo RDP.

Apelo à vossa compreensão e se possível uma forma de revolver este problema pois haverá muitos cegos por aí que não ouvem a RDP via web.

Obrigado pela vossa atenção e compreensão

Resposta do Provedor (3-05-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem e começo por lhe pedir desculpa pelo atraso na resposta mas tive que fazer sucessivos contactos na RTP Multimédia até bater à porta certa.

E então posso informá-lo do seguinte:

Para que os utilizadores da RTP possam ouvir/ver os conteúdos da estação pública, devem utilizar as plataformas do grupo disponíveis para o efeito (não existem link diretos para os streams da RTP).

Em alternativa, o utilizador pode tentar o serviço TuneIn. Listo em baixo as estações RDP na plataforma:

- RDP África <https://tunein.com/radio/RDP-frica-1015-s25214/>

- RDP Internacional <https://tunein.com/radio/RDP-Internacional-941-s6747/>

- RDP Madeira Antena1 - <https://tunein.com/radio/RDP-Madeira-Antena-1-955-s66480/>

Caso não consiga ouvir as emissões ou se tiver alguma outra dificuldade, por favor comunique que farei o possível por pô-lo em contacto com os serviços técnicos para tentar solucionar o problema.

Mensagem de 11-05-2018 – Fraco sinal de todos os canais rádio do Grupo RTP

Para dizer que lamento que a melhor rádio que difunde em Portugal tenha perdido qualidade, não pelos conteúdos emitidos, mas porque se torna sofrível tentar ouvir qualquer que seja o conteúdo emitido devido à fraca qualidade do sinal de emissão.

Custa muito ouvir uma chuva constante num País que é tão banhado por raios de Sol tão benéficos para todos,

Agora a pergunta, para quando o retorno à normalidade (leia-se, excelência) da qualidade de som para se poder ouvir todos os vossos canais.

Atalho de foice, a Antena 2 está ainda pior que as suas "irmãs", como é possível? Ouvir a Música excelente que é transmitida nestas condições?

Tratem disso com brevidade e urgência, por favor.

Resposta do Provedor (11-05-2018)

Senhor ouvinte

Recebi a sua queixa que agradeço e à qual passo a responder.

Os emissores que servem a zona da Grande Lisboa das Antena 1, Antena 2 e Antena 3 em FM estão temporariamente reduzidos na sua potência de 10 para 2 KW. Esta situação deve-se à substituição de uma torre que suporta as antenas da rádio do Serviço Público, localizada no Parque de Monsanto, em Lisboa, e que foi seriamente danificada pela tempestade “Ana”, no passado mês de Dezembro. A substituição da torre de 70 metros de altura e 19 toneladas de peso já está em curso. Também já foi lançado o concurso para aquisição de novas antenas, ligadas a novos emissores e a situação só então estará restabelecida. Não conheço prazos.

Como Provedor tenho procurado informar os ouvintes sobre esta situação através do programa “Em Nome do Ouvinte” (sextas-feiras, Antena 1, depois das notícias das 16h). Como também já alertei a administração, as direcções das antenas e a direcção técnica para a necessidade de informar os ouvintes sobre a situação e perspectivas de solução.

A situação técnica da rádio do Serviço Público é muito preocupante, não apenas por questões de emissores mas também pela obsoleta qualidade e funcionalidade dos estúdios. É o meu principal combate como Provedor do Ouvinte.

Mensagem de 10-05-2018 – Cobertura Antena 2

Sou um ouvinte muito assíduo da Antena 2. Desloco-me frequentemente pela auto-estrada A4. Ao percorrer o novo túnel do Marão, verifico que perco o sinal da minha estação favorita; surpreendentemente, consigo sintonizar, em toda a extensão do túnel, a Antena 1 e a 3 mas não a Antena 2. Como ouvinte e contribuinte da rádio pública, sinto-me discriminado e desconsiderado por a RDP não ter disposto os meios técnicos necessários à cobertura da emissão, dentro do túnel, também para os ouvintes da Ant. 2.

Resposta do Provedor (11-05-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

A difusão de emissões de rádio no túnel do Marão foi uma decisão da Infraestruturas de Portugal (IP) aquando da realização da obra.

O túnel dispõe apenas de sinal para quatro estações de rádio em perfeitas condições. Nestes termos, são difundidas as emissões da Antena1, Antena3, RR e TSF. Para a decisão, bem como para a escolha dos canais a emitir, a Direcção Técnica da Rádio e Televisão de Portugal não foi chamada a dar qualquer parecer.

Mensagem de 21-05-2018 – Agradecimento sobre Livros e Antena 2

(...) Mudando de assunto e continuando na Rádio, informo que cada dia que passa mais é difícil ouvir a Antena 2 com um mínimo de qualidade. A emissão apresenta-se com o sinal tão fraco que permite ser parasitada por estações próximas e mais fortes. A sintonia é muito difícil em bons portáteis e frequentemente é canibalizada pelas estações dos lados que ocupam o lugar na antena.

Acontece em 2 dos 4 portáteis que tenho espalhados pelas divisões da casa. Cheguei a levar para reparação o rádio mais potente que me foi devolvido, limpo e sem custos, por não ter defeitos e se tratar apenas da fragilidade da emissão.

No TEAC TR 460 da aparelhagem da sala a emissão não é capturada mas tem altos e baixos e tal como no rádio do carro está sempre cheia ruídos parasitas.

Recordo-me que há mais de 25 anos já os serviços técnicos dos emissores se queixavam de material obsoleto e falta de meios para continuarem a manter a emissão forte e limpa. Há pouco tempo o Provedor do ouvinte reconhecia estas dificuldades, em resposta a um ou mais ouvintes, que se queixavam do sinal.

Estou a escrever-lhe a ouvir o Indian Song ao piano, no seu programa, mas por vezes “cheio de ratos”... A situação tem-se agravado de há uns meses a esta data.

Sei que sem verbas também não haverá melhoras. Tenhamos esperança e por favor não perca tempo a responder a este desabafo.

Os meus cumprimentos e obrigado pelo seu dia a dia na Rádio.

(Espero que consigam dotar os Alfas com a Antena 2)

Resposta do Provedor (22-05-2018)

Senhor Ouvinte

Por cortesia do Luís Caetano tive acesso à sua reclamação quanto à qualidade técnica da emissão da Antena 2 recebida no Seixal e tenho o maior gosto em fornecer-lhe a informação à qual tenho acesso sobre o assunto.

Os emissores que servem a zona da Grande Lisboa das Antena 1, Antena 2 e Antena 3 em FM estão reduzidos na sua potência de 10 para 2 KW. Esta situação deve-se à substituição de uma torre que suporta as antenas da rádio do Serviço Público, localizada no Parque de Monsanto, em Lisboa, e que foi seriamente danificada pela tempestade “Ana”, no passado mês de Dezembro. A substituição da torre de 70 metros de altura e 19 toneladas de peso já está em curso. Também já foi lançado o concurso para aquisição de novas antenas, ligadas a novos emissores e a situação só então estará restabelecida. Não conheço prazos.

Como Provedor tenho procurado informar os ouvintes sobre esta situação através do programa “Em Nome do Ouvinte” (sextas-feiras, Antena 1, depois das notícias das 16h). Como também já alertei a administração, as direcções das antenas e a direcção técnica para a necessidade de informar os ouvintes sobre a situação e perspectivas de solução.

A situação técnica da rádio do Serviço Público é muito preocupante, não apenas por questões de emissores mas também pela obsoleta qualidade e funcionalidade dos estúdios. A programação da Antena2, nomeadamente a programação musical, é especialmente sensível a quebras de qualidade como a que se verifica há longo tempo. A situação técnica da rádio do Serviço Público é meu principal combate como Provedor do Ouvinte.

Mensagem de 24-05-2018 – Digital Audio Broadcasting (DAB)

Sabendo que a evolução da rádio tem sido um assunto abordado nos seus excelentes programas, venho "desenterrar" novamente o tema do DAB em Portugal, pedindo as suas melhores diligências no sentido de sensibilizar para a reativação da rede DAB em Portugal.

Estou, por motivos profissionais, na Bélgica, e tenho-me apercebido da excelente qualidade de receção deste sistema (DAB e DAB+), tanto em casa como na viatura, bem

como a notável expansão da rede DAB aqui e também nos países vizinhos (com maior relevo para a França).

Recordo que os novos modelos de veículos possuem já equipamento de receção DAB e o aumento do quantitativo e da diversidade de marcas dos recetores "domésticos", com os respetivos custos a diminuírem, poderão ser já fatores de decisão para reativar a rede (existente) em Portugal.

Permita-me que refira ainda que o maior desperdício é ter uma capacidade instalada e não a utilizar, sabendo que, de um modo geral, os custos associados são menores comparados com outros formatos de emissão.

Grato pela atenção

Resposta do Provedor (25-05-2018)

Senhor ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço e à qual respondo de imediato.

Em 1998, a RDP iniciou as transmissões em DAB (Digital Audio Broadcasting) por ocasião da abertura da Expo 98, com emissores em Lisboa, Arrábida, Serra de Montejunto e Monte da Virgem, Vila Nova de Gaia. A instalação da rede previa 74 emissores, cobrindo a totalidade do território continental até ao final de 2004 e as Regiões Autónomas até final de 2006. Apenas 44 foram instalados.

A empresa RDP fez um enorme investimento mas a rede DAB acabou por morrer em 2011. Porque a empresa – a RDP fora integrada na Rádio e Televisão de Portugal / RTP em 2004 – não teve capacidade para produzir programas para o T-DAB. Os programas em FM eram os transmitidos no DAB. A rede DAB é uma rede síncrona. A manutenção e o funcionamento duma rede síncrona exigem muitos meios, inclusive humanos, para tomar conta da rede que trabalha numa única frequência.

E assim, e tendo também em conta o elevadíssimo preço dos receptores, os equipamentos acabaram por ser desligados, embora uma grande parte desses apetrechamentos esteja a ser usada em redes de TV montadas pela RTP em África.

Agora em Portugal, quando se fala em rádio digital, em termos de futuro, usa-se a formulação: quer “seja através de redes DAB, quer seja através de outra tecnologia”.

Espero ter respondido à questão que me colocou.

Mensagem de 1-06-2018 – Qualidade de sinal

Volto a reclamar da qualidade de sinal da Antena 1. Neste momento, há 5 dias que na zona do Porto da Cruz, Machico (Madeira) há interferências com outras rádios, é impossível ouvir a Antena 1. Isto de vez em quando acontece como já reclamei... mas afirmam que nunca aconteceu, nem irá acontecer. Ora é sistemático isto acontecer, para

além da dificuldade da captação do sinal em certas zonas do Porto da Cruz por rádios portáteis. Obrigado pela atenção.

Resposta do Provedor (1-06-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua queixa que registei e muito agradeço e sobre o conteúdo da mesma contactei a Direcção do Centro Regional da RDP Madeira.

Sobre a matéria da sua queixa, a Direcção crê que as razões da baixa qualidade do sinal se prendem com trabalhos que estão a decorrer no emissor do Pico do Areeiro, que cobre a zona de Porto da Cruz. Tem sido necessário desligar ou colocar em baixa potência os emissores para proceder a trabalhos necessários para melhorar o sistema, segundo me foi declarado por responsáveis técnicos locais.

Espero que efectivamente seja essa a questão e a qualidade do sinal venha a ser reposta. Se permanecer a má qualidade do sinal, não deixe de me contactar.

Mensagem de 3-06-2018

Senhor Provedor, boa tarde!

As más condições de captação da RDP na margem sul continuam.

Também não consigo captar o emissor de Almada.

Estamos quase no Verão, a iniciar a época de praia. Por favor insista para que o emissor de Monsanto seja reparado com urgência.

Muito obrigada.

Resposta do Provedor (4-06-2018)

Senhora ouvinte

Recebi e agradeço a sua mensagem.

Na primeira resposta que lhe dei a este respeito, em 4 de Abril, frisei que não conhecia então os prazos de recuperação dos emissores de Monsanto, que cobrem a região da Grande Lisboa e margem sul do Tejo.

Agora, posso dizer-lhe que a nova torre já foi erguida pela Marinha Portuguesa, e que a Rádio já adjudicou os novos emissores, cujas antenas serão instaladas na torre. Tudo isto mediante a realização de concursos públicos, como o Serviço Público exige. As novas antenas deverão ser entregues até final de Julho. Nessa altura a Rádio deverá estar em condições de instalar novas antenas em nova torre em Monsanto e voltar a servir os

ouvintes com a potência necessária para cobrir em boas condições a audição FM na região da Grande Lisboa.

Espero ter respondido à sua natural inquietação.

Mensagem de 3-07-2018 – Problemas de audição

Desde dia 30 de junho até hoje dia 3 de Julho que a emissão da Antena 1 e Antena 2 têm interferências na audição com ruídos que se repetem regularmente, e apagam a emissão durante cerca de 1 minuto aproximadamente de hora a hora. Tento dar um retrato aproximado do problema pois não estou a cronometrar o fenómeno.

A verdade que o problema que agora se agravou é recorrente, mas menos grave e de forma aleatória durante todo o ano, ora aparece ora desaparece.

Não sei a que se deve, gostava de ter uma explicação!

Mensagem do Provedor para o Gabinete de Tecnologias (3-07-2018)

Prezados amigos

Queixa-se um ouvinte residente em Lagos, Algarve, que nos últimos dias, concretamente desde 30 de Junho, as emissões da Antena1 e Antena2 têm registado interferências na audição com ruídos, com a duração aproximada de 1 minuto, que se repetem regularmente.

O ouvinte, contactado telefonicamente pelo Provedor, referiu que tem registados tais interferências tanto no aparelho de rádio de casa, como no do trabalho, ambos dotados de pequenas antenas, e também no autorrádio.

O ouvinte disponibilizou-se para ser contactado pelos serviços técnicos da Rádio para tentar resolver em directo o problema.

1ª Resposta do GT

Sr. Provedor

Solicitamos se possível um contato telefónico para averiguar o problema reportado pelo ouvinte.

Obrigada e melhores cumprimentos,

Engenharia, Sistemas e Tecnologia

2ª Resposta do GT (19-07-2018)

Boa tarde Sr. Provedor

Conforme solicitado, informamos o resultado do contacto telefónico com o ouvinte:

“O coordenador do serviço técnico do sul informou que contactou com o ouvinte e que o mesmo disse não ter voltado a registar a anomalia.

Ficou acordado que caso voltasse a acontecer entraria em contacto com o nosso colega.”

Mensagem de 17-07-2018 – Mundial 2018

É anunciado na APP da RTP os jogos que serão transmitidos na RTP. Os restantes têm simplesmente a indicação de "Antena 1". Porém ao sintonizar a frequência 95.7, às 19H de hoje, para ouvir a transmissão do jogo Brasil x Suíça constatei que a Empresa de Rádio Pública pratica publicidade fraudulenta. No noticiário das 19H foi feita publicidade à transmissão do jogo em causa numa Antena 1 Rádio Mundial (?!!! Houve, também, uma referência à 'Internet'. Questiono, qual a "frequência do emissor"? Se o dinheiro dos impostos e da publicidade indirecta não chega para pagar uma emissão radiofónica? Sou obrigado a ter um computador e a pagar o acesso à 'internet'? Então a Rádio Pública serve para quê e a quem serve???

Resposta do Provedor (18-07-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem e o senhor tem razão. O anúncio das transmissões de relatos de jogos pela Antena1 estão a ser insuficientemente e mal publicitados.

A Antena1 apenas transmite os relatos dos jogos da Selecção Nacional – os únicos para os quais tem direitos de transmissão e apenas para o território continental e para as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores – através de todos os emissores: rede de FM – que o Senhor Ouvinte sintoniza em 95.7 – e também na chamada Rádio Mundial – em Onda Média – e ainda através da Internet.

A Rádio Mundial, na Onda Média, transmite todos os 64 jogos dos Mundial para Portugal continental e Regiões Autónomas. As principais frequências da Onda Média pra serem ouvidas em Lisboa são: 666 (principal), 630, 720, 756, 1287.

A Antena1 transmitirá proximamente os relatos dos jogos da Selecção Nacional:

Mensagem de 7-07-2018 – Ouvir rádio em ondas médias

Boa tarde,

A minha dúvida é saber como consigo ouvir a Antena 1, em ondas médias porque eu corro

a faixa de frequência desde os 531khz e os 1602khz e não sintonizo nenhuma estação de radio portuguesa, e em contrapartida sintonizo espanholas.

Obrigado pela atenção

Resposta do Provedor (9-07-2018)

Senhor ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

A sua observação tem toda a razão de ser. Com efeito, desde o encerramento da Estação de Emissores de Miramar, a Rádio do Serviço Público ficou sem cobertura em Onda Média (OM) na zona de Braga, segundo me informaram os serviços técnicos. O único emissor ainda existente na região é o de Viana do Castelo, em Valença, na frequência 666 kHz.

A Administração da Rádio e Televisão de Portugal / RTP, empresa que desde 2004 engloba a Radiodifusão e a Radiotelevisão de Portugal, decidiu em 2010 deixar de investir na OM alegadamente por três razões: «1) Má qualidade de som. 2) Conteúdos repetidos em relação ao FM. 3) Enorme consumo de energia.»

Em consequência da decisão de desinvestir, todos os emissores que registaram avarias foram sendo desligados, alguns terrenos de centros emissores foram vendidos. O mesmo se passara anteriormente com a Onda Curta, definitivamente desligada em 2011.

Não deixarei de comunicar o conteúdo da sua dúvida à direcção da Rádio do Serviço Público, pois creio não ser leal anunciar a transmissão de jogos do Mundial numa Onda Média que já não cobre a totalidade do País.

Mensagem de 24-07-2018 – Má sintonização da Antena 1

Não tendo outro espaço específico para o assunto em epígrafe, esta é a segunda vez que solicito resposta e por ora, nada.

Residente na Amora, Concelho do Seixal, nesta zona as emissões da Antena 1 FM são de má captação e desde há dias simplesmente deixou de ser possível sintonizá-la no rádio em casa, havendo agora outras emissoras a sobrepô-la, desta vez uma emissora com músicas brasileiras.

Tendo em conta que para ouvir esta rádio pública pagámos uma determinada taxa mensal, isto torna-se ainda mais escandaloso.

Importa referir que há anos foi contactada a Antena 1 FM e fomos informados que trata-se de uma avaria técnica pontual nas antenas de retransmissão sita na margem Sul e em breve (?) estaria solucionado.

Solicitámos alguma resposta sobre o que verdadeiramente se passa e para quando é que se encontra prevista a reposição da situação.

Resposta do Provedor (30-07-2018)

Senhor Ouvinte

Respondi em 2 de Abril passado à mensagem que me enviou nessa mesma data sobre a dificuldade de sintonização da Antena1 no “Seixal e adjacências”, como então escreveu.

Como o informei na mensagem dessa data, “os emissores que servem a zona da Grande Lisboa das Antena 1, Antena 2 e Antena 3 em FM estão temporariamente reduzidos na sua potência de 10 para 2 Kw. Esta situação deve-se à substituição de uma torre que suporta as antenas da rádio do Serviço Público, localizada no Parque de Monsanto, em Lisboa, e que foi seriamente danificada pela tempestade “Ana”, no passado mês de Dezembro. A substituição da torre já começou, depois serão instaladas as antenas, ligados a novos emissores e a situação só então estará restabelecida.”

Posso agora adiantar que as antenas estarão neste início de Agosto a ser colocadas na respectiva torre, em Monsanto, e que brevemente a audição da Rádio do Serviço Público estará normalizada, o que faço com grande satisfação.

Mensagem de 28-07-2018 – Dificuldade em sintonizar a Antena 1

Em Lisboa- 95.7- há um ruído de fundo nesta emissora. Ouço bem muitas outras estações

Na aldeia do Meco-Sesimbra, andando no carro não consigo ouvir a antena 1 no rádio

Gosto muito da maioria dos programas desta estação e fico muito triste por não conseguir ouvir com o mínimo de qualidade ou não ouvir mesmo (aldeia do Meco)

Qual é o problema?

Terei que desistir de sintonizar esta estação?

Atentamente

Resposta do Provedor (30-07-2018)

Prezada Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e à qual passo a responder.

A rede de emissores da Rádio do Serviço Público – Antena1, Antena2, Antena3 – foi afectada por grave avaria na torre das antenas e emissores que servem a região da Grande Lisboa e margem sul do Tejo.

Para reparar a avaria foi necessário arriar e substituir a torre de 80 metros e 20 toneladas dos emissores de Monsanto, tendo a emissão ficado em regime de contingência durante largos meses, com apenas um quinto da potência.

A boa notícia é que a obra chegou agora à fase decisiva: na primeira semana de Agosto vão ser instaladas novas antenas na nova torre de Monsanto.

Espera-se para muito breve a reposição da normalidade nas emissões da Antena1, Antena2 e Antena3 na Grande Lisboa e margem sul do Tejo.

Mensagem do Provedor (31-07-2018)

Prezados Ouvintes

O Provedor do Ouvinte, que ao longo deste ano tem acompanhado com preocupação a situação técnica da Rádio do Serviço Público, regozija-se de poder constatar que a crise aberta no centro de emissores de Monsanto está à beira da resolução.

Nos primeiros dias de Agosto de 2018, uma nova torre e doze novas antenas vão permitir o regresso à normalidade da escuta da Antena1, Antena2, Antena3 e RDP África na região da Grande Lisboa, incluindo a margem sul do Tejo.

A crise começou com um desastre natural, em Dezembro de 2017, e impôs emissões de contingência num dos maiores aglomerados de ouvintes da rádio. O esfoço de investimento, obedecendo às normas morosas da burocracia, a persistência de membros da direcção técnica e a dedicação e competência de técnicos altamente preparados e totalmente dedicados, permitiram instalar esta semana 12 novas antenas na torre de 72 metros erguida em Monsanto em instalações da Marinha Portuguesa.

As condições de captação dos sinais da rádio do Serviço Público na Grande Lisboa e margem sul do Tejo vão voltar à normalidade e em melhores condições do que as anteriores: mais potência, melhor direccionamento, menor consumo de energia. Os ouvintes vão dar pela diferença.

O Provedor, que em Nome do Ouvinte nunca abandonou esta causa, congratula-se com a concretização de uma obra que devolve a Rádio ao Serviço Público e aos Ouvintes numa das maiores concentrações populacionais do País. Este problema técnico de difusão tem resolução definitiva. No entanto, os problemas técnicos da Rádio do Serviço Público mantêm-se na ordem dos dias.

Mensagem de 10-09-2018 – Ondas Curtas.

Bom dia, infelizmente, os brasileiros estão sentindo muita falta da RDP Internacional em transmissão em ondas curtas, aqui na roça onde moramos não tem acesso a internet só chega as ondas curtas, é uma pena que a melhor emissora em idioma português tenha

desativado as ondas curtas, espero um dia poder ouvi-la - la novamente sou ouvintes das Ondas Curtas, um abraço de Unaí em Minas Gerais Brasil.

Resposta do Provedor (10-09-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

Dou-lhe toda a razão e tenho travado luta acesa contra a extinção das emissões em Onda Curta, como o fez o meu antecessor Mário Figueiredo, que era Provedor em 2011 quando se tomou essa trágica decisão.

A decisão, que foi transmitida pelo Governo à Administração da RTP dessa altura, não está escrita e hoje ninguém a assume oficialmente.

Já depois da extinção da Onda Curta, a RDP começou a deixar cair também os emissores de Onda Média: não investe, não repara avarias, e aproveita e vai vendendo os terrenos onde estavam instalados os emissores. A Onda Média faz falta ao País para situações de emergência.

Mas o fim da Onda Curta é particularmente grave para um País que pretende afirmar-se como tendo uma “política de língua portuguesa”. O fim da Onda Curta foi mesmo um acto contra a soberania de Portugal.

É bom saber que há num canto do Mundo – neste caso em Unaí, Minas Gerais, Brasil – quem espere ainda voltar a ouvir a Rádio Portuguesa em Onda Curta. E digo-lhe que não é fácil mas também não é impossível.

Mensagem de 18-09-2018 - Falha (?) na emissão da RDP Internacional há 2 semanas

1. Gostaria de saber porque nós, portugueses de terceira, não temos emissão da RDP África há cerca de 2 semanas em Maputo.

Sei de pessoas que já perguntaram isso mas nada de obterem respostas. É UMA VERGONHA!

Não ficarei por aqui se não receber resposta adequada até ao fim do dia.

2. Gostaria de ter o número de linha móvel de acesso via aplicação WhatsApp da RDP Internacional para poder manifestar as minhas críticas bem na hora.

Resposta do Provedor (18-09-2018)

Senhor ouvinte

Recebi a sua mensagem e apresso-me a responder-lhe.

Outros ouvintes portugueses de Moçambique se queixaram antes do senhor, o que me levou a confrontar a Direcção Técnica da RDP com a situação, tendo obtido a seguinte explicação:

“O feixe que faz a ligação entre a recepção do sinal da RDP e o emissor em Maputo avariou.

“A anomalia prende-se com a fonte de alimentação pelo que já se procedeu ao pedido de aquisição de uma nova fonte.

“Tão breve quanto possível será reposta a ligação.”

Espero que a reparação seja efectivamente rápida. No que me diz respeito pressiono a Direcção Técnica regularmente para que resolva este e outros problemas, que são muitos e frequentes, no Continente e Regiões Autónomas e no âmbito da RDP África e RDP Internacional.

Mensagem de 2-08-2018 – Plataforma RTP Play - versão Windows phone

Estou a morar no estrangeiro há quatro anos. Enquanto emigrante, tenho para mim que a melhor forma de me manter informado acerca do que se vai passando em Portugal é a plataforma RTP Play, que consulto diariamente no meu PC.

Tenho também instalada a aplicação no meu Windows phone. Infelizmente, a versão para Windows Phone nunca funcionou tão bem como a versão para Android e, aparentemente, nunca foi actualizada. (current version: 1.1.0.0 - Last updated: 06/06/2012), mais parecendo uma "cidade fantasma".

Apesar de tudo, até à semana passada, ainda conseguia ouvir gravações e podcast. Quanto a emissão de rádio ao vivo, NUNCA tal foi possível através do Windows Phone. Mas desde a semana passada, nem isso. Definitivamente, é uma aplicação morta, que terei de desinstalar.

Como não tenho planos para, no curto prazo, trocar o meu Windows phone por um Android ou Apple, gostaria que o caríssimo Provedor do Ouvinte pudesse averiguar se está planeada alguma resolução do problema descrito e fizesse chegar a quem de direito (não sei quem é responsável pelas plataformas digitais e tecnologia) esta minha crítica, em tom de lamento, dado que sou consumidor diário do grupo RTP.

Resposta do Provedor (25-09-2019)

Senhor ouvinte

Recebi a sua mensagem e começo por pedir-lhe desculpas pelo atraso na resposta, que ficou pendente de esclarecimentos da RTP Multimédia.

Informam-me agora os serviços que a aplicação para windows phone está desatualizada e a RTP já não oferece suporte a esta plataforma. A APP será retirada na loja muito em breve.

Como meio alternativo, o utilizador pode ver e ouvir os conteúdos oferecidos pela RTP através da RTP Play em www.rtp.pt/play.

Espero ter ajudado e lamento mais uma vez o atraso na resposta.

Mensagem de 29-09-2018 – Qualidade da emissão/recepção da RDP2

Para quando a necessária, urgente e indispensável intervenção técnica nos emissores da antena 2 para que a qualidade de recepção dos ouvintes seja compatível com a taxa mensal que obrigatoriamente pagamos, com os direitos que nos assistem enquanto ouvintes aficionados dessa estação?

A própria qualidade programática e profissionalismo dos programadores e jornalistas ficam altamente prejudicados pelo estado deplorável de muitas emissões, sobretudo quando nos deslocamos da ou mesmo na capital!!!

Para onde irão os milhões das nossas contribuições mensais, para além dos impostos que pagamos???

Resposta do Provedor (1-10-2018)

Senhora Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Como suponho que sabe, os emissores da zona de Lisboa da Rádio do Serviço Público, entre os quais a Antena2, foram objecto de profunda intervenção este ano. Foi substituída a torre e as antenas mas para a obra estar completa faltam novos emissores.

Há ainda outro aspecto que interfere na qualidade da emissão da Antena2 que é o apetrechamento dos estúdios, e nessa matéria as rádios do grupo RTP estão muito mais atrasadas e isso tem efeitos na qualidade do produto final que chega ao ouvinte.

Todo o ano tem sido passado na expectativa mas o reequipamento dos estúdios não avança.

Por outro lado, como herança dos tempos da troica, a RDP teve que dispensar muitos técnicos e em geral a Antena2 funciona hoje em dia em estúdios auto-operados, isto é, operados pelos próprios locutores. Isto pode ter algumas vantagens momentâneas em algum tipo de estúdios mas não devia ser a regra na Antena2 que deveria primar pela pureza e limpidez do som.

O Provedor do Ouvinte é apenas um dos muitos que se esforçam para ver resolvidos estes problemas. Mas não é fácil.

Mensagem de 30-09-2018 – Antena 1 entre as 8 e as 9 do dia 30 de Setembro

Senhor Provedor

Cordiais Saudações de Comunicação Social

Convido-o a ouvir aquela hora de emissão e entendo, por respeito à sua capacidade de análise, não ser necessário dizer nada.

Muito respeitosamente

Resposta do Provedor (11-10-2018)

Senhor Ouvinte

Na sequência do seu e-mail, continuei a fazer perguntas sobre a manhã de 30 de Setembro, domingo, na Antena1. Fiquei agora a saber – durante uma entrevista da Direcção de Engenharia da RTP ao programa do Provedor do Ouvinte – e segundo o próprio Director Técnico, que o problema com a emissão começou pelo facto de estar desactivada, no momento previsto para entrar no ar, a ligação entre o local onde se celebraria o culto religioso, a Igreja Paroquial de São João de Brito, em Lisboa, e os estúdios do Serviço Público no edifício da RTP. A queda de uma árvore teria cortado a ligação.

P - Dia 30 de Setembro não foi transmitida a Eucaristia Dominical, por falha técnica. O que é que aconteceu?

R - Estava prevista uma ligação entre o local e a RTP. Essa ligação, no momento antes da entrada no ar, quando se faz todos os testes operacionais da linha, não estava activa. E portanto o meio de transmissão não estava lá. Falou-se com o fornecedor dessa linha e o fornecedor foi analisar. O facto é que a análise desse problema não conseguiu fazer com que o meio de transmissão ficasse activo até ao momento em que a missa aconteceu. E, como tal, desse ponto de vista não se consegue fazer uma emissão sem meios de transmissão e não se fez.

P - Esse problema envolveu a Altice?

R - A linha estava alugada à empresa Altice.

R- O cabo tinha sido cortado devido a uma queda de uma árvore. Teve de ser substituído um cabo, mas já está resolvido, já houve missa no último fim-de-semana.

R -Ou seja, foi uma ocorrência fortuita que neste caso concreto teve por coincidência impacto na emissão de forma muito objectiva.

Depois entra a segunda parte. Não há ninguém por escala de serviço em Lisboa, aos domingos ao início da manhã, pelo que a emissão passou para Coimbra e seguiram-se 60 minutos de Serviço Público de Radiodifusão preenchidos de forma um tanto improvisada, com música, jingles e repetidas informações sobre o estado do tempo.

Ouvi a emissão, é notório o esforço de alguém para preencher uma hora de emissão no vazio, mas o resultado é de um amadorismo que não é compatível com o Serviço Público pago pelos contribuintes à RTP.

Os meus agradecimentos pelo seu alerta.

Mensagem de 21-10-2018 – Visual Rádio

Correndo o risco de parecer "velha do Restelo" é com apreensão que vejo a chegada do/da "Visual Rádio" ou Rádio com imagem, que no fundo é do que se trata (para quê falar em inglês se temos o português que é o nosso património?!)

A Rádio representa o mistério. A Rádio é voz, músicas e canções, sons. A ausência de imagem transporta-nos para locais da imaginação que a televisão jamais conseguirá porque nos dá muita informação visual e não deixa espaço para imaginar.

Não me esqueço de ouvir o António Macedo contar (que saudades de o ouvir!) que um dia, ao ajudar um cego a atravessar a Av. da Liberdade, foi por ele reconhecido "apenas" pela voz. O "apenas" está entre aspas porque, precisamente, significa tudo.

As notícias na rádio não têm um formato igual ao da televisão. As pessoas da rádio (creio que a maioria) não têm especial desejo em aparecer e serem reconhecidas na rua.

Surgem-me várias questões: a força do som não se irá perder com a imagem? Vai ser uma "coisa" híbrida entre uma espécie de rádio e uma espécie de televisão e uma espécie de vídeos no YouTube? Vão alterar a linguagem para ser mais "televisiva"? E que interesse tem ver uma pessoa no estúdio a mexer em botões e olhar para os ecrans dos computadores? Ou a ideia é fazer "folclore" para entreter quem está a "ouvir" a emissão?

Pode não ser para já, mas a "ameaça" está a ser muito falada, nomeadamente no programa "Em Nome do Ouvinte".

A Antena 1 tem experimentado a fazer algumas emissões especiais com imagem: o "Festival da Canção", alguns directos de Festivais de música, pequenos concertos nos estúdios da rádio, etc. Em doses homeopáticas como convém à Rádio. Não chega?

Sugiro ainda que façam um inquérito aos ouvintes da Antena 1 sobre esta possibilidade de a rádio se ver. Era interessante saber se os ouvintes querem isso permanentemente.

Além disso não é novidade. Só para falar de Portugal, a Comercial faz isso há anos, a RFM idem, a Renascença começou a fazer desde que mudou de estúdios bem com as rádios do grupo. Portanto, para quê imitar!? Ser diferente é voltar ao básico.

Depois há a questão das prioridades na área técnica para quais o sr. Provedor tem alertado em vários programas.

Somos bombardeados com estímulos visuais a todo o momento. A Rádio é o último reduto, não nos tirem esse conforto com invenções que parecem muito modernas, mas não passam de mais um pouco de alienação. Voltem ao básico, por favor! Obrigada!

Cumprimentos e continuação de bom trabalho

Resposta do Provedor (22-10-2018)

Senhora Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e com a qual concordo a 100 por cento.

Aliás, na mais recente edição do programa do Provedor, “Em Nome do Ouvinte”, baseada numa entrevista com a direcção técnica da RTP, o Provedor deixava bem clara a sua posição sobre a matéria:

«E de momento há um projecto ainda pouco claro que a RTP embala como quem acalenta um filho: O neófito dá pelo nome de Visual Radio. Ou seja, já que estamos a falar de projectos, de relevância, de investimentosNuma rádio presa por arames... já começou a colocação de câmaras de vídeo nos estúdios.

«Isto de rádio com imagem... uma rádio está-se mesmo a ver... parecendo que não levanta uma questão racional. Acontece que o sortilégio da rádio é o mistério da voz. O Som da rádio é a antítese da imagem da tv. A imagem da TV dá e diz tudo, o som da rádio sugere tudo e mais alguma coisa.

«E ninguém debateu esta questão, quando se tratou de promover a rádio no modo visual.

«Claro que a Rádio Visual – Visual Rádio, no original, em inglês – poderá sempre contribuir para um novo realismo radiofónico, ou suprarrealismo indigente, se preferirem... Mostrar a cadeira que range no estúdio ou a cara do animador quando o directo não entra.»

Obrigado pelos novos argumentos que acrescentou em relação a esta matéria e que, se me permitir, carregarei com muito gosto junto com os meus próprios argumentos. Para além disso, e como é óbvio, não deixarei de enviar o essencial da sua mensagem às direcções do Serviço Público de Rádio que, pelo menos em teoria, gostam sempre de conhecer as opiniões dos ouvintes.

Mensagem de 13-10-2018 – Emissões em Maputo

Há cerca de um mês não consigo sintonizar as emissões no 89.2

Será que houve alguma alteração?

Mensagem de 21-10-2018 – Sobre a Avaria de Maputo

Maputo 21 de Outubro de 2018

Ora viva daqui um Ouvinte de Maputo-Moçambique venho por este meio informar que a vossa avaria aqui em Maputo ainda não foi reparada e por isso não consegui acompanhar os relatos da Selecção portuguesa e dos jogos da taça de Portugal espero que retomem o sinal antes dos jogos da Champions.

Resposta do Provedor (24-10-2018)

Senhores ouvintes

Recebi a vossa mensagem e peço desculpa pelo atraso na resposta, que ficou pendente de consulta à Direcção Técnica da RDP.

Assim posso agora informar que, mau grado os esforços dos Serviços de Engenharia da RDP, não foi ainda possível implementar uma solução que permitisse uma recepção com alguma qualidade.

Seguem hoje por via aérea para Maputo novos feixes e uma equipa de técnicos que envidarão todos os esforços para montar os novos equipamentos, tão depressa eles sejam desalfandegados.

Os técnicos vão na expectativa de poder montar os equipamentos na próxima segunda-feira, dia 29/10/2018. Mas não depende só deles.

Espero ter respondido à questão que colocaram.

Mensagem de 26-10-2018 – RDP África Maputo

Sr. Provedor,

Vai fazer 2 meses que os ouvintes da RdpÁfrica Maputo não ouvem a sua rádio preferida.

Queira por favor explicar o que se passa.

Cordiais saudações

1ª Resposta do Provedor (29-10-2018)

Prezado ouvinte

Recebi a sua mensagem que registo, transmitirei aos serviços técnicos da RDP, e à qual passo a responder.

Por ter recebido anterior correspondência sobre a matéria, estou em condições de informá-lo que a falta de emissão em Maputo se deve à avaria do feixe de ligação entre a recepção do sinal RDP África e o emissor local de FM.

Têm vindo a ser efetuadas todas as diligências no sentido de uma equipa do serviço de emissores de Lisboa se deslocar a Maputo, o mais rapidamente possível, de forma a resolver o problema. Está hoje a tentar-se que a equipa siga nas próximas horas.

Também já foram enviados por via aérea para Maputo os novos feixes que asseguram a ligação, que estarão neste momento para ser desalfandegados em Maputo.

Logo que tenha mais informações dar-lhe-ei conhecimento.

2ª Resposta do Provedor (29-10-2018)

Senhor Ouvinte

Em complemento da resposta anterior, posso desde já informar que em Maputo acaba de ser reposta a emissão às 10h29m.

Réplica do ouvinte (29-10-2018)

Muito obrigado pela informação.

Já estou sintonizado.

Vou passar a informação para todos amantes da RdpAfrica.

Mensagem de 1-11-2018 – Recepção de sinal

Sr. Provedor João Paulo Guerra

Apesar de ter ouvido em diferido e sem atenção suplementar o seu penúltimo programa, quero perguntar-lhe:

1. Qual o motivo para a recepção de sinal da Antena 2, e também da 1, estar tão crescentemente irregular nestes últimos meses, com momentos bons, com algum ruído e por vezes quase sem possibilidade de audição conveniente, mesmo alterando posições à antena interna dos aparelhos;

2. Dei conta de que ambas as Antenas tiveram um apagão absoluto, creio que há um pouco mais de um mês, à noite e por mais de uma hora!!. Nada ouvi, ou li, sobre esta situação. Estamos numa situação histórica?

Grato pela atenção

1ª Resposta do Provedor (2-11-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e acerca de cujo conteúdo consultarei, mais uma vez, a Direcção Técnica.

Como sabe, a audição em Lisboa da Antena1, Antena2, Antena3 e RDP África esteve condicionada ao longo de seis meses para substituição da torre e das antenas de Monsanto. Esta obra foi concluída nos primeiros dias de Agosto.

Acontece que substituídas as antenas, e aumentada de novo a potência irradiada, que esteve reduzida a um quinto ao longo de seis meses, haveria que regenerar igualmente os emissores e a ligação, através do chamado quadriplex, dos emissores às antenas. Isto ainda não foi feito por motivos financeiros. E os sobressaltos continuam.

As promessas de investimento para a rádio são o pão nosso de cada dia no discurso dos administradores e directores da RTP. É sempre a próxima etapa, no calendário das promessas.

Assim que tenha respostas da Direcção Técnica comunicarei com o senhor ouvinte.

2ª Resposta do Provedor (2-11-2018)

Senhor ouvinte

Acabo de receber a informação dos serviços técnicos de que a aquisição do novo quadriplex aguarda validação do Conselho de Administração da RTP.

Entretanto, a potência irradiada em Monsanto está de novo reduzida, o que origina naturalmente redução e perturbação do sinal.

O senhor ouvinte perguntou-me se «Estamos numa situação histórica?» e só lhe posso responder que a “situação histórica” foi a absorção da RDP pela RTP em 2004. A rádio, que pagou a dívida monstruosa que a televisão tinha desde que a taxa da tv fora abolida, passou a ser a parente pobre da família.

O que se passa com o sinal da rádio pública em Lisboa, se acontecesse com a televisão era resolvido no mesmo dia.

Mensagem de 4-11-2018 – A Onda Curta & António Macedo

Ex.mo Senhor provedor, pelo título do mail já se deve ter dado conta que não me esqueci da OC e, enquanto pagante de impostos e de "Taxa de Audiovisual", quero a Onda Curta de volta ao éter.

Não sei se teve conhecimento mas, a Radio Exterior de Espanha, ampliou as suas emissões em Onda Curta (também o governo espanhol quis fazer o mesmo que o Relvas mas lá a "coisa" fiou mais fino).

O caricato disto é que existem Rádios em Onda Curta a transmitir na Língua de Camões para o Brasil e África que não a Rádio pública de Portugal.

O CEOC está ao abandono...a saque...

A questão das audiências foi uma falácia, a ser assim, e por causa das audiências, se calhar já a Antena 2 ou a Antena 1 em Onda Média já tinham fechado.

Sejamos francos, quem é que hoje escuta a Antena 1 em Onda Média? Porque não canalizaram esse dinheiro para a Onda Curta?

Despedir um profissional como o António Macedo é uma estupidez, além de que, um profissional desse calibre a (falsos) recibos verdes é de bradar aos céus, assim como se calhar fizeram ao Luís Filipe Barros.

Peço desculpa pelo meu desabafo desde ouvinte, Radioescuta e também Radioamador com indicativo de chamada CT1GZB.

Como dizem os Radioamadores...73 (cumprimentos)

Resposta do Provedor (5-11-2018)

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e com a qual estou genericamente de acordo.

A Onda Curta foi extinta com fundamento num único “documento”: o registo sonoro do ministro Relvas aos gritos, no Parlamento, a pregoar que a Onda Curta era para encerrar. Depois é que surgiram os argumentos, perfilhados pela actual Administração da RTP, de que a OC está fora de moda e já não é utilizada por nenhum outro país da Europa, etc.

O que é redondamente falso. Como o senhor ouvinte diz, e bem, «existem Rádios em Onda Curta a transmitir na Língua de Camões para o Brasil e África que não a Rádio pública de Portugal». E Portugal, que proclama que tem uma política de língua, abdica da OC, o único e o mais eficaz meio para prosseguir tal política.

O Centro de Emissores de Onda Curta (CEOC), de Pegões, está ao abandono e o terreno, instalações e equipamentos só não foram vendidos porque a RTP não encontrou comprador. No mesmo sentido está a RTP a actuar em relação aos terrenos e instalações dos centros emissores de Onda Média. A OM pode estar a cair no desuso entre os ouvintes, na razão directa da quebra de emissores, mas é um veículo único de intervenção em caso de catástrofe. A Administração deu orientações à Direcção de Engenharia, nos tempos do anterior director técnico, para suspender todo o investimento em OM canalizando-o para FM. O actual director diz que desconhece essa orientação mas ao mesmo tempo confessa que não está previsto qualquer investimento em OM. A metade sul do País já não tem cobertura de OM.

E a canalização de recursos para FM é outra falácia. A região de Lisboa, maior concentração de ouvintes do País, esteve seis meses com potência reduzida nos emissores que difundem o sinal da rádio do serviço público, à espera de novas antenas. As antenas chegaram em Julho e em Setembro avariou-se o quadriplex que leva o sinal das parabólicas aos emissores, por não aguentar a carga dos novos equipamentos. Começou nova contagem de tempo com Monsanto a debitar sinal reduzido para região

de Lisboa e Margem Sul do Tejo. Quando chegar o quadriplex, daqui a quantos meses (?), avariaram-se os emissores e a FM de Lisboa da rádio do serviço público vai saindo de cena.

A dispensa de António Macedo foi a consumação de uma política de destruição de activos da rádio pública. Macedo foi empurrado para a saída alegadamente com base num estudo de mercado... o qual só tem referências positivas ao trabalho de Macedo. Mas a RTP, que não tem dinheiro para nada que diga respeito á rádio, abriu os cordões à bolsa para “despachar” o mais popular animador da Antena1.

Não se vislumbra na RTP qualquer ideia sobre o futuro da rádio que não seja remeter os seus conteúdos, ou apenas alguns deles, para a internet. O novo administrador da RTP com o pelouro dos conteúdos, na primeira declaração pública que fez falou na «fusão» da rádio com o digital.

Penso, prezado ouvinte, que há muitas e justificados motivos para temer pelo futuro da Rádio e fundamentadas razões para defender este meio único, a radiodifusão.

Mensagem de 13-11-2018 – Emissão da Antena 2

Nunca, ninguém dos Serviços Técnicos da RDP, ou de outros mais apropriados para o fim em vista, terá dado conta de que, dentro do túnel sob o Marão, se ouvem todas as “rádio minhocas” do País excepto a emissão da Antena 2?

Peço-lhe, Sr. Provedor, o favor de matar a minha curiosidade sobre este assunto.

Aproveito a ocasião para perguntar se não será possível exigir, pelo menos na Antena 2, que a quase totalidade dos profissionais deixe de nos tratar por “caros óvintes”? É que até parece que nem “ótrintas” nos consideram...

Resposta do Provedor (13-11-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem, que agradeço, e que rectifico de imediato.

Com efeito, a ausência da Antena2 não é um facto acerca do qual os Serviços Técnicos da RDP se tenham ou não que dar conta.

Consultando o site da IP ficamos a saber que os meios de que o túnel dispõe apenas permitem assegurar sinal a quatro estações de rádio em perfeitas condições. No local são difundidas as emissões da Antena1, Antena3, RR e TSF.

Esta foi uma escolha da IP baseada na relevância dos canais.

Espero ter respondido à sua dúvida.

Mensagem de 8-11-2018 – On Demand programa Histórias da História

O conjunto semanal das gravações On Demand deste programa tem ficado incompleto com alguma frequência, o que é desagradável, pois estamos a seguir a história e entretanto falta um capítulo ou os restantes para o desfecho. Resta-nos imaginar o final (!?!).

As datas são: 11/10/2018, 28/09/2018, 17/09/2018, 23/07/2018, 28/06/2018, 14/06/2018, 22/05/2018, 17/05/2018, 05/04/2018, 20/02/2018, 06/02/2018, 30/01/2018, 19/01/2018, 05/01/2018, 02/01/2018. Também já enviei várias mensagens sem resposta a esta questão.

Muito obrigado.

Resposta do Provedor (14-11-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Alertado pela sua mensagem o Provedor contactou os serviços técnicos da RDP. Os episódios em falta de “Histórias da História” estão subidos de novo.

Estas falhas acontecem por diversas razões, designadamente por excesso de tráfego.

O que vale é que os ouvintes monitorizam as emissões e publicações e os eventuais erros.

Réplica do Ouvinte (27-11-2018)

Muito obrigado Senhor Provedor, pela sua atenção e disponibilidade.

A nossa Antena 1 merece.

Mensagem 27-11-2018 – Um dia no Mundo 22/11

Não consigo aceder ao programa do passado dia 22/11 da rubrica em epígrafe.

Como devo proceder para conseguir ouvir em diferido.

Grato pela atenção

Resposta do Provedor (28-11-2018)

Prezado ouvinte

A crónica “Um dia no Mundo” referente ao dia 22 não tinha sido descarregada na RTP Play por lapso. Em função do alerta do senhor ouvinte, a crónica já está disponível.

Mensagem de 26-12-2018

Senhor Provedor

Aconteceu hoje ao menos entre as 13 e as 14 horas, na emissão da antena 1: vários cortes (interrupções) instantâneos, as vezes consecutivos. A minha sintonização aconteceu na mesma casa, como o mesmo radio e este na mesma posição. Umhas décadas atrás gravava programas da rádio, agora não tenho como ilustrar o que se passou.

Resposta do Provedor (28-12-2018)

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem do dia 26.

Tanto quando percebo da sua exposição, as interrupções a que faz referência na sua mensagem – cortes de emissão de décimos de segundo – são passíveis de acontecer no sistema de emissão ou na rede de emissores. Designam-se drop-out's no áudio e são obviamente mais frequentes em equipamentos mais velhos e muito usados.

Avisarei os serviços técnicos.

A3. Em Nome do Ouvinte – Guiões do programa

Programa 30 – 5/Jan – Aqui Posto de Comando: revista do ano de 2017.

Programa 31 – 12/Jan – Balanço do ano: Humor, playlist e condições técnicas dominaram queixas.

Programa 32 – 19/Jan – Era uma vez uma taxa de rádio: quando os fiscais batiam à porta.

Programa 33 – 26/Jan – Era uma vez uma taxa de rádio: a Contribuição Audiovisual.

Programa 34 – 2/Fev – Era uma vez uma taxa de rádio: balanço e contas.

Programa 35 – 16/Fev – Dia da Rádio: ginástica para todos.

Programa 36 – 23/Fev – Onda Média: Processo de restrição em curso.

Programa 37 – 2/Mar – Emissores de Monsanto em obras a funcionar a um quinto da potência.

Programa 38 – 9/Mar – Emissores de Monsanto em obras: entram em cena os Anjos da Guarda das antenas da rádio.

Programa 39 – 16/Mar – Santos da casa fazem milagres.

Programa 40 – 23/Mar – E no entanto a rádio move-se. A realidade vista e revista todos os dias no Portugalex.

Programa 41 – 6/Abr – Ricardo Saló: a vida entre a rádio e a música.

Programa 42 – 13/Abr – Interrupções, queixas e elogios

Programa 43 – 20/Abr – Ana Aranha e a memória da rádio.

Programa 44 – 27/Abr – Salgueiro Maia: se a República se ganhou pelo telégrafo, o 25 de Abril ganhou-se pela rádio.

Programa 45 – 4/Mai – Herdeiros de Igrejas Caeiro querem alterar o projecto “Casa Museu Biblioteca” que o criador de “Os Companheiros da Alegria” dispôs em testamento.

Programa 46 – 11/Mai – António Macedo: paixão pela rádio e regresso às manhãs da Antena 1.

Programa 47 – 18/Mai – Notáveis da telefonia nos corredores do Setrviço Público.

Programa 48 – 25/Mai – Livros e leituras na rádio pública: o que houve e o que há.

Programa 49 – 1/Jun – Teatro radiofónico de ontem e de hoje.

Programa 50 – 8/Jun – O papel da rádio na Protecção Civil.

Programa 51 – 15/Jun – Futebol, Mundial e a arte de relatar.

Programa 52 – 22/Jun – A saída de António Macedo e o desinvestimento na rádio pública.

Programa 53 – 29/Jun – Presente, futuro e memória da rádio pública.

Programa 54 – 6/Jul – Seis meses de queixas.

Programa 55 – 13/Jul – Ópera na Antena 2. Entrevista com André Cunha Leal.

Programa 56 – 20/Jul – A rádio também mete férias. A programação no mês de Agosto e a prevenção de situações de emergência.

Programa 57 – 27/jul – A quera de Salazar 50 anos depois. Uma efeméride reconstituída e recontada com material do Arquivo Histórico da RDP.

Programa 58 – 14/Set – Antenas novas e outras novidades.

Programa 59 – 21/Set – Reentradas e outras novidades.

Programa 60 – 28/Set – O serviço nacional de trânsito da Antena 1.

Programa 61 – [Não emitido] – Entrevista com Maria Flor Pedroso, editora de política.

Programa 62 – 19/Out – Novo Director Técnico: sonhos e projectos.

Programa 63 – 26/Out – Gostos e desgostos dos ouvintes.

Programa 64 – 2/Nov – Central Técnica: a rádio de coração aberto.

Programa 65 – 9/Nov – Henrique Amaro: de Moçambique a Portugália, com escala em Alhandra.

Programa 66 – 16/nov – Antena Aberta.

Programa 67 – 23/Nov – Madrugadas: em busca da voz humana perdida.

Programa 68 – 30/Nov – Levante-se o Rui: as crónicas de Rui Cardoso Martins.

Programa 69 – 7/Dez – Luís Carlos Patraquim, poeta e cronista na RDP África.

Programa 70 – 14/Dez – Onda Curta: Espanha ocupa espaço abandonado por Portugal.

Programa 71 – 21/Dez – Natal dos ouvintes com discos pedidos.

Programa 72 – 28/Dez – Sons do ano.

A música do genérico do programa do Provedor do Ouvinte é da autoria de Rogério Charraz, interpretada pela guitarrista portuguesa Marta Pereira da Costa e o contrabaixista camaronês Richard Bona. Sonorização e montagem: João Carrasco.
Ideias e textos: Inês Forjaz, Viriato Teles e João Paulo Guerra.

Programa 30 – 5 Janeiro 2018

Aqui Posto de Comando: revista do ano de 2017

JPG / Loc. – Tome nota: Neste ano, 2018, realiza-se em Maio o Festival Eurovisão da Canção, em Lisboa, Portugal. E em Junho disputa-se na Rússia o Mundial de Futebol.

Parecendo que não, há mais calendário e mais agenda em 2018. Até porque há uma herança de 2017.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – 2018 chegou ao calendário com o lastro de 2017.

Vamos então passar em revista episódios do ano passado, que ficam como herança para o ano novo, registados e divulgados no programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*.

Visto e revisto deste cantinho dos ouvintes, e observando o horizonte restrito do serviço público da radiodifusão, 2017 foi o ano em que a rádio recuperou um som perdido desde 1974. Verdade.

O som fora para o ar a partir dos estúdios do Rádio Clube Português, Lisboa, 25 de Abril de 1974. Nesse dia, muitas vozes passaram pelos microfones, depois de Joaquim Furtado proclamar em primeiríssima mão que era ali o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas. Até que, pelas 13 horas, a voz o MFA mudou de género:

RM 01 Clarisse Guerra: Aqui Posto de Comando das Forças Armadas.

JPG / Loc. – Talvez já ninguém se recorde de ouvir a voz de uma mulher, a locutora Clarisse Guerra, a ler um comunicado do MFA.

O escritor cabo-verdiano Germano Almeida transpôs o acontecimento para a página 88 da narrativa *Dona Pura e Os Camaradas de Abril*:

«Ao nosso lado alguém falava de um comunicado que tinha acabado de ouvir, lido por uma mulher, com uma voz que empolgava...»

A voz era a de Clarisse Guerra, locutora do Rádio Clube, mas civis e militares, com raríssimas e honrosas excepções, uniram-se num ajuste bizarro que parecia reservar aos homens aquele momento histórico.

Pois é: nem tudo foram rosas na Revolução dos Cravos.

E a única voz de mulher que fez parte de uma revolução realizada em directo pela rádio ficou encoberta nas memórias do Dia das Surpresas.

Até que, 43 anos depois, a pedido do Provedor, Clarisse Guerra desenterrou do baú das recordações a bobina com a gravação da sua voz.

RM 02 Clarisse Guerra: Aqui Posto de Comando das Forças Armadas. Pretendendo continuar a informar o País sobre o desenrolar dos acontecimentos históricos que se estão processando, o Movimento das Forças Armadas comunica que as operações desencadeadas na madrugada de hoje se desenrolam de acordo com as previsões, encontrando-se dominados vários objectivos importantes, de entre os quais se citam os seguintes: comando da Legião Portuguesa, Emissora Nacional, Ministério do Exército (de onde o respectivo ministro se pôs em fuga), penitenciária do Forte de Peniche. Sua

Excelência o almirante Américo Tomás, sua excelência o professor Marcelo Caetano, e os membros do governo encontram-se cercados por forças do Movimento no quartel da Guarda Nacional Republicana, no Carmo, e no Regimento de Lanceiros 2, tendo sido já apresentado um ultimato para a sua rendição. Viva Portugal!

JPG / Loc. – Uma voz de mulher resgatada aos arquivos do silêncio.

Separador

Em 2017, fez-se alguma luz sobre o espólio de uma figura da rádio: Francisco Igrejas Caeiro.

Um ouvinte alertou o Provedor que havia objectos do espólio de Igrejas Caeiro à venda em leilão na Internet. A equipa do Provedor pôs-se a fazer perguntas. E obteve algumas respostas.

Igrejas Caeiro, falecido em 2012, doara todo o espólio – incluindo a casa no Alto do Lagoal – à Fundação Marquês de Pombal, Oeiras. Na antiga residência ficaram arrecadados centenas de livros, discos, obras de arte e os estúdios de rádio equipados a rigor.

Mas entretanto, a Casa-Museu Igrejas Caeiro fechou para obras em Outubro de 2016. Falava-se de um projecto turístico. Duas semanas após o programa do Provedor do Ouvinte, Isaltino Morais, presidente da Fundação Marquês de Pombal, confirmou em entrevista que a Casa Igrejas Caeiro iria reabrir ao público, mas...

... Mas com sete quartos, para alojamento local.

***RM 03 – Indicativo “Companheiros da Alegria”:** Muita massa e divertimento / não chegam a qualquer hora / E uma nota de quinhentos / não se pode deitar fora...*

JPG / Loc. – Em 2017 foi anunciado que está à venda o Centro de Emissores de Onda Curta da RDP, em S. Gabriel, Pegões:

São 90 mil metros quadrados de terreno mais uma aldeia de vivendas abandonadas com escola e igreja, vasta área construída, emissores, torres, antenas, geradores, armazéns de espólio da rádio, toneladas de tecnologia, de memória, de história.

RM 04 – VISITA DO PROVIDOR AO CE PEGÕES:

***Paulo Mendes (CT):** Temos material a apodrecer aqui...*

***Engº Francisco Mascarenhas:** Quem cá veio roubar, roubou aquilo que valia!*

***PM:** Existem pedaços de vinil no chão...*

***FM:** Ia-lhes mostrar a caldeira onde se misturava aquela coisa, mas os tipos levaram-na...*

***PM:** Já está partido, está!*

***FM:** Os bancos, foram todos; os azulejos, foram todos retirados! Isto tudo devia estar limpo! Isto a mim faz-me aflição! Algum dia acontece uma dessas desgraças, e então nessa altura fica tudo aflito... Está tudo à espera de um dia arder...*

JPG / Loc. – Nem São Gabriel, padroeiro das comunicações, valeu à Onda Curta.

Mas continua por saber-se – e o Provedor continua sem obter respostas – quando e por quem foi extinta a Onda Curta.

O presidente da RTP limita-se a responder que a decisão de encerrar as operações de Onda Curta foi tomada “não nesta administração, não na anterior, mas na anterior da anterior...”

E o único documento conhecido para acabar de vez com a Onda Curta em Portugal é o registo de um exaltado ministro Relvas em S. Bento:

RM 05 MINISTRO MIGUEL RELVAS: Sobre a Onda Curta: vamos eliminar? Vamos. Não temos meios. Vamos, sim senhor, eliminar a Onda Curta. Não temos meios. Não há aqui dúvidas!

JPG / Loc. – Num dos primeiros programas, confrontado com o encerramento da Onda Média, em países do centro da Europa, e do FM em países nórdicos – operação que aliás correu mal – o Provedor lançou a pergunta: Mas será que a rádio vai acabar?

A pergunta foi dirigida ao Director da RTP Multimédia, João Pedro Galveias.

RM 06 João Pedro Galveias: Acho que não. Acho que a rádio ainda durante alguns anos será uma força viva, nomeadamente nos carros. E portanto acho que ainda há um prime-time para a rádio e para o FM.

JPG / Loc. – O amanhã nunca morre. E a rádio não vai acabar. Mas há quem escreva por antecipação a crónica da morte anunciada da rádio.

Ao mesmo tempo, numa ronda de entrevistas do Provedor, o desinvestimento foi a palavra cruzada nos depoimentos de responsáveis das estações do serviço público de rádio.

RM 07 – DIRECTORES E RESPONSÁVEIS:

Rui Pêgo: O desinvestimento em tecnologia tem levado a comprovar, muitas vezes, que a televisão vai hoje onde a rádio não consegue ir.

Nuno Reis: Como Director da Antena 3 gostaria de ter mais e melhores meios tecnológicos e uma equipa reforçada em alguns sectores.

João Paulo Baltazar: A redacção da Antena 1 perdeu mais de 40 – entre 40 e 50 profissionais – nos últimos 5 anos. Quanto aos meios tecnológicos claramente são insuficientes, há um desgaste tremendo de equipamentos da rádio.

João Almeida: A Antena 2 dispõe de meios humanos suficientes para subsistir, mas está longe do ideal ou mesmo daquilo que seria considerado normal para uma rádio desta natureza. Falta também um novo sistema de gestão de emissão que permita colmatar as muitas falhas que o actual sistema regista.

Carlos Menezes: Podíamos ter mais pessoas. Mas temos de fazer com o que temos, não podemos parar por causa disso.

JPG / Loc. – E o presidente da RTP, Gonçalo Reis, até concordou com o diagnóstico.

RM 08 – Gonçalo Reis: Aquilo que os directores dizem é correcto, neste sentido de que os diagnósticos estão feitos, nós agora temos é que ter os meios.

JPG / Loc. – O Provedor também puxou para a conversa a integração da rádio com a televisão.

São como dois irmãos, na imagem traçada pelo presidente da RTP.

Homem rico, Homem pobre, foi a comparação televisiva que o Provedor sugeriu.

E o presidente da RTP reconheceu que a rádio requer ser protegida.

RM 09 – Gonçalo Reis – Como tradicionalmente a televisão tem tido muitos meios, eu até diria que estamos abertos a uma discriminação positiva para a rádio e para o online, porque são meios que nessa medida têm de ser protegidos.

RM 10 – HINO da RTP c/ J Almeida

JPG / Loc. – O que o serviço público de rádio vai perdendo é a marca RDP, diluída desde 2004 na integração com a televisão na empresa Rádio e Televisão de Portugal – RTP.

RM 11 Sílvia Santos – ...pela predominância do discurso em torno da necessidade de reestruturar a televisão e pelo facto da RDP estar mais estabilizada é que ela terá sido um pouco engolida...

JPG / Loc. – Respondendo à curiosidade de ouvintes, o programa do Provedor guiou visitas pelo universo do serviço público de rádio.

RM12 – ANTENAS

Luís Caetano (Antena 2): É uma antena onde o programa de autor ainda tem espaço...

Luís Oliveira (Antena 3): Quando se tem tantos profissionais em antena como o Fernando Alvim ou o Ricardo Saló, não se pode falar numa linguagem unificada.

Programa Hora do Ouvinte (RDP África): «Alô ilha do Sal! Alô, Henrique, bom dia!» «Bom dia! Aqui tem muito atum!» «Olha, aqui por Lisboa há mais sardinha...» «Por acaso eu gosto mais é de bacalhau!»

Ana Filipa Rosa (RDP Internacional): Sim, comunicam connosco através dos meios que usam normalmente para falar com a família. Por exemplo, o Skype é um bom exemplo disso. Não tanto por telefone, mas nas redes sociais sobretudo, sim, temos muito feedback...

JPG / Loc. – A Internet já faz parte do presente da rádio e do serviço público de radiodifusão. Para além de estações de oportunidade, rádios estratégicas estão no ar, ou melhor dizendo, estão na rede: Antena1 Lusitânia, Vida, Fado, Memória, Antena2 Ópera, a Jazz In, e ainda a Rádio Zig Zag.

RM 13 – Iolanda Ferreira: O que queremos é que os meninos agora aprendam a gostar da rádio, reaprendam a gostar da rádio.

JPG / Loc. – A música e a playlist foi uma constante nas queixas dos ouvintes.

O Provedor dedicou seis programas ao tema. Ouviu o director responsável pela lista de difusão musical e autores de programas, nessa qualidade isentos de cumprir a lista de discos obrigatórios.

O Provedor concluiu que a lista pode ser um instrumento, mas não deve ser mais do que isso. E a música, como todo o entretenimento da rádio do serviço público, tem nos termos da lei o dever da qualidade. Acontece que a playlist segue mais a trilha das telenovelas.

RM14 – Paulo Fernando: Este disco é intocável, mas felizmente não é inquebrável. Por isso, vamos parti-lo...

JPG / Loc. – A bola e o humor geraram farpas em 2017.

O Provedor, seguindo a sugestão de um ouvinte, recomendou mais objectividade do relato e menos subjectividade de comentários da bola.

A recomendação até recolheu apoios na direcção das rádios do serviço público.

Mas nunca mais se vislumbram resultados concretos.

A liberdade de expressão é valor da rádio do serviço público.

Mas a liberdade tem fronteiras no bom gosto, no bom senso e em direitos protegidos, que até mesmo os humoristas devem respeitar.

RM 15 – D. JANUÁRIO

Repórter – O D. Januário ouve os programas de humor da Antena 1 – o Portugalex, o Mata-Bicho...

D. Januário – Quase sempre, quase sempre...

JPG / Loc. – E a meio deste ano chegou no correio do Provedor um pedido de ajuda: uma neta, a Sara, queria fazer uma surpresa ao avô, António Barão, grande fã e ouvinte bi-diário do *Portugalex*.

Fez-se o possível, com a ajuda da autora do guião do *Portugalex*.

RM 16 FÓRUM PORTUGALEX + CÃO

FICHA + INDICATIVO FINAL

Programa 31 – 12 Janeiro 2018

Balanço do ano: Humor, playlist e condições técnicas dominaram queixas

JPG / Loc. – O Provedor provê.

E com os meios necessários para que proveja, proverá...

E provendo, fica o ouvinte provido.

Não é nada fácil conjugar este verbo:

Eu provejo... tu proverias... ele proveu... provejamos nós... vós proveríeis... eles provessem... provede vós... provejam eles...

E assim, com os meios administrativos e técnicos que a Rádio e Televisão de Portugal proveja, mas com independência, o Provedor desempenha das suas funções, isto é, provê.

INDICATIVO ABRTURA

JPG / Loc. – Antigamente era o estimado ouvinte.

Cidadão ouvinte, com reconhecimento, estatuto e dignidade na lei, isso foi com o Provedor.

O ouvinte ganhou lugar na lei através do Provedor.

Lei da Rádio artº 37 – Competências:

1 - Compete ao provedor do ouvinte:

Receber e avaliar a pertinência de queixas e sugestões dos ouvintes sobre os conteúdos difundidos e a respetiva forma de apresentação pelos serviços públicos de rádio.

RM Gonçalo Reis – O importante é que nós, a partir de hoje, temos o João Paulo Guerra como provedor. A rádio pública passa a partir de hoje a ter o seu provedor em funções.

JPG / Loc. - Desde que foi instituído o serviço do Provedor do Ouvinte na rádio do serviço público, em 2006, e até Julho de 2016, foram recebidas e analisadas pelos serviços do Provedor 8.617 queixas, reclamações e sugestões de Ouvintes, o que dá uma média de 862 queixas anuais.

Mas esta média é ilusória: há picos de intervenção dos ouvintes registados nos relatórios dos provedores relativos a 2007, 2009 e 2011 – este correspondente ao elevado número de protestos pela suspensão das emissões de Onda Curta.

Também um acentuado declínio desde o relatório de 2012 e sinais de uma tímida retoma, em 2015.

Não há dados publicados relativos ao ano de 2016.

No ano de 2017, o Provedor do Ouvinte recebeu e avaliou a pertinência de cerca de 850 queixas e sugestões.

As mais numerosas, frequentes e insistentes razões de queixa dos ouvintes ao longo de 2017 tiveram a ver com o pluralismo da opinião e o rigor da informação.

RM Noticiário das 20h de 26 de Abril de 2017

Repórter – A senhora só vai sair daqui quando?

Manifestante – Olhe, até de manhã...

Repórter – Que garantias é que vocês querem ouvir daqui?

Manifestante – Que a Caixa funcione como sempre funcionou. Porque é que os velhos não têm direito à vida? Querem-nos matar... Eu já disse: querem fechar as portas da vila e fechar-nos cá dentro para nos matarem à fome? Para morrermos sem podermos comprar nada... Já que nos tiram os ordenados, tiram-nos a caixa, tiram-nos o dinheiro...

JPG / Loc. – O registo de um repórter local de Almeida sobre os protestos e a ocupação do balcão da CGD é um caso extremo de desinformação.

Ficou claro na resposta do Provedor ao ouvinte que muito justamente se queixou, que tal facto resultou do acordo para partilha de repórteres entre a rádio e a tv do serviço público:

A tv tinha o repórter em directo, a colaboração para a rádio ficava-se pelo despejo de registos magnéticos de ambiente local minutos antes do noticiário.

Ou como já dizia o anterior presidente da ERC, Carlos Magno: “A rádio está a ser vampirizada pela TV”

RM Carlos Magno (AR, 26.02.2014) – Eu acho que a rádio está a ser vampirizada pela televisão.

JPG/Loc – Ou como escreveu mais tarde Sílvio Carreira Santos, investigador e professor da área da comunicação na Universidade de Coimbra, a rádio foi engolida pela tv.

Sílvio Santos (Em Nome do Ouvinte, 15.12.2017) – A discussão na altura, nos média, foi feita em torno da televisão. E muitas vezes ouvíamos falar da rádio um pouco a reboque numa posição muito secundarizada. E por isso é que eu digo que pela predominância do discurso em torno da necessidade de reestruturar a televisão e pelo facto da RDP estar mais estabilizada é que ela terá sido um pouco engolida, foi a expressão que eu usei.

JPG / Loc. - Em 2017, o Provedor analisou, investigou, inquiriu responsáveis e observadores, avaliou e respondeu a cerca de 850 mensagens de ouvintes:

Queixas, reclamações, críticas, protestos, rectificações, perguntas, esclarecimentos, elogios.

O tempo médio de resposta do Provedor a cada mensagem foi de quatro dias e meio.

Algumas respostas ultrapassaram largamente esta média, por exigirem consultas, investigação, demanda de dados.

Muitas respostas tardaram e atrasaram a réplica aos ouvintes; outras respostas simplesmente não chegaram.

RM (Em Nome do Ouvinte, 23.11.17)

Provedor – E o que é que respondem quando perguntam se a Onda Curta ainda volta?

Ana Filipa Rosa – É uma ótima pergunta, não sou eu que costumo ficar com essa responsabilidade de responder, e portanto não lhe sei dizer qual é a resposta. Não lhe sei dizer...

JPG / Loc. – A segunda matéria com mais razões de queixa de ouvintes no ano de 2017 foi... o humor.

RM Bruno Nogueira – Olá estimados coisinhos Hoje trago serviço público de elevado quilate para partilhar convosco. Vamos a isto...

JPG / Loc. – E com respeito ao humor, o que mais se discutiu foi a fronteira da Liberdade e o limite do humorismo.

Com uma ideia clara por parte das direcções da rádio do serviço público, neste domínio em consonância com o Provedor:

Liberdade de expressão sempre e em primeiro lugar.

Limite do humor só o próprio humor, que deixa de o ser quando perde o sentido do bom gosto, quando cede ao gosto fácil e básico.

E o Provedor, que em regra defendeu a liberdade de expressão dos humoristas, não deixou de criticar, e duramente, uma certa crónica de Bruno Nogueira, no Mata-Bicho do dia 7 de Dezembro de 2017;

RM Bruno Nogueira – Tá bom? Era só isto. Adeusinho, até amanhã.

JPG / Loc. – O Provedor também criticou uma prestação de Marta Bateira na rubrica *Beatriz Gosta*, considerando tratar-se de uma exibição de obscenidade gratuita, intolerável num horário matutino.

RM Marta Bateira - Beatriz Gosta – Hello, gente marota...

JPG / Loc. – Em 2017, o mês de Dezembro bateu o recorde, com mais de 170 queixas recebidas.

O que fez disparar o correio do Provedor em Dezembro não foram votos de Boas Festas: foram queixas sobre a crónica de Bruno Nogueira, hno dia 7 de Dezembro.

Citação do Parecer emitido: O Provedor ouviu e analisou a referida rubrica e considera que o respectivo conteúdo substitui o humor pelo mau gosto e a grosseria. Trata-se de um desempenho básico, desordenado, mal informado e preguiçoso que perde a graça e não ganha nada em troca.

A rádio pública do estado democrático e laico que é Portugal não pratica censura e proporciona a liberdade de expressão aos seus colaboradores. Mas o humor em liberdade tem como limites naturais o bom gosto e a consideração do auditório a que se dirige. Fim de citação.

Cortina

JPG / Loc. – O número de queixas relativas a programas de humor determinou a abertura de um debate sobre a matéria.

Dom Januário Torgal Ferreira participou no debate para dizer que Deus tem sentido do humor.

RM Dom Januário Torgal Ferreira (Em Nome do Ouvinte, 8.06.17)

Repórter – *Ouviu provavelmente nestes tempos algumas piadas feitas à volta de Fátima e que escandalizaram alguns ouvintes...*

D. Januário – *Não me tocaram absolutamente nada. É o que vem no Evangelho: foi a mim, Deus, que tua acolheste. Quer dizer: as pessoas não se escandalizam com a perseguição política, não se escandalizaram com a fome, não se escandalizaram com os baixos salários, não se escandalizam com os serviços hospitalares – uns ótimos, mas outros péssimos. As pessoas não se escandalizam, a não ser quando lhes dói na pele. Mas escandalizam-se de uma forma beata e ultrapassada com coisas com as quais nós até ganharíamos – na apresentação florida, descontraída, humanizada. Nós de facto não somos humanos até no tratamento religioso. Somos profundamente desumanos e profundamente fundamentalistas...*

JPG / Loc. – A música também deu muito que falar na correspondência dos ouvintes para o Provedor e por isso mesmo também no programa *Em Nome do Ouvinte* falou-se de música.

Em seis edições do programa do Provedor falou-se de música e da playlist da Antena 1.

RM Ricardo Soares (Em Nome do Ouvinte 30.06.17)

RS – *Não há nenhuma exclusão...*

Provedor – *Nenhuma exclusão, nenhum critério que exclua um tipo de música, um determinado autor, um determinado cantor...*

RS – *Não, exclusão não há. Eu não posso colocar de parte que possa haver alguma subjectividade na escolha. Mas isso é uma coisa normal e natural.*

JPG / Loc. – O Provedor concluiu que música é música.

A playlist é outra música...

A playlist poderá constituir um instrumento de trabalho mas não como um fim em si mesma.

Ou então teremos discos obrigatórios, onde antes havia discos proibidos.

Da playlist activa que esteve em vigor na primeira quinzena de Junho de 2017, quando se realizou o inquérito no programa do Provedor, 23 canções vinham de bandas sonoras de telenovelas.

RM Matias Damásio – Excerto de música

JPG / Loc. – Assunto sempre presente nas queixas dois ouvintes ao Provedor são as condições técnicas em que a rádio do serviço público é feita e é ouvida.

RM – Excertos de emissões com deficiências técnicas

JPG / Loc. – As rádios da rede do serviço público têm fragilidades comuns, designadamente nas condições de emissão e gravação, como nas redes de difusão e nas condições de recepção.

As queixas nesse sentido são as mais comuns por parte dos ouvintes.

As condições de recepção têm vindo a degradar-se, queixa-se um ouvinte.

Desde algum tempo que a receção em algumas zonas é praticamente impossível, lamenta-se outro ouvinte.

A emissão é muito irregular e deficiente, reporta um terceiro.

RM - Recepção deficiente

JPG / Loc. – Estas queixas não constituem novidade, ao cabo de mais de dez anos de falta de investimentos estruturados técnicos e tecnológicos.

Falámos desse e de outro assuntos, nos programas do Provedor nos quais responderam perante os ouvintes os directores das antenas 1, 2, 3 e o Director de Informação, mais o Presidente da Administração.

E lá voltou à conversa a questão não resolvida da integração da rádio com a televisão.

O presidente da administração disse que a rádio e a tv eram meios de comunicação irmãos na empresa RTP.

Para usar uma metáfora televisiva, poder-se-á falar de *Homem Rico, Homem Pobre*, série dos anos 80 com Richard Strauss, no papel de irmão rico, e Nick Nolte, no papel de irmão pobre.

RM Gonçalo Reis (Em Nome do Ouvinte, 4.10.17)

GR – É muito interessante – eu estava aqui na administração liderada pelo dr. Almerindo Marques quando nós juntámos a rádio e a televisão. E isso na altura foi muito, muito, muito questionado.

JPG / Loc. – Num dos primeiros programas do Provedor, e perante notícias que chegavam da Europa – fim da Onda Média na Europa Central, fim no FM nos países nórdicos – procurámos saber se a rádio estava para acabar.

A resposta do Director da RTP Multimédia, João Pedro Galveias, não deixou nenhum ouvinte de rádio plenamente tranquilo.

RM João Pedro Galveias (Em Nome do Ouvinte, 19.05.17)

JPG – O FM está a ser desligado em alguns países. Por exemplo na Europa, a Noruega vai durante este ano de 2017 fechar as emissões em FM das estações nacionais, ficando só com emissões DAB. Mas em Portugal estamos longe de isso acontecer, ainda, porque em Portugal houve até mesmo um retrocesso: houve emissões DAB aqui desta casa, da RTP – Antena 1, Antena 2, Antena 3 – que começaram no final dos anos 90 e que no princípio desta década (por volta de 2010, 2011, penso eu) foram suspensas porque não havia ouvintes a aceder às emissões, havia muito poucos, e os custos de manutenção da rede eram complicados. Portanto, foi suspensa a emissão de DAB em Portugal não sei se o FM morrerá em Portugal, um bocadinho em contraciclo daquilo que se está a passar em alguns países europeus. E portanto eu não sei se o FM morrerá em Portugal tão cedo quanto isso.

JPG / Loc. – E entretanto, a Onda Curta apareceu extinta, por uma decisão tomada não se sabe por quem nem quando.

E o centro de emissores de Pegões foi posto à venda.

Também há terrenos e instalações de Onda Média, como os emissores de Miramar, com venda consumada.

E nos emissores e estúdios de FM o desinvestimento é uma realidade e uma constante.

No Plano de Actividade e Investimentos para 2018 está contida a piedosa intenção de intervir, de forma cirúrgica, nas redes de emissores.

Mas essa intenção é tão antiga quanto o desinvestimento e a degradação dos emissores, dos estúdios, dos meios móveis.

A rádio requer atenção e cuidados urgentes. É preciso que se olhe para ela com olhos que não fiquem ou não andem encadeados com os foguetórios da agenda de 2018.

Atenção à Rádio! Emergência para a Rádio!

O Provedor do Ouvinte não deixará jamais cair esta bandeira.

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 32 – 19 Janeiro 2018

Era uma vez uma taxa de rádio: quando os fiscais batiam à porta

JPG / Loc. – A primeira boa notícia para o ano de 2018, no que diz directamente respeito aos ouvintes da rádio, é que a contribuição audiovisual não aumentou: são 2,85 euros por mês (mais iva), por cada lar que consuma energia.

Não é que eles não quisessem aumentar...

Mas não aumentou.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Com relativa frequência, um considerável número de ouvintes faz questão de sublinhar, na correspondência para o Provedor, que o seu protesto tem o sustento da lei e o peso do facto de esta rádio constituir um serviço pago pelo público.

Queixe-se o ouvinte do que se queixar... Volta não volta, lá vem o remoque:

“É lamentável que o dinheiro dos contribuintes sirva para pagar esse "tipo" de serviço público”, como se queixou um ouvinte de Vila Real.

As queixas ao Provedor visam motivos da actualidade.

Mas a história é antiga. Vem de 1933, do decreto que organizou os serviços radioelétricos, antes mesmo da realização de emissões experimentais da Emissora Nacional.

Foi esse decreto de 1933 que definiu o pagamento obrigatório de uma taxa de contribuição por todos os proprietários de emissores ou receptores radioelétricos.

Publique-se e cumpra-se. Quem manda? O 9.º governo da Ditadura portuguesa e 1.º governo do Estado Novo. Assinado: António de Oliveira Salazar.

RM (Excerto de emissão da EN em 1955, com oferta de receptor a um ouvinte)

Locutor – Pois, caro amigo, os nossos sinceros parabéns e já agora um esclarecimentozinho: o facto de a Emissora Nacional lhe oferecer um aparelho de rádio não quer dizer que não deva tirar a licença...

Ouvinte – Ah, bem sei, já estou preparado para isso...

JPG / Loc. – A taxa foi sendo paga porque num regime de ditadura manda quem pode e obedece quem deve.

Mas no estertor do regime, a desobediência começava a ter âmbito e carácter civil.

E os jornais de finais de inícios de Março de 1973, davam notícia de uma portuguesa, absolvida no 1º Juízo Correccional de Lisboa da acusação de não ter permitido a entrada em residência à sua guarda a uma brigada de fiscais da taxa da Emissora Nacional acompanhados por um guarda da P.S.P.

Lá iremos, aos fiscais da taxa.

RM JUSTO – As pessoas não gostavam de pagar a taxa...

JPG / Loc. – Mas se em 1973 os fiscais já não davam conta das taxas e os tribunais já não tinham mão nos processos ... com o 25 de Abril, cobrar a taxa passou a ser missão impossível.

E foi então que o VI Governo Provisório, neste caso representado pelo inefável Dr. Almeida Santos, descobriu a pólvora.

RM Almeida Santos (1975) – Também temos de rever essas taxas, enveredar por um sistema de cobranças que não seja tão voluntário como até aqui porque como talvez saiba há centenas de milhares de processos em situação de relaxe, os tribunais não têm a mínima possibilidade de julgar esses processos, e portanto o problema tende a agravar-se. Temos de ir para uma forma de pagamento de taxas indirecto, que não dependa tanto da vontade dos interessados e a solução que se tem encarado – em todo o caso não foi ainda concretizada, mas sê-lo-á em breve – seria uma solução através do consumo de energia eléctrica.

JPG / Loc. – As taxas andaram em bolandas pelo catálogo dos ministérios...

Até que um dia, em 1977, já com outro Governo, embora da mesma cor, o poeta Manuel Alegre, na qualidade de secretário de Estado, pegou no microfone e falou. Para dizer que a Rádio em Portugal não se veria livre da taxa.

RM Manuel Alegre – Quanto à Radiodifusão Portuguesa: está em fase de acabamento a lei da Rádio, a qual após a fase de aprovação em Conselho de Ministros será enviada à Assembleia da República. Seguidamente será elaborado um novo estatuto para a empresa. Outras medidas: lançamento, que é muito importante, de uma nova taxa de radiodifusão.

JPG / Loc. – E foi financiada pelos ouvintes que a Radiodifusão Portuguesa singrou nas ondas hertzianas. A taxa da rádio manteve-se em Portugal para além de todas as vicissitudes... Até mesmo quando Cavaco Silva entendeu por bem acabar com a taxa da televisão única. E logo quando se preparava a abertura do sector vídeo à concorrência dos privados.

RM Cavaco Silva (Fevereiro 1990) – Com a entrada em funcionamento da televisão privada, o governo acabará com a taxa de televisão que presentemente é paga pelos proprietários dos aparelhos. Pretende-se assim que todos os portugueses possam usufruir gratuitamente do serviço público de televisão.

JPG / Loc. – A rádio e a televisão faziam-se no ar... mas decidiam-se nos bastidores.

Em 1998, em entrevista a Francisco Sena Santos, na RDP, Alberto Arons de Carvalho apontou o dedo a uma oposição que tinha planos gerais de privatização para toda a rádio e televisão. Bastava cortar o pãozinho das taxas e a rádio, como a televisão, cairiam de maduras nas mãos dos privados.

RM entrevista de Sena Santos a Arons de Carvalho (1998)

Sena Santos – Esta questão da taxa de radiodifusão está a parecer recorrente na discussão política, nestes últimos dias. O governo admite discutir esta questão, a taxa da radiodifusão?

Arons de Carvalho – Nós admitimos sempre discutir tudo. Mas tenho a obrigação de prevenir as pessoas que é uma ilusão pensarem que poupam algum dinheiro não pagando as famílias os tais 268 escudos – que aliás é a taxa de rádio mais barata de toda

a Europa. Porque foi assim, com o fim da taxa, que começou o calvário que tem hoje a RTP, e os contribuintes pagam através do orçamento de Estado milhões e milhões de contos. O que significa que para as pessoas não é uma poupança deixarem de pagar os tais 268 escudos, ou seja, menos de um maço de tabaco por mês. Aliás, uma medida deste tipo teria também gravíssimas consequências porque obrigaria a RDP a ir para o mercado publicitário, teria gravíssimas consequências para as outras estações de rádio. As rádios locais viveriam com imensas dificuldades se a RDP tivesse de recorrer à publicidade.

Sena Santos – O PSD anuncia a intenção, também, de desencadear processos de privatização ou de propor a privatização de alguns canais da RDP. O PS é hostil a essa ideia?

Arons de Carvalho – Completamente hostil. Penso que a RDP tem hoje uma situação perfeitamente equilibrada e não está no nosso horizonte cometer os erros que o PSD, aliás, cometeu quando se tratou da televisão pública.

JPG / Loc. – Gorados os planos de privatização total da rádio e da tv, os profetas voltaram ao poder com um problema nas mãos: a televisão pública, privada da taxa abolida por Cavaco, estava à beira da ruína.

Foi aí que alguém começou a fazer contas à taxa da rádio e à miséria da televisão.

RM Morais Sarmiento – Aquilo que o governo pondera é: se, na medida em que se verifique a possibilidade de reduzir custos na RDP e que isso liberte um valor de taxa, em vez de estar a ir buscar para o buraco que temos na RTP dinheiro ao bolso dos contribuintes – porque é lá que iremos, porque vem do orçamento de Estado, certo? É utilizar esse excedente da taxa para tapar essa dificuldade que temos na RTP. Isto é uma decisão que o governo pondera. É óbvio que a taxa tal e qual existe só pode ser utilizada para a RDP. Óbvio também que não queremos criar dois problemas onde só existe um. Óbvio, por isso, que é só, e na medida em que se verifique disponibilização de verba resultante da taxa, que admitimos a possibilidade de ver se sim ou não ela pode ser realocada à RTP.

JPG / Loc. – A integração da rádio com a televisão consumou-se em 2004.

E como estava previsto o excedente do fundo da taxa da rádio tirou a TV de aflições imediatas.

Dez anos mais tarde, no Parlamento, o presidente da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, Carlos Magno, fez um retrato a traço grosso da integração da rádio com a TV.

RM Carlos Magno – Eu acho que a rádio está a ser vampirizada pela televisão. O que significa que acabou a taxa de televisão já no século passado, a contribuição audiovisual é a da rádio, vem na factura da luz... Não vale a pena explicar isto, toda a gente sabe o que é que se passa. E portanto a rádio é um contribuinte líquido para toda a empresa, e a rádio nem sempre beneficia com isso.

JPG / Loc. – Em Maio passado, um ouvinte, reformado, de Viana do Castelo, observava, em mensagem ao Provedor, que a Contribuição Audiovisual não é opcional, o que gera especial responsabilidade pela utilização desse dinheiro público.

Mas a realidade é que do bolo da Contribuição Audiovisual, o brinde vai para a tv, a rádio fica com a fava.

RM Gonçalo Reis (Em Nome do Ouvinte, 6.10.17)

GR – Em média, eu diria que o investimento em rádio deve andar entre 25 a 30%.

Provedor – Isso é a média europeia?

GR – É a média europeia e a média na RTP.

JPG / Loc. – A Europa tem sempre comparações e citações para todas as medidas.

Mas a comparação europeia de Portugal para a contribuição audiovisual é simplesmente a Roménia.

E com 25 por cento de uma contribuição de cerca de 2,85 euros (mais iva) por mês, por cada lar consumidor de electricidade, o que equivale a falar de uma taxa para a radiodifusão de 72 cêntimos mais IVA, a rádio do serviço público mantém:

A Antena 1 generalista, a Antena 2 de cultura, a Antena 3 jovem, de cultura pop, uma direcção de informação transversal a todas as antenas, com informação geral e transmissões desportivas, a RDP África, a RDP Internacional, a RDP Madeira e a RDP Açores, e ainda diversos canais de rádio estratégicos ou de oportunidade na internet.

Ou seja, a Contribuição Audiovisual não opcional de 72 cêntimos mais IVA que cabem à rádio, ajuda a manter várias semanas de programação por cada dia de rádio do Serviço Público.

A diversidade e a Liberdade são as linhas mestras da rádio do Serviço Público.

É pela diversidade e em Liberdade que a rádio do Serviço Público procura atingir mais ouvintes, acompanhar mais opções. Nem sempre cumpre como deve? Pois não.

Mas no serviço público de radiodifusão há recurso. Quando não se gosta de alguma coisa que se ouviu, escreve-se ao Provedor do Ouvinte.

Cortina

JPG / Loc. – O financiamento público foi timbre da rádio estatal, desde a fundação da Emissora Nacional. A taxa de radiodifusão sonora era paga por cada aparelho de rádio.

RM (Excerto de emissão da EN em 1955)

Locutor – Temos um novo contemplado. O seu nome por favor.

Ouvinte – Fernando dos Santos Ivo.

Locutor – Sr. Fernando dos Santos Ivo. É capaz de me dizer: já possui aparelho de rádio?

Ouvinte – Ainda não.

Locutor – Bravo! Ora vamos cá então conversar muito amigavelmente...

Ouvinte – Costumo ouvir os programas da Emissora Nacional através do rádio da família.

Locutor – Ah, da família. Pois então agora vai ter um rádio inteiramente seu. Pois, caro amigo, os nossos sinceros parabéns... e já agora um esclarecimentozinho: o facto de a Emissora Nacional lhe oferecer o aparelho de rádio não quer dizer que não deva tirar licença...

JPG / Loc. – O recenseamento dos aparelhos era obrigatório. E a vigilância para escapadelas à lei era assegurada por uma legião de fiscais de taxas. Inês Forjaz:

RM – *JOSÉ JUSTO, fiscal reformado – Peça de Inês Forjaz*

IF – Andavam dois a dois. E tinham licença para entrar.

JJ – O dia de trabalho, olhe: saia-se para a rua, ia-se trabalhar para determinada zona, e dentro dessa zona podia-se ir às residências que se quisesse.

IF – Regressamos ao passado à boleia das memórias de um antigo fiscal da Emissora Nacional.

JJ – José António de Sousa Justo. Batiam à porta e depois vinha a pessoa, ou deixava entrar ou não deixava. Normalmente havia poucas que não deixavam entrar.

IF – Os fiscais entravam nas casas das pessoas para verificar se havia rádios ou televisores não declarados. A simples posse de um receptor implicava o pagamento de taxa, mesmo se o aparelho não estivesse a funcionar. E era certo e sabido que durante as chamadas horas de expediente os cidadãos tinham mesmo de deixar entrar os fiscais.

JJ – No caso de não quererem deixar entrar, havia fiscais que... deixa andar. Mas a gente podia levantar um auto de ocorrência ou um auto de notícia. O auto de notícia era encontrando os aparelhos de rádio ou de televisão. O auto de ocorrência era, no caso de a pessoa não querer deixar entra: éramos dois, um ficava à porta, e o outro ia chamar a polícia. A polícia chegava lá, dizia “Estes senhores são da fiscalização, queira deixar entrar os senhores”. A senhora continuava a recusar a entrada, o polícia dizia “Olhe, acompanhe-me à esquadra”.

IF – O antigo fiscal Justo fala nas senhoras porque elas resistiam mais do que eles.

JJ – A senhora normalmente é que fazia mais obstrução. E ela era a dona da casa. E às tantas até fechavam a porta.

IF – Quem impedisse a entrada dos fiscais pagava uma segunda multa.

JJ – Elas não querendo deixar entrar iam responder ao juiz, o juiz perguntava-nos o que é que se tinha passado, e a gente responde. E depois as pessoas normalmente tinham de pagar determinada quantia aos fiscais, só que nós nunca recebemos nada, nada, nada. Nunca quisemos receber nada.

IF – O que recebiam, sempre, era uma percentagem sobre a multa aplicada aos aparelhos não declarados.

JJ – Dependia do valor da multa. A multa mais pequena, o fiscal ganhava 125 escudos. Mas isso dependia do tempo. As pessoas, muitas delas não sabiam e diziam “Olhe, já tenho isto há cinco anos, já tenho há quatro, já tenho há três.” E depois a multa bera também maior por ter aquilo há tantos anos e não ter licença...

IF – Quantias que subiam, e muito, os salários dos fiscais. Salários que atingiam valores mais altos do que outros funcionários da Emissora com mais habilitações.

JJ – Quando fiz o quinto ano do liceu, concorri para terceiro oficial. O terceiro oficial ganhava mais mil escudos do que o fiscal. Só que o fiscal recebia mais de mil escudos em participações de multas.

IF – Quando eram apanhadas sem a licença de rádio, as pessoas tentavam livrar-se da multa como podiam. A desculpa mais comum era a de que tinham o aparelho à experiência.

JJ – Os vendedores de rádios e televisões punham à experiência, passavam um papel, mas a experiência eram só 15 dias...

IF – Havia também quem subornasse os fiscais com sucesso.

JJ – Sabe, as pessoas ofereciam muito dinheiro aos fiscais para não ser multadas.

IF – José Justo garante que não aceitava subornos. Muito pelo contrário. Ainda hoje se orgulha de ter sido um dos fiscais que mais multas passava.

JJ – Eu, pelo menos, levantava muitos autos. Havia casos em que uma pessoa levantava por dia dez, doze autos, e mais.

IF – Apesar de tudo, a entrada dos fiscais tinha regras que nem sempre eram cumpridas. Aos nossos dias chegaram relatos de tentativas de entrada forçada. O antigo fiscal nega tudo.

JJ – Acontecia as pessoas dizerem isso para se livrarem de determinados casos. Que não tinham deixado entrar porque pôs o pé na porta, ou pôs isto ou pôs aquilo. Ninguém punha o pé na porta, minha senhora!

IF – Perante a justiça, a palavra do fiscal falava sempre mais alto.

JJ – Com certeza.

IF – Mas, em 1973, um juiz de Lisboa absolveu em dois casos duas mulheres acusadas de impedir a entrada dos fiscais. Decretou que os domicílios eram invioláveis, decretou também a inconstitucionalidade da lei orgânica da Emissora nacional que impunha aos cidadãos a entrada dos fiscais em domicílios particulares.

JPG / Loc. – José Justo, um fiscal dos tempos da taxa da rádio à conversa com a jornalista Inês Forjaz.

Cortina

JPG / Loc – Faleceu no dia 18 de Janeiro de 2018 o realizador e locutor de rádio Fernando Quinas. Tinha 72 anos. Começou a carreira nos noticiários do Rádio Clube Português, também passou muita música, muitos discos. E quando chegaram as playlists, o Fernando Quinas comentou, e a frase ficou para sempre: «Quando cheguei à rádio, havia listas de discos proibidos. Agora, há listas de discos obrigatórios.» Que o Fernando Quinas descanse em paz. E com música.

FICHA + INDICATIVO FINAL

Programa 33 – 26 Janeiro 2018

Era uma vez uma taxa de rádio: a contribuição audiovisual

SOM: Intro “Money” (Pink Floyd)

JPG / Loc. – É um imposto?

É uma taxa?

– Não, é a CAV, Contribuição para o Audiovisual!

E todos pagam a CAV?

– Quer dizer: como consumidores de electricidade, os semáforos e as luzes dos cemitérios, pagam a CAV...

– Mas na qualidade de agricultores, os criadores de camelos não pagam contribuição para a rádio e a televisão.

– Os criadores de camelos não pagam?

– Não, os criadores de camelos e de outros camélídeos: dromedários, lhamas, guanacos, vicunhas e alpacas não pagam.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – No total, há hoje 900 mil consumidores de electricidade isentos de pagar a contribuição para o audiovisual. A lei isenta os consumidores que não atinjam os 400 quilowatts /ano. Há também uma redução da CAV para os beneficiários da tarifa social. De resto, todos pagam, quer usufruam ou não do serviço público de rádio e televisão.

Todos, não é bem assim. Em 2012, os agricultores conseguiram constituir-se em excepção ao pagamento da contribuição para o audiovisual. E foi pelo buraco dessa agulha que passaram os criadores de camelos em Portugal.

De resto, repetimos, há 900 mil consumidores de electricidade isentos de pagar a CAV. Todos os outros pagam e podem depois, quando se queixam ao Provedor, acrescentar que esta rádio é também paga por eles.

Som dinheiro

JPG / Loc. – Esta é das referências mais constantes nas queixas dos ouvintes ao Provedor:

Esta rádio que eu pago... ou que nós pagamos...

Esta é a rádio que também é paga por mim... paga por nós.

Foi por este tema que começámos a conversa com o entrevistado nesta edição do programa *Em Nome dos Ouvinte*.

O Dr. João Pedro Figueiredo é jurista, pós-graduado em Direito da Comunicação Social, professor, tem currículo em cargos da Administração Pública, é agora vogal do Conselho Regulador da ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

E já que a CAV não é opcional, para abrir a entrevista perguntámos por que razão é que sendo esta contribuição imposta... não se chama imposto?

JOÃO PEDRO FIGUEIREDO [JPF] – É uma boa pergunta e eu não tenho resposta para ela, porque na verdade o financiamento do serviço público de rádio ou de televisão sempre foi feito maioritariamente, salvo algum período histórico mais circunscrito, através das taxas de rádio e televisão que a partir de certa altura deixaram de ser taxas e passaram a ser impostos.

JPG / Loc. – A taxa da rádio e a taxa da televisão viveram separadas desde a nascença. Em 1990, a taxa da rádio ficou sozinha em campo, quando a taxa da televisão foi abolida pelo homem que nunca se enganava e raramente tinha dúvidas. E foi assim que a RTP chegou em 2003 a uma dívida acumulada de 1.300 milhões de euros.

JPF – A chamada taxa da rádio nunca deixou de existir, sendo já um imposto, enquanto a taxa de TV foi abolida em 1990, quando surgiram os outros operadores privados de TV, criando uma divergência de regimes entre rádio e TV. Essa divergência nunca foi bem explicada e teve como consequências o descalabro da RTP, que a partir dessa altura deixou de ter um financiamento certo e passou a ser financiada pelo OE, sendo que era raro o ano em que as verbas que estavam destinadas à RTP eram de facto aquelas que eram entregues à empresa, e daí ter surgido aquela dívida colossal que só a partir de 2003 começou a ser saneada.

JPG / Loc. – Televisão ao fundo, enquanto a rádio, financiada pela taxa, se mantinha estável. Foi depois criada a Contribuição Audiovisual, para substituir a taxa da rádio e com eventuais excedentes a dar a mão ao sector vídeo. Como evoca o jurista João Pedro Figueiredo, nosso entrevistado.

JPF – Houve sempre uma separação. Esta unificação de regimes é relativamente recente. Por um lado a taxa passou a chamar-se contribuição audiovisual e começou a sustentar não só a rádio como, no excedente, também a televisão.

JPG / Loc. – Rapidamente a situação se foi invertendo. E do proposto excedente da rádio para subsidiar a TV, passou-se a uma parte de leão para a televisão, e sobras para a rádio.

Em 2016 o valor total da receita da CAV ascendeu a perto de 170 milhões de euros. Desse montante, 2,1 milhões ficaram na EDP como pagamento pelo serviço de cobrança realizado pela empresa eléctrica.

Na Rádio e Televisão de Portugal entraram 166,5 milhões de euros. Dos quais 136 destinados à atividade de televisão: 82 por cento. Sobraram 30 milhões para a rádio, o online e despesas gerais – 18 por cento.

Bem abaixo da percentagem declarada pela administração da RTP para colocar o caso português de coabitação da rádio com a TV num cenário europeu.

RM Gonçalo Reis (Em Nome do Ouvinte, 6.10.17)

GR – Em média, eu diria que o investimento em rádio deve andar entre 25 a 30%.

Provedor – Isso é a média europeia?

GR – É a média europeia e a média na RTP.

JPG / Loc. – Muitos habilidosos e muitas habilidades deram a volta ao espírito e à letra da lei que criou a CAV para financiar a rádio. Até que para todos os efeitos práticos, a rádio perdeu a prioridade que a lei lhe atribuía. E a contribuição audiovisual acabou por ser o abono de família para a televisão e o rendimento social de integração para a rádio.

JOÃO PEDRO FIGUEIREDO – A lei de 2003 dizia que a rádio era financiada pela CAV e o que sobrasse iria para a TV. Mas em 2013, quando o Governo de Passos Coelho acabou com as indemnizações compensatórias para a TV, alterou esta lei de 2003, que passou a dizer agora que “o financiamento público de radiodifusão e de televisão é assegurado através da cobrança da CAV e pelas receitas comerciais dos respectivos serviços”. Ou seja, deixou de fazer aquela distinção: a prioridade que existia da rádio em relação à TV desapareceu quando desapareceram as indemnizações compensatórias que financiavam também a televisão.

JPG / Loc. – Os 170 milhões da contribuição audiovisual cobrados pela EDP rendem mais de 2 milhões à eléctrica, pela cobrança, já sabíamos.

E da EDP os 170 milhões não seguem em linha recta para a RTP. Metem por um desvio, de forma a estacionarem uns dias no Ministério das Finanças, que não dá ponto sem nó.

Luís Castro Mendes, ministro da Cultura, que tutela a RTP, abriu a luz verde ao trânsito da CAV pelo Ministério das Finanças e o Orçamento do Estado.

RM Luís Filipe Castro Mendes (2016) – A CAV vai ser entregue mensalmente – repito: mensalmente – à RTP pela autoridade tributária, como sucede em outros casos. Portanto não tem que recear a RTP ser prejudicada por este mecanismo que é introduzido por força duma recomendação do Tribunal de Contas e em virtude de se considerar que oferece maior transparência que a transferência do montante seja feita desta forma. Mas o governo assegura que a transferência será feita mês a mês. Conforme for recebida da EDP, será imediatamente transferida para a RTP.

JPG / Loc. – Isto porque o Tribunal de Contas, em 2016, decidiu que a CAV é um imposto e que teria portanto de passar primeiro pelo Orçamento de Estado antes de ser entregue à RTP. O Jurista João Pedro Figueiredo, nosso entrevistado, frisa que nem sempre foi assim:

JPF – Nem sempre foi assim. Antes disso, há dois anos, a EDP, e depois as restantes comercializadoras, entregavam directamente o dinheiro à RTP e a RTP podia dispor dele imediatamente. Há cerca de dois anos, em virtude duma nova orientação julgo que do Tribunal de Contas, o Ministério das Finanças passou a exigir que este dinheiro passasse primeiro pelo Ministério das Finanças e, não obstante continuar consignado à RTP, só é libertado uns dias mais tarde, o que pode eventualmente colocar problemas de tesouraria à empresa, por não ter dinheiro para prover às despesas imediatas naquele período de tempo. Julgo que essa questão já foi endereçada às autoridades competentes e à Assembleia da República.

JPG / Loc. – Sendo a contribuição audiovisual cobrada na factura da electricidade....

... É suposto que todos paguem a CAV.

A simples aplicação da regra leva a que paguem a CAV os mais inesperados dos consumidores.

JPF – Os semáforos e outros pontos que consomem energia, designadamente pública, se tiverem um contador associado, pagam, de facto, a CAV, a não ser que os consumos anuais não passem os 400kw. Nessa altura estão isentos nos termos gerais, mas sim: os semáforos ou os cemitérios públicos, por exemplo.

JPG / Loc. – Semáforos e cemitérios pagam contribuição para o audiovisual. Mas os agricultores contam-se nas excepções à regra geral que impõe o pagamento da CAV a todos os consumidores de electricidade. A regulamentação da lei expõe o rol dos agricultores isentos de pagar a CAV, entre os quais se contam... os criadores de camelos e outros camelídeos.

O jurista João Pedro Figueiredo lembra que a excepção dos agricultores, quanto ao pagamento da CAV, abriu uma caixa de Pandora para um rol sem fim de excepções. Por que razão não pagam os agricultores se para o audiovisual até os cemitérios contribuem?

JPF – Foi nessa altura que se colocou a questão dos cemitérios, porque se começou a dizer: vai-se abrir a caixa de Pandora. A partir deste momento, dos agricultores, toda a gente vai querer uma isenção - desde os condomínios aos invisuais, aos deficientes auditivos. Toda a gente vai querer uma isenção - porque não pode ou não quer aceder ao serviço, ou porque não faz sentido que através desse vínculo se aceda ao serviço -, quando na verdade a razão de ser não é essa: não tem a ver com a vontade em concreto de alguém ver, mas a questão de se financiar um serviço que é útil para toda a sociedade.

JPG / Loc. – Cada lar e empresa que consome electricidade paga para o serviço público de rádio e de televisão cerca de 3 euros mensais. A nível europeu, trata-se de um serviço público barato.

JPF – Se compararmos o nosso nível de serviço, com pelo menos 16 canais de rádio e TV, com um nível de recursos humanos dos mais baixos dos serviços públicos da Europa, com a quantidade de serviços e obrigações que temos, os 3 euros mensais são manifestamente baixos para aquilo que existe no cenário europeu.

JPG / Loc. – E feitas as contas, para escapar ao pagamento da contribuição para o audiovisual não restam muitas alternativas:

- Consumir menos que 400 quilowatts /ano.
- Dedicar-se à agricultura, nomeadamente à criação de camelos e outros camelídeos...
- Ou viver à luz de vela...

JPF – Sim, é uma boa alternativa. E poderá fazer os seus consumos audiovisuais também à luz da vela, se conseguir...

JPG / Loc. – João Pedro Figueiredo – jurista, pós-graduado em Direito da Comunicação Social, professor, currículo em cargos da Administração Pública, vogal do Conselho Regulador da ERC / Entidade Reguladora para a Comunicação Social entrevistado no programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*.

Há mais a dizer e mais contas a fazer sobre a Contribuição Audiovisual.

Ouçã na semana que vem.

INDICATIVO FECHO

Programa 34 – 3 Fevereiro 2018

Era uma vez uma taxa de rádio: balanço e contas

JPG / Loc. – *Encolhes os ombros mas o tempo passa... / Ai, afinal, rapaz, o tempo passa...*

Pois era: quem o sabia dizer era o O'Neill, Alexandre O'Neill, poeta *De Ombro na Ombreira* nesta *Feira Cabisbaixa*. Mas afinal o tempo passa mesmo, e depressa, e já faz um ano que a Administração da Rádio e Televisão de Portugal confirmou a nomeação do Provedor do Ouvinte:

RM 01 Gonçalo Reis confirma Provedor – *Esse é que é o ponto fundamental: a rádio pública passa, a partir de hoje, a ter o seu Provedor em funções.*

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Fevereiro de 2017 / Fevereiro de 2018: Parece que foi ontem. Um ano de Provedor, ano novo. O Relatório de 2017 está pronto para seguir o seu destino; os supervisores, Conselho de Opinião e Entidade Reguladora da Comunicação Social / ERC.

A jornalista Inês Forjaz resume o que vai nas 30 páginas e anexos do Relatório:

IF – Há história da rádio e histórias da rádio. Sucessos e falhanços, denúncias e diagnósticos, elogios e sugestões. Neste balanço cabem ainda as contas do investimento e do desinvestimento nos vários canais de rádio dentro do grupo RTP.

Tudo somado, o relatório vai revelar que, em 2017, o número de comunicações de ouvintes ao Provedor se aproximou da média registada nos 12 anos de provedoria, com 803 mensagens.

Caiu em 2015 e 2016... Agora voltou a subir.

E não inclui os 134 contactos telefónicos recebidos para conhecimento do Provedor através da Linha de Apoio aos Ouvintes.

Críticas e queixas andaram perto dos 80 por cento da correspondência.

As mensagens de satisfação andam pouco acima dos dois por cento.

Maioria de homens, entre os queixosos, com 73 por cento.

Lisboa, com 33 por cento, e Porto, com 14 por cento, foi de onde choveram mais mensagens.

Mas vieram mensagens ao Provedor de todos os distritos do continente, das Regiões Autónoma dos Açores e Autónoma da Madeira, também chegou correspondência de fora de Portugal.

Em 2007 o humor esteve no centro das atenções dos ouvintes nas mensagens ao Provedor.

RM Portugalex (Excerto c/ cão)

IF – Outros dos temas que mais concentraram mensagens de ouvintes foram o pluralismo dos comentários e o rigor da informação.

RM João Paulo Baltazar (Em Nome do Ouvinte 22.09.17) – *Aconteceu. É um caso episódico, não me parece que aconteça com frequência... Vai voltar a acontecer mais para a frente...*

– *Já nas eleições autárquica?*

– *Espero que não...*

IF – No ano de 2017, o tempo médio de espera dos ouvintes pela resposta do Provedor foi de quatro dias e meio.

Houve um considerável número de respostas dadas no próprio dia da chegada da pergunta, ou nos dias imediatos.

Algumas respostas que exigiram consultas a responsáveis ou a departamentos da rádio do Serviço Público, demanda de dados ou de opiniões, ou investigação, fizeram alargar consideravelmente a média.

JPG / Loc. – Foi assim em 2017. Está pronto o Relatório. Já começou a contagem de 2018.

Cortina / tic-tac de relógio

JPG / Loc. – E metendo as mãos na massa, voltamos a focar a Contribuição Audiovisual.

Queixou-se um ouvinte de Viana do Castelo:

O que me traz aqui não é uma queixa a qualquer programa da Antena 1. Mas sim um grande desagrado por haver já um mês que não consigo ouvi-la!

E replica um ouvinte de Paredes de Coura:

O nosso contributo através da taxa de audiovisuais não serve para nada?

Os ouvintes têm razão, porque o Serviço Público de rádio tem debilidades que dá ideia que nunca mais se resolvem.

Bem sabemos que houve muitos anos de orçamentos restritivos. Também sabemos que a rádio é parente pobre na divisão do bolo da CAV.

E o jurista João Pedro Figueiredo, vogal do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, nosso entrevistado, observa que a contribuição para a rádio e a televisão, em Portugal, é das mais baixas da Europa.

JP FIGUEIREDO – Nós pagamos, grosso modo, cerca de 3 euros por mês o que, quer em termos absolutos quer em termos relativos – ou seja, já depois de ponderado o poder de compra e o nível de vida de cada um dos países – é manifestamente dos valores mais baixos que se cobram na Europa. E por isso não podemos dizer que o serviço público esteja sobrecompensado, longe disso. Poderemos talvez equacionar a sua subcompensação, tendo em conta aquilo que se pratica lá fora. A Alemanha, por exemplo, a Inglaterra, a França são países onde o serviço público beneficia de valores altíssimos que não têm sequer comparação com aquilo que nós pagamos.

JPG / Loc. – Três euros mais IVA, por lar ou por empresa, é o valor mensal da contribuição audiovisual em Portugal.

Dos 3 euros, cerca de 80 por cento vão para a TV, menos de 20 por cento cabem à rádio. E mesmo assim, pela parte da rádio, a CAV financia três antenas nacionais, uma informação transversal a todas as antenas, com informação geral e transmissões desportivas, a RDP África, a RDP Internacional, a RDP Madeira e a RDP Açores, e ainda sete canais permanentes de rádio na internet.

O nosso entrevistado, jurista João Pedro Figueiredo, observa que o custo do Serviço Público está em discussão em toda a Europa onde, em geral, é expressivamente mais elevado do que em Portugal.

JP Figueiredo – Os custos do serviço público estão sob foco em diversos países europeus, mas a situação nos diversos países europeus não tem nada a ver com a nossa porque, como sabemos, os custos do serviço alemão são 10 vezes superiores aos nossos, do inglês talvez 15. E aí fará sentido que a questão dos custos se coloque.

JPG / Loc. – Portugal decidiu este ano não aumentar o valor da Contribuição para o Audiovisual. Mas, seja como for, o Serviço Público sai dos bolsos dos portugueses e, nessa medida, a empresa Rádio e Televisão de Portugal tem que afirmar-se e mostrar serviço de qualidade.

JP Figueiredo – Eu julgo que empresa tem um papel muito importante para tentar inverter esta situação. Porquê? Tem de chegar às pessoas, mostrar o serviço que faz e a qualidade daquilo que presta. Se o conseguir, mais dificilmente se deixará envolver em questões políticas como as que vemos ocorrer no Parlamento.

JPG / Loc. – O pagamento da CAV não é o factor que distingue a comunicação social de Serviço Público e do privado. Porque – como bem observa o jurista João Pedro Figueiredo – os contribuintes pagam a CAV para o Serviço Público mas acabam também por financiar por via indirecta o sector privado da comunicação. Os meios de comunicação privados também recebem do bolo público... mas não retribuem em deveres.

JP Figueiredo – Os privados, não podendo fazer tudo o que lhes dê na bolha, ao mesmo tempo as pessoas acabam por pagar também de alguma forma, desde logo através dos preços dos produtos que são publicitados, e que constituem receitas dos operadores privados. E depois acabam por pagar doutras formas: com a desinformação, a limitação dos horizontes, a estreiteza de pontos de vista. Tudo isto são custos não contabilizáveis, que as pessoas acabam por sofrer e que são muito importantes a ter em conta.

JPG / Loc. – Os privados... Privatize-se Machu Pichu, privatize-se Chan Chan, privatize-se a Capela Sistina, privatize-se o Pártenon... Etc... Privatize-se tudo e mais alguma coisa. Saramago não incluiu na lista o espaço público. Porque, parecendo que não... o espectro hertziano terrestre, o espaço público da Rádio e da Televisão ocupado pelas privadas, ainda não foi privatizado:

JP Figueiredo – Os privados não podem ser maus à vontade, porque ocupam espaço público e que tem de ser gerido de forma óptima. Não podem usar o espectro hertziano terrestre da forma que entendem. É um bem público que compete ao Estado gerir da melhor forma. Mas, para além de usarem um espaço público fisicamente, utilizam um espaço público imaterial, digamos assi: ocupam o espaço público das ideias, das opiniões, e suscita uma determinada confiança junto das pessoas que não pode ser desrespeitada. Por isso é que os órgãos de comunicação social, sejam públicos ou privados, se regem por princípios de responsabilidade social.

JPG / Loc. – João Pedro Figueiredo, vogal da ERC, em entrevista ao Programa do Provedor. A Rádio e Televisão de Portugal tem o contrato de serviço público. Mas as privadas também ocupam um espaço e um bem público.

INDICATIVO DE FECHO

Programa 35 – 16 Fevereiro 2018

Dia da Rádio: ginástica para todos

JPG / Loc. – O ano passado começou com um grande alvoroço na generalidade da comunicação social pois, segundo se dizia, na Noruega estava para morrer a rádio em FM.

E as supostas notícias rejubilavam com a suposta novidade.

Mas a notícia da morte da rádio FM era exagerada, até mesmo na Noruega.

E a rádio FM, se é que estava para a morrer... não morreu.

RM – Radio Garden + RM 1 Programa de ginástica EN Anos 60

+ INDICATIVO INICIAL

JPG / Loc. – O Relatório da Actividade do Provedor do Ouvinte, já concluído e em marcha, regista a crónica da morte propagandeada da FM e da Rádio.

Propagandeada porque a rádio não está para morrer.

Pelo menos, não está para morrer de morte natural.

RM2 Prog. ginástica – Procure respirar calmamente, se possível pelo nariz ...

JPG / Loc. – Agora, se do Ilhéu de Monchique, adjacente da Ilha das Flores, à comunidade de Bodø, na Noruega, perto do Círculo Polar Ártico, anda gente com ganas de matar o FM e a Rádio... isso é outra história, com outros contornos e movimentos.

RM 3 Prog. ginástica – Agora para a esquerda, em frente, para a esquerda, para a direita... Um, dois, três... Parou!

JPG / Loc. – Certo é que o ano da morte propagandeada da rádio FM já passou, a maioria das estações mantem-se viva, embora algumas em muito mau estado de conservação, outras simplesmente emigradas para o digital.

Na Noruega continuam no ar cerca de 200 estações locais em FM.

O que se passou na Noruega foi que o poder político decretara o fim da rádio FM no serviço público, o que levou a um êxodo em massa dos ouvintes para as redes privadas.

RM 4 Prog. ginástica – O exercício de saltitar.

JPG / Loc. – O Parlamento Norueguês decidiu então proibir a rádio FM para todas as estações das principais cidades, perante a fuga das audiências da rádio pública para as comerciais, com apagão da Frequência Modulada agendado para 2021.

RM 5 Prog. ginástica – Salta, salta, salta, salta. Pára! E já não volta a saltar.

JPG / Loc. – Veremos o que acontece.

E se é assim na Noruega, é fácil de prever que em Portugal o digital, por si só, não conseguirá fazer o pleno dos auditórios e cumprir com sucesso os desígnios do Serviço Público.

RM – Promo RDP África – Informação em permanência

JPG / Loc. – E é este o destaque do programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, na semana em que se celebrou o Dia Mundial da Rádio: 13 de Fevereiro.

RM 6 Prog. Ginástica – *Aqui estamos, amigo rádio-ouvinte, com Ginástica para Todos. Ginástica também para si.*

JPG / Loc. – Talvez custe a crer como é que uma agência das Nações Unidas mantém a celebração do Dia Mundial da Rádio ao mesmo tempo que a própria Rádio da ONU, agora chamada *ONU News*, passou a transmitir... simplesmente pela internet.

Verdade: a ONU chama rádio a um jornal de parede, onde pode clicar-se para ouvir as notícias ou comentários, em *podcast*.

Não se escandalizem: *podcast* já vem nos dicionários de português significando ficheiro áudio.

Ora esta espécie de rádio da ONU tem parceiros: em Portugal, parceiros da Rádio da ONU são a RTP Internacional e a RTP África.

RM – Podcast da Rádio ONU

JPG / Loc. – O Dia Mundial da Rádio passou a 13 de Fevereiro, precisamente para celebrar os 72 anos de um programa em simultâneo para seis países, produzido pela United Nations Radio.

Em 1946, a rádio da ONU foi para o ar. Mas ultimamente anda por aí uma enorme confusão entre “ir para o ar” e “ir pelos ares”. E se não está de acordo com uma rádio de *podcasts*, que deixou de fazer ondas, escusa de pensar em queixar-se ao Provedor.

A Rádio das Nações Unidas não tem provedor, mas a verdade é que também não tem rádio, nem ouvintes. Tem simplesmente um espaço para ver e ouvir em diferido, e deixar um recado... mas apenas... se tem algo de positivo, algo de bom a dizer sobre a Rádio ONU.

RM – Rádio Bangla Desh

JPG / Loc. – Rádio a sério, com ondas... FM Bangla, no Bangla Desh.

RM 7 Prog. Ginástica – *E finalmente em frente.*

JPG / Loc. – O Provedor da Rádio portuguesa do Serviço Público concluído o relatório de 2017, continuou a receber e a responder ao expediente.

Com uma agradável novidade:

No mês de Janeiro, o Provedor recebeu quase tantas mensagens de satisfação... quantas as recebidas em todo o ano de 2017. Foi vida nova pelo Ano Novo.

No ano passado, apenas 20 em mais de 800 ouvintes escreveram ao Provedor com o particular e exclusivo intuito de dizer que gostaram muito de algo que ouviram.

Este ano, só em Janeiro, entraram 12 mensagens de satisfação. Escreveu uma ouvinte: *“Ao ouvi-lo dizer quão poucos foram os ouvintes que manifestaram agrado pelo que ouviram na rádio pública em 2017, venho fazer mea culpa e tentar aumentar o número dos que elogiam a rádio.”*

Acrescenta outro: *“Como ouvinte “viciado” em rádio desde tenra idade, venho assistindo a um nível de qualidade e de serviços extraordinário (...) As manhãs da Antena 1 são o*

máximo, mas também as tardes. Jornalistas de alto gabarito, a nadar como peixes na água, e uma diversidade de temas e abordagens muito enriquecedoras. (...) E na 2, há entrevistas em que a qualidade dos entrevistados justifica cada minuto da nossa atenção.”

Se gostaram muito... ou se não gostaram nada... escrevam ao Provedor. Procurem ao fundo da página do Portal da Rádio e Televisão de Portugal / RTP, Provedores, Provedor do Ouvinte: escrevam.

RM 8 Prog. Ginástica – Ponha-nos, caso as tenha, as suas dificuldades, que estamos prontos a resolvê-las. + Rádio Liberdade, Timor-Leste.

JPG / Loc. – Esta era a Rádio Liberdade, FM 95.8 Díli, Timor-Leste.

A rádio faz-se com frequência... acompanhada por música.

Que seria da rádio sem música? E que seria da música sem rádio? Também há canções sobre a rádio. E há uma, em particular, que distinguimos aqui por ser ... uma canção de amor.... E de amor à rádio.

É uma canção do italiano Eugenio Finardi... Entrado já na casa dos 60, Finardi é autor e cantor de música rebelde que acompanhou toda a sua carreira. Do repertório de Finardi destaco *Amo la Radio*:

Amo a Rádio porque chega a toda a gente

Entra nas casas e fala directamente

E se uma rádio é livre e livre verdadeiramente

Agrada-me ainda mais porque liberta a mente.

E mais adiante, diz a letra de *Amo La Radio*, de Eugenio Finardi:

Com a rádio podemos escrever, ler e cozinhar

Não é preciso estar imóvel, sentado para escutar

E talvez seja isto que me faz seleccionar

É que, com a rádio, não se pára de pensar !!!

RM – Eugenio Finardi – La Radio

JPG / Loc. – Eugenio Finardi: uma canção de amor para a rádio, tantas vezes mal-amada, tantas vezes desamada.

RM 9 Prog. Ginástica – Som “2001 Odisseia no Espaço”

JPG / Loc. – O Dia Mundial da Rádio foi instituído pela Nações Unidas há sete anos. Nesse ano, 2011 – Odisseia na rádio, em Portugal:

As emissões da RDP Internacional em Ondas Curtas foram suspensas provisoriamente, para avaliação. Não foram divulgados resultados da avaliação, mas no ano passado soube-se que as Ondas Curtas foram extintas. E o Centro de Emissores de Ondas Curtas de Pegões foi posto á venda.

Agora a Onda Média vai pelo caminho das Ondas Curtas: estão suspensos os investimentos em Onda Média... até ver. Alegadamente é para dar prioridade a

investimentos na FM Rádio. Mas a ginástica contabilística da velhinha rádio é cada vez mais complexa.

E as queixas dos ouvintes sobre as redes de emissores de FM chegam todos os dias... e cada vez mais alarmantes ... ao gabinete do Provedor.

Esta semana celebrou-se o Dia Mundial da Rádio.

Mas dias da rádio são todos os dias... Desde que haja rádio...

RM 10 Prog. Ginástica – Promo Onda Curta c/ Gongó

+ Cortina

Loc /JPG – Na sonorização deste programa, um extracto de um poema sinfónica de Richard Strauss, *Assim Falou Zaratustra*, utilizado na banda sonora do filme *2001 Odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick.

Extractos também do programa *Ginástica para Todos*, do professor Celestino Marques Pereira, na Emissora Nacional, 1952.

RM 10 Prog. Ginástica

+ INDICATIVO FINAL

Programa 36 – 23 Fevereiro 2018

Onda Média: processo de restrição em curso

JPG / Loc. – Quando o britânico Maxwell apresentou as propriedades ondulatórias da luz, similares às elétricas e magnéticas, o alemão Hertz meteu mãos à obra e gerou ondas de rádio no laboratório.

Isto passou-se em 1887. E nenhum dos dois cientistas terá previsto que 130 mais tarde uma estação de rádio, num país chamado Portugal, andasse afanosamente a extinguir ondas curtas e a deixar cair ondas médias.

A verdade, como canta Fausto Bordalo Dias, é que “o tempo tem lá dentro uma espiral que se chama história”. E a história dá muitas voltas.

Há 70 anos estávamos neste ponto: Domingos Lança Moreira anunciava na Emissora Nacional o concurso para compra de emissores de ondas hectométricas, isto é, Onda Média.

RM – Lança Moreira – Faz-se público que no dia 2 de Junho de 1947, às 16 horas, na sede da Emissora Nacional de Radiodifusão, perante a comissão para esse fim nomeada, se procederá à abertura em hasta pública de propostas para o fornecimento de dois emissores para radiodifusão em ondas hectométricas, conforme as características indicadas no respectivo caderno de encargos que se encontra patente, todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na sede da Emissora Nacional de Radiodifusão, Rua do Quelhas, 2, em Lisboa.

+ INDICATIVO DE ABERTURA

JPG / Loc. – Mensagem de Janeiro de 2018, de um ouvinte “que anda no mar”, um reformado, por sinal da rádio, agora velejador, com ancoradouro nos Açores. E escreve ele: “Nas ilhas do grupo Ocidental neste momento o silêncio é total”.

A história começara com um ouvinte de Aveiro, Novembro de 2017: “O terreno de Miramar (localização privilegiada em frente ao mar) foi vendido em tempo recorde”

Daqui e dali vão chegando sinais: no Serviço Público de Rádio a Onda Média está a seguir o caminho das Ondas Curtas.

Respondeu por escrito ao Provedor o Director dos Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da RTP:

“Perante a urgência em fazer um investimento pesado numa das estações emissoras, foi-me comunicado pela Administração, ao tempo, “na Onda Média não vamos investir até ver”.

Isto ter-se-á passado em 2010: e assim continuará “até ver”.

RM – Emissão de “Revista Sonora” na inauguração do Emissor de Onda Média de Azurara, 1954

JPG / Loc. – Canidelo, Azurara, Miramar... três tiros no porta-aviões. A Onda média começa a ir ao fundo.

O engenheiro Carlos Portugal, que pertenceu à direcção técnica da rádio do serviço público até 2011, é de opinião que a Onda Média, tal como está, devia pura e simplesmente acabar.

Carlos Portugal – Esta empresa, a RTP, não tem já emissores na Madeira há algum tempo, emissões de Onda Média não há, não existem. E nos Açores há um emissor apenas em Santa Cruz das Flores. Aqui o continente está bem melhor, porque tem ainda 14 emissores em operação. Três emissores pararam, dois porque duas estações emissoras foram vandalizadas por marginais – isto aconteceu em Chaves e na Meia Léguas; e é a estação Emissora de Miramar, onde caiu o mastro e portanto a emissão não foi reposta.

P – E o terreno foi vendido...

Carlos Portugal – E o terreno foi vendido. Mas digamos que a emissão parou muito antes de ter sido feita a venda do terreno. Digamos que não haver estação emissora foi uma condição facilitadora para vender o terreno, pronto.

JPG / Loc. – Emissores velhos, com 25 anos de uso, mastros-antenas a pedir manutenção, custo da energia elevadíssimo...

Os argumentos para fechar a Onda média, depois de ter fechado as Ondas Curtas, são sempre de ordem financeira.

Mas o engenheiro Carlos Portugal, sete anos após deixar a direcção técnica da rádio do serviço público, diz que a sentença quanto à Onda Média não é apenas de ordem financeira.

Carlos Portugal – Não só por uma questão financeira. É a convicção que tenho de que a Onda Média não é ouvida. Em castanheira do Ribatejo, nós tínhamos e temos o Centro Emissor Nacional, que foi outrora a mais importante estação de OM do país. Em 1957 o Centro Emissor Nacional foi ampliado para receber dois emissores de 135 kW da marca Brown Boveri. Em 1997 foi decidido reduzir drasticamente a potência da emissão em Onda Média. E nós desligámos o emissor de 135kw e passámos a alimentar a antena, a fazer a emissão do programa da antena 1, com um emissor de 9kw, que era o emissor de reserva aos 135. E surpreendentemente, já nessa altura, o número de reclamações que foram feitas foi absolutamente irrelevante, e estamos a falar há 20 anos.

JPG / Loc. – E assim se fazem as coisas: por razões de dinheiro, e com base em percepções em vez de números concretos, reduz-se drasticamente a potência dos emissores – de 135 para 9 kw – e depois não há ouvintes... nem reclamações.

Mas, bem vistas as coisas, talvez a notícia da sentença de morte da Onda Média seja manifestamente exagerada.

Carlos Portugal – Quando digo que a OM está a morrer, é a OM em modulação de amplitude, que fique bem claro. Porque é disso que se trata e é o que nós temos aqui. A frequência da portadora cai no espectro da Onda Média, é uma frequência da Onda Média, mas a portadora tem que ser modulada. Enquanto os nossos emissores fazem a modulação da portadora em amplitude, é uma modulação analógica, nos Estados Unidos fazem modulação digital, aliás como o DRM. O Digital Radio Mundial utiliza uma frequência portadora que se situa no espectro da OM, mas a modulação é digital.

JPG / Loc. – DRM, 3 letrinhas apenas para dizer Digital Rádio Mundial. O exemplo da aposta dos Estados Unidos na Onda Média e na DRM é esmagador. E bem vistas as

coisas, afinal a Onda Média até pode sair do corredor da morte e saltar para o domínio das novas tecnologias.

Carlos Portugal – A administração desta empresa pode decidir reactivar a OM. O que é que eu quero dizer com isto? Pôr estes emissores de lado e comprar emissores de DRM, que são emissores de OM com modulação digital. Se a opção for essa, eu nesse caso até sou capaz de concordar. Eu não concordo é com a manutenção dos emissores de OM com modulação de amplitude, porque eu acho que não faz sentido. Agora, se a empresa quiser constituir uma rede de OM com modulação digital, uma rede de DRM, isso aí estaria bem.

P – Não havendo restrições orçamentais, essa seria então a sua aposta.

Carlos Portugal – Sem dúvida, nesse caso seriam completamente complementares. Só seria alternativa se tivéssemos programas diferentes. E então sim, com uma tecnologia moderna, com características técnicas que permite a difusão dos programas com qualidade: voz, música, aí sim. Agora a manutenção desta rede que temos, nem pensar. E depois há outra coisa: são emissores com 25 anos. A maior parte dos fabricantes não garante peças sobresselentes para os emissores para além dos 10, 15 anos. Estes emissores estão velhos.

JPG / Loc. – A DRM até já foi tecnologia encarada pela rádio portuguesa do Serviço Público. E o nosso entrevistado, engenheiro Carlos Portugal, até esteve associado a essa proposta para avançar. Mas, ontem como hoje, a administração pediu ao director para cortar no orçamento. Para o antigo responsável pelas redes de emissão, a DRM continua a ser solução.

Carlos Portugal – Oh senhor provedor, a empresa pode perfeitamente avançar para o DRM. Eu, enquanto responsável pelas redes de emissão na Direcção de Engenharia, propus diversas vezes que se adquirisse um emissor em DRM para colocar em Castanheira do Ribatejo, para fazer os primeiros testes, porque é por aí que se começa. E nunca consegui. Nunca consegui que a administração comprasse o emissor. Porque isto é assim: quando fazia os orçamentos, metíamos sempre aquilo que achávamos que devia ser adquirido e depois lá vinha o pedido do costume para cortar não sei quantos por cento ao orçamento de investimento.

JPG / Loc. – E é assim, sucessivamente: deixa-se cair a Digital Rádio Mundial para avançar para a Digital Audio Broadcasting. Ao fim de uma década, com uma rede montada, cai a DAB e só não fica tudo na mesma porque, no mesmo ano, 2011 – Odisseia na Rádio, suspendem-se as Ondas Curtas e, sabe-se agora, sustém-se o investimento na Onda Média... “até ver”.

Diz o director actual dos Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia, Carlos Gomes, em mensagem escrita ao Provedor:

“Desde 2008 a empresa tem vivido com fortes limitações financeiras. Neste contexto e com indicação da Administração, tomei a decisão de canalizar recursos para a rede de FM, em detrimento da Onda Média.”

Mas as queixas dos ouvintes continuam a chover na FM.

O sacrifício da Onda Média não está a reflectir-se na melhoria da FM.

O nosso entrevistado, engenheiro Carlos Portugal, embora reformado há sete anos da rádio do serviço público, vai sabendo que a manutenção dos emissores da rede FM faz o que pode.

Carlos Portugal – As equipas de manutenção da rede, tanto quanto sei, continuam a ir às estações, a fazer as manutenções, com dificuldades. Tanto quanto sei há agora um problema com alguma complexidade na estação emissora de Monsanto porque estamos em instalações da marinha e a nossa antena FM de Lisboa é uma antena de painéis, com 32 painéis se a memória não me falha, que está no mastro Norte da marinha, houve problemas com esse mastro e esse mastro vai ter de ser substituído rapidamente. Os painéis que lá estão são velhos, já não podem ser aproveitados e a empresa vai ter que investir na compra de uma outra antena.

JPG / Loc. – Não é isto que está previsto.

O Director de Engenharia da RTP, Carlos Gomes, em resposta a perguntas do Provedor, informou que vai ser montada uma antena provisória da rádio do SP, na torre da Marinha que está a ser usada, em Monsanto, pela Rádio Renascença.

Esta solução provisória, que implica uma redução de 10 para 2 KW no emissor FM de Lisboa, está a ser executada com material recuperado dos emissores de Castanheira do Ribatejo e de Pegões.

E assim vai a rádio do serviço público nas ondas do desinvestimento:

Ondas que fecham; frequências que se calam; torres que abatem; terrenos e instalações que se vendem; ouvintes que protestam.

E o processo de restrição em curso, o novo prec, nunca mais acaba.

No original foi assim, registado há mais de 40 anos na voz profissional de um senhor da Rádio: Alfredo Alvela.

RM Alfredo Alvela (RCP, 1975) – Atenção senhoras ouvintes: por ordem do Conselho da Revolução, vão ser desligados os emissores de Onda Média de Porto Alto. Para aquele local marcha uma coluna de cavalaria de Santarém com ordem para destruir aquele nosso emissor, caso este não seja por nós voluntariamente desligado. Por esse motivo, vai ser suspensa a nossa emissão em Onda Média. Continuamos no entanto a transmitir em modulação de frequência.

FICHA

+ INDICATIVO FINAL

Programa 37 – 2 Março 2018

Emissores de Monsanto em obras a funcionar a um quinto da potência

JPG / Loc.– A rádio tem magia. Mas não é mistério. E é mesmo possível explicar como é que a rádio, que é som, se move à velocidade da luz. É porque as ondas de rádio são electromagnéticas, tal como a luz. E na superfície terrestre, em espaço livre, a velocidade das ondas electromagnéticas anda muito próxima dos 300 mil km por segundo.

Vamos falar disto mais adiante. Também falaremos do bom e do mau tempo; da sorte e do azar; da rádio e dos ouvintes, das obras nas torres e antenas de Monsanto e de impérios de comunicações.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc.– Nas últimas semanas têm-se multiplicado as mensagens de ouvintes da Grande Lisboa, queixando-se ao Provedor de deficiências drásticas no sinal da rádio do Serviço Público.

Estou a perder o sinal da Antena 1, queixa-se um ouvinte da margem sul do tejo.

Em viagem para o Algarve deixou de ser possível ouvir a Antena 1 a poucos quilómetros De Lisboa, regista uma ouvinte da capital.

A qualidade da audição está muito má... e há uma rádio que transmite praticamente na mesma frequência, observa um outro ouvinte.

Desde há uma semana não apanho sinal da RDP África, queixa-se um ouvinte de Agualva.

Para tudo é preciso ter sorte. E em Dezembro passado a rádio do Serviço Público teve grande azar quando a tempestade “Ana” passou por Lisboa; Inundações, deslizamento de terras, derrube de árvores... E de caminho o mau tempo danificou a torre localizada no Parque de Monsanto de onde irradiam a Antena 1, Antena 2, Antena 3 e RDP África.

RMs – Sons de notícias da tempestade Ana por Ana L. Alves, Nuno Rodrigues e Alexandre David

JPG / Loc.– Pouco depois de a tempestade “Ana” passar por Lisboa, nos serviços técnicos da rádio do Serviço Público soou o alarme:

Os emissores que cobrem a região da Grande Lisboa estão agora a funcionar segundo um plano de contingência;

A potência de emissão da Antena 1, Antena 2, Antena 3 e RDP África na Grande Lisboa está reduzida de 10 para 2 quilovátios.

A substituição ou reparação da torre e das antenas localizadas em Monsanto envolve verbas ainda não libertadas. 150 mil euros. 0,08% da contribuição audiovisual.

E com tudo isto, a solução, apesar de premente, não está para já. **Inês Forjaz**

RM – À espera de Monsanto

IF – À espera.

Ana Falâncio – Precisamos de dinheiro. Assim que tivermos dinheiro...

IF – Ana Cristina Falâncio, engenheira responsável pela rede de emissores da Rádio, explica o que falta para acabar de vez com a avaria.

ACF – *Temos uma pré-autorização para fazer a intervenção, mas tudo isto, a partir do momento que se começa o processo, são situações que em termos internos levam o seu tempo depois a validar.*

IF – O orçamento foi pré-validado pela administração da RTP, mas ainda não foi libertado. Em causa estão apenas 150 mil euros. Para resolver todos os problemas do Centro Emissor de Monsanto era preciso o dobro.

ACF - *300 mil euros.*

IF – O dobro...

ACF – *Era. Porque os emissores custam 150 mil.*

IF – E é por isso que, para já, os velinhos emissores, também a precisar de substituição, vão continuar a funcionar. A verba autorizada, mas ainda não libertada pela administração, só chega para substituir a torre e as antenas investimentos prioritários para a direcção técnica da Rádio.

ACF – *Absolutamente prioritários. Estamos a transmitir a partir de Monsanto com uma antena provisória, pouquíssima potência, enquanto não conseguimos resolver a situação de Monsanto.*

IF – Quase três meses depois do temporal, as rádios do serviço público continuam a emitir com solução provisória graças a quatro antenas “penduradas” na torre da Rádio Renascença. Todas viradas para norte, ou seja, para o lado oposto onde se encontram os ouvintes da região de Lisboa.

ACF – *A nossa antena provisória é uma antena muito pequena, temos muito pouca potência, e dado que estamos numa torre que nos é cedida pela Marinha e é partilhada – é a torre onde está a Rádio Renascença, neste caso – não podemos interferir com a Rádio Renascença, como é óbvio. E como tal temos de estar “nas costas” da antena. Assim sendo, nós estamos a “privilegiar” o norte porque não podemos apontá-la a sul que é onde está apontada a antena da Rádio Renascença. Temos de ter muito pouca potência no ar, ficou realmente o sul mais desprotegido.*

IF – E assim ficará, enquanto os 150 mil euros pré-aprovados não forem libertados.

ACF - *Não temos ainda datas para a conclusão. Estamos a remover a antiga torre, será depois construída uma nova torre pela Marinha, e depois, para montarmos a antena nova, teremos então de ter por parte da administração o aval.*

IF – Para breve está a anunciada mexida nas cadeiras da administração da RTP. A responsável pela rede de emissores, Ana Cristina Falâncio, acredita que o investimento em Monsanto não está em risco.

ACF – *Não faço parte da administração, mas não creio que haja risco. É o maior centro emissor, que serve a capital e todas as zonas limítrofes, não estou em crer que haja perigo...*

JPG – É fácil calcular que seja a maior concentração de ouvintes ...

ACF – *É fácil de calcular, sem dúvida.*

IF – Quanto ao resto do planeamento, logo se vê...

ACF – *Isso será depois avaliado por quem de direito.*

IF – Tudo porque a reparação do estrago causado pela tempestade Ana ultrapassa o orçamento que tinha sido aprovado para todo este ano. A direcção técnica da rádio tinha 100 mil euros para gastar...

ACF – *Pronto, esse era o valor que eu tinha para o ano inteiro.*

IF - ...mas a obra em Monsanto consome 150 mil.

ACF – *Temos um outro plano para três anos, que está apresentado, veremos qual é a resposta. Garantidamente temos uma equipa que é na verdade extraordinariamente empenhada e que tem conseguido ao longo do tempo, com enorme esforço da parte de todos, levar os objectivos a bom porto.*

IF – Assim se faz também a magia da rádio, com equipas que se multiplicam e orçamentos diminutos. É fazer a conta: daquilo que a direcção técnica pede à administração, regra geral recebe apenas um quinto.

ACF – *Eu poderia pedir todo o dinheiro do mundo, não é?*

IF – Mas do que efectivamente pede?

ACF – *Foi-me autorizado um quinto. Porque também, repare: nós não podemos estar a pedir muito, porque depois não podemos efectivar os trabalhos.*

IF – Do plano de investimento, muito fica de fora. “Escolhas de Sofia” que já ditaram a morte da Onda Curta e o desinvestimento na Onda Média.

ACF – *Tecnicamente, temos que fazer a melhor opção, aquela que serve um maior número de ouvintes ou aquilo que põe mais em causa a rede.*

IF – Resta a FM, mas com os tostões todos contados os cortes continuam, agora na potência.

ACF – *Nós estamos em crer que conseguimos chegar a todos os nossos ouvintes que estavam até agora cobertos com esta redução de potência e de consumo de energia.*

IF – A regeneração da rede de emissores da rádio é prioridade para o Conselho Geral Independente. Nas linhas de orientação estratégica gizadas pelo CGI para os próximos dois anos na RTP pode ler-se que «deve dar-se especial atenção a necessidade de novo equipamento de produção, emissão e transmissão.

ACF – *Eu ficaria muito satisfeita.*

IF – Ana Cristina Falâncio entusiasma-se com esta hipótese.

ACF – *Era algo que me deixaria francamente satisfeita. Ficando restrita àquilo que me foi atribuído, eu ficaria completamente limitada no trabalho que poderia fazer. Portanto, eu teria que ver Monsanto como um trabalho extraordinário e não dentro do plano que já estava aprovado. Mas isso, mais uma vez, não me compete a mim fazer esse tipo de avaliação. Alguém, superiormente, terá esse papel, e fá-lo-á conscientemente com toda a certeza.*

IF – Ora, em entrevista ao provedor, no ano passado, o presidente do Conselho de Administração, Gonçalo Reis, já tinha também admitido uma especial atenção à rádio:

GR – Nós levamos o tema da distribuição muito a sério porque a universalidade é a 7ª característica basilar do serviço público.

IF – Intenções ainda no papel. O diagnóstico agrava-se, continuam a faltar os meios.

JPG / Loc. – Em Dezembro, em consequência da tempestade “Ana”, a torre que sustentava as antenas da rádio do Serviço Público ficou danificada.

E por tempo ainda não definido, ficou reduzida a um quinto a potência dos emissores da rádio do serviço público para a Grande Lisboa... O que afecta um quarto do auditório.

Este imponderável passou a constituir prioridade para o departamento técnico da rádio do Serviço Público. Imponderáveis à parte, os Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da Rádio e Televisão de Portugal têm uma agenda e um calendário, designadamente com vista à regeneração das redes de emissores.

A engenheira Ana Cristina Falâncio é quem responde na Direcção Técnica pelas redes de emissores.

ACF – Todo o nosso plano de trabalho tem a ver com as anomalias que se detectam ou com aquilo que queremos melhorar. Como deve calcular, não tendo um orçamento ilimitado, temos de priorizar. E aquilo que temos feito é priorizar, sendo que tanto Monsanto como S. Miguel não estavam previstas, porque não se tinha detectado qualquer anomalia. Só essas coisas é que não estão pensadas, de resto estamos a calendarizar. Propomos à administração um determinado tipo de intervenção, temos um plano de investimento, que é aprovado ou não, e em função daquilo que nos é aprovado fazemos as nossas intervenções.

P – E esse plano de investimento é para regeneração dos emissores? Há um levantamento e estão com um calendário para cumprir?

ACF – Para cumprir, desde que nos seja autorizado.

JPG / Loc. – Já aqui ouvimos que os pedidos de financiamento apresentados pela direcção técnica da rádio à Administração da RTP recebem como resposta, em média, um quinto da verba requerida.

A difusão da rádio será prioridade para as administrações mas, contas feitas, o que de facto se investe fica aquém das necessidades.

E ainda o que vale, em muitas situações, é que os Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da Rádio e Televisão de Portugal prestam também um serviço de proximidade. Falam com os ouvintes e por essa via detectam e solucionam problemas. E podem mesmo intervir remotamente na reparação de deficiências técnicas. Porque hoje em dia, até os próprios emissores podem enviar recados e queixas aos serviços técnicos.

ACF – Nós temos alarmes que chegam aos telefones dos nossos técnicos, uma alarmística que é gerada pelos próprios emissores para nos informar dessas situações. Se por alguma razão não disparou o alarme ou ninguém viu – o que é muito pouco comum porque somos vários a olha – nesse caso as pessoas podem ir verificar remotamente o emissor e falar até directamente com o ouvinte e perceber. Se estiver tudo normal, normalmente deslocamo-nos ao local para verificar na área se a recepção se faz em condições ou se há algum interferente. Porque por vezes acontece que há outros

emissores de estações locais ou não locais que por razões diversas podem interferir com o nosso sinal.

JPG / Loc. – Uma rede de rádio que vive para o Serviço Público tem um desígnio que ultrapassa os interesses próprios e imediatos. Foi assim que aconteceu em Alcanena: o serviço público resolveu uma questão de interferência e, de caminho, resgatou uma rádio local.

ACF – Como foi o caso de Alcanena, que o Sr. Provedor teve o cuidado de nos comunicar. Realmente havia um interferente que teve que ser comunicado à ANACOM, porque não somos nós que obviamente vamos falar com a rádio que está em causa. É a ANACOM que faz essa gestão, porque é ela a gestora do espectro. E encontramos soluções para resolver essas questões, porque o objectivo é que os ouvintes possam ouvir-nos em boas condições. A ANACOM tinha inviabilizado a emissão da parte da rádio local. Felizmente, com a nossa ajuda, foi possível manter a rádio a transmitir, o que acho importante como serviço público.

P. – Com o empréstimo dum equipamento nosso...

ACF – Com o empréstimo dum equipamento nosso. Cedemos o equipamento enquanto não há outro tipo de resolução, para permitir que se mantenham no ar.

JPG / Loc. – Rádio de Serviço Público, na mais geral asserção do termo e da expressão: serviço para uso de todos.

A par do avanço das tecnologias e da contradança das modas, a rádio mantém a sua aura de magia. E é assim que acontece o percurso da rádio do Serviço Público na emissão para a Grande Lisboa:

RM – Sem-fim Noticiários

O som produz-se num dos estúdios da sede da Rádio e Televisão de Portugal;

RM – Locução A. Macedo 1 (Manhã de sexta-feira, está algum frio...)

Do estúdio segue para a central técnica de onde é enviado para as parabólicas da Altice - multinacional de telecomunicações, conteúdos, media, entretenimento – com parábolas em Pero Pinheiro.

RM – Locução A. Macedo 2 (Estes são os grandes temas que dominam a actualidade...)

Em Monsanto, sintonizam-se os sinais dos satélites que são reenviados para os emissores;

RM – Locução A. Macedo 3 (Pina Manique em Lisboa e nó de Francos...)

E, por fim, através das antenas, a emissão da rádio é expedida para os ouvintes.

RM – Locução A. Macedo 4 (Barcelona aumenta vantagem...)

Tudo isto à velocidade das ondas electromagnéticas, ou seja, à velocidade da luz...

RM – Locução A. Macedo 5 (João Aguardela faria hoje 49 anos...)

Praticamente instantânea... assim é a rádio.

RM – Locução A. Macedo 6 – (Operações técnicas de emissão de António Henrique e João Carrasco)

INDICATIVO DE FECHO

JPG / Loc – Na região de Lisboa este programa foi para o ar através de uma antena provisória e de emissores FM de 2 KW em vez dos habituais 10 quilowatts... À espera de 150 mil euros.

Programa 38 – 9 Março 2018

Emissores de Monsanto em obras: entram em cena os anjos-da-guarda das antenas de rádio

Tapete instrumental: Introdução com vento “Por este rio acima”

JPG / Loc. – Há homens invisíveis que só vistos e ouvidos...

RM 01 - Vítor Fernandes – Nós somos como as ondas radioelétricas: não se vêem, mas elas existem. Nós somos iguais, não é?

JPG / Loc. – São invisíveis porque estão para além do alcance visual da rotina.

Mas sem o trabalho imperceptível destes homens invisíveis, cada ser humano seria uma ilha incomunicável.

Por isso, sem que alguém os observe, eles transpõem distâncias, sobem montanhas, trepam a torres, rastejam, são guindados por gruas a alturas que ficam para lá do alcance das vistas.

Estou a falar dos indómitos “homens invisíveis” que trabalham fora das vistas, sem se dar por eles, para que possamos ouvir a rádio: são os técnicos do Departamento de Emissão Nacional da rádio do Serviço Público.

RM 02 - VF – Porque, se nós notarmos, normalmente fala-se do jornalista, do operador de áudio, mas nunca se fala das pessoas que estão por trás. Porque sem as ondas de rádio-frequência não era possível chegar ao país inteiro e essas não se vêem. E nós somos iguais: também não nos vêem, mas nós existimos. E trabalhamos com uma dedicação muito grande para esta empresa porque gostamos daquilo que fazemos. E muitas vezes sentimos alguma injustiça pelo facto de ninguém reconhecer esse trabalho.

JPG / Loc. – Bom dia, diz a rádio; e o ouvinte ouve também porque homens subiram lá acima e ligaram a rádio onde só havia silêncio.

INDICATIVO DE ABERTURA

JPG / Loc. – Constituição da equipa: Vítor Fernandes, João Soares, Pedro Mendes, Lisboa; José Carlos Santos, Sérgio Rodrigues, Porto; Vítor Pimenta, Júlio Oliveira, Coimbra; Luís Pedro Gomes, Jorge Sacadura, Faro; e ainda: Edgar Rosa, na Madeira; José Francisco Amaral e José Pacheco, nos Açores.

Estes que aqui passam a ter nome publicado são os homens invisíveis que asseguram que a rádio de Serviço Público chegue ao seu destino: os ouvintes.

Num momento em que a rádio do Serviço Público passa, na região da Grande Lisboa, por uma situação crítica, com intervenção de fundo nas torres, antenas e emissores de Monsanto, elegemos estes homens invisíveis nossos heróis.

Saí da sombra por um momento, rostos anónimos, e aceitai o nosso agradecimento.

Escreveu Bertolt Brecht...

Nesta edição do programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, estão Vítor Fernandes e Pedro Mendes, técnicos de electrónica do Departamento de Emissão Nacional da rádio do Serviço Público.

Vítor entrou para a RDP há 29 anos;

RM 03A - Vítor Fernandes – Sempre que há um emissor que não está a funcionar, para nós é uma doença...

Pedro trabalha na rádio há cerca de 13 anos.

RM 03B - Pedro Mendes – Nem sempre é fácil, muitas vezes os ouvintes estão muito chateados. Depois de a gente tentar explicar o que se está a passar e de ajudar a resolver o problema, muitas vezes têm uma opinião completamente diferente, e também percebem que nós não somos o problema. Nós estamos é a tentar solucionar o problema.

Trabalhem as horas que trabalharem, uma coisa é certa: eles estão de prevenção 24 horas por dia para garantir que 15 emissores de Onda Média e 118 emissores em Modulação de Frequência no Continente, nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, e ainda em Cabo Verde, Guiné, São Tomé, Moçambique e Timor levem a rádio aos ouvintes.

RM 04 - Pedro Mendes – Em Timor esteve há pouco tempo a instalar a rádio. Neste momento temos lá a RDP Internacional e a Antena 1. Só em Díli. Havia a possibilidade de avançarmos para Baucau, mas para já não há feedback sobre isso. Do ponto de vista técnico, esta instalação foi um aproveitamento do centro emissor da RTTL. Eu estive lá a fazer a aceitação da rede de televisão e de rádio, há cerca de nove anos. E quando lá estive vi essa possibilidade. Eles tinham um centro emissor novo, num local muito melhor do que aquele que nós tínhamos, tinha energia assistida, e eu propus, no relatório, que quando houvesse oportunidade mudássemos a nossa rede para lá. E então, há coisa de um ano e picos, fizemos isso.

JPG / Loc. – Na ordem dos dias para os técnicos da rede de emissores da rádio de serviço público estão as antenas e emissores de Monsanto.

Os emissores estão reduzidos de 10 para 2 KW de potência... afectando a maior concentração de auditório da rádio de serviço público...

... À espera que sejam libertados 150 mil euros... o equivalente a 0.08 % da Contribuição Audiovisual que a RTP recebe.

RM 05 – Pedro Mendes – Aqui, neste caso de Monsanto, vamos ter uma antena nova. E para já, em termos de emissores, vamos ficar com os que tínhamos anteriormente até haver hipótese de haver investimento.

JPG / Loc. – Como acontece muitas outras vezes, eles foram dos primeiros a saber que algo estava a correr mal em Monsanto na noite de 10 para 11 de Dezembro do ano passado.

Muitas vezes eles sabem de avarias antes que os ouvintes dêem por elas. Telefones e internet sempre ligados à espera de alertas... Malas sempre feitas com ferramenta de primeiros socorros para os emissores... Aí vão os homens invisíveis a caminho das ondas que também ninguém vê....

RM06 – Pedro Mendes – Nós soubemos do temporal e decidimos vir aqui a Monsanto ver se estava tudo bem com os emissores e as antenas. E então deslocámo-

nos à base da torre e quando olhámos para cima assustámo-nos: parecia uma autêntica cobra e toda completamente inclinada para um lado. Olhámos para aquilo...

JPG – Estamos a falar de uma torre de quantos metros?

PM – Setenta metros.

JPG – E peso?

PM – Segundo a indicação da empresa que esteve cá com a grua, estavam lá em cima 19 toneladas...

VF – ...entre antenas e o troço da torre.

JPG – E estavam 19 toneladas inclinadas, na iminência de cair...

VF – Exactamente. Portanto está a imaginar o perigo...

JPG / Loc – Vítor Fernandes e Pedro Mendes, dois dos homens invisíveis que lidam com a imponderável realidade da radiodifusão.

Homens com uma dedicação difícil de igualar à causa da rádio de serviço público... Tantas vezes traídos na sua dedicação por incompreensíveis políticas e decisões ou indecisões administrativas.

Eles não se queixam. Mas queixa-se o Provedor, Em Nome do Ouvinte.

RM07 - PM – Se houver hipótese no futuro de haver dinheiro para a rádio, seria bom substituir alguns equipamentos que estão completamente obsoletos. Aquilo que era há 20 anos a rádio – os sons, a tecnologia – evoluiu bastante. E temos de adaptar os equipamentos à nova tecnologia. E há coisas que precisam de ser mudadas. Só que se não houver dinheiro não podemos fazer nada.

IF – Porque há emissores e antenas que estão na mesma há 20 anos, não é?

PM – Exactamente. Na parte dos emissores não é isso que vai melhorar a qualidade, não é por isso que vai haver mais potência, mas a parte áudio sim, pode ser melhorada: podemos melhorar os estúdios, compressores, uma série de coisas que melhoram efectivamente a qualidade do áudio. A parte dos emissores, no fundo era comprar emissores novos, para não haver tantas avarias. Até porque a equipa é muito reduzida, obriga-nos a estar disponíveis para a empresa muitas horas. Mas, pronto, nós fazemos isto por prazer e porque gostamos daquilo que fazemos.

JPG / LOC – Agora todos esperamos que pinguem umas gotas da Contribuição Audio Visual – bastante menos de 1 por cento – para retemperar os ouvintes e a rádio do serviço público na Grande Lisboa...

Mas como sempre, os primeiros a chegar ao alto de Monsanto, como a qualquer outra torre da rádio do serviço público, foram os *Homens Invisíveis*.

Os *Anjos da Guarda* das antenas. Inês Forjaz:

IF – Eles sobem às torres, faça chuva ou faça sol.

VF – Faça chuva ou faça sol, e é 24 horas por dia.

IF – Estrada fora...

VF – ...sair com sol e chegar a um sítio com neve...

IF – 365 dias por ano

VF – Pode ser à uma da manhã, às duas, às três, às quatro... Seja à hora que for, pim pim, pim-pim, e toca o telefone.

IF – Pedro Mendes...

PM – Fomos presenteados com uma tempestade de granizo e neve, até.

IF – ...e Vítor Fernandes...

VF – Apanhámos de tudo um pouco. Situações, de facto, em que a gente até diz “o que é que eu estou aqui a fazer?”...

IF – ...são dois dos seis técnicos da Rádio e Televisão de Portugal habilitados para subir lá ao alto.

VF – Há dias em que até é interessante, no sentido de que está bom tempo, com o céu limpo, tem uma vista tremenda. É grandioso. Há outros dias que é um pouco mais chato: há a neve, há chuva...

IF – Lá, ao alto das torres, é onde estão as antenas. E é também onde o vento sopra, implacável.

PM – O vento é o mais perigoso...

VF – Da chuva, nós temos maneira de nos proteger: podemos vestir um fato, e embora a torre esteja escorregadia, temos maneira de nos proteger. Do vento, não. O vento empurra-nos, e é um grande inimigo.

IF – Setenta a noventa metros acima do solo, é preciso rastejar para não voar. Os nossos heróis não têm capas, nem asas.

PM – Nós temos um arnês, um cinto, temos umas cordas que nos permitem progredir na torre, alternadamente, e temos um cinto, uma corda de posicionamento: quando a gente chega ao local para trabalhar posicionamo-nos na torre, colocamos a corda para estarmos em segurança, e nunca libertamos as cordas em ípsilon. Ficamos sempre suspensos, através daquela corda em ípsilon.

IF – Sobem sempre dois a dois...

VF - Um apoia o outro

IF – Porque, para além dos salvamentos sistemáticos do sinal da rádio e das antenas, estes técnicos sobem também às torres preparados para salvar vidas.

VF – Os primeiros socorros é suporte básico de vida...

IF – Porque o inesperado acontece

VF – Pim-pim, pim-pim

IF – Pedro Mendes que o diga: acabado de regressar dos Açores, onde o mau tempo não passa apenas no canal.

PM – Nós, quando estivemos agora a fazer um trabalho nos Açores, com o meu colega Amaral, surgiu um problema em que tivemos uma avaria numa antena de feixe que fazia o link entre São Miguel e a ilha Terceira. Então, esperámos um bocadinho, e houve uma “janelinha” de tempo, uma aberta, e pensámos em fazer o trabalho. Subimos a torre, e quando estávamos a cerca de 40 metros de altura, fomos presenteados com uma

tempestade de granizo, e neve, até. A somar a isto tudo estavam umas rajadas fortes de vento, o que nos dificultou bastante a descida da torre, até. Porque tínhamos o granizo a ser projectado contra a nossa cara.

IF – Neve e granizo lá no alto. Uma surpresa até para o técnico açoriano José Francisco Amaral.

PM – Como dizia o Amaral, em mais de 30 anos de rádio foi a primeira vez que lhe aconteceu apanhar neve em cima duma torre.

IF – Escaparam intactos, apesar da pele queimada.

PM – É normal, nós já estamos preparados para fazer este tipo de trabalho, íamos protegidos. Infelizmente, na cara não ia muito protegido... Mas já estamos habituados a trabalhar mesmo com alguma chuva.

IF – Por tudo isto, explica Pedro Mendes, para se subir às torres é preciso formação específica e contínua.

PM – Sim, nós temos formação de subida e escalada. E progressão na horizontal, também. Porque podemos ter de sair fora da torre e progredir à volta da torre para nos posicionarmos e fazer melhor o trabalho. E nós temos feito todos os anos formação nessa área.

IF – Vítor Fernandes, há quase 30 anos na empresa, conta como foram mudando as regras destas subidas aos céus:

VF – As coisas estão melhores. Eu sou do tempo em que se faziam coisas que agora são inconcebíveis, porque, como se costumava dizer antigamente, “um indivíduo é homem ou não é homem!” Mas com isso corriam-se muitos riscos, não é? Hoje já não se faz isso. Hoje cumprem-se as regras, as normas de segurança, temos equipamentos apropriados para fazer o trabalho, e quando a gente vê que há riscos, não o fazemos. A gente tem de ter atenção a isso, muitas vezes as pessoas exageram um pouco mais, mas agora não nos permitem isso. E nós temos consciência disso, e fazemos só quando é possível. Claro que há sempre aquela coisa de “mais um bocadinho”, mas sempre seguros o máximo possível.

IF – Ainda assim, com todas as cautelas, sobram sustos para contar.

VF – Por exemplo: descer serras com nevoeiro e... “onde é que é a estrada? Não sei onde é que é. Mas eu não vou ficar aqui...” E então vou andando, a meter a cabeça de fora, a limpar o vidro, “Ah, é por aqui, estou quase a sair da estrada...”

JPG / Loc. – Homens Invisíveis: O que os faz correr é a rádio. O bichinho da rádio. Em constante navegação pelas ondas radioelétricas, os *Anjos da Guarda* das antenas já deram várias voltas ao mundo. O que lhes deu para verificar que, não sendo a Língua Portuguesa uma Pátria, a rádio em português é, mais que um continente, um conteúdo fundamental.

RM 08 – Sim, a rádio é fundamental. Nos PALOP, a rádio é uma coisa que não tem discriminação; só indo lá, estando lá, verificando é que a gente percebe. Muitas vezes as pessoas não falam português mas ouvem a RDP África. Porque é o elo que têm. Tem a ver com o futebol, com as notícias, e a RDP África consegue chegar lá e com programas adaptados à realidade local.

JPG / Loc. – Vítor Fernandes e Pedro Mendes: os Homens Invisíveis já repararam um emissor de rádio do continente a partir de um quarto de hotel em Timor...

O trabalho fantástico que realizam depende da electrónica. Mas estes viajantes das ondas radioelétricas não fazem confusões: a rádio precisa da internet, como a internet precisa da rádio. Mas cada uma tem o seu lugar... E a Internet não substitui a rádio.

RM09 – Não confundam a internet com o FM nem com a rádio. São coisas completamente diferentes, não confundam. Claro que eu sei perfeitamente, tenho essa noção, que daqui a alguns anos, largos, pode ser uma alternativa... Mas nunca que seja a única alternativa, porque ficamos totalmente dependentes e não há nenhum país no mundo que dependa em termos comunicação, de segurança, de serviço público, só de uma rede de internet. Isso é um erro estratégico. Porque se há um apagão não falamos para ninguém, não conseguimos chegar a ninguém. Tivemos agora o exemplo do que aconteceu, como SIRESP, em que a rádio chegou a tolo o lado e o SIRESP, com investimentos de milhões, não chegou a lado nenhum. E são estes factores que é preciso ter em atenção. São complementares, sim senhor. Mas nunca um substitui o outro. Porque a Internet, sim senhor, nas grandes cidades, nos grandes centros urbanos, pode ser uma alternativa. Mas não é a melhor. Porque o timing, a diferença de tempo, a notícia, a rádio é o directo, é estar no momento. Não podemos estar à espera 15 segundos para chegar a informação. Isso é muito tempo.

JPG / Loc. – E para além de tratarem os males de emissores e antenas, estes homens continuam invisíveis, quando acodem directamente à impaciência dos ouvintes.

RM10 – E eles dizem: “Eu não tenho nada a ver com isso, eu quero é ouvir a rádio.” E nós: “O senhor tem toda a razão, mas neste momento foi uma infelicidade as questões climatéricas. A gente vai resolver o mais rapidamente possível.” “Ah, mas eu não quero saber, eu pago a taxa!” É sempre isso. E têm razão. Só que às vezes há coisas em que a gente não pode fazer nada. Se por uma questão climatérica, a torre cai, a gente não consegue rapidamente pôr uma torre no ar. Têm que ter paciência, a gente vai resolver o problema. Mas vai demorar algum tempo. São coisas complicadas de fazer: têm um projecto, têm um concurso, tudo isso demora tempo. Porque não é só: vamos comprar a torre. Não. São valores muito elevados. E neste caso, ainda por cima, a torre, o edifício onde nós estamos é dentro de uma base da Marinha. A torre não é nossa. Nós temos que esperar que eles coloquem a torre. Que eles vão fazendo no timing deles...

P – Mas também é preciso esperar pelos 150 mil euros da Administração, não é só pela Marinha...

R – Sim, essa parte é verdade. Eu espero bem que a gente consiga, quando não vamos perder muitos ouvintes e vamos ter as pessoas a reclamar e temos que lhes dar uma resposta. Não há possibilidade de fugir a isso. É o principal centro emissor de Lisboa, e nós não podemos fazer isso.

FICHA + INDICATIVO DE FECHO

Loc / JPG – Na região de Lisboa este programa continua a ir o ar através de uma antena provisória e de emissores FM de 2 KW, em vez dos habituais 10 quilowatts... À espera de 150 mil euros: 0,08 por cento da Contribuição Audiovisual que a RTP recebe.

Programa 39 – 16 Março 2018

Emissores de Monsanto em obras: santos da casa fazem milagres

Loc /JPG – Em Nome do Ouvinte, hoje, o programa do provedor apresenta-se ao contrário, de pernas para o ar, de cabeça para baixo. Já vamos explicar porquê... Antes, neste início era o fim.

Cortina (Indicativo em rewind)

Loc /JPG – A música do genérico do Programa do Provedor do Ouvinte é da autoria de Rogério Charraz, interpretada pela guitarrista portuguesa Marta Pereira da Costa e pelo contrabaixista camaronês Richard Bona.

Sonorização e montagem: João Carrasco.

Ideias e textos: Inês Forjaz, Viriato Teles e João Paulo Guerra

Tapete musical – Spike Jones: William Tell Overture

JPG / Loc.– Era uma vez uma rádio de cabeça para baixo e de pernas para o ar.

O estúdio de emissão tinha as mãos trocadas: os comandos para operar com a mão direita estavam à esquerda e vice-versa.

Os estúdios eram assoalhados; e os corredores alcatifados. Mas a alcatifa não evitava que os ruídos dos passos de quem circulava nos corredores entrassem na emissão, pois a porta do estúdio não fechava por completo.

O estúdio para actuações ao vivo era o 23: um verdadeiro 31. Para evitar que as semifusas escapassem às colcheias, uma chapa de zinco tapava um buraco no chão.

Para financiar a rádio fora criada a CAV, da qual os excedentes serviriam para tapar buracos na TV. Mas rapidamente e em força se alteraram os termos do enlace. E a rádio nunca mais investiu nada que se visse.

Na rádio de cabeça para baixo e de pernas para o ar, até a sabedoria ancestral dos provérbios estava subvertida. Porque na verdade, na rádio de cabeça para baixo e de pernas para o ar... os santos da casa... faziam e fazem mesmo milagres.

E é assim que, apesar de todos os pesares, a rádio faz rádio.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc.– Nesta edição, o programa do Provedor guia os ouvintes pelos interiores e exteriores da rádio do Serviço Público.

Os protagonistas, mais adiante, serão Nuno Isidro e José Carlos Teixeira, técnicos de som, a cumprirem diferentes funções na rádio.

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA – Sou o José Carlos Teixeira e neste momento estou a coordenar da equipa de exteriores e captação da rádio.

NUNO ISIDRO – Olá, eu sou o Nuno Isidro, desempenho funções na área de estúdios e exteriores. Acabo por dar suporte a todas as áreas técnicas de áudio quando sou solicitado.

Mas para começar a conversa, temos à nossa frente, do outro lado da mesa, no estúdio 7, Maria João Dias Ribeiro, responsável da área das Operações Rádio da RTP, em Lisboa, Sul e Algarve.

RM 02 (entrevista com Maria João Dias):

MJD – Se é difícil? Ai é.

P. – Sabe se a rádio tem algum santo padroeiro?

MJD – Acho que tem muitos.

P. – Deve ter, eu também acredito que tenha, porque para que ela funcione é preciso uma sucessão de milagres...

MJD – Muitos milagres, mas não só com o esforço dos santinhos. É mesmo com o esforço das pessoas. Acho que os santos nos dão resiliência, motivação e forças para lutar contra as contrariedades do dia-a-dia.

P. – E depois temos o equipamento, as instalações, o mobiliário...

MJD – Temos, ainda temos. Ainda temos algum equipamento, ainda temos algum mobiliário, mas de facto completamente desajustado aos dias de hoje e para onde deveríamos caminhar.

P. – Completamente desajustado, é essa a expressão

MJD – Completamente

P. – E muitas vezes o mobiliário com o equipamento

MJD – Exactamente

JPG / Loc. – E depois de falarmos da tal rádio hipotética, de cabeça para baixo e pernas para o ar, onde apesar de tudo os santos da casa multiplicam todos os dias o milagre da rádio...

Começámos à conversa com a engenheira Maria João Dias Ribeiro de Operações Rádio... na Rádio e Televisão de Portugal.

MJD – Até 2004 eramos uma rádio, hoje somos outra e amanhã seremos outra. Enquanto que, na mudança do Quelas para as Amoreiras houve um projecto, e tivemos tempo e condições monetárias para essa transformação, quando mudámos para aqui não houve tempo nem dinheiro. A única coisa nova que foi projectada para a rádio foi a central técnica. Todo o material que havia nas Amoreiras foi desmontado e replicado aqui. Ou seja, as condições de mobiliário são as mesmas que tínhamos nas Amoreiras e que nas Amoreiras resultavam brutalmente. A seguir, algum material morreu em combate, no dia-a-dia, compraram-se novas mesas no caso dos estúdios auto-operados das emissões, e de algumas gravações, porque nem todos foram ainda substituídos, e também por questões monetárias acabou por se adaptar o material técnico ao mobiliário.

JPG / Loc. – E assim se fazem as coisas na rádio do Serviço Público: adapta-se, improvisa-se, desenrasca-se.

Porque – pasme-se: conta Maria João Dias Ribeiro que nesta rádio com esta responsabilidade, a responsabilidade do Serviço Público, os estúdios e as operações rádio funcionam sem orçamento.

MJD – Não tenho orçamento. Solicito equipamento e depois a direcção de Tecnologia, perante os pedidos todos, incluindo o da produção técnica de rádio e TV, fazemos pedidos técnicos e enviamos também propostas, depois a RTP é obrigada à lei da contratação pública. Isto leva imenso tempo.

JPG / Loc. – E dos pedidos que, sem orçamento, sobem o elevador da ajuda... a maior parte nem sequer merece aprovação.

MJD – Quase nenhuns. De todos os pedidos que fiz, e foi substancialmente para a nossa equipa de exteriores, porque os nossos equipamentos estavam mortos, tive há dois anos uma boa resposta, mas a resposta não foi no todo. Se eu pedia três mesas de mistura veio uma e não vieram todos os microfones, por questões orçamentais. E depois como todo o material está envelhecido, quando há uma avaria tal que não há recuperação, o dinheiro é desviado para essa avaria, como no caso dos emissores e da torre da Marinha.

P. – Temos portanto uma rádio de serviço público com material dos anos 80 e 90 numa era digital para a qual não está equipada.

MJD – Não está de todo.

JPG / Loc. – A rádio sofre todos os dias.

O estúdio 7 onde gravámos esta entrevista com a engenheira das Operações Rádio foi, entretanto, promovido, transitoriamente, a estúdio principal da Antena 1. É que o estúdio que funcionava como titular empanou de repente. E a rádio mudou-se de armas e bagagens para um estúdio improvisado. O noticiário das 5 da tarde do primeiro dia foi trágico.

RM – NOTICIÁRIO

JPG / Loc. – Mas o que vai valendo, na rádio, é a capacidade de improviso.

Entretanto, tudo se ressent, a começar pela paciência dos ouvintes, a qualidade da rádio e o som padrão do serviço público.

MJD – Perdeu-se, já era. Ninguém cumpre as normas.

P. – O que é que se pode responder aos ouvintes sobre a qualidade do sinal? Onde é que está o problema e como pode ser resolvido?

MJD – Eu gosto mais do sinal que está à saída do estúdio mas também compreendo que devido a normas que o sinal quando é entregue ao nosso *provider* tenha que ter algum tratamento. Também, na minha avaliação, os nossos equipamentos de processamento de sinal, que fazem a limitação e a compressão, deviam ser revistos. Uns em termos de configurações e outros em termos de substituição.

JPG / Loc. – Entretanto, a rádio está em mudanças, do analógico para o digital.

E essa é uma transição sem rede.

Onde mais uma vez, segundo Maria João Dias Ribeiro, é o engenho que supera a escassez de meios.

MJD – A evolução tecnológica foi muito rápida e a empresa, como empresa pública, não tem receitas suficientes para actualizar. Isto é uma questão política, não temos como esconder. Nós temos de ter recursos e recursos e recursos. Para que o ouvinte não sofra

como nós, porque sofremos muito, se calhar mais do que o ouvinte, quando ouvimos certos conteúdos no ar.

JPG / Loc. – E como é a falar que as pessoas se entendem, ao cabo da conversa encontramos resposta para a primeira pergunta: a rádio com efeito tem santos padroeiros: São os santos da casa, as pessoas da rádio que superam todas as carências.

MJD – Em primeiro lugar as pessoas que nos deram a formação, no Quelhas. Sem eles não éramos ninguém hoje, ou éramos parte. Depois a nossa resiliência em procurar estudar, porque na empresa há formação mas eu não consigo pôr a minha equipa em formação, porque nem tenho equipa para trabalhar.

JPG / Loc. – Perante a radiografia aqui apresentada pela responsável pelas Operações Rádio, o grande mistério do serviço público consiste em saber como se pode fazer rádio com estúdios a desabar, torres a cair, antenas de costas para os ouvintes, emissores a um quinto da potência, sem investimento e com meios dizimados pela austeridade.

RM - Peça de Inês Forjaz

IF – Na corda bamba. É assim que trabalham os técnicos.

NI – *Não é fácil. Isto não é sustentável em qualquer parte do mundo.*

JCT – *Eu, às vezes dá-me a sensação de que estamos a lutar dentro da própria casa.*

IF – Uma luta diária, 24 horas por dia, 365 dias por ano.

NI – *Monta e desmonta, monta e desmonta, monta e desmonta...*

IF – Nuno Isidro explica:

NI – *Lutamos diariamente com a integração de mobiliário desadequado, bem como inclusivamente de equipamento que já está ultrapassado.*

IF – José Carlos Teixeira dá um exemplo:

JCT – *Como a evolução tecnológica é muito rápida, às vezes até temos receio de mandar uma mesa para a manutenção pelo problema de uma via, porque depois a gente já sabe que não vai haver componentes para isso e vamos ficar sem a mesa completa.*

IF – Outro exemplo: o estado do estúdio que recebe as emissões ao vivo.

JCT – *Vão ali as grandes estrelas da música portuguesa e ficam estupefactas com o som que a gente faz e com as condições que ali estão.*

P – Até uma placa há no meio do chão...

JCT – *...é precisamente porque faltam uns tacos no chão.*

IF – Assim está a principal sala de visitas das rádios do serviço público, à espera que o investimento saia da gaveta.

JCT – *Devia ser feito ali uma coisa a sério, mas entretanto dá-se a vez a outro estúdio e troca-se o chão de outro estúdio. O problema é que esse projecto há três anos que continua na gaveta, por realizar. E então nem fizeram uma coisa, nem fizeram outra...*

IF – Fora de portas, nos exteriores liderados por José Carlos Teixeira, a situação é esta:

JCT – Os exteriores não estão dados só à captação de música. São dados desde uma reportagem a um relato de futebol, a uma transmissão de uma ópera... Há muita diversidade. Daí não ser muito fácil a aquisição de material. No entanto, conseguimos responder aos pedidos. Eu diria 99 por cento dos pedidos...

IF – Com tanta guitarra para tocar, os santos da casa dedicam-se ao milagre da multiplicação:

JCT – Nós temos um quadro técnico com seis pessoas só, neste momento, nos exteriores. Há cerca de seis anos éramos 12. Portanto estamos reduzidos a metade.

IF – Nuno Isidro assina por baixo:

NI – As equipas estão – desculpe a expressão – “à pele”.

IF – É assim que a rádio do som cuidado e da escuta confortável é agora coisa do passado.

NI – Muitas vezes há conteúdos que são transmitidos que não estão em condições de serem reproduzidos. Há sempre uma intervenção técnica, mas é correctiva.

IF – E é assim que, na Radiodifusão Portuguesa, o presente ainda está no futuro.

NI – A realidade é esta: um estúdio de rádio não é só um estúdio de rádio. Neste momento é inclusivamente um estúdio onde se produz conteúdo de vídeo, temos de ter uma panóplia de equipamentos, de condições técnicas que nos permitam produzir conteúdos relativamente às diversas plataformas.

IF – José Carlos Teixeira situa no tempo o princípio do descalabro:

JCT – Teve a ver com a junção [da RDP] com a RTP. O desinvestimento começa aí.

IF – Hoje falta quase tudo à rádio, a começar pela estratégia.

JCT – Fazia falta, mesmo muita falta, um plano estratégico para a empresa, que acho que não tem. Não sei se é derivado à política, porque há sempre muitas mudanças... Financeiramente é de certeza, até porque a estratégia das próprias compras de material devia ser bem feita.

IF – José Carlos Teixeira insiste neste ponto:

JCT – Todo o material que pedimos é só por um único motivo: qualidade. Nós queremos entregar um produto com qualidade, e contrariamente a alguma política que se tem vindo a utilizar nesta casa nos últimos anos... Tem-se vindo a degradar essa qualidade com o material que se anda a adquirir.

IF – E a estas “contas de sumir”, Nuno Isidro soma as contas de outro rosário:

NI – Eu respeito as decisões das administrações nos últimos anos, nomeadamente de fechar as ondas curtas, de reduzir a onda média... agora estamos com um problema de, inclusivamente, os próprios emissores de frequência modulada, o FM... O que é certo é que temos vindo a assistir ao delapidar do serviço de transmissão em várias frentes. E eu queria deixar só um alerta: quando deixarmos de acompanhar ou de investir na base, que são os estúdios e a captação, não sei o que pretendem fazer mais. Porque – seja por onda média, por onda curta, por FM, pela internet – quando não temos uma base sólida, funcional, estruturada, moderna, não sei realmente até quando vamos conseguir manter a destreza técnica para podermos desenvolver um trabalho minimamente aceitável.

IF – Diagnóstico feito, de paliativo em paliativo, a rádio continua viva, mas nos cuidados intensivos.

JPG / Loc – A repórter Inês Forjaz ouviu José Carlos Teixeira e Nuno Isidro, técnicos de som, o primeiro, coordenador da equipa de exteriores e captação da rádio; o segundo, em funções na área de estúdios.

São homens e mulheres assim os santos da casa que fazem todos os dias o milagre da rádio do Serviço Público.

Cortina

JPG / Loc – Já passaram mais de 3 meses desde a tempestade Ana. Na região de Lisboa este programa continua a ir para o ar através de uma antena provisória e de emissores FM de 2 KW em vez dos habituais 10 quilowatts... À espera de 150 mil euros.

Entretanto, uma anomalia grave na estação emissora do Muro obrigou a reduzir a potência de emissão da A1 e A2 e a desligar o emissor da A3. As zonas afectadas são: Ponte de Barca, Ponte de Lima, Viana do Castelo, Gerês, Esposende, norte de Braga.

Salvemos a Rádio.

FICHA + INDICATIVO FINAL

Programa 40 – 23 Março 2018

E no entanto a rádio move-se. A realidade vista e revista todos os dias no Portugalex

JPG / Loc. – A rádio ganhou lugar na agenda. A Comissão Parlamentar de Cultura e Comunicação recebeu, sucessivamente, o presidente do Conselho Geral Independente e o presidente do Conselho de Opinião. E a rádio esteve na ordem dos dias.

Entretanto, o Presidente do Conselho de Administração da Rádio e Televisão de Portugal recebeu a Comissão de Trabalhadores da empresa.

Comunicado da Comissão de Trabalhadores:

O estado a que se deixou chegar a rádio pública, não só é irresponsável, como estúpido.

Abriu-se o dossiê do estado a que a rádio chegou. Inês Forjaz:

IF – Todos de acordo. Conselho Geral Independente, Conselho de Opinião e Comissão de Trabalhadores. Os estúdios e equipamentos da rádio estão à beira do colapso. O assunto voltou esta semana ao parlamento. Perante os deputados da Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto, o presidente do Conselho de Opinião da RTP, Manuel Coelho da Silva, foi claro:

MCS – A rádio está num estágio de condições técnicas que não dá para disfarçar mais. Temos uma rede de antenas que é propriedade da empresa, mas elas começam a atingir situações de colapso. Para não falar nos próprios estúdios: basta lá ir e ver.

IF – Uma situação que não é nova, como admitiu António Feijó. Ouvido também esta terça-feira no parlamento, o presidente do Conselho Geral Independente contou que o desgaste da rádio é recorrente nas conversas com o Conselho de Administração:

AF – Quando se fala de centralidade da rádio, é quase um leit-motiv dos nossos encontros periódicos com o Conselho de Administração, falar disso. Quando se fala do colapso técnico e tecnológico da empresa, não sei se é possível exprimi-lo de um modo tão drástico, mas faz parte de muita da discussão que temos com o Conselho de Administração.

IF – Ora este foi também o tema de uma reunião de emergência entre a Comissão de Trabalhadores e o Conselho de Administração. Em cima da mesa, entre vários problemas, a avaria no estúdio de emissão da Antena 1 e o arrastar da situação do Centro Emissor de Monsanto, bem como as sucessivas falhas de transmissão de norte a sul do País. Perante o cenário, o presidente da RTP, Gonçalo Reis, admitiu o acumular de desinvestimento na rádio e defendeu uma “discriminação positiva” em futuro orçamento. Promessa antiga, já deixada também numa entrevista ao provedor, em Outubro do ano passado:

GR – Como tradicionalmente a televisão tem tido muitos meios, eu até diria que nós estamos abertos a uma discriminação positiva para a rádio...

IF – Seis meses depois, a rádio continua a degradar-se. Frente à Comissão de Trabalhadores, o presidente da RTP não se comprometeu com planos ou prazos de intervenção. Gonçalo Reis diz que tudo depende da execução financeira. Isto num ano em

que as despesas da empresa vão subir a pique, como lembrou no parlamento o presidente do CGI, António Feijó:

AF – ...porque tem de considerar o PREPAV, tem de considerar o descongelamento das carreiras, tem de considerar o Festival da Eurovisão que onera significativamente o orçamento da empresa, e o Mundial de Futebol que ainda é uma aquisição do Conselho de Administração anterior a este.

IF – Expectativa bem diferente tem o presidente do Conselho de Opinião, Manuel Coelho da Silva:

MCS – Houve dois planos de actividades e investimento. Porquê? Porque não foi garantido reforço que era devido à empresa, de 10,4 milhões de euros. Ele já está dado, esse dinheiro, pode-se retomar a questão do investimento. Espero bem que não seja para pagar o défice do Festival nem do Mundial de futebol. O Conselho espera que ele seja para o reequipamento e o reinvestimento em infraestruturas.

IF – Até lá, tudo na mesma. Uma situação que, para a Comissão de Trabalhadores, já toma proporções de “verdadeiro escândalo”.

JPG / Loc. – Mas apesar de tudo, ela – a rádio – move-se.

INDICATIVO DE ABERTURA

JPG / Loc. – Ó Portugal, se fosses só três sílabas, / linda vista para o mar, / Minho verde, Algarve de cal, / jerico rapando o espinhaço da terra, / surdo e miudinho...

...escreveu o poeta O'Neill, na *Feira Cabisbaixa*.

Mas isto foi antes de Portugal ter uma variante, simplificada em poucos minutos.

E essa é, todas as manhãs, na Antena 1 e na Antena3, com repetições ao longo da manhã, da tarde e de madrugada, na RDP Internacional e na RDP Madeira, o País visto e revisto da maneira mais séria que há: a rir.

Estou a falar, obviamente, do *Portugalex*.

RM – Indicativo Portugalex

JPG / Loc. – O humor constituiu, sem dúvida, o maior volume das mensagens ao Provedor do Ouvinte ao longo de 2017, como se assinala no Relatório.

O esmagador volume das queixas dizia respeito ao conteúdo das rubricas de humor.

Mas as queixas contra o *Portugalex* até tiveram a particularidade de baterem ao lado das rubricas que foram para o ar.

Um ouvinte aceitou bem a resposta do provedor:

Não, o Portugalex não brincou com as vítimas da Legionela, num Hospital de Lisboa, o que seria efectivamente algo de inaceitável mau gosto.

O Portugalex brincou, simplesmente, com um erro muito comum, praticado pela comunicação social, ao pronunciar a palavra bactéria com acentuação errada da vogal á: bactéria!!!

O ouvinte designou o erro de português por epidemia descontrolada.

Mas uma ouvinte não saiu da sua e considerou que uma referência aos príncipes Carlos e Diana era feita em termos degradantes...

... Por o Portugalex observar que a lua-de-mel de Carlos e Diana mantém o recorde mundial da pasmaceira e da seca: ela esgotando os *sudokus*, ele fazendo e desfazendo um puzzle de 100 mil peças.

RM – Portugalex

JPG / Loc. – Nesta edição do programa *Em Nome do Ouvinte* são convidados do Provedor os actores António Machado e Manuel Marques. O problema é que o Provedor convidou dois actores, mas de um momento para o outro viu o estúdio cheio por uma multidão de bonecos animados. Dois actores e dois microfones e uma multidão de personagens à minha frente. Quanto são?

António Machado – Quantos são? Quantos são? Somos muitos. Somos tantos que as às vezes, no decorrer do programa, enquanto estamos a gravar, surgem personagens novas.

Manuel Marques – Somos muitos. Já perdemos a conta.

JPG – *E um cão. Trouxeram o cão?*

MM – Não. Hoje não.

RM Imitação

P. – *Olha, o cão está a ladrar lá fora...*

MM – Há cães, há gatos, ovelhas, tudo.

AM – Sim, há tudo. E há portas a ranger e motoretas.

MM – Faz lá aquele carro... como é?

AM – (ruído de imitação do carro) – É a diesel, a diesel. (ruídos vários)

MM – E o jingle? Aquele jingle...

AM (vários jingles) – A gente já o faz há 12 anos...

P. – *Vocês fazem isto há 12 anos! Isto é inesgotável...*

MM – Deus queira que sim.

AM – O melhor é a gente não dizer a ninguém.

MM – Sim, o tipo de programa é inesgotável porque começa por ser sobre a actualidade. Uma actualidade transformada, que acaba sempre por ser actual. E a fazer sentido.

P. – *E a actualidade também ajuda os humoristas?*

AM – Sim, sim. É a maior fonte de inspiração. O País e o que nos rodeia é sempre fonte de inspiração.

P. – *Daí, Portugalex.*

AM – Sim, Portugalex. Foi na altura do Simplex. Do Sócrates. Só que agora não faz muito sentido o nome. Ficou simplexadado.

MM – Outro dia, por acaso, fui tirar o bilhete de identidade novo e aquilo funciona bem. Faz-se uma marcaçãozinha, chega-se lá... e está feito...

AM (imitação da voz de José Sócrates) – Alguma coisa que eu tenha feito de bom...

JPG / Loc – A galeria de personagens salta da realidade, em que vive e se movimenta, para a ribalta do Portugalex. E traz consigo esse País de figuras e factos que se prestam ao riso. A crónica da vida pública portuguesa vive da observação dos guionistas e cabe em grande parte nos guiões do Portugalex.

AM – Bom, nós temos os textos fantásticos da Patrícia Castanheira e do Fábio Benídio. Isso aí é logo uma excelente base.

MM – Nós gravamos geralmente à segunda-feira e depois é manter. É rirmos como uns perdidos durante a gravação.

P. – *Vocês próprios divertem-se muito.*

MM – Isto tudo só faz sentido se nos divertirmos.

P. – *E o que é mais difícil: criar e manter uma personagem que tenha uma correspondência real, ou que não tenha referências, criar uma personagem em abstracto?*

AM – Criar uma personagem é sempre giro. O pior é quando temos que fazer uma personagem que já existe e que não tem ponta de voz por onde se lhe pegue. Isso aí é muito difícil.

MM – Acontece-nos muitas vezes termos que ir ver ao youtube como é que um determinado tipo fala. Felizmente hoje em dia temos essa ferramenta preciosíssima.

AM – Há políticos que não têm vozes características. Não sei o que é que lhes aconteceu. Temos que procurar para nos aproximarmos o mais possível do original.

JPG / Loc. – É pelas vozes que as personagens reais picam nos anzois do Portugalex. Afinal, estamos a falar da rádio e na rádio. Esse mundo de sons e de vozes que falam... e que os ouvintes reconhecem.

António Machado e Manuel Marques são actores.

E o maior desafio de um actor é dar vida a uma personagem.

AM – Isso é muito giro, é o que nós gostamos mais de fazer: criar de raiz.

P. – *Vocês são actores!*

MM – E depois temos algumas em carteira. Somos uma caixinha... Temos um economato de personagens.

AM – Às vezes começamos a fazer uma voz... Eu já fiz isto, ou não... E depois de repente já está a fazer outra voz...

MM – Ou começar exactamente ao contrário... com uma voz assim...

P. – *Ou a ladrar...*

AM – Ou a ladrar.

MM – Eu às vezes vou na rua, e há alguém que passa por mim e tem uma voz característica ... Também temos essa ferramenta hoje em dia.... Temos um gravador no telemóvel... E portanto, esta é boa, já fica ali em carteira.

AM – Às vezes nos restaurantes... o empregado tem uma voz assim característica...Estamos sempre alerta. Uma voz assim: Gosto muito de o ver na televisão, senhor Luís Aleluia. (risos) Que maravilha. A certeza com que ele disse... só que falhou no nome. António Machado. Isso, isso mesmo, gosto muito de o ver. (risos) **6' 15''**

RM – Separador Portugalex

JPG / Loc. – O Portugalex põe este País a rir de si próprio logo bem cedo, manhã da rádio, na Antena 1 e na Antena 3.

Portugal ouve-se ao espelho na rádio e acha-se graça. E fica por saber se o Portugalex imita o País ou se o País já é, em si mesmo, uma completa comédia.

MM – O Portugalex imita e inspira-se no País.

AM – Muitas vezes no País é tal o disparate que nós achamos que as notícias são mentira. Dizemos á Patrícia: Ouve lá, isto não aconteceu, pois não? Aconteceu, aconteceu.

MM – Às vezes, o humor da realidade suplanta as notícias do Portugalex. **8' 50''**

8' 50'' - Quais foram as maiores fontes de inspiração que vocês tiveram?

AM – Além deste País? Há diversas áreas. A política é maravilhosa. A política, o futebol. Futebol e política são as grandes fontes. E política internacional. O Trump e esse tipo de coisas.

P. – Há alguma figura que seja particularmente difícil de imitar?...

AM – Era o que eu estava a dizer... os políticos hoje em dia não têm vozes características...

P. – Por serem incaracterísticos?

MM – São monocórdicos, têm vozes monocromáticas. Não têm coisas que sejam fáceis de ir buscar. Não têm. Muitos, hoje em dia. De maneira que às vezes é complicado. Há bocado fizemos o Medina... O Medina a falar... Por exemplo, o Cardeal patriarca... Não temos por onde pegar...vamos pela caricatura.

AM – Há sempre um elemento que caracteriza.

P. – Há personagens difíceis. Mas há outras que são um manancial...

MM – Aliás, eu comecei a imitar o Santana Lopes há muitos anos, porque tinha saído do banho e tinha o cabelo todo para trás... e comecei ao espelho a fazer o Santa Lopes... surgiu na altura... Olha, pareço o Santana Lopes. Mas foi pelo visual, coisa esquisita. **11' 25''**

AM – Eu o Dom Duarte, falei com ele – foi numa altura em que eu não fazia o bigode – Ah que engraçado, também tem esse bigode. Só que ele tem o dobro do meu tamanho.

P. – E as pessoas imitadas por vocês, acham graça, não acham graça nenhuma...

MM – Alguma... a maior parte acha...

AM – Já fiz à frente do Professor Marcelo e ele achou muita graça... ou então não disse nada...

AM – Por exemplo, o António Pedro Vasconcelos diz-me uma coisa muito engraçada que é: Ah Manuel, sei imitar-te muito bem...

JPG / Loc. – O sucesso do Portugalex resulta do poder de observação dos guionistas do Portugalex – Patrícia Castanheira e Fábio Benídio – e do trabalho dos actores António Machado e Manuel Marques, que tiram das vozes tudo o que elas podem dar.

Tudo... e mais alguma coisa.

AM – Acabamos por ser baratos...

MM – O ficheiro do Machado é mais rico que o meu em termos de barulhos. É muito mais rico. (risos)

INDICATIVO DE FECHO

Programa 41 – 6 Abril 2018

Ricardo Saló: a vida entre a rádio e a música

Cortina de programa de Ricardo Saló + voz

JPG / Loc. – Ricardo Saló: este homem sem idade faz rádio desde 1970. Terá começado aos 10? Mais ou menos. Mas o verdadeiro começo não conta para o currículo: foi na idade do faz de conta. Foi quando o pequeno Ricardo, com a irmã, seis anos mais nova, fizeram uma rádio... que só eles ouviam.

Ricardo Saló – Arranjámos um instrumento de cozinha que servia de microfone. Tínhamos todos os dias, religiosamente, devia ser das três às quatro da tarde, uma hora numa rádio que nós inventámos. E os ouvintes éramos nós, não havia ninguém a ouvir. Ali estava um pouco a minha vontade de fazer rádio. Mas também estava a paixão pela música, que no fundo alimentava aquilo, portanto as coisas estavam muito ligadas.

P. – Tinha nome, essa rádio?

RS – Eu tenho a impressão de que era rádio Brazão, porque nós vivíamos na Rua Eduardo Brazão. Nunca teve alvará [risos].

JPG / Loc. – A rádio, para Ricardo Saló, começou na invenção. Pois claro! Não é aí que tudo começa?

INDICATIVO DE ABERTURA

JPG / Loc. – Nesta edição do programa do Provedor vai estar Ricardo Saló, um convidado de luxo.

Mas, para já, vamos passar em revista o estado da rádio:

A Onda Média vai pelo caminho das Ondas Curtas... “até ver” não há investimento na Onda Média, para canalizar recursos para a rede de FM.

Mas as queixas dos ouvintes continuam a “bater” na rede de FM.

Mau tempo nos canais da rádio: a tempestade “Ana” passou por Lisboa e deixou rasto. Os emissores de Monsanto, que cobrem a região da Grande Lisboa, funcionam agora com um quinto da potência.

Pelo programa do provedor, em Março, fica a saber-se que o resgate dos emissores de Monsanto vai custar 150 mil euros.

O provedor do ouvinte foi ao parlamento apresentar o relatório de 2017. Preocupação generalizada dos deputados com o estado da rádio.

Na rádio do serviço público, tudo se ressentiu, a começar pela paciência dos ouvintes, a qualidade e o som padrão da rádio. O que vai valendo é a capacidade de improviso dos Santos da Casa, que vão fazendo o milagre da rádio. Sejam os “homens invisíveis” que sobem ao cimo das torres e ligam a rádio onde só havia o silêncio, sejam os técnicos de som que improvisam soluções onde os orçamentos só deixam buracos.

A Comissão de Trabalhadores da RTP foi recebida pela Administração e disse o que tinha a dizer: o estado a que se deixou chegar a rádio pública, não só é irresponsável, como estúpido.

A 20 de Março, o presidente do Conselho Geral Independente levou o estado da rádio ao parlamento...

António Feijó – Quando fala do colapso técnico e tecnológico da empresa, não sei se é possível exprimi-lo de um modo tão drástico, mas faz parte de muita da discussão que temos com o Conselho de Administração.

JPG / Loc. – No mesmo dia, os deputados ouviram também o alerta do presidente do Conselho de Opinião da RTP:

Manuel Coelho da Silva – A rádio está num estágio de condições técnicas que não dá para disfarçar mais.

JPG / Loc. – Alarmado, o presidente da RTP pediu para visitar os estúdios. No final de Março soube-se que o processo para a aquisição das antenas para o emissor de Monsanto segue para concurso público.

RM – Excerto de programa de Ricardo Saló

JPG / Loc. – Noutra quadrante, bem acima da terra, em pleno éter, onde apesar de todas as fragilidades se faz rádio, é possível encontrar Ricardo Saló, entre a Antena 2 e a Antena 3. Na memória ficaram-lhe programas como 23ª Hora, o PBX, o Tempo Zip... e estações como a Rádio Luxemburgo.

RM Jingle Rádio Luxembourg

JPG / Loc. – Mas a rádio, para Ricardo Saló, começou em família.

RS – Houve uma fase lá em casa em que os serões eram muito engraçados, porque a minha mãe era capaz de estar a ler um livro, a minha avó a bordar, e o meu pai estava no meio da sala a sintonizar postos estranhíssimos de rádio. E eu ouvia aquelas coisas de ondas curtas e pensava de onde vinha aquilo. Começou a fascinar-me duma maneira...E depois ouvia-se aquelas coisas tipo o Quando o Telefone Toca. Aliás, os meus pais queriam ouvir uns discos e puseram-me por duas vezes a telefonar para lá a dizer a frase e a pedir o disco. Foi aí a minha estreia na rádio, devia ter aí uns quatro anos ou coisa do género.

RM – Indicativo Quando o telefone toca

JPG / Loc. – Foi muito longo o trajecto, o de Ricardo Saló: Rádio Universidade, Rádio Renascença, Musicalíssimo, RDP-Antena 1, RTP, Jornal Blitz, RUT, Jornal Expresso, XFM, TSF, Voxx, Docência na ETIC, RDP-Antena 2... Antena 3...

Ricardo Saló, hoje entre a Fuga da Arte, na 2, ou a Profecia do Duque, na 3, faz rádio como complemento natural da música.

O fascínio da música despertou em Ricardo Saló a paixão da rádio... Ou terá sido a rádio que motivou a música?

RS – Foram coisas que correram em paralelo, porque os meus pais tinham uma relação muito estreita com a música. O meu pai tinha ainda daqueles discos de 78 rotações, coisas do Nat King Cole, depois tinha uma pilha razoável de discos de 45 rotações com muita música italiana, que era belíssima nos anos 50, enfim, coisas de muitos género, coisas rudimentares de jazz, que estiveram na origem de eu ter desenvolvido uma paixão forte pelo jazz. Mas gostava de pegar naquela colecção e de escolher discos e tocá-los pelo prazer de ouvir.

JPG / Loc. – Naquele tempo, a rádio tinha o exclusivo da divulgação da música.

Hoje já não será assim.

Ou será que a rádio ainda é um meio onde se pode descobrir música?

RS – Quer dizer...[hesita]...pode...isto já tão instalado que já não se dá por isso, mas as rádios funcionam tão em playlist que acabam muito mais por massacrar do que divulgar. Mas eu acho que depende das rádios e depende das playlists e de quem as faz. Quando fui uma vez para uma rádio, e fui confrontado com a fatalidade de trabalhar em playlist, na altura era um absoluto fundamentalista anti-playlist. Mas com o passar do tempo fui percebendo que uma playlist é uma ferramenta e depende do que se lhe põe lá dentro, é como um gira-discos - que não é bom nem mau, depende se eu lá puser o Nat King Cole ou uma coisa pimba. Eu acho que pode haver uma boa playlist. O problema é a frequência com que certas músicas tocam. E eu acho que passar um dia inteiro a levar com a mesma música seis vezes...se calhar alguns até gostam e começam a gostar daquela música, mas eu tenho pouca tolerância para esse tipo de coisa, acho que entra já no domínio do massacre.

JPG / Loc. – Ricardo Saló é crítico e divulgador da música.

Mas não é o seu profeta.

Profecia, a havê-la, fê-la o Duke, já lá vai mais de meio século.

Mais tarde, ou mais cedo, música isto, música aquilo... haverá simplesmente boa música... e outra coisa...

Essa é a Profecia do Duke.

RS – Sim, a profecia do Duke...ele tinha quase sempre razão. É preciso talvez explicar que a profecia do Duke, tal como eu a entendi, tinha que ver com uma entrevista ao Duke Ellington deu à tv sueca em 62, em que ele diz que tem viajado muito com a banda e que tem a percepção – até porque já tinha andado pela Etiópia e pelo Oriente – de que chegaríamos a uma situação em que só teríamos dois tipos de música: música boa e música má.

RM – *Duke Ellington Orquestra*

JPG / Loc. – Música e rádio com o futuro pela frente...

Ninguém sabe dizer se o futuro as une ou as separa.

Ricardo Saló já tem pensado no assunto... E tem dúvidas...

Que é aquilo que têm as pessoas que pensam.

RS – Já pensei nisso, embora não a fundo. Eu olho sempre com dúvida e apreensão porque a rádio está num ponto em que ou pode ganhar vida nova ou pode perder o sentido. Não sei. Acho que a rádio tem uma posição que podia ser privilegiada, por exemplo em relação à TV. É um meio que podia voltar a valorizar-se, como antes de existir a tv. É claro que teria de ser de outra forma, mas podia ser repensada, e eu acho que a rádio precisa disso – se ser pensada e de se fazerem coisas novas. Acho que é preciso quebrar um pouco este ciclo das playlists. Talvez fazer uma coisa mais equilibrada, voltar a programas mais personalizados e deixar que haja também playlist, que possa abranger os dois campos, e talvez assim a rádio volte a ganhar uma nova vida, não sei. Mas não sei dar uma resposta do tipo receita. Tenho sobretudo muitas dúvidas e alguma apreensão.

Porque a rádio pode vulgarizar os seus conteúdos a um ponto que pode perder o sentido. E isso às vezes há uns indícios que me deixam um bocado preocupado.

RM Stockhausen: Persian Love

JPG / Loc. – Meio século na rádio é uma corrente de experiências, um manancial de histórias para contar.

Ricardo Saló tem histórias que sobem à superfície ao navegar da memória.

RS – Há uma história de que nunca me esqueci. Aconteceu antes de eu sair da RDP, tinha um programa ao Sábado à noite na Antena1 e havia um músico alemão, que tinha sido discípulo do Stockhausen, já era dissidente e fazia música Pop com tesoura e fita-cola, e ele tinha uma coisa de que eu gostava imenso e passava muito, que se chamava Persian Love, que eram dois cantores que ele tinha gravado num receptor de ondas curtas, a cantar de forma apaixonada, muito intenso, e depois ele misturou isto com guitarra eléctrica, baixo, bateria, com muita subtilidade, em estúdio. E um dia recebi um telefonema duma pessoa com um sotaque estranho. Era um persa iraniano e perguntava se eu não lhe gravava uma cassette com aquelas músicas, porque ia voltar para o Irão. E eu estremei porque a música estava proibida no Irão. Eu disse-lhe que gravava a cassette mas que não sabia o que ia acontecer e que o ia mandar para alguma pena capital se fosse apanhado com a cassette. Ele passado uma semana foi lá, eu trouxe-lhe uma cassette com mais coisas daquele músico alemão, e ele trouxe-me uma caixinha persa muito bonita. Conversámos um bocadinho e depois nunca mais soube dele. É uma história que me marcou bastante e que mostra o poder da rádio, a capacidade que a rádio e a música têm de sedução.

RM Stockhausen: Persian Love

JPG / Loc. – O experimentalismo de Holger Czukay, um discípulo de Stockhausen que aderiu à pop: música composta com fita magnética e tesoura, mais passagens do som por emissões de ondas curtas.

Ricardo Saló faz da rádio um requinte.

É par do Duke, árbitro das elegâncias, a quem os fatos assentavam tão bem quanto as orquestrações.

A música dos programas de Ricardo Saló anda sempre à frente dos usos, das regras, dos consumos, do pronto a ouvir.

RS – Eu lembro-me concretamente de tocar a Sade e a Susanne Vega e de me chamarem a atenção de que não podia tocar coisas que ninguém conhece. E eu respondi: ninguém conhece porque os discos ainda não foram postos à venda, porque quando forem toda a gente vai conhecer. E aquilo foi um sucesso retumbante. Passados seis meses toda a gente andava a ouvir a Sade.

P – Como é que decides se um disco é bom ou é mau, por exemplo no caso da Sade e da Susanne Vega?

RS – Eu na altura, por exemplo esses dois, ouvi e gostei. E toquei. Não achei que aquilo fosse a oitava maravilha do mundo, mas achei que era bom e por que não haveria de os tocar? Ainda por cima era uma coisa tão acessível...foi por isso que depois fiquei sem saber o que dizer, porque era tão acessível.

RM – Suzanne Vega: My name is Luca

JPG / Loc – A jornalista e escritora Filipa Melo escreveu sobre o crítico e divulgador musical Ricardo Saló que os seus programas são... memoráveis.

O que pode dizer-se de melhor? Nada, num tempo de coisas para esquecer.

A rádio começa e acaba na imaginação e na possibilidade de ver sem imagem e de imaginar sem limites.

RS – A capacidade da rádio que não tem a limitação da...eu não tenho nada contra a tv. A TV e até mesmo o cinema fascinam por outras razões, mas limitam-nos um pouco a nossa capacidade de imaginar situações ou coisas. Nós ouvimos a sireia dum farol em rádio e podemos imaginar uma coisa profundíssima, uma baía ou um dia de nevoeiro. Ao passo que na tv se se filmar um farol tem piada na mesma, o dia de nevoeiro, mas não é a mesma coisa e julgo que isso nos limita bastante o imaginário.

JPG / Loc. – Ricardo Saló, uma experiência partilhada de vida na rádio, com música e imaginação.

FICHA + INDICATIVO FINAL

Programa 42 – 13 Abril 2018

Interrupções, queixas e elogios

JPG / Loc. – Este programa vai para o ar... por motivos técnicos.

Em primeiro lugar porque, pela primeira vez, no mandato do actual Provedor, as questões técnicas saltaram para o topo das preocupações, perguntas, observações e reclamações dos ouvintes.

Em segundo lugar porque na situação técnica da rádio do serviço público, por cada buraco que se tapa, pela força de vontade de técnicos dedicados e competentes... abre-se nova cavidade, ou mesmo uma depressão....

RM 01 - ANTENA ABERTA – AVARIA TÉCNICA

+ INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Para começar, as boas notícias:

No mês de Março, foram instaladas e entraram em funcionamento as novas antenas dos emissores da Foia, na Serra de Monchique.

Terá assim voltado à normalidade a audição das antenas da rádio do Serviço Público no Baixo Alentejo, litoral alentejano e Algarve.

Entretanto, em tempo recorde, foram repostas a meio de Março, as emissões da Antena 1, Antena 2 e Antena 3 a partir da Estação Emissora do Alto do Muro.

Os *Homens Invisíveis* subiram à torre e substituíram os cabos de distribuição de potência inutilizados, o que permitiu colocar os emissores em funcionamento.

E assim foi normalizada a audição das três antenas do Serviço Público em Ponte de Barca, Ponte de Lima, Viana do Castelo, Gerês, Esposende e norte de Braga.

RM 02 – Som de vento

Aqueles homens trabalham em condições que constituem verdadeiras provas de sobrevivência.

No Alto do Muro, o trabalho fez-se em condições climatéricas muito severas, sob nevão intenso.

Na Foia, os homens trabalharam à altura de um 22º andar. Ninguém os vê.

Mas depois ouve-se... o trabalho destes *Homens Invisíveis*.

RM 03 – Somos como as ondas radioeléctricas: não se vêem, mas elas existem. Sem as ondas de rádio frequência não era possível chegar ao país inteiro, e essas não se vêem. E nós somos iguais: também não nos vêem, mas nós existimos.

JPG / Loc. – Com frequência, estes homens detectam avarias antes mesmo que os ouvintes deem por elas. Mas, por regra, o ouvinte dá os primeiros sinais. Em Janeiro, Fevereiro e Março de 2018, perto de 25 por cento das mensagens endereçadas ao Provedor davam conta de dificuldades na captação do sinal das rádios do Serviço Público e deficiências na qualidade do som. Região do País com maior volume de razões de queixa: a Grande Lisboa.

Sou ouvinte, desde há muitos, muitos anos da Antena 1. Que era do meu agrado: Mas ultimamente, tal não me é possível, porque a receção é muito má na zona do Barreiro.

Sintonizar a Antena Um passou a ser problemático, em Almada velha. O sinal da RDP2 chega muito fraco e interferido por estações próximas e com muito ruído. A zona de audição é Corroios-Seixal. Espanta-me que não haja informação sobre o problema.

RM 04 – SOM RÁDIO A SINTONIZAR

Os ouvintes queixam-se, porque têm esse direito, como ouvintes e como contribuintes.

RM 05 – Técnicos das antenas sobre reclamações dos ouvintes – ...E eles dizem: eu não tenho nada a ver com isso, eu quero é ouvir a rádio! O senhor tem toda a razão, mas neste momento foi uma infelicidade, foram questões climatéricas, a gente vai resolver o mais rapidamente possível... Eles têm razão. Mas às vezes há coisas, há situações em que a gente não pode fazer nada. Se por uma questão climatérica a torre cai, a gente não consegue rapidamente pôr uma torre no ar. Têm que ter paciência, a gente vai resolver o problema. Mas vai demorar algum tempo...

JPG / Loc. – No exercício da função de intermediário entre os ouvintes e a rádio do Serviço Público, o Provedor escreveu em 8 de Março ao presidente da Administração da Rádio e Televisão de Portugal.

Expôs a situação na Estação Emissora de Monsanto e as indecisões quanto à libertação das verbas para resolução do problema.

Alertou para o facto de estar em causa o acesso do serviço público a um quarto do auditório da rádio.

Criticou o facto de não haver informação aos ouvintes – salvo no Programa do Provedor – sobre as contingências da emissão.

E por fim o Provedor apelou ao presidente da RTP para que se juntasse publicamente à apreensão que reina sobre a situação técnica da rádio.

SEPARADOR + TRILHA (por baixo)

JPG / Loc. – Entretanto, a Comissão de Trabalhadores da RTP foi recebida pelo presidente da empresa.

Ordem de trabalhos: RÁDIO, O ESTADO A QUE CHEGÁMOS!

Comunicado da CT da RTP: “Sendo a Rádio reconhecida internacionalmente como o “meio de transmissão mais credível”, assim como aquele que por excelência serve para comunicar com as populações em caso de catástrofe, o estado a que se deixou chegar a rádio pública, não só é irresponsável, como estúpido.”

A Comissão de Trabalhadores registou que a única resposta que obteve do presidente da RTP foi a intenção de avançar com uma "discriminação positiva" a favor da rádio.

Uma divisa lançada pelo presidente da RTP há seis meses, em entrevista ao programa do Provedor, e agora repetida.

RM 05 – GONÇALO REIS: Como tradicionalmente a televisão tem tido muitos meios, eu até diria que nós estamos a uma discriminação positiva para a rádio e para o online, porque são meios que nessa medida precisam de ser protegidos.

+

RM 06 – ANTENA ABERTA – Aviso do locutor sobre interrupção dia 5/4

JPG / Loc. – Enquanto a chamada discriminação dita positiva chega e não chega... há sucessivos “motivos técnicos” a perturbar emissões do Serviço Público.

RM 07 CONCERTO INTERROMPIDO ANTENA2 – 4/ABRIL(Música início e fim)

JPG / Loc. – Concerto interrompido...

Por duas vezes, nas últimas semanas, a sinfonia ficou incompleta na Antena 2 ... por motivos técnicos.

RM 08 – ANDRÉ CUNHA LEAL – O concerto era no Museu Nacional de Arte Antiga e aconteceu uma coisa que não é assim tão pouco frequente, que é...a linha RDIS. A linha RDIS é o que traz o som para a rádio, e da rádio depois para casa, e o que se passou é que houve uma quebra de linha que levou à suspensão da emissão em directo. Isto infelizmente não é assim tão pouco frequente. Eu faço muitos directos por ano, faço pelo menos dois ou três por semana – e de vez em quando lá acontece isto. E o motivo principal é a linha RDIS.

JPG / Loc. – André Cunha Leal, realizador da Antena 2.

E na Antena 1, certa manhã, a Antena Aberta fechou antes do final por incapacidade técnica de receber a participação dos ouvintes.

RM 09 ANTÓNIO JORGE – Dum momento para o outro, o sistema de híbrido que nós utilizamos – um sistema de híbrido é um mecanismo através do qual nos é possível pôr no ar as chamadas dos ouvintes – dum momento para o outro esse sistema bloqueou e foi necessário interromper a emissão da Antena Aberta porque não tínhamos, naquele instante, um recurso disponível. O problema ainda não está resolvido. O que se passa é que no estúdio principal da rádio no Centro de Produção do Norte continua avariado esse sistema de híbrido – que na realidade tem mais de vinte anos, já – está avariado, está à espera de uma intervenção, e nós estamos a realizar a Antena Aberta diariamente, e outro tipo de programas que necessitam de utilização de chamadas telefónicas no ar, estamos a fazer isso com recurso a um sistema alternativo que existe também no estúdio.

JPG / Loc. – António Jorge, editor da Antena Aberta.

Em termos técnicos, avarias... quebras.

Cortina – RM Interrupção ANTENA ABERTA – António Jorge

JPG / Loc. – Mas nem tudo são espinhos nesta missão de tomar conhecimento das queixas dos ouvintes da rádio do Serviço Público.

Ouvintes escrevem ao provedor por diversas ordens de razões. As primeiras, razões de queixa, no primeiro trimestre de 2018, foram questões técnicas...

O segundo motivo que levou mais ouvintes a escreverem ao Provedor foi... a satisfação. Verdade!

Ouvintes satisfeitos com o Serviço Público lhes deu a ouvir:

Acabei de ouvir o programa do provedor do ouvinte, na Antena 3, e pensei: não é tarde nem é cedo para fazer uma coisa que já ando para fazer há muito tempo!

Então aqui vai:

Tenho quase 40 anos e há mais de 20 que sou ouvinte assíduo da Antena 1 e Antena 3, com as quais me identifico e estou muito agradecido por tudo o que me deram a conhecer, não só em termos musicais como nos vários aspectos que são a realidade do mundo em que vivemos. Muito obrigado por existirem e pelo trabalho que fazem.

Mensagem de um ouvinte, empresário, de Beja, à beira dos 40 anos, em 25 de Março de 2018.

Afinal, não é assim tão difícil dizer bem e apoiar aquilo de que se gosta. Então, aqui fica.

Ouvintes gostaram, e fizeram questão de escrever que gostaram, do *Festival Antena 2*; da reposição, em jeito de efeméride, de um episódio do programa “*À Esquina da Um*”, do malogrado António Cardoso Pinto; do programa “*A Contar*”, de David Ferreira; e de reportagens. Reportagens de Isabel Meira, Rita Colaço, José Manuel Rosendo...

E já agora, também de reportagens da rádio sobre a rádio, no programa do Provedor.

RM10 SANTOS DA CASA - Peça de Inês Forjaz (Progr. 39 – 10'45" a 11'57")

IF – Na corda bamba. É assim que trabalham os técnicos.

NI – Não é fácil. Isto não é sustentável em qualquer parte do mundo.

JCT – *Eu, às vezes dá-me a sensação de que estamos a lutar dentro da própria casa.*

IF – Uma luta diária, 24 horas por dia, 365 dias por ano.

NI – *Monta e desmonta, monta e desmonta, monta e desmonta...*

IF – Nuno Isidro explica:

NI – *Lutamos diariamente com a integração de mobiliário desadequado, bem como inclusivamente de equipamento que já está ultrapassado.*

IF – José Carlos Teixeira dá um exemplo:

JCT – *Como a evolução tecnológica é muito rápida, às vezes até temos receio de mandar uma mesa para a manutenção pelo problema de uma via, porque depois a gente já sabe que não vai haver componentes para isso e vamos ficar sem a mesa completa.*

IF – Outro exemplo: o estado do estúdio que recebe as emissões ao vivo.

JCT – *Vão ali as grandes estrelas da música portuguesa e ficam estupefactas com o som que a gente faz e com as condições que ali estão.*

P – Até uma placa há no meio do chão...

JCT – *...é precisamente porque faltam lá uns tacos no chão.*

IF – Assim está a principal sala de visitas das rádios do serviço público, à espera que o investimento saia da gaveta.

JPG / Loc – Santos da Casa fazem milagres. A rádio dá notícias da rádio, no programa do Provedor.

SEPARADOR + FICHA + INDICATIVO FINAL

Programa 43 – 20 Abril 2018

Ana Aranha e a memória da rádio

TAPETE – Passos (de “Grândola Vila Morena”)

JPG / Loc. – «A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam.

E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa...

É preciso voltar aos passos que foram dados.

É preciso recomeçar a viagem. Sempre.»

José Saramago, Outros Cadernos de Saramago

Este programa vai para o ar, em lembrança do Abril de há 44 anos. Para recomeçar a viagem...

RM Clarisse Guerra: Aqui Posto de Comando das Forças Armadas.

+ INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Uma voz do 25 de Abril de 1974 resgatada do silêncio pelo Programa do Provedor: Clarisse Guerra no Posto de Comando do MFA.

Quanto a esta senhora que temos agora sentada à nossa frente para entrevista ao Programa do Provedor...

...Esta senhora, dizia eu... quando era uma criança de 5 anos recebeu de presente um pequeno rádio de pilhas.

ANA ARANHA – Quando eu tinha cinco anos uma pessoa que acabou por ser da minha família ofereceu-me um pequeno rádio, daqueles muito pequeninos. Era vermelho, e eu lembro-me de andar com o rádio, aquilo era um brinquedo. Às tantas já não tinha a parte de trás, as pilhas já se soltavam...

JPG / Loc. – Mesmo com as pilhas soltas, o rádio foi a caixinha que mudou o mundo da criança que veio a ser esta grande senhora... a realizadora de rádio Ana Aranha.

ANA ARANHA – Tinha uma relação muito próxima com a rádio, era daquelas pessoas que conhecia as vozes e que tinha o fascínio pelas vozes e pelos programas que ouvia na altura...

JPG / Loc. - Ana estudou comunicação social.

Fez o estágio curricular na Antena 1, com um programa sobre a Comunidade Económica Europeia.

O certo é que fez vida e ganhou nome na rádio: Ana Aranha.

ANA ARANHA – Comecei como assistente de realização, depois como realizadora, eu é o que sou hoje, e cá estamos.

JPG / Loc. - Agora, que já leva 32 anos de rádio, fez uma pausa:

Está requisitada, por contrato de cedência de utilidade pública, pela Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens.

A rádio, um dia, terá que requisitá-la de volta. Digo eu.

Ninguém na rádio tratou a memória com tanto coração como Ana Aranha. Aconteceu assim.

ANA ARANHA – Nem sei bem dizer. Cada um de nós tem as suas tendências. Há quem goste de fazer programas sobre música ou ciência. Basicamente, aqui somos generalistas. Depois, por interesse pessoal ou gosto, cada um de nós vai afunilando. Acho que foi o que aconteceu comigo. Sinto-me bem a fazer programas sobre História e Cultura portuguesa dos séculos XIX e XX e nos últimos anos tem sido muito por aí que tenho andado. Porque depois nós conhecemos investigadores e pessoas e uma coisa puxa a outra e na verdade é o lugar onde me sinto melhor.

MEDLEY PROGRAMAS ANA ARANHA – MEMÓRIAS DO EXÍLIO + NO LIMITE DA DOR + CALAR NUNCA

JPG / Loc. – Com Iolanda Ferreira, Ana Aranha procurou A Vida dos Sons:

86 episódios que colocam os arquivos e a memória da rádio a contar a História do século XX: o primeiro século com som registado.

RM A VIDA DOS SONS – Excertos de sons do Arquivo Histórico da Rádio

JPG / Loc. – Dar vida aos sons foi um desafio para Ana Aranha e Iolanda Ferreira.

Mas foi igualmente um desafio para os arquivos da Rádio do Serviço Público.

Ana Aranha e os Arquivos Históricos da Rádio têm andado a contar em conjunto a história de uma relação que se tornou íntima.

ANA ARANHA – A Iolanda Ferreira e eu fizemos o programa A Vida dos Sons, que é provavelmente o programa mais importante da minha vida profissional, (...) e esse programa não teria existência se não fosse o arquivo. No fundo foi um trazer de novo, ano a ano, todas as semanas, um ano do século XX, com sons que temos do nosso arquivo. E eu já fiz e volto a fazer um agradecimento público aos colegas do arquivo, sem os quais muitas coisas que fiz não teria feito.

JPG / Loc. – A memória da rádio não jaz em arquivos mortos.

E a realizadora Ana Aranha, ao longo de muitos anos de trabalho, ganhou afecto e apreço pelo repositório sonoro que reporta décadas da história de Portugal e do mundo...

... E que tem e continua a ter outros universos a descobrir.

ANA ARANHA – Talvez porque eu usei muito o arquivo, por ter usado muito o arquivo, e ter ajudado a divulgar, fiquei com uma percepção muito clara da importância que tem. E essa percepção acontece quando estamos à procura e esse som não existe.

P – E isso aconteceu com frequência?

AA – Aconteceu algumas vezes, mas isso é perfeitamente natural. Nós estamos a falar de décadas e a ideia de guardar a memória não foi sempre igual.

JPG / Loc. – E a realizadora Ana Aranha aumentou esse espólio com testemunhos que recolheu para contar histórias de resistência e de dor, de sofrimento e distância, de amor e de morte, no dia-a-dia de vidas em comum.

ANA ARANHA – A memória corre contra nós, corre sempre contra nós. E nós temos a possibilidade, e a obrigação e o dever – e aqui não esqueço que trabalho numa rádio de serviço público, que tem obrigações acrescidas. E portanto nós temos a obrigação de procurar pessoas que fizeram a nossa história recente, até porque a maior parte está muito receptiva a contar, até porque já passaram décadas sobre alguns acontecimentos e portanto não é tão difícil assim.

RM EDMUNDO PEDRO 1 – *A “frigideira” era uma coisa verdadeiramente horrível! Porque aquilo era como que em cimento armado, sem telhado, portanto a temperatura lá dentro era insuportável. Não havia termómetros, evidentemente, mas estou convencido de que devia atingir os 50 graus. O vapor de fora, à noite, caía escorria pelas paredes. Nós estivemos 3 dias sem beber água, isso não se pode imaginar que é uma coisa que ninguém pode imaginar, e lambíamos a água que escorria das paredes.*

JPG / Loc. – Edmundo Pedro. Preso, aos 17 anos, no Tarrafal.

RM EDMUNDO PEDRO 2 – *Nós muitas vezes, à noite, dentro do mosquitoeiro sozinho, chorávamos. Chorava...*

JPG / Loc. – Há coisas que o tempo não apaga!

Como também há memórias que não podem ou não devem morrer.

RM HUMBERTO DELGADO – *Ora se Salazar é o chefe, tem de saber o que se passa... Porque se não sabe é estúpido.*

JPG / Loc. – Ana Aranha acrescentou à memória da rádio os testemunhos de mulheres e homens que viveram a história...

... O que não significa quer tenham sempre vivido epopeias: foram simplesmente pessoas que resistiram, ou não, aos limites da dor.

ANA ARANHA – *No Limite da Dor foi uma série de programas transmitida no início de 2014. Propus assinalar assim os 40 anos do 25 de Abril. São testemunhos de pessoas que falam exclusivamente sobre a experiência da tortura da PIDE. Não a sua vida política toda, não a prisão, mas particularmente a experiência da tortura.*

JPG / Loc. – Ana Aranha investigou, procurou, perguntou.

Mas a memória fixada nos limites da dor, como de outras séries de investigação, foi revelada com respeito pela dor e sem violentar a memória.

ANA ARANHA – *As pessoas que aceitaram falar comigo, e eu não tive praticamente pessoas que não aceitassem, eu tinha decidido que queria fazer X programas, com homens e mulheres, de partidos políticos diferentes, pessoas que tivessem prestado declarações na PIDE sob tortura, e aquelas que não – que resistiram de formas que dificilmente compreendemos.*

JPG / Loc. – O mito dos super-heróis da resistência alimentou-se à margem do respeito pela natureza humana.

Porque é da natureza humana suportar, como não suportar, os limites da dor.

ANA ARANHA – Foi de uma grande coragem para essas pessoas, sobretudo porque no meio em que se movimentavam era sabido se tinham falado ou não. Só que já passou muito tempo e as pessoas fizeram as suas vidas. Podiam não querer trazer essa situação para agora. Estou a lembrar-me dum caso, para mim dos mais complexos, dum professor universitário que podia muito bem não querer. Agora estava a dar aulas e um aluno tinha ouvido o programa e dizia-lhe: então mas o senhor quando foi preso pela PIDE fez isto assim e assim? Curiosamente essa pessoa acabou por pôr o link do programa no currículo oficial.

JPG / Loc. – É difícil escolher o mais valioso entre os preciosos tesouros selecionados por Ana Aranha nos labirintos dos Arquivos sonoros da Rádio.

Poderia optar por Álvaro Cunhal, em 1981, desafiado por miúdos a escolher entre Mozart e o Rock.

RM CUNHAL – Não se pode comparar Mozart com o rock, são coisas diferentes... Mas eu gosto de Mozart e gosto de rock

JPG / Loc. – Ou Maria João Pires, a pequena Maria João, aos 5 anos de idade, a preferir Mozart a uma boneca...

RM MARIA JOÃO PIRES – Gostas mais da Janete ou do Mozart? Do Mozart...

JPG / Loc. – Ou escolher uma entrevista ao telefone de Guilhermina Suggia...

RM ENTREVISTA SUGGIA – ...o disco está para sair agora em Janeiro, mas não é His Master'Voice, é Decca...

JPG / Loc. – Mas como se trata de votar, nem que seja para escolher um tesouro do som da rádio, então nós votamos... Humberto Delgado.

RM HUMBERTO DELGADO PRONTO A MORRER PELA LIBERDADE – *Todos nós, cidadãos pacíficos... Há uma coisa porém que eu lhes digo aqui: Eu estou pronto a morrer pela liberdade!*

JPG / Loc. – Humberto delgado, o General Sem Medo, morreu pela liberdade, assassinado pela PIDE, sete anos após esta proclamação, registada em Chaves, a 22 de Maio de 1958.

Dezasseis anos mais tarde realizou-se o sonho do general.

Em 1974, o regime ainda deu voz de fogo sobre um capitão, Salgueiro Maia... mas a história mudou nesse preciso momento.

RM SALGUEIRO MAIA – DISPARE SOBRE AQUELE HOMEM

SM: *O brigadeiro vai à torre do carro de combate e diz para o apontador, que era um cabo, do serviço militar normal: “Dispare sobre aquele homem.” E o cabo não disparou. E quando um brigadeiro dá uma voz destas a um fulano e ele tem a coragem de lhe dizer que não dispara... Aí fez-se o 25 de Abril. Foi o indicador de que a situação era irreversível.*

FICHA + INDICATIVO

JPG / Loc. Vozes do arquivo Edmundo Pedro, Maria João Pires, Álvaro Cunhal, Guilhermina Suggia, Humberto Delgado, Salgueiro Maia. **[Sonoriza com RMs]**

Programa 44 – 27 Abril 2018

Salgueiro Maia: se a República se ganhou pelo Telégrafo, o 25 de Abril ganhou-se pela Rádio

JPG / Loc. – *Foi bonita a festa, pá! Fiquei contente.*

E ainda há um cravo renitente

N'algum canto de jardim...

Com cheirinho de alecrim.

Pois sim.

Chico Buarque, com pinceladas de liberdade poética

INDICATIVO ABERTURA

+ *RM 01 -Tapete instrumental Tanto Mar, Chico Buarque (mantém por baixo)*

JPG / Loc. – O capitão Fernando José Salgueiro Maia tinha 29 anos e todas as ilusões da sua geração quando, em 25 de Abril de 1974, veio de Santarém a Lisboa à frente de 240 homens numa coluna de 10 carros de combate.

RM 02 - Intercomunicações 25 Abril - sinal encarnado

JPG / Loc. – Em cerca de 12 horas derrubou um regime de 48 anos.

RM 03 – Salazar (Está tudo bem assim, e não pode ser de outra maneira) + Marcelo Caetano (...e é esta conversa em Família que vou tentar manter através da rádio e da televisão...) + Tapete Tanto Mar

JPG / Loc. – A geração de capitães que fez o 25 de Abril entrou na Academia Militar, no início dos anos 60, para uma carreira com acesso ao posto de coronel e, a partir daí, a eventuais promoções, por escolha.

Generais só por escolha; a brigada do reumático tinha reservado direito de admissão.

RM 04 – Intercomunicações 25 Abril – ...Só estou eu aqui com o Romeiras. De resto é só Alferes e Aspirantes. E tenho o tenente da guarda. Escuto.

JPG / Loc. – Entretanto interpôs-se uma guerra, que bem vistas as coisas, eram três.

Na década de 70, já capitães, alguns dos militares de carreira começaram a entender que as fronteiras que defendiam em três cenários de guerra não eram as da Pátria, mas as dos interesses.

E que os discursos eram pura e simples propaganda enganosa.

RM 05- S. MAIA NOTÍCIAS DA GUINE PELA BBC – Nós vivíamos nessa altura numa situação em que, não estando propriamente a conspirar, o nosso espírito era de tal modo que nós já só ouvíamos a BBC e passávamos palavra. Inclusive pelos próprios meios militares nós passávamos a informação a partir da BBC. Para nós, militares, o regime já estava num descrédito enorme.

+ SOM BBC

JPG / Loc. – O regime e as oposições levaram 48 anos para chegar ao fim da história.

RM 06 – Censores – a cortar a palavra “escandaloso” num texto

JPG / Loc. – Foi quando os capitães entraram em cena: seriam poucos; mas bons.

RM 07 - S MAIA GERAÇÃO DO MFA – Entre cerca de 10 mil militares, os elementos do MFA eram 200. Como em todas as coisas, as pessoas que tinham consciência, ou que queriam ter consciência, eram curtas. Acontece que essencialmente os cursos que entram em 63, 64 e 65 são a base de recrutamento do MGFA. E são porque a partir do princípio da guerra a Academia Militar abriu a porta a todo o lado. E passa a haver uma inversão: até aí, para aí metade eram filhos de militares, e depois passou a ser, do género, dois... números sem significado. E portanto isso entra um conjunto de indivíduos que, sabendo que se está em guerra, só pode ir por idealismo. Ora são esses indivíduos que a certa altura começam a perceber que foram enganados; a geração de 60 era uma geração de uma generosidade a toda a prova, julgo que isso é flagrante. Na minha geração nós estávamos sempre unidos: contra o professor, contra qualquer tipo de autoridade, não havia aquilo a que se chama um sabujo... E isso tem sido um referencial

JPG / Loc. – Salgueiro Maia chegou a Lisboa, e mais tarde ao Largo do Carmo, à frente de uma coluna de 240 homens.

Mas não foi a força das armas nem o efectivo dos homens que derrubou o regime.

RM 08 - S MAIA 240 homens

SM – Bem, desses 240 homens, cerca de 200 eram instruendos do curso de oficiais e sargentos milicianos, tinham entrado em Janeiro, portanto tinham 3 meses de instrução. Não estavam em condições de fazer nada, se desatassem aos tiros havia o risco de se matarem uns aos outros, não havia força operacional. As próprias viaturas, que eram da II Guerra Mundial, que já em 45 estavam obsoletas, em 75 – 30 anos depois – estavam muitos piores. Eu tinha uma viatura que não tinha motor-de-arranque, viaturas que não tinham granadas. Tinha uma auto-metralhadora que não tinha metralhadora, teve de se atar com uns arames uma metralhadora, porque a original já não existia... E as únicas que tinham alguma actualidade eram 3 EBR Panhard, auto-metralhadoras com uma peça de 7 e meio, e eu só tinha quatro ou cinco granadas por viatura, isto porque a Escola [Prática de Cavalaria], rebentou-lhe o paiol em 71 ou 72, e as munições estavam em Santa Margarida. Ora eu não podia fazer uma evolução indo conquistar Santa Margarida e depois avançar para Lisboa em surpresa. O êxito deve-se essencialmente à surpresa, e a termos a capacidade de dominar a comunicação social. Se a Primeira República se ganhou pelo Telégrafo, o 25 de Abril ganhou-se prioritariamente pela comunicação social: é por nós controlarmos a Rádio que as pessoas começam a ver que nós temos força, e que nós...

P – Mas as pessoas fizeram exactamente o contrário do que capitães pediam através da Rádio: os capitães pediam “Fiquem em casa” e o senhor chegou ao meio do Largo do Carmo numa “procissão”...

SM – Foi a coisa mais extraordinária!

+ RM 09 – RCP Multidão no Carmo

JPG / Loc. – Os capitães conheciam histórias de antigos fracassos de intervenções da tropa contra o regime.

Mas tinha soado nos relógios a hora da coragem.

RM 10 – Indicativo RCP Emissora da Liberdade. (sinal horário entra em fundo)

JPG / Loc. – E quando chegou ao Largo do Carmo, para prender o chefe do Governo, o capitão Maia passara já por uma prova de fogo.

RM 11 - SALGUEIRO MAIA – DISPARE SOBRE AQUELE HOMEM

SM – O brigadeiro vai à torre do carro de combate e diz para o apontador, que era um cabo, do serviço militar normal: “Dispare sobre aquele homem.” E o cabo não disparou. E quando um brigadeiro dá uma voz destas a um fulano e ele tem a coragem de lhe dizer que não dispara... Aí fez-se o 25 de Abril. Foi o indicador de que a situação era irreversível.

RM 12 – TAPETE BALADA DA PRAIA DOS CÃES (fica em fundo)

JPG / Loc. – Salgueiro Maia avançara aparentemente desarmado para a coluna de carros de combate com que a brigada do reumático procurou sustentar a revolução.

RM 13 - Intercomunicações -...diga se entendeu... só tenho 3 carros... o resto é tudo apeado...

JPG / Loc. – Conhecendo o destino trágico de anteriores opositores ao regime, o capitão Maia prevenira-se: vivo não o apanhariam.

RM 14 - S MAIA COM UMA GRANADA NO BOLSO

SM – Não podia ser preso. De maneira que aí, tinha uma granada de mão no bolso, e a perspectiva era: se eu fosse preso sem me conseguir safar, a única hipótese era accionar a granada-de-mão no meio deles, porque o meu futuro preso, com a derrota do 25 de Abril, não era nenhum. Acontecia-me aparecer depois aí numa praia dos cães algures.

JPG / Loc. – A *Balada da Praia dos Cães* não viria a ter uma edição revista e aumentada.

RM 15 - REPORTAGEM RCP - assassinos (breve, fica por baixo)

JPG / Loc. – Os capitães tinham uma Ordem de Operações para aquele dia.

E um plano B, para o que desse, e viesse.

RM 16 - S MAIA - Se as coisas corressem mal em Lisboa, nós, pelo menos a tiro abríamos caminho para Santarém, onde tínhamos condições para ficar entrincheirados o tempo suficiente para mobilizar as coisas, a nível nacional e internacional... Havia uma série de camaradas nossos que estavam dispostos, nós sabíamos que à partida eles iam “roer a corda”, mas quando comessem a ter ordens para disparar sobre nós, em princípio não iam disparar... E portanto nós poderíamos desencadear um turbilhão de desobediências, e o próprio regime ter de chegar à conclusão que afinal de contas a tropa não lhe obedecia.

JPG / Loc. – O capitão Salgueiro Maia chegou ao frente a frente com o homem a quem reclamaria a rendição incondicional.

Ou como se dizia nos comunicados da tropa... iria pôr fim ao regime que há longo tempo dominava o País...

RM 17 – LARGO DO CARMO (BREVE) – “Assassinos a cair todos...”

JPG / Loc. – E o poder da mais velha ditadura da Europa, que não queria cair na rua, ali estava em toda a sua miséria e ridículo...

RM 18 - S MAIA COM MARCELO CAETANO – Quando cheguei à sala onde estavam os ministros, ouvi um ruído de crianças a chorar. Eram os ministros Moreira Baptista e Rui Patrício com um ataque de histeria, a chorar que nem bebês. No gabinete, sozinho, estava Marcelo Caetano: pálido, com a gravata a três quartos, mas pelo menos com dignidade. Eu fiz a continência militar, disse-lhe “Sou o comandante das forças sitiadas, venho exigir a rendição incondicional. Se ela não for obtida, o senhor é o responsável pelos mortos que ela possa acarretar.” Marcelo Caetano disse “Eu já não governo, espero ser tratado com a dignidade com que sempre vivi, e desejo um general para entregar o poder, para que o poder não caia na rua.”

+ RM 19 – RCP: comunicado MFA - rendição Marcelo Caetano

LFC – O Movimento das Forças Armadas informa que se concretizou a queda do governo, tendo S. Exa. o professor Marcelo Caetano apresentado a sua rendição incondicional a S. Exa. o general António de Spínola.

JPG / Loc. – O passo seguinte do capitão Maia foi chegar à janela do Quartel do Carmo. O capitão ergueu os dedos no V da Vitória. E o povo entendeu o sinal.

RM 20 - Ganhámos... + Isto é só início...

JPG / Loc. – Salgueiro Maia reconheceu algumas cenas do dia 25 de Abril de 1974 nos antecedentes da Crónica de Fernão Lopes sobre a revolução de 1383.

Era o povo, personagem colectiva dos acontecimentos.

RM 21 – S. MAIA OUVIA HINO AGUA – 55” Esta conversa tem o contraste de ser feita com o barulho da água a correr pelo vão das escadas e dos elevadores. Quando se disparou para a fachada, para o tecto, debaixo das telhas havia vários depósitos de água que se furaram. E o povo cá fora a cantar o Hino Nacional. Quando ele me diz “Eu já sei que não governo” está o povo todo cá fotra a cantar o Hino Nacional. E costuma desafinar toda a gente, mas até dava a impressão que tinham ensaiado. Era um som esmagador. Essa é a imagem mais expressiva

+ RM 22 - Hino Nacional (disco Primeiro 1º de Maio)

JPG / Loc. – O capitão Fernando José Salgueiro Maia deu esta entrevista em 20 Janeiro de 1992. Faleceu em 4 de Abril desse ano.

Depois do 25 de Abril, chegou a estar desterrado nos Açores com mais oito oficiais: a democracia também não apreciava cravos.

Apesar da doença que o veio a matar, Salgueiro Maia mantinha-se no activo e firme no seu posto.

Mas não ia a festas.

RM 23 – S. MAIA O 25 de Abril tem alguns defeitos e muitas virtudes, e uma das virtudes é que não obriga ninguém a festejá-lo. E no contexto em que o 25 de Abril é efectivamente uma revolução popular, deve ser o povo a festejá-lo. E acho que a negação dos festejos populares são os discursos de pompa e circunstância, com a chatice toda inerente, e isso desmotiva as pessoas. Não costumo ir.

Loc. / JPG – Já aqui disse e repito que nem tudo foram rosas na Revolução dos Cravos.

Mas, como jornalista, agora provedor, não esqueço que foi também para que escrevesse, e escreva, livremente, que o capitão Maia avançou das ruínas do Convento de S Francisco, em Santarém, para derrubar em Lisboa outras ruínas.

RM 24 – CENSORES: NÃO PERCEBO PORTANTO PROIBE-SE: *Eu não proibi nem deixo de proibir. Você às tantas não sabe o que é, nem eu, portanto proibe-se.*

+

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 45 – 4 Maio 2018

Herdeiros de Igrejas Caeiro querem alterar o projecto da "Casa Museu Biblioteca" que o criador de "Os Companheiros da Alegria" dispôs em testamento

RM 01 [SOM MELROS]

JPG / Loc. – Naquela manhã de sábado, no jardim da casa que foi de Igrejas Caeiro cantavam os melros ...

RM 02 – ISALTINO MORAIS – Os passarinhos, ali, os melros, olhem para isto... Estão a preparar a Primavera, estão a preparar a criação... A natureza é assim.

JPG / Loc. – No jardim da casa do Alto do Lagoal, Caxias, os melros cantavam como autênticos *Companheiros da Alegria*...

... O título do programa itinerante que deu fama e um lugar na memória coletiva a Igrejas Caeiro... e que deixou um espólio...

RM 03 – ISALTINO MORAIS – Há até um espólio muito significativo do Passeio ... como é que se chama... dos Alegres... *Companheiros da Alegria*, exactamente.

RM 04 COMPANHEIROS DA ALEGRIA [indicativo c/ refrão]

+ INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Questões levantadas por ouvintes sobre o espólio de Igrejas Caeiro, levaram o Provedor e a sua equipa a visitar a Casa onde viveu o homem da rádio que criou os *Companheiros da Alegria* e culminou a carreira como Director de programas da RDP.

O Provedor e equipa foram recebidos no Alto do Lagoal, por Isaltino Moraes, presidente da Fundação Marquês de Pombal, herdeira de Igrejas Caeiro, e que é também o presidente da Câmara de Oeiras.

O casal Irene Velez e Francisco Igrejas Caeiro viveu numa casa no Alto do Lagoal, com assinatura do arquitecto Francisco Keil do Amaral, que está agora a ser consideravelmente transformada.

O interior está a levar uma volta que mexe com o plano da casa.

Igual no futuro será o volume e o traçado geral do edifício, como igual será a magnífica vista para o Tejo...

RM 05 – ISALTINO MORAIS – Isto é paradisíaco... Esta encosta do Lagoal é de facto uma coisa do outro mundo...

JPG / Loc. – Esta vista do outro mundo irá custar aos hóspedes do alojamento local em que está a ser transformada a casa de Igrejas Caeiro, 120, 150, talvez 200 euros por dia, ou por noite...

Essas contas já as fez já o presidente da Fundação Marquês de Pombal, herdeira de Igrejas Caeiro.

E é nesse sentido que está a ser transformada a casa do Alto do Lagoal.

Embora Igrejas Caeiro deixasse escrito no testamento que o seu legado à Fundação Marquês de Pombal seria no futuro a “Casa Museu Biblioteca Irene Velez / Igrejas Caeiro...

RM 06 – ISALTINO MORAIS – Isto não é uma casa museu...

P – Mas devia ser, não é?

IM – Mas não vai ser. Não vai ser uma casa museu porque não há dinheiro para ser uma casa museu.

JPG / Loc. – Igrejas Caeiro previu, e também deixou em testamento, a receita para rentabilizar a casa do Alto do Lagoal.

Passo a citar: “Para viabilização económica e financeira do projecto a Fundação Marquês de Pombal poderá alienar, a qualquer título, o terreno que não seja necessário à execução do pretendido... “

E a Fundação que herdou a casa do casal Caeiro já alienou terreno... mas para pagar as obras de transformação da casa em alojamento local com sete quartos, onde antes existiam apenas três aposentos e o quarto da empregada, anexo à cozinha.

Uma hospedaria... é que Igrejas Caeiro não previu em ponto algum do testamento.

RM 07 – IM – Os legados são assim: *cumprem-se quando se podem cumprir...*

JPG / Loc. – E é por esta razão que um grupo de cidadãos fez chegar à Procuradoria-Geral da República uma queixa por alegada falta de cumprimento das vontades expressas no testamento de Igrejas Caeiro.

O antigo actor Virgílio Marques, que integrou o elenco do Teatro Maria Matos sob a direcção de Igrejas Caeiro, é um dos subscritores da queixa ao Ministério Público.

RM 08 – VIRGÍLIO MARQUES – *Eu não sei o que é que se pode esperar. O que eu gostava que o Ministério Público fizesse era que investigasse bem o que é que está a ser feito, o que está escrito no testamento, o que não está a ser cumprido, e fizesse cumprir o que está em testamento.*

JPG / Loc. – Queixa no Ministério Público reclama respeito pela vontade testamentária de Igrejas Caeiro.

Mas o antigo magistrado Isaltino Morais, presidente da Fundação Marquês de Pombal, considera que nada tem a temer.

RM 09 – ISALTINO MORAIS – *Eu não tenho que temer? Temer o quê, se a Fundação Marquês de Pombal está a fazer aquilo que incumbida? A FMP tem que fazer as obras. E se fizesse apenas as obras de requalificação, depois fazia o quê? As actividades estão aí. Sem uma receita extra como é que funcionava?*

JPG / Loc. – Isaltino Morais, o presidente da Fundação herdeira da casa de Igrejas Caeiro, desvaloriza a contestação à transformação da Casa numa estalagem para alojamento local.

Para o presidente da Fundação Marquês de Pombal, a queixa ao Ministério Público, e o respectivo eco nos jornais, não passam de ruído.

RM 10 – ISALTINO MORAIS – *Eu sinceramente não percebo esse ruído todo. Esse ruído deve-se a um grupo de pessoas que pretenderiam usufruir esta residência. Instalavam aqui uma estação de rádio. A fundação pagava 80 mil euros...*

P – Recebeu essa proposta?

IM – Recebi várias propostas. Isto é muito pretendido.

P – Enviada pelas mesmas pessoas que agora assinam a queixa?

IM – Sim, sim, sim...

JPG / Loc. – A Casa Museu Igrejas Caeiro, ainda assim designada, fechou para obras no Outono de 2016 porque o telhado metia água.

O programa do Provedor do Ouvinte deu conta da situação na edição de 5 de Maio do ano passado.

Por essa altura, o Provedor fora alertado para o facto de objectos do espólio de Igrejas Caeiro estarem à venda num leilão na Internet.

O que voltou recentemente a acontecer: louças e peças de cerâmica em feiras de velharias; livros e gravuras em leilões na net de luxo em segunda mão.

Quanto às obras, afinal, destinaram-se a recuperar o telhado e outros danos que a casa apresentaria mas, como agora se vê, principalmente a reverter a mansão para alojamento local.

Entretanto estão por cumprir outras vontades de Igrejas Caeiro:

A atribuição do prémio Irene Velez e Igrejas Caeiro a revelações no teatro...

E a classificação da casa como “edifício de interesse municipal”.

Mas o presidente da Fundação Marquês de Pombal, e da Câmara de Oeiras, considera que a classificação da casa não está em causa.

RM 11 – ISALTINO MORAIS – Os arquitectos sabem como essas coisas são. Não é isso que vai impedir qualquer classificação... A classificação é com a Câmara Municipal.

JPG / Loc. – No testamento, Igrejas Caeiro reservou um lugar na futura Casa - Museu para José Manuel Marreiro, que acompanhou os derradeiros anos de vida do homem da rádio, do teatro e do cinema.

E José Marreiro conhecia o desígnio que Caeiro lhe destinou.

RM 12 – JOSÉ MANUEL MARREIRO – E preparei-me para isso. Durante vinte anos. Posso dizer que não há nenhum papel dentro de casa que eu não tivesse manuseado.

JPG / Loc. – Mas agora, confrontado com a transformação da casa em alojamento local, o antigo colaborador de Igrejas Caeiro afastou-se pelo seu pé dos herdeiros da Casa, a Fundação Marquês de Pombal.

A casa do Alto do Lagoal foi deixada em testamento à Fundação Marquês de Pombal para ser a “Casa Museu / Biblioteca Irene Velez / Igrejas Caeiro”.

Em parte alguma do testamento se admite que a casa perca esse espírito, por mais romântico que seja o espaço circundante e mais fascinante a vista para o Tejo.

No futuro a Casa não será o que foi: pode não perder, visto do exterior, o volume e o traçado original de Keil do Amaral.

Mas vai perder a alma.

RM 13 – PEÇA INÊS FORJAZ

ISALTINO MORAIS – Bom, é uma casa de habitação normal.

IF – Entramos na casa onde morou o casal Igrejas Caeiro e Irene Velez.

IM – Não há nenhuma alteração – do ponto de vista da traça, da arquitectura – nesta casa. O que há é a adaptação de determinados espaços em quartos. Alojamento.

IF – A casa tinha quatro quartos, passou a ter sete. Foram construídas novas casas de banho. E, nas antigas, azulejos e louça foram substituídos.

IM – Isto mantém-se exactamente como estava. Mudou, naturalmente, o sanitário, tinha de ser mudar porque tinha 50 anos, estava ultrapassado.

IF – A traça exterior também não escapou. Ditam as regras do alojamento local que todos os quartos devem ter janela. Ora a antiga casa das máquinas é agora uma suite com janela.

IM – Nesta coisa fez-se aqui esta casa de banho e – tinha aqui uma coisa pequenina,. Acho eu – rasgou-se [uma janela] um bocadinho maior.

IF – Estamos no piso inferior de uma casa com dois andares.

IM – A principal inovação foi a partir daqui.

IF – E é aqui, no piso de baixo, que encontramos o estúdio de rádio de Igrejas Caeiro.

IM – Repare que isto está tudo bem organizado: tinha a parte da família lá em cima, tinha a parte do convívio aqui em baixo, e tinha o estúdio de rádio hermético.

IF – A imponente mesa de rádio, com quatro gira-discos, está coberta de pó e aguarda ainda o restauro.

IM – Isto vai ser restaurado.

IF – Ali ao lado, o antigo salão de jogos conserva um painel de azulejos projectados por Maria Keil.

IM – Por exemplo, aquele mosaico obviamente que se respeitou – é talvez dos aspectos mais valiosos desta casa...

IF – O chão é que já foi alterado.

IM – Claro que foi mudado este pavimento...

IF – Este salão e o estúdio de rádio são as únicas zonas reservadas para a casa-museu. O resto fica para o turismo.

IM – Esta é a principal transformação. Porque isto era uma arrecadação. Portanto foi feita aqui esta casa de banho...

IF – No andar de baixo há agora dois novos quartos com casa de banho, um deles o favorito de Isaltino Moraes.

IM – Do ponto de vista de alojamento é a parte mais bonita da casa. Tem esta porta, e agora vejam bem esta cobertura, esta pérgula. Esta pérgula aqui, ao fim de tarde... Isto é muito bonito.

IF – Subimos ao piso de cima...

IM – Aqui não há uma modificação.

IF – ...onde a garagem também foi transformada em quarto.

IM – É novo? É, isto é novo. Isto é uma casa de banho que se fez para dar apoio a esta divisão aqui. Portanto, isto é uma inovação. Aqui era a garagem.

IF – Keil do Amaral não se limitou a projectar a casa. Todos os interiores eram também deste premiado arquitecto, caso deste quarto-de-vestir onde entramos agora.

IM – São madeiras antigas...

IF – E é aqui ao lado que encontramos o quarto de Igrejas Caeiro e Irene Velez.

IM – Não excluimos a hipótese, por exemplo, de o quarto de Igrejas Caeiro ser intocável.

IF – E ainda o quarto da sogra de Caeiro, mãe de Irene, Elvira Velez.

IM – Um outro quarto, exactamente a mesma coisa...

IF – Desta casa fazem portanto parte não um, mas três espólios. Da rádio, mas também do teatro.

IM – Do ponto de vista museológico não há que mostrar além do estúdio de rádio.

IF – Isaltino Moraes garante que as peças de arte mais valiosas, como é o caso das peças de Júlio Pomar ou Cargaleiro, estão na Fundação Marques de Pombal.

IM – Os quadros mais valiosos estão na Fundação Marques de Pombal.

IF – Os restantes objectos aguardam melhores dias. Para já, segundo o presidente da Fundação que herdou o espólio, está tudo guardado num contentor no jardim da casa.

IM – Este contentor está cheio de equipamento.

IF – E garante que vai regressar tudo à casa. O que inclui a vasta biblioteca de Igrejas Caeiro.

IM – Não basta ter uma estante cheia de livros, que é aquela ali... Sim, eram primeiras edições, mas não eram únicas... Mas a biblioteca estará cá.

IF – À espera dos livros estão as estantes, desenhadas à medida por Keil do Amaral para a generosa sala de estar onde uma gigantesca janela panorâmica desperta outros sentidos para lá da visão.

IM – Isto é bonito em qualquer parte do mundo, e é das coisas mais bonitas que há em Portugal. Até dá a impressão de que há aqui alguma questão exotérica, não é?

IF – E é neste ambiente bucólico que a Fundação Marquês de Pombal se prepara para abrir um misto de alojamento local com casa-museu.

IM – A cultura custa muito dinheiro, sabe? É preciso pagá-la...

SOM IGREJAS CAEIRO – “Cara ou coroa? Vou ou fico? Faço ou não faço?...”

IM - ... e para a pagar, alguém tem de financiar....

SOM IGREJAS CAEIRO – “A responder a todas as perguntas, como bússola em mares encapelados ou sinaleiro numa encruzilhada, ali está a moeda de cobre ou de prata, conforme a categoria do porta-moedas. Sim, é a moeda que responde, é o dinheiro que resolve....”

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 46 – 11 Maio 2018

António Macedo: paixão pela rádio e regresso às manhãs da Antena1

RM' 01 – Medley ANTÓNIO MACEDO

JPG / Loc. – Esta voz tem uma identidade, um perfil, um predicado, uma experiência, um carácter.

E tem vários nomes colados à própria voz – Rádio, Manhã.

Também se chamou Rádio Comercial, Nacional, Nostalgia, TSF; como agora se chama RDP ou Antena 1.

Passada a escrito, a letra desta voz chamou-se *Se 7e, Noticias da Tarde, Revista Mais, O Jornal*.

E já que era uma voz na imprensa, foi porta-voz do *Fiel Inimigo*.

E na rádio, para além de Manhã, esta voz chamou-se *Mão na Música, Os Dias Cantados, Paixões Cruzadas*, e chama-se a *Contar Consigo, Histórias da História, Sem Ensaio ...*

Todos os autores querem gravar com a experiência, a marca, o timbre desta voz.

RM 02 – AM – Se permite fumar...

JPG / Loc. – Apesar do tempo, do tabaco, da gosma, do cansaço... Esta voz, que dá por tantos nomes, tem nome próprio: António. E apelido: Macedo.

RM 03 – AM – Mas e porquê a rádio? Eu fico sempre tão contente quando as pessoas se lembram da rádio...

JPG / Loc. – Na rádio, para a rádio e pela rádio é o António Macedo.

RM 04 – AM – Na rádio é que eu sou feliz.

+ INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Na manhã de 8 de Março, e assim sucessivamente, António Macedo faltou à chamada na manhã da rádio.

Poucos dias depois já se manifestavam ouvintes inquietos, estranhando a falta do António Macedo.

E daí em diante a correspondência ao Provedor não parou.

- O António Macedo está bem? Vai voltar ao programa da manhã?

- A ausência de António Macedo é temporária ou definitiva?

- A ausência de António Macedo do programa da manhã é por doença, aposentação ou substituição?

- Deixei de o ouvir e gostaria de saber se está bem de saúde?

- Deixei de ouvir o Macedo e gostaria de saber o que se passa?

O Provedor foi respondendo aos ouvintes.

Mas agora o Programa do Provedor está em condições de dar a grande notícia: António Macedo vai voltar às manhãs da Antena 1.

RM 05 – AM – Segunda-feira, se tudo correr bem, volto a estar em programa.

P - A próxima?

AM – A próxima segunda-feira, 14.

P – 14 de Maio, quase que era a 13 de Maio.

AM – Sim, mas não havia uma macieira disponível.

JPG / Loc. – A recuperação de António Macedo demorou dois meses.

A boa notícia é que o Macedo teve dois meses para mudar de reportório

RM 06 – NETAS – *O avô conta muitas histórias da Anita... – E qual é a tua preferida? – “A Anita esfola o joelho”...*

+ SOM “BEM BOM”

JPG / Loc. – A canção de mandriar substituiu a canção de madrugar, pelas 4 da manhã. 4 da manhã, ei! E ninguém me diga que é bem bom, tantos anos a acordar... mais cedo.

AM – Sessenta e sete anos e alguns meses. Não, sério: desde 2009.

JPG / Loc. – Macedo deixou as manhãs mas não largou a rádio.

RM 07 – Abertura “Sem Ensaio”

JPG / Loc. – Acompanhado por um par de canadianas, depois por uma canadiana e uma portuguesa – a Luísa, pois claro – Macedo vinha regularmente à rádio, gravar a sua parte em três programas de autores:

AM – Com o David Ferreira, com o Carlos Martins, e com a Helena Matos as Histórias da História.

JPG / Loc. – E assim alimentou o António Macedo, ao longo dos últimos dois meses, o bichinho da rádio.

AM – Isso por um lado, por outro porque não afectava aquilo que me acometeu que foi a existência, que eu ignorava, de um joelho – o direito. Passou a fazer parte da minha vida.

JPG / Loc. – O problema clínico de António Macedo foi com efeito num joelho. Haveria muito boa gente a pensar que o joelho era o calcanhar de Aquiles apenas dos jogadores de futebol.

AM – Sim, mas não foi a jogar futebol. Foi com o objectivo de ganhar algumas energias para o final do dia, visto que eram seis da tarde e ainda não tinha almoçado. Eu dirigi-me ao bar aqui da RTP e estampeimei-me, caí. Escorreguei elegantemente mas não de uma forma saudável, e fiz uma deslocação da rótula, foi só. Sou tão incompetente que não parti nada.

JPG / Loc. – E assim, António Macedo acrescentou à sua vasta cultura um completo catálogo sobre rótulas, articulações e dobradiças.

AM – A rótula é o joelho propriamente dito. Eu nesta altura estou mesmo disponível para fazer conferências sem fins lucrativos sobre a rótula.

P – Joelhos pro bono....

AM - Joelhos pro bono e rótulas avulsas. A rótula é uma bola que articula a perna. Aquilo está seguro em carris.

P – Articula o perónio com a tibia...

AM – O perónio com a tibia na parte de baixo e em cima é o fémur. O que nós sabemos de geografia! A rótula tem aquela posição para funcionar e saiu do carril. Funciona em dois carris, saiu dum carril, e ficou a meio da coxa, mais ou menos.

JPG / Loc. – Ao logo de dois meses, de joelho ao peito, António Macedo pôde aplicar-se mesmo assim à paixão da rádio.

AM – Pois é, tem de se manter o “freguês”...

JPG / Loc. – Mas do lado de lá, ou do lado de fora, da caixa da telefonia: rádio na modalidade de ouvinte.

AM – Fui ouvinte de rádio.

P – E então?

AM – Gostei de umas coisas, não gostei de outras, mas a rádio precisa de levar um enorme safanão, disso não tenho dúvidas nenhuma. Um safanão medonho, porque aquilo que existe de bom tem que existir durante mais tempo durante o dia todo. Nas nossas rádios e nas outras, que eu ouvi também a concorrência.

JPG / Loc. – António Macedo, enquanto ouvinte, ouve a rádio para além da rádio. Ele conhece os cantos à casa e as fragilidades dos estúdios e antenas. Isso pode levá-lo a compreender melhor algumas fraquezas mas não lhe baixa a fasquia da exigência.

AM – Em minha casa, e eu moro em Lisboa, é verdade que na periferia, eu não consigo sintonizar o rádio na Antena1 em automático. O sintonizador passa por cima da frequência, 95.7, e portanto se quero sintonizar a Antena1 tenho que fazê-lo manualmente. E é das rádios nacionais, a que é impossível sintonizar.

P – E isso é só desde o início deste ano quando houve o acidente em Monsanto?

AM – Agravou-se porque agora tem um “shhhh” muito mais acentuado. O sinal é francamente o pior dos sinais. Não há amplitude de som. Não há brilho nem nas vozes nem nas canções que se passam. Há material muito bem sonorizado de que não se tira partido nenhum. Ou seja: o conforto de escuta pode ajudar a transformar aquilo que é uma porcaria em ouro. Ao mesmo tempo que faz exactamente o contrário. Quando não há conforto de escuta, quando a qualidade não é boa, tu podes estar a dizer Pessoa ou Camões e aquilo parece um texto do Pedro Chagas Freitas, e portanto não adianta...

JPG / Loc. – António Macedo é uma figura popular, pelo prestígio que ganhou em muitos anos de exposição pública, na rádio, em jornais, na TV.

E a prestação em programas de televisão, actualmente na SportTV na qualidade de adepto do Sporting, deu-lhe mais alguma popularidade.

Mas as pessoas sabem que Macedo é da Rádio, da Manhã e da Antena 1.

Embora, como geralmente acontece com as figuras populares da rádio, nem sempre atribuem àquela voz, um rosto e uma figura.

Em Fevereiro passado, Maria Sá e Melo e Ana Margarida Almeida realizaram um breve inquérito de rua...

... No qual perguntaram aos transeuntes como imaginavam a figura correspondente à voz do António Macedo.

E o inquérito ficou publicado, com som e imagem, na rubrica *Olha Quem Fala*, no Facebook da Antena 1:

RM – OLHA QUEM FALA – Ouvintes sobre António Macedo

JPG / Loc. – Macedo achou graça. Principalmente a quem o imaginou... careca.

Mas a rádio é som; e rádio imagem... é rádio para o boneco.

Perde-se o mistério, na rádio com imagem.

AM – ...porque a parte misteriosa da rádio desaparece completamente.

JPG / Loc. – Para António Macedo, que vem do tempo da fita magnética, as Tecnologias não são boas nem são más. Dependem da utilização que se lhes dá e daquilo que elas próprias dão.

AM – Se o digital funcionar e se nós soubermos funcionar com ele, a rádio pode ser tecnicamente até muito melhor. Em bora falta aquela almazinha do “shhhhh”, que o digital não tem... No Dalet pode fazer-se tudo e mais alguma coisa, inclusive descascar amendoins. É preciso é que o Dalet tenha isso tudo operacional, e quanto a isso por aqui me fico. Só falo na presença do meu advogado...

JPG / Loc. – António Macedo volta às manhãs da rádio para fazer ouvintes felizes.

A conduzir as emissões da manhã, Macedo é absolutamente único, com a sua sabedoria, a sua prática.

RM – MACEDO EM ESTÚDIO – EMISSÃO DA MANHÃ

JPG / Loc. – Na facilidade com que resolver ou evita problemas em directo... não há outro na rádio portuguesa.

RM – MACEDO EM ESTÚDIO A CORRIGIR UM SPOT ERRADO

JPG / Loc. – Não é para todos fazer - e antes de fazer preparar - uma emissão de quatro horas em directo.

AM – Isto é como estudar. Houve um professor de liceu que nos disse: se estudarem dez minutos por dia todas as disciplinas que têm por dia, nunca mais têm de estudar quando tiverem pontos. E eu enquanto fui disciplinado fiz isso e concluí que era mesmo verdade. A manhã faz-se da mesma maneira: todas as vésperas de todas as manhãs é preciso trabalhar sobre a manhã do dia seguinte. Aquilo parece tudo improvisado, e é improvisado, mas como sempre ouvi dizer o melhor improvisado é o escrito. E eu desde o “bom dia” até ao “até amanhã”, escrevo tudo – com uma caneta preta de tinta permanente.

JPG / Loc. – Na rádio é que António Macedo está feliz.

Mas há vida para além da rádio.

A família – a Luísa, o Gonçalo e a Rita, a Mané, a Leonor e a Joana, mais a infinidade de primos e primas, de cunhadas e cunhados, a família – que é o verdadeiro clube do António Macedo.

O Sporting é outra coisa.

RM – AM EM EMISSÃO DA MANHÃ COM INTERVENÇÃO EM DIRECTO DE LUÍS FIGO

JPG / Loc. – E os amigos, uma infinidade de amigos, muitos deles quase irmãos deste filho único.

E António Macedo também dedica tempo a si próprio e à música, não apenas por profissão, ao cinema e à leitura.

Lê sempre. Mas tem um título entre todos os livros.

AM – Os “Cem Anos de Solidão”, do Garcia Márquez. Esse é o livro da minha vida. E há também a canção da minha vida, que é a “Canção com Lágrimas”, do Alegre e do Adriano Correia de Oliveira. E filme também há só um: o “Apocalypse Now”, na primeira versão, do Coppola.

+ SOM de abertura da banda sonora de “Apocalypse Now”

JPG / Loc. – António Macedo de volta à antena.

AM – *Se tudo correr bem, segunda-feira volto a estar em programa.*

JPG / Loc. – Resta saber onde. É que o estúdio principal da Antena 1 voltou a avariar no sábado passado. E não previsão para a resolução do problema.

FICHA + INDICATIVO FINAL

Loc /JPG – Eu deveria talvez fazer uma declaração de interesses e dizer que sou amigo do António Macedo.

A questão é que... não é por ser amigo do António Macedo que eu digo o melhor possível acerca dele.

É por ser verdade o melhor possível que eu possa dizer sobre o António que eu sou amigo do Macedo.

RM - ANTÓNIO MACEDO EM ESTÚDIO + Ana Fernandes + Rita Colaço + Virgílio Costa

Programa 47 – 18 Maio 2018

Notáveis da radiotelefonia no corredor dos estúdios do Serviço Público

JPG / Loc. – Os portugueses apresentam cada vez mais queixas, nos mais diversos sectores de atividade.

No primeiro trimestre de 2018, no topo das razões de queixa estiveram os suspeitos do costume:

Segurança Social, Centro Nacional de Pensões, Serviço Nacional de Saúde.

Só por conta destes pesos pesados os portugueses apresentaram perto de mil queixas no Portal das ditas.

Mas as almas lusas também censuram esquemas como seja o de companhias aéreas a vender o mesmo lugar no avião mais de uma vez.

Conta... habilidades!

Quanto à rádio do Serviço Público, velocidade de cruzeiro nas queixas dos ouvintes: 35 por cento de queixas, na correspondência dos ouvintes ao Provedor, no mês de Abril.

E foi para isso mesmo que se fez Abril: para que as pessoas, querendo, se queixem, reclamem, contradigam, critiquem, questionem, barafustem, recalcitrem, reivindicuem, contestem, protestem.

RM 01 – Protestos, assobios, vaias, manifes...

+ INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – A questão do testamento de Francisco Igrejas Caeiro continua a dar que falar.

A Procuradoria-Geral da República recebeu uma queixa, em 19 de Março, contra as obras em curso na casa do Alto do Lagoal, tendentes a transformar o testamento para uma casa-museu em estalagem local / casa de hóspedes.

Mas bem pode acontecer é que o Ministério Público demore a apreciar a queixa e a transformação da casa passe a facto consumado.

É a justiça banho-maria, lume brando, panos quentes, água fria.

RM 02 – ISALTINO MORAIS – Mas olhem os passarinhos ali, os melros, olhem para isto... Estão a preparar a Primavera...

JPG / Loc. – Durante a visita do Provedor do Ouvinte às obras na casa que foi de Igrejas Caeiro, o presidente da Fundação Marquês de Pombal e da Câmara de Oeiras, Isaltino Morais, identificou os autores da queixa ao Ministério Público como alegados subscritores de propostas para exploração e até mesmo usurpação da casa.

RM 03 – IM – Eu sinceramente não percebo esse ruído todo. Esse ruído deve-se a um grupo de pessoas que pretendiam usufruir esta residência. Instalavam aqui uma estação de rádio, que emitia a partir daqui. A fundação pagava 80 mil euros a essa gente...

P – Recebeu essa proposta?

IM – Recebemos várias propostas. Isto é muito pretendido.

P – Enviada pelas mesmas pessoas que agora assinam a queixa?

IM – Sim, sim, sim...

JPG / Loc. – Cidadãos que apresentaram a queixa ao Ministério Público contra os herdeiros, por considerarem que a vontade testamentária de Igrejas Caeiro não está a ser respeitada, fizeram chegar ao Provedor do Ouvinte o repúdio por estas palavras de Isaltino Morais que classificam como falsas e insultuosas:

É nestes termos a resposta ao presidente da Fundação Marquês de Pombal por parte dos autores da queixa ao Ministério Público:

“A única intenção das pessoas que apresentaram a queixa ao Ministério Público foi a defesa do cumprimento das vontades deixadas por Igrejas Caeiro em testamento, e o manifesto descontentamento com a transformação da casa em alojamento local e a dispersão do vasto e rico espólio deixado pelo testador.

“Afirmamos, pois, que as declarações prestadas pelo Sr. Isaltino Morais são destituídas de qualquer verdade.”

RM 04 – INDICATIVO Companheiros da Alegria (1ª parte - instrumental)

JPG / Loc. – Igrejas Caeiro era locutor de 1.ª classe quando foi demitido da Emissora Nacional em 1948; em 1954 foi proibido de circular com o programa itinerante *Os Companheiros da Alegria*; foi readmitido na Emissora após o 25 de Abril de 1974; em Outubro de 1976 chegou a Director de Programas da R.D.P. Foi exonerado em 1979.

RM 05 – SOM IGREJAS CAEIRO – “Cara ou coroa? Vou ou fico? Faço ou não faço?... Para responder a todas as perguntas, como bússola em mares encapelados ou sinaleiro numa encruzilhada, ali está a moeda de cobre ou de prata, conforme a categoria do porta-moedas. Sim, é a moeda que responde, é o dinheiro que resolve....”

JPG / Loc. – Em 2014, dois anos após a morte do artista, a RDP deu o nome de Igrejas Caeiro ao estúdio principal da Antena 1.

RM 06 – Indicativo Companheiros da Alegria (2ª parte cantada)

JPG / Loc. – Os estúdios da rádio do Serviço Público dão pelos nomes de estrelas da radiotelefonía.

Uma visita pelos corredores permite reconhecer a toponímia da memória da Rádio.

Depois dos estúdios Igrejas Caeiro, com os números 5 / 6...

Vêm os estúdios 7 / 8 com o nome de Maria Leonor...

A trabalhar na Emissora Nacional desde os 24 anos, Maria Leonor colecionou prémios de realizadora / locutora, nacional e internacional.

O portfólio das entrevistas de Maria Leonor era uma parada de estrelas: Fernandel, Sammy Davis Jr., Agatha Christie, Tennessee Williams.

RM 07 – SOM DE MARIA LEONOR – entrevista a Tennessee Williams

JPG / Loc. – O estúdio 17 ficou com o nome do Maestro Pedro Freitas Branco... e não é difícil imaginar que chegámos a estúdios da Antena 2.

Tal como o estúdio 19, identificado com o nome de D. João da Câmara.

O locutor que tinha na voz um Dom que fazia parte do seu estilo.

RM 08 – SOM João da Câmara – Reportagem do funeral de Duarte Pacheco

JPG / Loc. – Entramos agora nos domínios da Antena 3 e o Estúdio 20 leva o nome de António Variações...

RM 09 – SOM António Variações

JPG / Loc. – Variações no estúdio 20... enquanto o 21 se chama António Sérgio...

Uma homenagem do Serviço Público ao lobo do rock que não passou propriamente pela Antena 3 mas deixou marca na rádio toda...

Até mesmo na rádio que deixou de considerar o programa de António Sérgio prestigiante para a estação.

RM 10 – SOM ANTÓNIO SÉRGIO – Indicativo “A Hora do Lobo”

JPG / Loc. – Mais adiante situam-se os estúdios da RDP África:

O 22 tem os nomes de Rui Romano e Alice Cruz.

Nascido em Angola, Rui Romano começou a trabalhar na rádio em Luanda. Por cá foi mais TV.

Alice Cruz nasceu em Portugal mas estreou-se com 9 anos de idade num programa infantil na Rádio Clube de Angola.

De volta a Portugal, trabalhou entre a TV e a rádio.

RM 11 – SOM ALICE CRUZ - PBX

JPG / Loc. – O estúdio 23, destinado a gravações ao vivo – e a pedir urgentes reparações – tem consagrado o nome de Carlos Paredes.

Carlos Paredes, campeão da modéstia, costumava dizer que quem tocara bem a guitarra portuguesa era o seu pai, Artur Paredes.

Mas isso era a humildade de um génio: compositor e músico, Carlos Paredes fez da guitarra portuguesa o que ela nunca tinha sido: uma voz fulgurante.

RM 12 – SOM CARLOS PAREDES – Voz + Excerto Verdes Anos

JPG / Loc. – E a toponímia da Rádio completa-se no estúdio 24, reservado à RDP Internacional.

A placa reverencia as origens com o nome do engenheiro Manuel Bivar, Director Técnico pioneiro da Emissora Nacional.

RM 13 – SOM MANUEL BIVAR

JPG / Loc. – Enquanto o estúdio 26 está dedicado a Nuno Miguel.

Sonorizador, realizador, *disc-jockey*, Nuno Miguel que fez carreira e deixou memória na TSF, Energia e Antena 3.

Chamavam-lhe... "O homem do som".

RM 14 – MIX NUNO MIGUEL

JPG / Loc. – E retomamos o noticiário acerca da rádio avarias.

O estúdio 5 / 6, o que ostenta o nome de Igrejas Caeiro, está (ou esteve) novamente avariado, depois do desarranjo anterior, a meio de Março...

Tratou-se da mesma avaria, uma reincidência, menos de dois meses depois, segundo fontes da *Rádio Corredor*, que contactaram o Provedor.

A emissão foi remetida para o estúdio 6 / 7 que apresenta o nome de Maria Leonor. De prevenção, para o caso do estúdio Maria Leonor seguir as pisadas do estúdio Igrejas Caeiro, esteve o estúdio 16, auto-operado, sem nome próprio.

E a verdade é que o estúdio de recurso também ameaçou não corresponder inteiramente às exigências e necessidades da emissão.

RM 15 – AVARIA 10/Maio

JPG / Loc. – Este caso resultou apenas da avaria de um rato.

Verdade! Um rato deitou abaixo uma emissão da Antena 1.

Aconteceu a 10 de Maio, depois das notícias das 16 horas, no estúdio utilizado em recurso do estúdio principal da Antena 1.

No dia seguinte, nova avaria no estúdio de recurso, impôs a mudança temporária da emissão para os estúdios do Porto...

E lá está o estúdio com o nome de Igrejas Caeiro novamente com um rótulo de... avariado.

RM 16 – AVARIA EMISSÃO DA TARDE

JPG / Loc. – Para além de desarranjos sucessivos em estúdios de emissão e de gravação...

... E de estúdios com mesas de mistura ostentando numerosas etiquetas a anunciar a condição de vias avariadas...

As notícias sobre a regeneração dos emissores de FM que cobrem a região da Grande Lisboa não são animadoras.

As coisas estão a andar... mas ao passo de caracol da burocracia.

A tempestade Ana passou em Dezembro há 5 meses mas o mau tempo nunca mais acaba.

Cinco meses depois da tempestade o mau tempo continua nos canais de Lisboa da rádio do Serviço Público.

Segundo informação da direcção técnica da Rádio e Televisão de Portugal, a Marinha portuguesa – que alberga as antenas e emissores da RDP em Monsanto – adjudicou após concurso público a nova torre que se espera que esteja erguida em Junho.

Entretanto, está a decorrer o concurso público para aquisição do novo sistema de antenas a instalar em Monsanto.

Já foram recebidas e analisadas propostas, qualquer delas com prazo de entrega de 10 semanas, dois meses e meio.

Talvez na estação Outono / Inverno de 2018, na melhora das hipóteses, esteja reposta a normalidade dos emissores de FM da rádio do Serviço Público para a Grande Lisboa.

Cerca de um ano a perder ouvintes com emissores de potência reduzida na região da maior concentração de auditório para a rádio.

Esta consciência está enraizada entre os que amam a rádio: é preciso, imperioso e urgente investir na regeneração do equipamento.

RM 17 – HOMENS INVISÍVEIS – Se houver hipótese no futuro de haver dinheiro para a rádio, seria bom substituir alguns equipamentos completamente obsoletos. Aquilo que era há 20 anos a rádio – os sons, a tecnologia – evoluiu bastante. A parte de áudio em si pode ser melhorada: estúdios, compressores. A parte dos emissores era comprar novos para não haver tantas avarias, até porque a equipa é reduzida.

JPG / Loc. – A radio tem vindo a degradar-se e a extinguir-se por falta de investimento.

Acabou a Onda Curta porque saía muito cara.

A Onda Média está condenada, com investimento paralisado, alegadamente para privilegiar a rede de FM.

Mas a rede de FM está como se ouve na região da Grande Lisboa, a maior concentração de auditório: emissores reduzidos a um quinto da potência à espera de obras alheias, de concursos de longo prazo.

À rádio não chegou ainda nem que fosse a discriminação positiva para compensar o desfavorecimento de décadas em relação ao ramo TV...

... Prometida em Outubro do ano passado pelo presidente da Rádio e Televisão de Portugal, Dr. Gonçalo Reis, aqui, neste programa:

RM 18 – GONÇALO REIS – ... como tradicionalmente a televisão tem tido muitos meios, eu diria que nós estamos abertos a uma discriminação positiva para a rádio e para o online, porque são meios que nessa medida têm de ser protegidos...

+ CORTINA

Loc /JPG – Ainda este mês de Maio a RTP iniciará o novo modelo de atendimento telefónico, com um número “21” e com horário mais alargado, solução preconizada em conjunto pelo Provedor do Ouvinte e Provedor do Telespectador.

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 48 – 25 Maio 2018

Livros e leituras na rádio pública: o que houve e o que há.

JPG / Loc. – Ao contrário do que disse certo Pessoa, livros não são papéis pintados com tinta. Já é de crer que seja verdade, aquilo de que Umberto se fez Eco, ou seja, que o mundo está cheio de livros fantásticos que ninguém lê.

E terá sido no mesmo sentido (?), ou em sentido contrário (?), que Voltaire deu a volta ao texto ao recensear a enorme quantidade de livros que circula por aí e que está deixar-nos completamente ignorantes?

Victor Hugo entrou na alteração trinchando o quesito pela raiz: há pessoas que têm biblioteca... como os eunucos têm harém.

Será que os livros falam do assunto?

O livro é um mudo que fala, pregou o autor dos Sermões.

Por tudo isto e por mais alguma coisa, como seja o calendário das feiras e romarias, nesta edição também há Feira do Livro, no programa do Provedor.

RM 01 – CURADO RIBEIRO – “Uma casa sem livros é um corpo sem alma. Leia.”

+ INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – E a Feira de Livros do programa do Provedor do Ouvinte começa no pavilhão da poesia. Isto porque na memória do programa “Ler para Crer”, Comercial, 1983, há registo de uma voz ímpar, a voz do locutor e actor Rui Pedro.

Perdemo-lo tinha ele 49 anos. Mas por cortesia de Adelino Gomes, recuperamos a voz de Rui Pedro, a dizer poesia de Álvaro de Campos.

RM 02 – RUI PEDRO – O comboio já partiu da outra estação... / Adeus, adeus, adeus, toda a gente que não veio despedir-se de mim, / Minha família abstracta e impossível... / Adeus dia de hoje, adeus apeadeiro de hoje, adeus vida, adeus vida!

JPG / Loc. – Do que falamos neste programa é de livros e da rádio, de livros com ouvintes e de ouvintes que leem como quem ouve.

Nos anos 80, mais precisamente em seis meses de 1983, houve uma preciosidade para ouvir na Comercial, então integrante da RDP.

O programa intitulava-se “Ler para crer”, era do Instituto Português do Livro com a Comercial, e a equipa da rádio era de luxo.

RM 03 – LER PARA CRER – “Ler para crer... (...) Fizeram este programa Alfacinha da Silva, Agostinha Camacho, José Videira e Adelino Gomes. Colaboração de Joaquim Furtado, leitura de textos de Rui Pedro, colaboração especial de Cândido Mota...”

JPG / Loc. – Mais atrás no tempo, no velho Rádio Clube Português, antecessor da Comercial, livros eram com Fernando Curado Ribeiro, no semanário radiofónico de divulgação literária “Leitura”.

“Leitura” abria com Tchaikovsky e fechava com Curado Ribeiro; até que as mulheres – neste caso a locutora Clarisse Guerra – também ganharam voz para falar de livros.

RM 04 – LEITURA – Clarisse Guerra – “Para o livro converge a atenção mais ansiosa do homem que quer progredir. Leia.”

JPG / Loc. – Na Emissora Nacional, nos primeiros dos anos 70, livros e leituras eram no “Tempo Literário”. Era o tempo de Couto Viana, Grão-Cruz da Falange Galega... Mas também de Maria Alberta Meneres, Vitorino Nemésio, Natália Correia...

RM 05 – NATÁLIA CORREIA – Oh subalimentados do sonho, a poesia é para comer!

JPG / Loc. – E, num momento sem-par registado para o futuro, Natália Correia entrevista Vitorino Nemésio, para o “Tempo Literário” da Emissora, e ambos discorrem sobre poesia e ... ficção científica.

RM 06 – NATÁLIA CORREIA ENTREVISTA VITORINO NEMÉSIO

NC – O que é curioso é que o Vitorino Nemésio faz no campo da poesia aquilo que estava por fazer. Digamos que tem uma atitude paralela àquilo que se está a fazer no campo da ficção, a ficção científica... Não acha que é uma situação original na poesia portuguesa?

VN – Talvez, sim... Há percursores, o Junqueiro fez um poema, a “Oração à luz”, sobre electrólise, Afonso Duarte tem o “Cancioneiro das pedras”. António Gedeão – que é um excelente poeta, como se sabe, e ao mesmo tempo um homem da física e da química – mas eu, talvez, insisti mais. Não sei, a crítica o verá...

JPG / Loc. – No Arquivo Histórico da Rádio, a essência dos livros vibra nas vozes da telefonia e reconstitui alguma memória.

Janeiro de 1965 – No ano em que o regime fechou a Sociedade Portuguesa de Escritores, ainda subiu à cena *O Render dos Heróis*, de José Cardoso Pires.

Encenação de Fernando Gusmão, desempenho do Teatro Moderno de Lisboa, na sala do Cinema Império, ao fim da tarde.

A Censura não entendeu o sentido do teatro épico.

E Cardoso Pires falou sobre a peça, ao microfone do Rádio Clube.

RM 07 – JOSÉ CARDOSO PIRES – Quanto a mim, é evidente que ela tem uma lição de teatro de vanguarda... Mas, vendo bem, tem muito do Judeu [António José da Silva]. Evidentemente não tem nada a ver com o Frei Luís de Sousa, que é um teatro que não me interessa absolutamente nada, nem como documento histórico.

JPG / Loc. – Mas o tempo mudou e a rádio também.

Na segunda metade dos anos 70, no programa “Dimensão Literária”, Urbano Tavares Rodrigues, em entrevista a Emídio Rangel, apresentou na RDP novo livro: “As pombas são vermelhas”.

Estávamos em 1977 e até as pombas tinham cores e conotações.

RM 08 – EMÍDIO RANGEL ENTREVISTA URBANO TAVARES RODRIGUES

EM – Urbano Tavares Rodrigues, aqui para os ouvintes de Dimensão Literária, eu gostaria que nos falasse deste seu último livro.

UTR – Pois este livro contém algumas novelas escritas recentemente, no ano de 1976. E outras que tinham sido escritas já antes do 25 de Abril. Mas reunia-as no mesmo volume por pensar que no fundo davam duas imagens complementares da realidade portuguesa.

JPG / Loc. – As ideias são como areia: insinuam-se, deslisam, infiltram-se por todas as frinchas e circunstâncias.

E as vozes da cultura, da inteligência, tomaram todos os pequeníssimos espaços desguarnecidos, em todos os tempos.

No Arquivo Histórico da Rádio não houve anos de chumbo que emparedassem as vozes da razão, do conhecimento, da claridade.

Manuel da Fonseca:

RM 09 – MANUEL DA FONSECA – ...E havia naquele tempo, eu era jovem então, e havia uma geração de homens, naquela altura idosos, já. E havia gente com uma ironia, uma mordacidade, uma graça que se perdeu em parte. Hoje tudo se modificou, os aspectos da ironia têm outro cariz...

Dinis Machado: RM 10 – DINIS MACHADO – Molero será talvez uma maneira, a nossa maneira de olhar os outros... Eu suponho que Molero começa por olhar o Rapaz com um certo sentido crítico. E termina por olhá-lo com um certo olhar humano.

Luís de Stau Monteiro: RM 11 – LUÍS DE STAU MONTEIRO – Imagine que no outro dia eu meti-me num eléctrico para descer a Avenida. E a certa altura o condutor do eléctrico olhou para mim – isto é uma história espantosa! – e disse: “O senhor não é o Stau Monteiro?” “Sou.” E começou a recitar o “Felizmente há luar”...

Sophia de Mello Breyner: RM 12 – SOPHIA DE MELLO BREYNER – Tinham-me telefonado por volta das 4 e meia da manhã ou um pouco depois, de madrugada. E à medida que a madrugada ia aparecendo, esse surgir, esse emergir da madrugada, para mim identificou-se com o sair da escuridão, o sair da noite, o sair do tempo da ocultação, da vida adiada, e entrar de repente na substância do tempo, e coincidir com o dia de hoje e com o tempo em que eu estava...

Baptista Bastos: RM 13 – BAPTISTA-BASTOS – “Viagem dum pai e dum filho pelas ruas da amargura” pretende ser um conto de fadas moderno, onde nada é verdadeiro, tudo é verdadeiro.

José Saramago: RM 14 – JOSÉ SARAMAGO – ...enfim, tenho uma relação com o mundo que é uma relação de interveniente. De ser, na medida do possível, um agente transformador do mundo...

JPG / Loc. – Se hoje falamos de escritores e de leituras, no programa do Provedor, não é só por neste mesmo dia abrir em Lisboa a Feira do Livro.

É também porque leitores questionaram o Provedor sobre programas que existem ou que faltam a favor da divulgação da leitura.

O Serviço Público tem divulgação de livros e leituras em todas as antenas.

JPG / Loc. – Antena 1, À Volta dos Livros, Ana Daniela Soares

ANA DANIELA SOARES – ... dar a voz aos escritores, dar espaço aos escritores para falarem da sua obra, para falarem também do que os preocupa, para nos lerem excertos

dos seus textos – aliás costumamos fazer isso quando temos poetas... Portanto o objectivo é este: é dar espaço, dar microfone aos autores.

JPG / Loc. – Antena 2, a diversas horas do dia e da noite, Luís Caetano carrega a biblioteca e vai falando de livros aos ouvintes.

LUÍS CAETANO – Tenho programas diários, de uma hora, de livros, ao fim-de-semana de duas horas... Outros diários que podem ter cinco ou 15 minutos sobre poesia... Isto é uma enorme biblioteca onde também se escutam, e há muitas pessoas que já me sublinharam essa importância da rádio: o escutar a obra, as leituras longas que faço... Aquela função primordial da rádio, também: tendo um público que está atento – não como a televisão, que se está distraído e se vai fazendo outras coisas, com a rádio há o convite a que a pessoa se sente e escute...

JPG / Loc. – Na Antena 3, na senda do Paraíso Perdido, andam Isabel Lucas e Mariana Oliveira. E livros.

MARIANA OLIVEIRA – O meu papel ali é ser interlocutora da Isabel Lucas que é jornalista e crítica literária... Em cada programa ela escolhe um livro, e conversamos uns 5, 7 minutos, sobre esse livro.

JPG / Loc. – RDP África, entre três continentes, Escrever na Água é com Fernanda Almeida

FERNANDA ALMEIDA – A ideia do programa é promover a literatura dos países africanos de língua portuguesa – sobretudo esses, embora eu fale também da literatura em Portugal e no Brasil. Como temos esta vantagem de a RDP África ser ouvida nesses países, também é uma oportunidade de se conhecerem melhor: os cabo-verdianos comecem a conhecer melhor os moçambicanos, os angolanos aos cabo-verdianos e moçambicanos... Acho que o programa permite isso.

JPG / Loc. – Povos que se tratam por tu e que se leem na mesma língua, apesar dos sotaques e das ortografias...

E o programa do Provedor, mesmo em cima do acontecimento, a falar de livros e de leituras no dia de abertura da octogésima oitava Feira do Livro de Lisboa.

A repórter Inês Forjaz visitou a Feira em fase de construção.

RM – PEÇA INÊS FORJAZ

IF – No topo do parque Eduardo VII, o som do funk brasileiro mistura-se com o ruído das obras.

RUI SILVA – Os meus colegas estão sempre a dizer que querem ouvir fado, ouvir fado..... Eu como ainda não cheguei à terceira idade não posso ouvir fado...

IF – Rui Silva monta e desmonta peças, dá esta entrevista e ainda lança piropos às turistas que passam. Tudo ao mesmo tempo, como manda a tradição dos bons malandros.

RS – Buenos días, cariño...

IF – Rui faz parte da equipa que põe de pé os pavilhões das editoras, tal como Ilídio.

ILÍDIO – Estamos a desmontar paletes, foi o que trouxemos de material, para montar as barracas, que é para limpar, para a Feira poder decorrer em segurança.

IF – Viajaram do Porto para Lisboa no início de Maio. Vinte dias depois, o trabalho está pronto.

I – Já estamos aqui desde o dia 2.

P – Então conte-me lá: onde é que estas barracas estão todas desmontadas, onde é que as vão buscar...

RS – Isto foi feito, armazenou-se, e quando é necessário, traz-se o material e montamos...

IF – E onde é que está isto tudo guardado?

I – No Porto.

IF – E depois quando é para o Porto, vai para lá?

RS – Vai para o Porto. Daqui vai para Braga, e outras feiras assim...

IF – Como é que isto é montado? É por cores?

RS – É por cores. E depende das barracas que cada um contrata, também.

IF – Todas as barracas são iguais, mas umas são mais iguais do que outras.

GABREIL – Vamos montar dois quiosques para a Feira do Livro.

IF – A meio do parque, Gabriel monta duas estruturas de madeira para a APEL, a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros.

G – Muito mais bonitos do que os outros...

IF – Aqui não se fala de barracas. São quiosques, com raízes nos típicos Palheiros de Ovar.

G – Nós somos de Ovar, e eles nasceram a partir dos palheiros dos opescadores de antigamente.

IF – Mais à frente, mais pronúncia do Norte.

RICARDO DIAS – Nós somos do Norte e temos estes quiosques produzidos por nós lá no Norte, e fazem-nos a requisição deste quiosque para a Feira do Livro.

IF – Ricardo Dias e a equipa põem de pé um quiosque de gelados. É logo à entrada, junto ao Marquês de Pombal.

RD – Nós até fazemos isto, nem é pelo dinheiro que está em causa, é pela Feira do Livro...

IF – Ah é, pela causa? O senhor é leitor?

RD – Às vezes, às vezes... Quando há tempo...

IF – Comidas, bebidas, e actividades paralelas foram engordando a Feira do Livro ao longo dos tempos. Este ano não é excepção, como mostram os números dados por Bruno Pacheco, da APEL.

BRUNO PACHECO – Estamos com 294 pavilhões neste momento, e temos o maior número de editoras/marcas editoriais presentes. No total são 625.

IF – Mais oito pavilhões, mais 25 marcas editoriais, um só grupo pode juntar várias editoras.

ISABEL MANTEIGAS – Quimera. Dentro da Quimera temos a chancela Petroni, Climepsi Editores, Escolar Editora e Clássica Edira.

P – E livros sobre rádio tem algum, nessas editoras todas?

IM – Lamentavelmente não

IF – De luvas e pano do pó na mão, Isabel Manteigas limpa o pavilhão.

IM – A Feira do Livro quando abre ao público, por trás já houve muito trabalho, muitas horas investidas...

IF – O que há de certeza nesta edição é rádio em directo. Um dos programas fdc com regresso previsto à Feira é a Prova Oral, da Antena 3

SOM PROVA ORAL

IF – Feira do Livro de Lisboa, edição 88, ao todo quase 300 pavilhões. A Feira chega agora bem perto do topo do Parque Eduardo VII e começa a invadir também os relvados laterais.

BP – Onde teremos o show cooking e também vários equipamentos de street food.

IF – Novidades adiantadas por Bruno Pacheco, da APEL. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, e este ano até um “espaço selfie” há.

SOM FERNANDO ASSIS PACHECO – *Tenho cinco minutos para contar uma história...*

IF – Os clássicos mantêm-se, caso dos livros do dia com desconto. Esta sexta-feira, por exemplo, consegue apanhar “Bronco Angel, o cowboy analfabeto”, por nove euros e cinco cêntimos. É de Fernando Assis Pacheco.

SOM FAP – *Sou neto duma pistola mal apontada*

IF – Edição Timnta da Chica.

SOM FAP – *E aqui está como acaba uma história de cinco minutos.*

JPG / Loc. – Desde hoje e até 13 de Junho, livros no Parque, em Lisboa: é tempo de Feira do Livro.

Literatura comestível, escreveu Luís Pacheco. Poesia é para comer, escreveu Natália Correia.

Há livros na Feira: sirvam-se.

FICHA + RM 20 (RUI PEDRO – “Adeus, adeus, adeus...”) + **INDICATIVO DE FECHO**

Programa 49 – 1 Junho 2018

Teatro radiofónico de ontem e de hoje

JPG / Loc. – *Podemos imaginar.*

A tribo caça pássaros atirando pequenas pedras ao ar, quando um gigantesco mamute surge em cena e RUGE...

... E, ao mesmo tempo um pequeno ser humano RUGE como o mamute.

Esse rugido de mamute proferido por uma humana – quero

Imaginá-la mulher – é a origem do que nos torna a espécie que somos.

Uma espécie capaz de imitar o que não somos.

Uma espécie capaz de representar o Outro.

Dez, ou cem, ou mil anos mais tarde, a tribo representa no fundo da caverna, na luz trêmula de uma fogueira, a cena da caçada, capturando o passado com seu dom... para o teatro.

Texto da escritora, dramaturga e jornalista mexicana Sabina Berman, para o dia mundial do teatro.

RM 01 – Pancadas Moliere + INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Pela associação de duas artes mágicas, o teatro e a rádio, nasceu no século passado o Teatro Radiofónico.

RM 02 - Efeitos de som, teatro: porta a abrir

JPG / Loc. – E o teatro radiofónico teve em Portugal uma enorme figura:

Estou a falar de Eduardo Street (1934 - 2006), encenador de teatro para a rádio.

Sonoplasta, realizador, autor, Eduardo Street juntou as duas artes mágicas naquilo que designou por *Teatro Invisível*;

Nada nesta mão, nada nesta também, nas duas a rádio e o teatro.

O teatro radiofónico foi um grande divertimento, entre os anos 40 e 70 do século passado.

RM 03 – TEATRO RÁDIOFÓNICO – EN

JPG / Loc. – Teatro com restos de colecção até aos anos 90.

A história está toda contada por Eduardo Street no livro “*O Teatro Invisível*”, a única história do teatro radiofónico em Portugal, contada pela adequada fonte e mais apropriada pessoa para o fazer.

O livro saiu em Maio de 2006, ano do tímido regresso do teatro radiofónico à Antena 2, numa altura em que entrara já para o catálogo das espécies em vias de extinção.

RM 04 - Efeitos de som, teatro: Vento + Trovoada

JPG / Loc. – Eduardo Street termina o livro “*O Teatro Invisível*”, fazendo votos para que o teatro siga dentro de momentos na rádio...

Pela sua parte, foi o que o próprio Eduardo Street fez toda a vida, encenando e levando centenas de peças de teatro ao palco invisível da rádio.

RM 05 – EXCERTO PEÇA EDUARDO STREET + NINÉLIO BARREIRA

JPG / Loc. – Tempo de Teatro, da Emissora, 1997.

E assim se dá o encontro do realizador Eduardo Street com Ninélio Barreira, locutor da Emissora Nacional e autor teatral, com uma grande história sobre teatro radiofónico para contar... e ouvir mais adiante neste programa.

Entretanto, o teatro radiofónico não seguiu dentro de momentos, no sentido dos votos de Eduardo Street.

Regressou em reposição do “Teatro Imaginário”, em 2007, em memória de Eduardo Street, por breve temporada...

Voltou em 2010, antes de sair de cena, de vez, em 2011.

2011, Odisseia na Rádio – já aqui o dissemos e repetimos.

Hoje, em toda a ribalta da rádio do Serviço Público, sobrevive o "Teatro Sem Fios", na Antena2, com periodicidade incerta: 7 de Fevereiro, 23 de Março, 6 de Maio...

Não é semanário, não é mensário... É quando pode ser.

Feitas as contas, o Director da Antena 2, João Almeida, explica porquê:

RM 06 – JOÃO ALMEIDA – Neste momento o que temos agendado são seis peças por ano. De dois em dois meses. Cada peça está autorizada, e paga-se, para passar duas vezes. Porqu – ao contrário da música que nós podemos passar as vezes que quisermos, porque estamos ao abrigo dum acordo com a Sociedade Portuguesa de Autores – no caso do teatro, cada vez que pusermos no ar, pagamos. E não se paga só uma vez: paga-se ao autor, paga-se aos actores, e aos produtores, também. E quando nós queremos pôr uma peça de teatro no ar temos que gerir isso com pinças. Quando o orçamento vier a crescer, se vier a crescer, pode ser que a gente ponha mais peças do que seis...

JPG / Loc. – Dramas em 3 actos e dramalhões com prólogo e epílogo, farsas, comédias, revistas, peças, diálogos, folhetins, a coxinha do TIDE ou a *Simplesmente Maria*, teatro épico ou peças intimistas sobre revibrações da alma ou dúvidas acerca do ser...

RM 07 – SOM PÁSSAROS

JPG / Loc. – Se não for a rádio do Serviço Público a dar oportunidade ao teatro radiofónico mais ninguém dará.

O teatro radiofónico esteve praticamente extinto no Serviço Público de rádio mas alguma coisa voltou.

E segundo o Director da Antena2, voltou para ficar.

RM 08 – JOÃO ALMEIDA – O teatro regressou no início de 2006, como uma iniciativa do Pedro Coelho, realizador da rádio, fazendo inicialmente umas experiências ad-hoc com pessoas que tinham vontade de fazer teatro na rádio, e depois com outras parcerias mais estruturais – com os Artistas Unidos, que ainda hoje se mantém, com o Jorge Silva Melo... – para produzir algumas peças de teatro radiofónico, e inclusive estreias, novas. É um tempero distintivo do serviço público, e em especial da Antena 2, histórico. Quando vamos ouvir as peças ficamos encantados, porque são construções

incríveis... Se bem que hoje em dia o teatro não significa o mesmo que significava antes: o teatro é uma composição sonora mais complexa, às vezes pode até confundir-se com arte contemporânea, com performance.

JPG / Loc. – João Almeida, Director da Antena2: *sem fios* se tecem as malhas do rádio teatro.

Mas o teatro radiofónico não se esgota no *Sem Fios* da Antena2.

Na Antena1, Antena3 e RDP África, há humoristas no ar, alguns seguindo o mais puro estilo do Teatro das Comédias.

O humor foi sempre protagonista nos anos de ouro do Teatro Radiofónico:

De Mena Matos ao Portugalex, passando pelo Zéquinha e a Lelé, Ferro Rodrigues e Santos Fernando, o Menino Tonecas. os Parodiantes de Lisboa, Herman José ou o Rebéubéu Pardais ao Ninho.

RM 09 – EXCERTO REBÉUBÉU PARDAIS AO NINHO

JPG / Loc. – Novidade no Serviço Público é o teatro radiofónico para dois públicos: um que ouve na rádio e imagina ...

Outro que se ouve e se vê: é o teatro radiofónico ao vivo, gravado e sonorizado no palco, com público, também exibido na Antena2.

A inovação avançou com "As Vozes do Bairro", dando vida a uma obra de Gonçalo M. Tavares, "O Bairro", e seus senhores, num ciclo dirigido pela encenadora e atriz Teresa Sobral.

Em 15 de Maio passou na Antena2 "O Sr Breton", interpretado por Bruno Nogueira.

RM 10 – EXCERTO SR BRETON, BRUNO NOGUEIRA

JPG / Loc. – Para 7 de Julho, está programada na Antena2 a continuação do ciclo, com o "Sr Eliot", interpretado por André Gago.

E depois... depois se verá.

O ciclo de teatro radiofónico ao vivo decorria em palco no Trindade / INATEL... mas o novo director, Diogo Infante, mudou de ideias.

RM 11 – SONS DE PALCO, TEATRO. Porta a bater com estrondo

JPG / Loc. – E vamos então à história que nenhum dramaturgo escreveu mas que é tempo de contar.

A história da vida atribulada de Ninélio Barreira, locutor e jornalista da Emissora Nacional, e prisioneiro de guerra em Goa.

E uma vez preso na Índia do que havia Ninélio Barreira de se lembrar?

Lembrou-se do teatro radiofónico. **Inês Forjaz**

RM 12 – PEÇA IF

IF – Música, poesia, noticiários. E, claro, teatro radiofónico.

SOM – GOA – EMISSÃO TEATRO RADIOFÓNICO

IF – Era esta a programação da rádio do campo de prisioneiros de Alperqueiros, em Goa. Sim, ao mesmo tempo que em Portugal Salazar perdia a voz...

SOM – SALAZAR – *...com as emoções das últimas semanas, sobreveio-me um acidente que me tirou a voz...*

IF – ...em Goa, um grupo de prisioneiros portugueses erguia a voz na rádio.

SOM – GOA – EMISSÃO TEATRO RADIOFÓNICO

IF – Estamos em Dezembro de 1961. Depois de vários pré-avisos, a União Indiana invade Goa, Damão e Diu. A história é conhecida: o governador militar de Goa, Vassalo e Silva, contraria as ordens de Salazar e aceita a rendição. Mas Salazar mantém a máxima: soldados e marinheiros, só vitoriosos ou mortos. À espera ficam 3 mil prisioneiros portugueses, bem vivos. Entre eles o militar e radialista Ninélio Barreira

SOM – GOA – EMISSÃO TEATRO RADIOFÓNICO - FICHA

IF – José Barreira, filho de Ninélio, resume assim a situação:

JOSÉ BARREIRA – Por um lado havia o estado português que não os queria – aliás, quando chegaram foram muito mal recebidos – e por outro lado havia o governo indiano que também não os queria. E até fazia tudo o possível para pô-los cá em Portugal.

IF – A invasão apanhou Ninélio Barreira na Emissora de Goa.

JB – Apareceu lá um polícia e disse “Olhem, defendam-se com isso”. E deixou-lhes lá uma pistola, umas seis ou sete balitas, havia duas ou 7 três espingardas de gente da Emissora, e pronto.

IF – Três horas depois, a Emissora era bombardeada. Ninélio Barreiros acaba no campo de prisioneiros de Alperqueiros, também conhecido como Campo Charlie Poe.

JB – Eles tinham rádio, passavam música portuguesa, e o meu pai, que trabalhava na rádio, quando foi para lá continuou a trabalhar na rádio... Só que era a rádio do campo de prisioneiros.

IF – Sim. Rádio no campo de prisioneiros em Goa. Ima ideia de Ninélio Barreira e do actor Pedro Pinheiro, outro dos prisioneiros.

SOM - RÁDIO CAMPO ALPERQUEIROS - GOA

IF – Juntos, Ninélio Barreira e Pedro Pinheiro criaram a rádio Hora do Soldado e do Prisioneiro. Um baralhar e voltar a dar o título dum outro programa oficial: Hora do Soldado e do Marinheiro.

SOM – GOA - HORA DO SOLDADO E DO MARINHEIRO

IF – O filho de Ninélio explica a aparente bizarria:

JB – Aquilo era uma situação diplomática que estava a tentar ser resolvida por ambos os governos. Isso fazia com que houvesse uma relação muito boa entre os chamados “prisioneiros” e os guardas prisionais. Seriam inimigos, mas um pouco amigos...

IF – Dois meses depois da chegada ao campo de Alperqueiros, as regras afrouxam. O comando indiano aceita a ideia da rádio, e ainda fornece o material.

JB – Era tudo difundido por altifalantes, dentro do campo, e passavam música portuguesa, o meu pai dizia assim umas piadas de vez em quando, falavam do tempo, havia uma espécie de boletim meteorológico...

IF – A rádio tinha gravador de fita magnética, microfones e até uma máquina de escrever. Um barracão servia de estúdio e local de ensaio. A rádio emitia duas vezes por semana, às quartas e sábados à noite. Transmissões por altifalante para todo o Campo Charlie Poe.

SOM – GOA - SINFONIA EM CHARLIE POE

IF – Sinfonia em Charlie Poe”, teatro radiofónico escrito e interpretado por Ninélio Barreira.

JB – ...e o meu pai sempre com uma “veia” muito teatral – já tinha feito umas peças de teatro, trabalhando com organizações populares nas festas populares em Lisboa, ele estava sempre ligado a qualquer uma delas – logicamente quando chegou ali fez então umas peças de teatro...

IF – O texto reflecte a angústia e a revolta dos que aguardavam o regresso a casa.

SOM – GOA - SINFONIA EM CHARLIE POE

IF – José barreira recorda como o pai ficou sozinho em Goa.

JB – Porque aquela invasão foi do tipo: “Olhem, nós vamos invadir-vos no dia tal, portanto preparem-se, mandem lá as famílias para Portugal que nós vamos invadir-vos...” Um bocado há Raul Solnado.

SOM – RAUL SOLNADO – IDA À GUERRA – *Olhe, podia ligar-me ao inimigo, se faz favor...*

IF – Até ao final do cativo, em maio de 1962, as emissões de rádio continuaram. No regresso, Ninélio Barreiros trouxe dois desses preciosos registos. Um deles esta “Ceia dos Oficiais”, a peça que inaugurou a Hora do Soldado e do Prisioneiro, estação de rádio criada por Ninélio Barreira e Pedro Pinheiro no campo de Alperqueiros, em Goa.

SOM – EXCERTO “CEIA DOS OFICIAIS” – *...Num recanto algures na Índia, um campo de prisioneiros portugueses. Os três oficiais sentados à mesa, ceando...*

JPG / Loc. – A Ceia dos Oficiais: Dantas Pim revisto, num campo de prisioneiros portugueses em Goa.

Também nos anos 40, na Inglaterra devastada pelas bombas nazis, Fernando Pessa servira A Ceia, em versão revista, sentando à mesa três marechais da II Guerra Mundial.

RM 13 – SOM FERNANDO PESSA – A CEIA DOS MARECHAIS

JPG / Loc. – Fernando Pessa, em directo do país de Shakespeare, com uma visão teatral – Pim! – dos marechais da II Guerra Mundial.

RM 14 – SOM FERNANDO PESSA – E esta hein?

+ FICHA + INDICATIVO FINAL

Programa 50 – 8 Junho 2018

O papel da Rádio na Protecção Civil.

JPG / Loc. – Entrámos em Junho e, na melhor das hipóteses, a rádio do Serviço Público receberá novos meios móveis de reportagem ao longo deste mês.

O que chegará primeiro?

Os incêndios?

Os meios móveis de reportagem da rádio?

Ou o Verão?

No ano passado, Pedrógão Grande começou a arder quatro dias antes do Verão.

RM 01 – PEDRÓGÃO – NOTICIÁRIO

+ INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Um verso de um soneto de Francisco Sá de Miranda atravessou cinco séculos de poesia portuguesa para chegar a este programa de rádio.

Claro que entretanto o soneto e o verso escalaram cancioneiros e antologias até que tombaram no domínio público.

De tal maneira que esse verso de Sá de Miranda já faz parte de um poema de um poeta português contemporâneo...

Fiquei a sabê-lo ao ouvir O Som Que os Versos Fazem ao Abrir, programa de Luís Caetano e Ana Luísa Amaral, na Anateia 2.

Eu já sabia que o poema de Sá de Miranda até tinha dado título a um romance português actual...

Estou portanto à vontade para deitar a mão ao verso do soneto de Sá de Miranda... E perguntar:

Este ano, que fará a rádio ... *Quando tudo arde?*

RM 02 – EXCERTO REPORTAGEM “O PIOR DIA”, DE RITA COLAÇO – *Nós não tínhamos sinal da televisão, só ouvíamos a rádio... A senhora das notícias dizia que não conseguir falar com os colegas...*

JPG / Loc. – O Pior Dia, reportagem de Rita Colaço, 2017.

E em 2018, como será? Este Verão, veremos.

O gabinete do Provedor desde já procurou saber, junto das direcções de Informação e de Programas da Rádio do Serviço Público, que medidas foram ou estarão a ser adoptadas, de 2017 para 2018, para dar resposta como deve ser a uma situação de emergência.

E o Provedor ficou a saber, através do Director de Informação, que a rádio conseguiu promessas de reforços em meios técnicos móveis que... talvez cheguem durante o mês de Junho.

RM 03 - João Paulo Baltazar – Depois dos grandes incêndios de 2017, a Direcção de Informação insistiu na necessidade do reforço dos meios móveis de reportagem. Em nosso entender essa foi a principal fragilidade registada durante a cobertura do incêndio de Pedrógão e sobretudo dos grandes fogos de Outubro em vários concelhos do País. Sendo certo que as falhas de comunicações foram generalizadas, concluímos que teria sido útil trabalhar com equipamentos que não dependessem apenas de um operador como os vulgares telemóveis. Perante a nossa insistência foi dada luz verde para a compra de alguns equipamentos mais robustos, No final do ano passado a DI deu parecer sobre o número de equipamentos necessários e também a melhor distribuição desses equipamentos pelo País. A última informação que me chegou refere que os equipamentos estão a chegar neste início do mês de Junho. Em relação aos meios humanos não foi possível reforçá-los, até ao momento, apesar de termos já sinalizado a exiguidade das equipas sobretudo na região Centro.

JPG / Loc. – João Paulo Baltazar, Director de Informação da Rádio do Serviço Público: em Junho, a rádio espera por mais e melhores meios móveis de reportagem.

Quanto a meios humanos, tudo na mesma.

A RTP nem sequer integrou um só jornalista precário, este ano!

Cristina Santos é jornalista precária na Antena 1 há 3 anos.

RM 04 – CRISTINA SANTOS – Sou editora, e também fui a primeira pessoa, a primeira jornalista a dar a cara pela newsletter da Antena 1. O que é curioso, porque quem deu a cara pela Antena 1 numa newsletter que chega por email é uma trabalhadora precária, um falso recibo verde.

P – Como é que está a situação dos precários, dos jornalistas precários?

CS – Somos 15. E como é que está a nossa situação? Temos, e ainda bem, exactamente os mesmos deveres que os nossos companheiros, mas continuamos sem ter os mesmos direitos. A regularização dos precários, o processo terminaria no dia 31 de maio de 2018 e, na sequência de o prazo ter passado, eu escrevi a questionar a comissão de avaliação bipartida. A resposta que eu tive foi que talvez no segundo semestre, dependendo da complexidade das situações a analisar.

P – Da RTP, tiveram alguma resposta a este processo?

CS – Apenas uma: que não pode porque não tem autorização do Ministério das Finanças. Portanto, quando é que serei integrada, eu e os meus companheiros? Não faço a mínima ideia.

JPG / Loc. – Cristina Santos: jornalista com carteira profissional há 21 anos, profissional precária na Antena 1 há 3 anos.

Outra questão a resolver, e que tudo aponta para que seja resolvida em cima do acontecimento, é a gestão do tempo da emissão em função de uma emergência com incidência de notícias.

O País bem pode arder, enquanto a rádio tem no ar um programa gravado... Ou uma madrugada... em piloto automático.

A Direcção de Informação admite que os processos podem e devem ser afinados com a Direcção de Programas.

RM 05 - João P Baltazar – A gestão das antenas das rádios continua a depender das direcções de programação. Nos casos de emergência informativa têm sido criadas condições para que os ouvintes fiquem a par dos desenvolvimentos. No entanto, esses processos podem e devem ser afinados até numa base diária ideal permanente. De qualquer modo, a DI fez uma reflexão crítica sobre os eventos de 2017 e tem muito clara, muito presente, a necessidade de uma acção rápida e com a duração necessária em situações críticas como catástrofes naturais ou outro tipo de emergências de grande impacto social.

JPG / Loc. – Quem e com que autoridade decide a intervenção na antena da rádio perante uma situação de emergência?

A Direcção de Informação anuncia que fez uma reflexão crítica sobre 2017 e percebeu a necessidade de uma acção rápida e eventualmente duradoura em situações de emergência.

Mas o Director de Informação tem em conta que a gestão da antena da rádio continua a depender da Direcção de Programas.

E o Director de Programas, Rui Pêgo, diz por seu lado que em casos de emergência a antena da Antena 1 é uma antena aberta.

RM 06 – Rui Pêgo - Durante todo o período de Verão e mais além, sempre que se revelar necessário, a Antena 1 tem um plano de contingência que accionará os recursos humanos exigidos para assegurar a emissão em directo em qualquer horário, de dia ou de noite. Como é evidente, sempre que se entender necessário e particularmente em caso de emergência, a antena da Antena 1 estará totalmente disponível para acompanhar os acontecimentos com reportagem e toda a informação útil às populações.

JPG / Loc. – Rui Pêgo e João Paulo Baltazar: compromisso assumido em público, entre a informação e a programação, perante o microfone do Provedor e com os ouvintes por testemunhas.

Quando os portugueses sofrem e o País padece, os compromissos do Serviço Público ganham novos contornos e obrigações.

RM 07 – Rui Pêgo – A Antena1 está a difundir uma campanha de informação às populações com conselhos e procedimentos em caso de catástrofes, no caso, de incêndios, em articulação com a Autoridade Nacional de Protecção Civil.

JPG / Loc. – A rádio do Serviço Público tem também um papel a desempenhar na Protecção Civil.

Um papel definido e registado nos termos de um protocolo. **Inês Forjaz**

RM 08 – PEÇA IF

IF – Facilitar a passagem da informação. Eis em suma o que estabelece o protocolo assinado no ano passado entre a RTP e a Autoridade Nacional de Protecção Civil.

JOÃO BARREIROS – O meu papel neste momento é sensibilizar a protecção civil para a possibilidade de transmitir através da rádio mensagens que sejam relevantes, pré-acontecimentos e pós-acontecimentos.

IF – A fazer a ponto entre os dois organismos está João Barreiros. O ex-director de Informação da Antena 1, agora à frente da RDP Internacional, lembra que catástrofes em potência há muitas.

JB – Fala-se muito da questão dos incêndios florestais, mas é preciso ver que Portugal tem outros problemas que têm de ser atacados. Estou a pensar por exemplo nas mortes em piscinas, no mar, nas derrocadas nas praias, a eventualidade de um sismo grande... Tudo isso são preocupações e para isso temos de estar disponíveis para fazer campanhas de sensibilização na rádio.

IF – Mas um sismo pode deitar abaixo a rede de FM.

JB – Nós temos de estar preparados para uma eventualidade A, B ou C, e termos condições para transmitir. Esse é outro tipo de problemas. E aqui o que está a ser trabalhado são alternativas para que a rádio possa transmitir, por exemplo a partir de outros locais que não a sede. Em parte isso, hoje, penso que pode estar assegurado.

IF – Este ano a estratégia nacional passa também por avisos por SMS.

JB – Sei que este ano, o sistema nacional que está a ser montado, de informação rápida à população, privilegiou sobretudo as operadoras de telemóveis, e portanto se houver uma emergência as pessoas que estão nessa zona receberão rapidamente uma mensagem por telemóvel. É isso que está a ser desenhado pelo governo e pela protecção civil, mas a rádio está lá.

IF – No ano passado, os telefones também falharam.

SOM – REP. PEDRÓGÃO – Não tenho telefone, nem telemóvel...

IF – João Barreiros aponta o exemplo do Japão.

JB – no caso de uma catástrofe, a protecção civil elabora uma série de conselhos que passam desde nos placards das estradas até mensagens nas televisões, mensagens nos telemóveis, aproveitamento da rádio. Portanto há um conjunto de informações que está disponível para toda a população. Eu julgo que em Portugal também se tem de fazer isso, e acho que este ano se está a começar a fazer isso.

IF – Os incêndios do ano passado trouxeram à tona a fragilidade das comunicações no País.

JB – Estamos a meio de um percurso, isto não é coisa que se resolva num minuto, ou numa semana, ou num mês.

IF – Para já, a rádio tem no ar uma série de conselhos da protecção civil.

SOM – ANÚNCIO PROTECÇÃO CIVIL – Conheça o risco de incêndio...

JPG / Loc. – Em 2017, “a RTP não esteve frequentemente à altura das suas responsabilidades”, avisou o Conselho de Opinião, não distinguindo rádio e televisão, envolvidas crítica conjunta à RTP.

Ao Provedor do Ouvinte chegaram em 2017 diversas e duras críticas de ouvintes à cobertura pela Antena1 dos incêndios que afoguearam a face do País.

O Concelho de Marinha Grande, onde se situa o grande Pinhal de Leiria ou Pinhal do Rei continua a arder sem qualquer reportagem vossa.

Queixava-se um ouvinte que muitos anos antes trabalhara no RCP. Outro ouvinte estranhava que, para referir o número de mortos, a

Antena1 tivesse que citar como fonte a SIC Noticiais.

Ainda outro ouvinte observava: *Na Antena 1 fala-se muito da responsabilidade civil do Governo e da Protecção Civil mas omite-se a parte criminal.*

Quem ateou os 523 fogos e a mando de quem? Nem uma palavra.

Também houve quem se queixasse porque os desígnios da playlist deram ideia que brincavam com coisas sérias, ao programar para as 10 horas de uma noite que veio a ser trágica uma canção a *Brincar no Fogo*.

RM 09 - UHF – BRINCAR NO FOGO (EXCERTO EMISSÃO)

JPG / Loc. – Um azar da playlist.

Em 2018, com o mês de Maio já nas estatísticas das mensagens ao Provedor, as questões técnicas mantêm-se no topo das preocupações dos ouvintes.

Vinte por cento das mensagens são queixas, críticas e perguntas sobre questões técnicas, em primeiro lugar dificuldades na captação do sinal das rádios do Serviço Público, em particular na Grande Lisboa.

RM 10 – SOM AVARIA EMISSÃO DA TARDE

JPG / Loc. – Outras mensagens com percentagens significativas nos primeiros cinco meses de 2018 dizem respeito a críticas sobre questões do rigor da informação e do pluralismo na opinião.

Vá lá que as mensagens de satisfação de ouvintes se mantêm no terceiro posto da correspondência para o Provedor.

E em Maio subiu de forma considerável o número de mensagens com **sugestões** de ouvintes para a Rádio do Serviço Público.

Os ouvintes querem participar.

Para contestar ou aderir, escrevam ao Provedor: basta seguir o trilha no sítio da Rádio e TV de Portugal.

FICHA + INDICATIVO

Programa 51 – 15.Junho.2018

Futebol, o Mundial 2018 e a arte de relatar

CORTINA – BERLIOZ, KING LEAR, ABERTURA

JPG / Loc. – Na quarta cena do I acto do “Rei Lear”, diz o Rei para Osvaldo: – *Atreves-te a fitar-me desse modo, biltre?*

OSVALDO – *Não consinto que me batam, milorde.*

Intervém KENT – *Nem que te dêem um pontapé, meu... meu jogador de futebol?*

JPG / Loc. – Jogador de futebol!

Ao que se diz, foi esta a primeira vez que a palavra “futebol” foi escrita. A peça de William Shakespeare é de 1605, encenada perante a corte inglesa a 26 de Dezembro de 1606.

E a palavra ficou escrita... e assinada por William Shakespeare: futebol.

RM 01 – GOLO! + INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Está aí o Mundial e a rádio já aquece os motores.

RM 02 – ALEXANDRE AFONSO - Exercícios de aquecimento de voz e explicação

JPG / Loc. – Alexandre Afonso, relator da Antena1, exemplifica como se prepara a voz para as incidências e a emoção do relato de um jogo de futebol.

Saberemos mais, mais adiante neste programa.

O Mundial 2018 aqui está e o futebol, este ano, não teve nem deu férias.

PAULO SÉRGIO – *Isto não pára. Tivemos agora uns dias de alguma folga, digamos assim, mas é como se estivéssemos a respirar um bocadinho para ganhar folego agora para o campeonato do Mundo.*

JPG / Loc. – Paulo Sérgio, Director-adjunto de informação da Rádio do Serviço Público, com o pelouro do desporto.

Há ouvintes que se queixam de que há futebol a mais na Antena1. De fora, parece fácil resolver o problema, sugerindo a criação de uma Antena para informação e desporto. Paulo Sérgio tem a resposta pronta:

PAULO SÉRGIO – *Não há recursos, não há dinheiro para fazer um canal com essa dimensão. E depois retirá-íamos do principal canal do Serviço Público aquilo que é uma das suas principais alavancas. As notícias e o desporto são dois dos principais motivos que trazem as pessoas, os nossos ouvintes, ao Serviço Público, a escutar o Serviço Público e com tão bons resultados, como aconteceu agora nas últimas audiências, onde conseguimos passar a ser a rádio de palavras mais ouvida em Portugal.*

RM 03 – GOLO! (Relato Alexandre Afonso)

JPG / Loc. – Outra crítica frequente dos ouvintes é a de que há comentário a mais nos 90 minutos de um jogo de futebol.

O Provedor já recomendou: mais relato, menos comentário.

E Paulo Sérgio, o Director-adjunto de informação que detém o pelouro do desporto, até esteve de acordo.

PAULO SÉRGIO – Concordo com isso. Concordo que há excesso de comentário, concordo que às vezes o relato passa para um plano secundário, em relação ao comentário. Mas é algo que vamos procurar afinar, até para o Serviço Público dar um bocadinho o exemplo do que deve continuar a ser o relato do futebol, ou o relato desportivo, que nesta casa tem tido algumas das suas principais figuras ao longo da história.

JPG / Loc. – Mais relato, ou seja, mais objectividade; menos comentário, isto é, menos subjectividade; todos concordam mas o caminho vai ser muito longo.

Até porque potenciais comentadores, são cerca de 10 milhões.

Enquanto relatores são uma especialidade rara.

RM 04 – SOM – RELATO DE ALEXANDRE AFONSO

JPG / Loc. – Os ouvintes esperam dos relatores de futebol que sejam os seus olhos em campo.

Esta é uma especialidade que requer, para além do conhecimento do jogo e dos seus intérpretes, especiais dons intelectuais e físicos.

Alexandre Afonso, relator da Antena1, explica como se prepara, se exercita e se exerce o trabalho de relatar um jogo de futebol.

ALEXANDRE AFONSO – O relator de futebol tem obrigatoriamente, na minha modesta opinião, de fazer um aquecimento vocal, para que num relato de futebol durante uma hora e meia, durante 90 minutos que é o tempo útil de jogo, com todas as palavras que saem por minuto, empregando bem a nossa Língua, para se transportar a pessoa para dentro do estádio, pôr a pessoa ao nosso lado.

SOM – Relato de Alexandre Afonso (Euro)

AA - E pôr uma pessoa a “ver” o jogo ao nosso lado, ouvindo, começa por ser um dom. Um relato é de facto algo que nasce com a pessoa, com a paixão pelo futebol, de querer fazer... Eu recordo-me de, na minha tenra idade, de aos cinco, seis anos, ter um tio que me ligava, para casa dos meus pais, para que eu lhe dar a constituição da equipa...

P – Quem eram os relatores desse tempo?

AA – David Borges, António Pedro... Foram vozes que me marcaram.

SOM – Relato de David Borges

AA – A voz, durante os 90 minutos dum relato de futebol, é castigada. De cada vez que nós estamos a falar, as cordas vocais estão a bater uma na outra. Ora imaginem o que é um atleta dos 100 metros, ou dos 200 metros, fazer um sprint sem fazer um aquecimento: é lesão certa!

A visão é fundamental. Tenho lentes, mas para um relato de futebol uso sempre óculos. E depois tudo o resto, essa preparação, não só vocal, mas também do jogo. Para eu poder oferecer a quem me ouve o maior número de dados possível. Sendo que 70 por cento da informação que eu recolho para um relato de futebol não é utilizada. Aí é que está a arte: é utilizá-la no tempo certo e na altura certa.

P – As referências a António Pedro e David Borges apontam para um estilo de relato. Mais objectivo, menos para o espectáculo...

AA – Concordo. Primordial para mim é o ouvinte saber onde a bola está. A emoção pode estar lá, sempre.

SOM – Relato Euro

AA – Obviamente nós temos nesta casa e nesta equipa, felizmente, estilos diferentes, e é nesse “casamento”, nesse equilíbrio, que às vezes tem o impacto para as pessoas, como teve o Euro 2016.

P – E a rádio tem o equipamento necessário e suficiente e adequado para esse trabalho?

AA – Não tem, João. Infelizmente não tem. O escutar o relato, para o relator, é fundamental. Hoje em dia, os técnicos desta casa, seja no exterior seja em estúdio, penso que fazem milagres. O uso, o “batente”, desgasta. E de facto não temos, infelizmente, o melhor equipamento. Imagine o ouvinte um repórter que está na relva. Não tem fios para fazer as suas intervenções do relvado, usa um microfone-emissor. Esse microfone-emissor, aqui na rádio, já tem, nalguns casos, mais de 20 anos. Esse material está gasto, precisa de ser renovado. E João Paulo, permita-me que, estando aqui em conversa com o Provedor, insista neste ponto: temos de investir mais e melhor, porque só assim podemos atrair mais ouvintes. Se o som está mau, com ruídos, o ouvido muda de rádio. Mas é logo! O botão está ali, é tão fácil mudar. O que eu quero é que o ouvinte volte, e volte sempre.

SOM – Relato Euro

AA – E é bom que esta casa definitivamente meta na cabeça – e apelo aqui a quem quer que seja, até pode ser o nosso presidente, por quem tenho muita estima e consideração: a rádio não pode ser o parente pobre. A rádio é um parente riquíssimo. Porque eu faço uma tarde desportiva neste estúdio, e temos milhares e milhares e milhares de pessoas... A rádio chega a muita gente. E eu espero – tenho lido, e tenho estado atento aos últimos tempos – e estou muito curioso e muito receptivo a que esta aposta na rádio, prometida ainda recentemente, vingue já no futuro.

SOM – Relato Euro (Campeões, campeões...)

JPG / Loc. – Alexandre Afonso, relator de futebol, actividade rara.

Narradores para Televisão são mais fáceis de encontrar, até porque falar para o boneco puxa menos pela caixa-de-ar.

E este é mais um dos muitos efeitos do domínio absoluto do espetáculo desportivo pelas redes de televisão e pela publicidade, como reconhece Paulo Sérgio.

PAULO SÉRGIO – Há uma coisa que é incontornável. Hoje em dia todas as modalidades são modalidades que trabalham para a televisão... O futebol tornou-se um

produto absolutamente impressionante do ponto de vista do retorno financeiro, onde as televisões pagam, e é um bocadinho aquela imagem quem paga, manda.

JPG / Loc. – A Rádio do Serviço Público está no Mundial de Futebol.

Procura estar em força, apesar de todas as suas fraquezas:

Meios humanos reduzidos – apenas 2 relatores na Rússia – meios técnicos já fora do prazo de validade.

PAULO SÉRGIO – Meios técnicos são os meios que há. A rádio pública tem os meios técnicos já um bocadinho envelhecidos e portanto vamos usar tudo aquilo que nos for possível usar. Já não temos as carrinhas que tínhamos no campeonato do Mundo em 2006... onde tínhamos meios técnicos pesadíssimos à nossa disposição. Das 6 ou 7 carrinhas que havia há apenas uma, que está operacional e portanto vamos utilizá-la. Vamos utilizar o RDIS que também está em fim de vida, o circuito digital telefónico está em fim de vida, no final do ano vai ser descontinuado e portanto já nos estamos a preparar para passar fazer transmissões por IP, Voice Over IP, porque o ISDN foi descontinuado numa série de países, por exemplo na Suíça...

JPG / Loc. – Consulta rápida ao dicionário dos termos técnicos:

IP = Internet Protocol; Voice Over IP = telefonia internet, via Internet Protocol, telefonia em banda larga; RDIS = rede digital de serviços integrados... o mesmo que ISDN = Integrated Service Digital Network.

Com os meios técnicos precários de que dispõe, a rádio do Serviço Público lá vai mais uma vez recorrer à instituição nacional do desenrasca.

E é esse espírito que vai tapando buracos, para que a falta de meios não interfira com o resultado que chega aos ouvintes.

PAULO SÉRGIO - Interferir, interferir, não interfere... Causa-nos algumas entropias, isso causa. Os retornos às vezes são muito complicados, às vezes é complicado ouvir o repórter que está no relvado...bem como ao repórter que está no relvado é complicado ouvir quem está a fazer o relato. Mas, isso, vamos tendo alguma esperança de que, mais ano, menos ano, as coisas sejam substituídas por uma razão muito simples, porque algumas delas já estão para lá do seu fim de vida.

RM – FALHAS NA EMISSÃO (5”, incluindo 2” de branca) – “...Penso que não é possível estabelecer o contacto com o Nuno Matos em Andorra...”

JPG / Loc. – Para o Mundial 2018, o Serviço Público de Rádio vai ressuscitar a Onda Média, condenada ao desinvestimento para salvar a sobrevivente FM.

No território continental e nas regiões autónomas cobertura do Mundial assegurada.

Mas nessa fronteira terminam os direitos da rádio do Serviço Público para difusão do Mundial.

PAULO SÉRGIO - No Mundial, o Serviço Público vai fazer os 64 jogos. Vamos transmitir todos os jogos na Rádio Mundial, uma rádio que em Portugal continental vai

estar disponível na Onda Média, vai estar disponível no mundo através da Rádio Mundial... No mundo inteiro, enfim... Temos que levar em linha de conta que os direitos de que dispomos são para Portugal continental, Madeira e Açores e portanto temos que fazer geoblocking... Quem está em Boston num computador a ouvir a Rádio Mundial não vai ter os jogos... Vamos ter que os bloquear.

JPG / Loc. – Mais uma voltinha no dicionário: geoblocking - técnica para restringir o acesso à internet em dada localização geográfica.

Há equipamento técnico do Serviço Público de Rádio a dar as últimas, neste Mundial.

Os meios humanos também escasseiam: a informação do desporto da Rádio do Serviço Público perdeu nos últimos 10 anos para cima de duas dezenas de pessoas.

Este ano, para o Mundial da Rússia, a equipa da Antena1 alinha simplesmente com dois relatores.

Serviços mínimos mas com profissionalismo máximo.

PAULO SÉRGIO – Uma coisa é certa: estamos a fazer o mesmo que fazíamos aqui há 10 anos... Estamos a fazer o mesmo com menos gente. E um dia isso vai ter que ser ultrapassado ou então vamos ter que deixar de produzir tanta coisa que fazemos.

JPG / Loc. – ...Habitual nos grandes acontecimentos da rádio e da Antena1, desta vez António Macedo não será o animador das emissões do Mundial.

Macedo saiu, negociando com a RTP um valor para a rescisão do vínculo precário que a empresa lhe mantinha há 15 anos.

O que indigna é que alguém tenha tão pouco respeito pela rádio, e pelo próprio António Macedo, que prefira pagar para o ver pelas costas do que tê-lo ao microfone a fazer o que sabe e como só ele sabe.

António Macedo estava convocado para a grande equipa de profissionais que levará a todo o país e a todas as partes do mundo onde há portugueses, a marcha de Portugal no Mundial. Como esteve com frequência em outros mundiais e europeus.

RM – SOM ANTÓNIO MACEDO NO EUROPEU

Mas a RTP dispensou entretanto o trabalho de António Macedo.

Perde a rádio. Perdem os ouvintes. Só ganha quem não gosta mesmo nada de rádio.

FICHA (por Alexandre Afonso) + INDICATIVO FECHO

Programa 52 (22.jun.2018)

A saída de António Macedo e o desinvestimento na rádio pública

RM 01 – SOM ANTÓNIO MACEDO – ABERTURA DE EMISSÃO (7H)

JPG / Loc. – António Macedo foi-se embora da rádio onde era feliz, embora precário, nos últimos 15 anos...

E nem chegou a despedir-se...

Ficou por ali, naquela manhã de 11 de Junho...

RM 02 – ANTÓNIO MACEDO – Ora então, bom dia...

+ Tapete – Pedra Filosofal, por Carlos Martins

JPG / Loc. – António Macedo foi-se embora após uma manhã da rádio e não voltou na manhã seguinte. São assim os rigores das leis, das regras, dos preceitos, dos procedimentos, dos acordos acordados entre as partes, entre portas, entrementes, entredentes, entretanto, quando lhes dá para serem severos e impiedosos.

Na véspera da última manhã, as partes tinham chegado a acordo perante uma Justiça que por vezes julga aos domingos e tudo.

A empresa que manteve o vínculo precário de António Macedo nos últimos 15 anos, sempre acenando com a eternamente adiada resolução do problema... de um dia para o outro decidiu pagar para ver Macedo pelas costas.

Macedo é parte de um acordo com a RTP: aceitou sair.

Porque tudo tem limites. Até a felicidade.

RM 03 – ANTÓNIO MACEDO - Na rádio é que eu sou feliz...

+ INDICATIVO DE ABERTURA

JPG / Loc. – A caixa do correio do Provedor do Ouvinte enche-se por estes dias com mensagens de tristeza e pedidos de explicações pela saída de António Macedo da Antena1.

- *Na classificação da mensagem neste formulário não há nenhum campo que se adequa ao que tenho para dizer. A palavra a utilizar não é queixa, nem crítica, mas sim Indignação.*

- *Quero manifestar a minha enorme tristeza por deixar de ouvir o António Macedo todas as manhãs.*

- *Quando me apercebi da saída do António Macedo pensei que se tratava de problemas seus, de saúde ou de cansaço pelos longos anos de madrugar... Afinal vejo que foi a Administração que preferiu prescindir dos serviços de uma das melhores vozes da rádio pública, o que é inadmissível.*

RM 04 – ANTÓNIO MACEDO – Abraços, obrigado.

JPG / Loc. – A Rádio e Televisão de Portugal / RTP e António Macedo firmaram um acordo, patrocinado por um Tribunal, nos termos do qual a RTP paga uma indemnização a António Macedo, cessando este de imediato a colaboração com a empresa.

A RTP mantinha com este profissional um vínculo precário há 15 anos: quinze.

E pouco antes de pôr Macedo fora de jogo, o presidente da RTP, Gonçalo Reis, renovava a promessa de discriminação positiva para a rádio.

RM 05 - OLÍVIA SANTOS ENTREVISTA GONÇALO REIS

GR – Nós queremos uma RTP activa, presente, e é assim. Temos de ir a jogo...

OS – *...e que consiga ir a essas plataformas todas. Pegando nas suas palavras, para este ano, a rádio, o investimento na rádio, que tem tido problemas como sabemos, seria uma prioridade. Quando é que isto pode começar a sentir-se?*

GR – Nós temos que ir gerindo aquilo que é urgente e aquilo que é importante. Todas as semanas, todos os meses, a RTP faz a agenda dos temas que... – as Eurovisões, o Mundial, a Volta a Portugal, etc. Mas nós não podemos perder de vista aquilo que é realmente essencial também, a prazo. Temos dito que os investimentos em tecnologia são muito decisivos...

OS – *Mas estão a avançar, já?*

GR – *...e vamos discriminar positivamente a rádio, isso é um facto. Nós temos restrições financeiras, temos um orçamento detalhado, mas o acionista Estado tem que também definir quais são as valências.*

OS – *E os precários? Quantos pareceres é que temos na RTP, no âmbito do PREPAV?*

GR – Nós estamos a falar dum universo de entre 200... 260 continua a ser um número expectável. Mas está um trabalho a decorrer, não vou falar a meio do processo...

JPG / Loc. – Gonçalo Reis, em entrevista à jornalista Olívia Santos, da Antena1.

A RTP, que argumenta com frequência que não tem dinheiro nem para equipar a rádio com o mais elementar dos mínimos de condições técnicas necessárias, aceitou pagar o afastamento de uma das figuras mais emblemáticas da Rádio e da Antena1.

Esta decisão funciona objectivamente contra a Rádio e contra o Serviço Público de Radiodifusão, levando-os a perder um activo de grande notabilidade, popularidade e audiência.

O António Macedo também contribuiu certamente para o sucesso recente da Antena1, que nas últimas audiências conseguiu passar a ser a rádio de palavras mais ouvida em Portugal.

RM 06 – NOTÍCIA SAÍDA DE ANTÓNIO MACEDO – ANTENA 1

JPG / Loc. – O Provedor fez perguntas sobre a saída de António Macedo da Antena1 ao Presidente da Administração da RTP, Dr. Gonçalo Reis, e ao director da estação, Rui Pêgo.

Mas há neste caso uma situação contranatura, tanto mais que isto se passa numa empresa de comunicação:

A “outra parte”, que por sinal é o sujeito desta notícia, a parte mais directamente visada, o próprio António Macedo, não pode prestar declarações nos termos do acordo firmado em tribunal.

Esta situação inviabiliza, para já, qualquer avaliação deste caso.

RM 07 – NOTÍCIA SAÍDA DE ANTÓNIO MACEDO – ANTENA 3

JPG / Loc. – Mas há um dado que desautoriza por completo a decisão que levou ao afastamento de António Macedo.

O Presidente da Administração da RTP procurou desvalorizar os efeitos do afastamento de Macedo, ou mesmo explicar o afastamento, com resultados de um “estudo de mercado” nos termos do qual os ouvintes considerariam o perfil e a prestação de Macedo desgastada e envelhecida.

O estudo, datado de Março de 2016, foi encomendado pela RTP a uma empresa e analisa as respostas de um “Focus Group” de 64 pessoas.

Ora o que acontece é que na única referência expressa a António Macedo, no “estudo” citado pelo presidente da RTP, os respondentes “reconhecem e valorizam o profissionalismo e a qualidade de António Macedo”.

RM 08 – SOM – Fernando Tordo saúda António Macedo

JPG / Loc. – O Provedor do Ouvinte – que não pára de receber queixas e lamentos pelo afastamento de Macedo – só pode deplorar que a Rádio do Serviço Público tenha perdido a colaboração de um profissional com a qualidade e a notoriedade de António Macedo.

RM 09 – SOM – Saudação de Carlos do Carmo a António Macedo

JPG / Loc. – O abraço de Carlos do Carmo chegou ao destino.

Para além das Manhãs da Rádio, Macedo colaborava em diversos programas por vontade expressa dos respectivos autores e em muitas outras iniciativas da estação.

Quando se deu o afastamento, Macedo estava convocado para a equipa do Mundial.

RM 10 – SOM ANTÓNIO MACEDO NO EUROPEU

JPG / Loc. – A perda de António Macedo soma-se a todas as outras parcelas negativas que perturbam a vida normal da Rádio e comprometem a qualidade da prestação do Serviço Público de Radiodifusão...

Como sejam a sangria de meios humanos decorrentes da chamada “austeridade”, cujos efeitos se mantêm, sem reposição nem qualquer compensação na Rádio...

... A não integração de trabalhadores precários, prevista por lei, a não ser daqueles cuja integração foi imposta por Tribunal...

A degradação extrema dos estúdios e dos equipamentos, a fragilidade que se manifesta em constantes avarias, perdas de contacto nas ligações externas e quebras de sinal na difusão...

Se não fosse a competência, a imaginação, o sacrifício, a dedicação de trabalhadores que fazem verdadeiros milagres, o Serviço Público de Rádio estaria já reduzido ao silêncio.

O desinvestimento acumulado, na última década e meia, fez da Rádio o parente cada vez mais pobre e mais abandonado na RTP.

RM 11 – Emissão DAVID FERREIRA A CONTAR - SOS Rádio

DF – Desculpem lá se não me habituo a esta era de bombistas suicidas e de brunos-de-carvalho. Mas a RTP deitar fora a mais emblemática das vozes da rádio pública, o mais caloroso dos seus animadores, sem qualquer razão que a razão compreenda, é, repito, uma destruição dum activo... precioso. É que está em causa a minha rádio, a rádio pública. E o que eu disse era mesmo a única coisa que eu tinha de dizer.

AM – Bom dia, bom fim-de-semana

PAULO ROCHA – Bom fim-de-semana, António Macedo. O David Ferreira regressa na próxima segunda-feira, o Macedo não.

JPG / Loc. - SOS Rádio, um pedido de socorro lançado por David Ferreira, em defesa do Serviço Público de Rádio.

RM 12 – SOM – SOS, de Sérgio Godinho (mantém por baixo)

JPG / Loc. - Partilhado no Facebook de Viriato Teles, o SOS de David Ferreira tem, entre muitos outros, um ‘gosto’ de Nuno Artur Silva... ex-administrador da RTP na equipa de Gonçalo Reis.

David Ferreira, autor do programa “A Contar”, na Antena1, comentando o afastamento de António Macedo, perguntava se se tratava de negligência ou de estratégia.

Dá que pensar. E na rádio... pensa-se.

RM 13 – PROBLEMAS DA RÁDIO – Medley com depoimentos de directores, responsáveis e profissionais da rádio pública

JPG / Loc. – A situação na Rádio do Serviço Público, fustigada pelo desinvestimento, é desastrosa.

Um leitor do jornal Público escreveu mesmo que a Rádio da RTP se encontra em processo autodestrutivo. E a concluir a carta ao director, desabafou o leitor do jornal Público: *Parece que alguém quer calar a Antena 1.*

Até mesmo quando aceitou sair sem dizer adeus, António Macedo, como sempre, prestou um grande serviço à rádio. Pôs muita gente a falar e a escrever sobre a rádio. E pelo melhor dos motivos: o amor à rádio.

RM 14 – SOM FINAL ANTÓNIO MACEDO – Mas então porquê a rádio...

JPG / Loc. – António Macedo: um imenso adeus à rádio onde foi feliz e onde fez ouvintes felizes.

FICHA + INDICATIVO FINAL

Programa 53 – 29.Jun.2018

Presente, futuro e memória da rádio pública

Cortina Os Dias da Rádio: Body and Soul, Benny Goodman

JPG / Loc. – Quando cheguei à Rádio, aí pela Idade dos Metais, só se aprendia a tarimba, e alguns vícios, com os muito mais velhos.

Dois anos depois, já na Idade Média, sentei-me em frente de um microfone, que abri enquanto presentia, pregada em cima de mim, a vigilância da mestre-escola de locutores dos primórdios das telefonias.

Já na Antiguidade Clássica, ou seja no PBX, surpreendi-me com um jovem que ilustrava uma reportagem sobre caça soprando pelo cano da espingarda: ainda tenho esse som de há 50 anos na memória.

O João Carrasco fez-me sinal para começar, já deveria ter começado....

Serei dos mais antigos profissionais em exercício na Rádio.

Mas nos dias de hoje tenho uma enorme vantagem:

Desde a idade das rádios piratas, há sempre gente mais nova e com olhos mais abertos com quem temos muito que aprender.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Bem sei que estamos em quadra de futebol, aliás, estamos quase sempre em quadra de futebol.

Mas aqueles que hoje vamos receber no programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, não são juniores, nem sub-vinte e qualquer coisa.

São, simplesmente alguns dos profissionais de extracção mais recente, mais fresca, do Serviço Público de Rádio.

São já o presente e serão porventura parte do futuro da rádio.

Ah pois é! Porque a Rádio tem passado, presente e futuro.

RM 01 – NUNO AMARAL – Antes de mais espero que haja uma aposta cada vez mais forte na Rádio... Em jornalistas, em sonoplastas... Todas as tecnologias não conseguiram apagar este fascínio, a companhia, as “imagens” que a rádio dá... O que me trouxe para a rádio foi um bocado sorte... Mantém-se o fascínio, esta capacidade de mostrar, de pôr “fotografias” com sons, com algumas palavras, e com as trilhas sonoras. Expor a história tal como ela é, é esse o esforço e o desafio permanente.

JPG / Loc. – Nuno Amaral, grande fé no futuro da Rádio. Assim o futuro chegue a tempo.

Amaral é repórter: sabe ouvir, sabe interpretar, sabe transmitir.

Reportagem pura e dura, Nuno Amaral traz o País real ao vivo para a rádio.

Nuno Amaral faz reportagens do País no Portugal em Directo.

Também reportou em Portugal coisas que Só Neste País....

RM 02 – NUNO AMARAL – EXC. REPORTAGEM COM PASTOR – Oh, eu cá não gosto cá muito disso... Estar aqui a filmar, e isso... Não, é para arádio... Então quero ver, se é verdade ... (balido da ovelha)

JPG / Loc. – Mariana Oliveira cursou Medicina mas trocou a radiografia pela RadioTelefonia.

Na Antena3, Mariana Oliveira contracena com Daniel Belo e Vanessa Augusto no programa “Domínio Público”: a actualidade daquilo que importa não esquecer.

E de parceria com Isabel Lucas, Mariana Oliveira também fala de livros e leituras, em busca do Paraíso Perdido:

RM 03 – MARIANA OLIVEIRA – O que eu gosto muito na rádio é ainda essa possibilidade de estarmos num espaço tão privado, onde nunca sabemos se estamos a falar para uma pessoa, nenhuma pessoa, ou um milhão de pessoas... E isso não muda nada aquilo que estamos a fazer e a maneira como estamos a fazer

JPG / Loc. – João Torgal é jornalista da Antena1.

No IV Congresso dos Jornalistas, Torgal foi a face visível do Manifesto “A Precariedade mina o Jornalismo”.

Torgal acredita que se há meio que garante uma certa independência do poder económico e de outros poderes, será sempre o serviço público.

João Torgal formou-se em Matemática mas deitando contas à vida acabou a trabalhar, feliz, na rádio.

RM 04 – JOÃO TORREAL – Aconteceu, eu não tinha nada a ver nem com o jornalismo, nem com o audiovisual em si, mas tinha a paixão pela música, essencialmente, quando entrei numa grande escola que é a Rádio Universidade de Coimbra. E é a RUC que fez com que eu abrisse e passasse da Matemática para o domínio da Comunicação e das Humanidades, já depois de ser professor de Matemática. Portanto, a rádio mudou efectivamente a minha vida, porque hoje podia ser um infeliz professor de Matemática, e em vez disso estou a fazer rádio com bastante prazer.

JPG / Loc. – Cláudia Martins é a única mulher que faz jornalismo na área do desporto na rádio portuguesa.

Foi a primeira editora do jornal digital ZeroZero, actualmente faz parte da equipa de Desporto da Antena1.

Cláudia Martins faz reportagem, informação e edição de futebol.

E nos 12 anos de carreira, Cláudia Martins já tem momentos memoráveis: relatar a conquista por Portugal de um título mundial de futsal...

...Ou em dia de aniversário, ouvir parabéns... vindos da bancada do estádio que também seguia o jogo pela rádio.

RM 05 – CLÁUDIA MARTINS – Um domingo à tarde. Quem ouve o Desporto-Antena 1 sabe que nós temos a tarde desportiva, e nesse dia era o dia do meu aniversário. Eu estava a trabalhar, e o Paulo Sérgio, como sabia que eu fazia anos, acabou por fazer aquelas chamadas aos estádios, normais, para eu dar o tempo, o resultado, e alguma informação sobre o jogo... E depois fechou esse momento dizendo qualquer coisa como “Cláudia Martins, que é hoje a nossa bebé”... O mais engraçado foi – e isto tem muito a ver como as pessoas consomem a rádio, mesmo em eventos desportivos – ao intervalo desse jogo houve uma série de pessoas que estavam na bancada que vieram ter comigo a dar-me os parabéns, porque tinham ouvido o Paulo Sérgio a dizer em antena que era o meu aniversário. Facilmente as pessoas tiveram o à-vontade suficiente para virem ter comigo à tribuna da Imprensa, e dar-me os parabéns.

JPG / Loc. – Luís Peixoto frequentou Direito e uma rádio universitária, depois formou-se em história.

Mas a história de Luís Peixoto seguiu pela rádio: é jornalista de turno na redação do Porto da Antena1.

RM 06 – LUÍS PEIXOTO - Reportagem Loja da Cindinha (É na vila de Joane...)

JPG / Loc. – Repórter Luís Peixoto, na Loja da Cindinha, em Joane, Famalicão:

A loja por um dia, quando abrir de novo, será como alojamento local. Sinal dos tempos.

RM 07 – LUÍS PEIXOTO – A minha história na rádio nasceu ainda nos primeiros anos da Universidade. Na altura estudava na Faculdade de Direito, eu e mais um amigo decidimos reactivar a rádio da faculdade. E acho que foi aí que nasceu a paixão pela rádio. Se bem que foi uma paixão adormecida, porque só anos depois decidi que era isto que queria para a minha vida. Acabei por tirar História, andei sempre longe da profissão... Acho que o que mais me atrai na rádio é mesmo o imediatismo. A rádio é para mim um meio extremamente democrático, é o primeiro que chega às pessoas, e isso acaba também por me fascinar

JPG / Loc. – Joana Dias estudou Jornalismo na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e presentemente trabalha na rede.

Joana Dias faz locução na Zig Zag: mundos de fantasia, momentos de magia para os mais jovens de todos os ouvintes.

RM 08 – JOANA DIAS – O mais recente episódio a marcar-me aconteceu não há muito tempo... Com a triste notícia da saída de António Macedo da Antena 1, veio um convite, do Rui Pego, que me deu bastante alegria... O convite para “substituir” o António Macedo – como se isso fosse possível alguma vez – no programa que ele fazia com o David Ferreira, aos sábados, “David Ferreira a Contar Consigo”. Eu tremi, tremi da cabeça aos pés, porque não há forma de substituir um radialista como o António Macedo. E eu não tenho a veleidade, sequer, de me sentar nesta cadeira, à frente do David Ferreira e achar que vou estar ali nivelada com o António...

+ INDICATIVO – David Ferreira a contar consigo... e com a Joana Dias.

RM 09 – REPORTAGEM ISABEL MEIRA (EXCERTO)

JPG / Loc. – Isabel Meira é repórter na Antena2.

Também já passou na *Grande Reportagem* da Antena1.

Isabel Meira recebeu um Prémio Gazeta de Rádio, distinguida pelo Clube dos Jornalistas por uma reportagem realizada para a TSF, antes de mudar.

Na Antena2, Isabel Meira faz reportagens sobre Jovens Músicos, saxofone e cravo, sobre Galerias Romanas de Lisboa... Sobre festivais culturais... cinema, música, literatura...

RM 10 – ISABEL MEIRA – Eu fiz uma série de reportagens que passavam por dar a determinadas ruas nomes de mulheres que tinham morrido vítimas de violência doméstica. E houve um dos casos, a mulher era dos Açores, tinha vindo para o continente. E na altura, quando a reportagem foi para o ar, eu recebi uma carta da mãe, que ainda estava nos Açores, a dizer-me que tinha ouvido a reportagem, e que tinha conseguido recuperar um pouco da filha através daquela reportagem – apesar de nunca ter ouvido a voz da filha na reportagem...

JPG / Loc. – A rádio faz-se do passado e presente para o futuro.

E em todos os casos com memória.

Neste mês de Junho, chegaram ao Núcleo Museológico da Radiodifusão memórias do locutor Fernando Quinas. Faleceu em Janeiro; em Junho, as filhas doaram ao Núcleo Museológico da radiodifusão o espólio do antigo locutor do Rádio Clube e da Rádio Comercial. A jornalista Inês Forjaz foi conhecer as memórias de papel de Fernando Quinas.

RM 11 – FERNANDO QUINAS – PEÇA IF

[SOM FERNANDO QUINAS – Já tenho saudades de fazer rádio...]

IF – Entre recortes de jornais, legislação, noticiários, ordens de serviço e comunicados, os dossiers do locutor contam uma parte importante da história da rádio em Portugal.

[SOM MANUEL ALEGRE – O nosso tempo de festa acabou. Em todos os sectores da vida do País, e também no sector da Comunicação Social.]

IF – Fernando Quina viveu primeiro a nacionalização do Rádio Clube Português, em 1975...

[SOM – Quase todos os países têm a rádio nacionalizada numa empresa única...]

IF - ...e viveu depois a privatização, em 1993.

[SOM – Confirmando que o conselho de ministros decidiu a privatização da Rádio Comercial...]

IF – No último dia do ano de 1975 é suspenso e proibido de entrar no Rádio Clube.

[SOM – Porta a fechar]

IF – Em 92, Quinas é um dos funcionários transferidos à força da Radiodifusão Portuguesa para a Rádio Comercial. A lei garantia a manutenção de todos os direitos, mas

os recortes do locutor mostram que não foi isso que aconteceu. Entre os papéis, há cópias das cartas de despedimento enviadas a vários radialistas já depois da privatização, em 1993.

[SOM – NOTICIÁRIO 1993 – “Carlos Barbosa, o homem forte da Comercial, chegou ao Porto e disse: está tudo despedido. Jornalistas e técnicos, num total de 29...”]

IF – E um ano depois, em 94, uma ordem de serviço retira aos trabalhadores da Comercial os direitos adquiridos na rádio antes pública.

[SOM ARQUIVO, 1993 – “Nada será feito sem que seja cumprido aquilo que está estabelecido na lei. E a lei dá mecanismos de protecção aos trabalhadores...”]

IF – Como quase todos daquela geração, Fernando Quinas estreia-se aos microfones da Rádio Universitária...

[SOM – Ent. a F. QUINAS – Era o início duma carreira profissional...]

IF – Em 1996 começa a trabalhar no Rádio Clube Português.

[SOM – F. QUINAS – Fui fazer um programa entre as duas e as quatro da tarde no então FM do Rádio Clube Português...]

IF – Dá voz a programas como “Carrossel”, “Às Voltas da Chanson”, “Parodiantes de Lisboa” ou “Espaço 3P”.

[SOM – INDICATIVO Espaço 3P]

IF – Sai da antena, em definitivo, em 1996. Fernando Quinas e outros vinte profissionais, em nome de mais uma reestruturação da grelha.

[SOM – F. QUINAS – Neste momento, na Rádio Comercial, eu não estou a fazer rádio. Cumpro o meu horário a tomar notas sobre aquilo que se passa na emissão, e a fornecer um relatório diário à direcção, à administração...

IF – Para lá dos recortes –que documentam, entre outros episódios, o encerramento do mítico bar “O Coice”, na Rádio Comercial – o espólio do locutor inclui livros sobre a rádio, cassetes várias, bobines, e ainda um modelo raro de um dictafone.

[SOM – F. QUINAS – Tenho boas recordações...]

IF – Como o café, as vozes vêm de vários lotes, entram e saem de moda. A de Fernando Quinas era encorpada e nasalada...

[SOM – F. QUINAS – Eu acho que tenho boa voz...]

IF – Foi um dos representantes da chamada era das vozes de ouro na rádio

JPG / Loc. – Fernando Quinas: a memória do homem que foi locutor no tempo dos discos proibidos... e depois no tempo dos discos obrigatórios, como ele próprio disse, de forma lapidar.

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 54 – 6.Jun-2018

Seis meses de queixas

JPG / Loc. – *Encolhes os ombros, mas o tempo passa... /Ai, afinal, rapaz, o tempo passa!*

Escreveu Alexandre, o grande O'Neill. Grande poeta.

O tempo passa e de 2018 já lá vai metade.

Quando 2018 chegou, a Tempestade Ana tinha passado três semanas antes por Lisboa...

Foi assim no centro de emissores de Monsanto: torre apeada, antenas penduradas na concorrência, emissores com potência em baixa.

A questão ainda não está resolvida.

Falta sempre alguma coisa, mais um tempo, mais um trâmite de espera. E os ouvintes desesperam.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – As questões técnicas dominaram os primeiros seis meses da correspondência dos ouvintes para o Provedor.

E entre toda a correspondência, por razões de queixa de ordem técnica, destacaram-se as reclamações por debilidade e instabilidade do sinal em Lisboa e a norte e sul do Tejo.

Será um quarto do potencial auditório da Rádio do Serviço Público e a potência de emissão ficou desde Janeiro reduzida de 10 para 2 Kw.

A cobertura da grande Lisboa tem estado seriamente afectada.

RM 01 – Excerto programa sobre “Homens invisíveis”

JPG / Loc. – Vítor Fernandes, um dos 9 técnicos do Departamento de Emissão Nacional.

Não são apenas os ouvintes que ficam impacientes com as demoras das respostas às frequentes avarias na rede de emissores da Rádio do Serviço Público.

Estes homens funcionam como bombeiros e são inexcedíveis em sacrifício e competência.

Mas a rádio não investe em regeneração de equipamento e instalações: limita-se a reparar os estragos.

RM 02 – Excerto Ana Cristina Falâncio

JPG / Loc. – Ana Cristina Falâncio, engenheira responsável pelos centros de emissores de rádio nos Serviços Técnicos da RTP:

A prioridade vai para acudir a avarias.

O investimento estrutural fica em lista de espera.
A produção técnica segue a mesma orientação.
Não há orçamento, a supressão das faltas é pedida à lista.
Muitos são os pedidos que seguem para suprir necessidades.
Poucos são superiormente aceites.

RM 03 – Excerto Maria João Dias

JPG / Loc. – Maria João Dias dirige a produção técnica da rádio, estúdios e exteriores.

Sem orçamento e com renovação de material, mobiliário e equipamento à lista e em espera...

E é assim que as avarias se sucedem; os ouvintes se queixam; os próprios profissionais desesperam...

RM 04 - Nuno Isidro

JPG / Loc. – Nuno Isidro, técnico com funções na área de estúdios e exteriores.

As reclamações por motivos técnicos motivaram cerca de 20 por cento das queixas ao Provedor no primeiro semestre de 2018.

Nos primeiros seis meses deste ano, seis edições do programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, focaram motivos técnicos.

Em audiências para apresentação do Relatório de Actividades de 2017, o Provedor alertou a Comissão Parlamentar de Comunicação e o Conselho de Opinião da RTP para a gravidade da situação técnica da rádio.

RM 05 –Notícia sobre Audição do Provedor na AR

JPG / Loc. – Em Março, o Provedor lançou um apelo ao Presidente da RTP, pedindo-lhe que se juntasse publicamente à apreensão que reina sobre a situação técnica da rádio e use todos os seus poderes para ultrapassar uma crise da maior gravidade para o presente e futuro da rádio de Serviço Público.

O presidente não respondeu propriamente ao apelo; mas em Março visitou o estado lastimável dos estúdios.

Visita de médico; e ainda não se deu por qualquer terapia.

RM 06 – Gonçalo Reis – discriminação positiva

JPG / Loc. – Discriminação positiva, um slogan à espera de passar da palavra aos actos: de positivo só a discriminação.

Em cima de uma profunda crise técnica, a rádio do Serviço Público foi abalada no primeiro semestre de 2018 pela saída de António Macedo da Antena1.

Entre a inquietação pela ausência de Macedo das manhãs da Antena1, por baixa por motivos de saúde, e o imenso adeus de Macedo à rádio onde foi feliz...

18 por cento das queixas dos ouvintes, no primeiro semestre, embora centradas apenas em dois meses, destinaram-se a perguntar por Macedo, a questionar o afastamento.

David Ferreira, colaborador da Antena1, pôs o dedo na ferida ao dizer que a Antena1 estava a desperdiçar um “activo”, que contribuía para o sucesso das manhãs da rádio do serviço público e não só.

RM 07 – David Ferreira SOS Rádio

JPG / Loc. – O Provedor pegou no SOS lançado por David Ferreira em defesa do Serviço Público de Rádio.

Até porque os Ouvintes não deixaram cair a questão.

Uma repórter fez saber ao Provedor que cada vez que sai à rua com o microfone da Antena1 é questionada por ouvintes com perguntas, protestos e lamentos sobre o afastamento de Macedo.

E não é caso único na redacção.

A esta jornalista aconteceu-lhe ser abordada por uma ouvinte que lhe pediu, uma vez que tinha um microfone na mão, que gravasse o seu depoimento.

RM 08 - Gravação ouvinte Cristina Lebre

JPG / Loc. – O Provedor deixou claro que entendia o afastamento de António Macedo como parte de uma estratégia de desamor pela rádio.

A RTP, que argumenta com frequência que não tem dinheiro nem para equipar a rádio com o mais elementar dos mínimos de condições técnicas necessárias, aceitou pagar o afastamento de uma das figuras mais emblemáticas da Rádio e da Antena1.

O Director da Antena1 disse ao Provedor que teria preferido qualquer solução que mantivesse Macedo no activo.

O próprio Macedo preferia continuar...

A administração optou por pagar para ver Macedo pelas costas...

... Ao mesmo tempo que mantém a rádio vampirizada, como parente mais carecido e menosprezado da família RTP.

A expressão “vampirizada” não é minha; é do antigo presidente da ERC, Carlos Magno.

RM 09 - Carlos Magno: A Rádio está a ser vampirizada pela televisão.

JPG / Loc. – Não é por acaso que se diz na RTP que o único lugar da empresa onde a Rádio aparece em primeiro lugar... é no nome da companhia: Rádio... e Televisão de Portugal.

RM 10 - Derby Day por Orquestra da Radiotelevisão Portuguesa

JPG / Loc. – A seguir às questões técnicas e ao afastamento de António Macedo, a terceira questão na lista das preocupações dos ouvintes, em mensagens ao Provedor, foi o futebol... em cima do acontecimento que é o Mundial.

Para o Mundial, a Onda Média foi ligada à máquina, após anos de investimentos zero...

E os ouvintes, em dificuldades para reencontrar a Onda Média, agora com menos emissores, vá de perguntar ao Provedor.

Vá lá que na ordem dos dias da bola, por se tratar da Selecção, caíram as queixas motivadas pela clubite... infecção que empesta o futebol como desporto e até mesmo como competição.

Queixa que nunca falta quanto a futebol é a que diz respeito a excesso de comentário, com prejuízo para o próprio relato.

O Provedor já recomendou; o Director-adjunto responsável pela informação desportiva esteve de acordo; mas a solução vai para fila de espera: Mais relato, menos comentários.

RM 10 - Paulo Sérgio

JPG / Loc. – E assim foi a marcha do Provedor do Ouvinte, neste mês de santos milagreiros e marchas populares.

Queixas dos ouvintes e respostas do Provedor;

Reclamações dos ouvintes e delongas da burocracia;

Contestação do Provedor e denegação das instâncias, o senhor tem toda a razão mas volte cá outro dia que agora temos todos muito que fazer, tenha santa paciência.

RM 11 Derby Day por João Almeida

Loc /JPG – Apesar de todos os pesares, a correspondência que transmite ao Provedor motivos de satisfação dos ouvintes, por isto ou por aquilo que ouviram, mantém-se em volume significativo.

No primeiro semestre de 2018 o Provedor recebeu menções de satisfação por trabalhos de António Macedo, Rui Cardoso Martins, Francisco Sena Santos, Maria Flor Pedroso...

David Ferreira.... Excelente... A contar...

Satisfação para a Antena2 pelo 2º Festival Antena2.

Satisfação por reportagens de Rita Colaço, José Manuel Rosendo, Isabel Meira...

Mensagens de satisfação também, e já agora, por alguns programas do Provedor...

Mensagens de satisfação e de orgulho pela rádio pública do nosso país...

E pelo meio das mensagens de satisfação também chegaram ao provedor algumas sugestões.

Se eu mandasse já estava no ar a proposta do ouvinte para espantar de vez o Diabo dos Números ...:

Um programa de um, dois... um, dois, três, quatro, cinco minutos de... matemática.

Isso mesmo: 5 minutos de Matemática.

RM 12 Mário Viegas: O Binómio de Newton – poema de Álvaro de Campos

FICHA

Poema *O Binómio de Newton*, de Álvaro de Campos, dito por Mário Viegas.

INDICATIVO FECHO

Programa 55 – 13.Jun.2018

Ópera na Antena 2. Entrevista com André Cunha Leal

Tapete - La Traviata, de Verdi, por Joan Sutherland, dir. Alfredo Kraus (mantém por baixo)

JPG / Loc. – Extraordinário êxito na récita popular com a ópera La Traviata, titulava o Diário de Notícias de 26 de Abril de 1974.

A grande artista Joan Sutherland voltou, no Coliseu, a ser como em São Carlos uma Violetta extraordinária em voz, em musicalidade, em estilo e sentido dramático.

No Diário de Notícias de 26 de Abril de 1974.

O aeroporto de Lisboa encerrou, por via dos acontecimentos, Joan Sutherland e Alfredo Kraus tiveram estadia extra em Lisboa.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – A Ópera requer composição, libreto, orquestra, cantores, coros, solistas, palco, consideráveis meios financeiros para produção, direitos de autor e direitos conexos, sofisticados meios técnicos para captação e transmissão, pessoal especializado.

Mas é inimaginável o que a Rádio do Serviço Público, neste caso a Antena2, consegue fazer neste difícil domínio dos concertos e das transmissões de Ópera a partir de quase nada.

André Cunha Leal produz, realiza e apresenta as transmissões de Ópera na Antena2.

ANDRÉ CUNHA LEAL – Isto é quase como se o nosso cérebro se dividisse em - +tr~es ou quatro: no que está a ouvir a emissão, no tradutor, no entrevistador e no tipo que está a comandar a mesa.

JPG / Loc. Já trabalhou nesta mesma casa em equipas tão perfeitas que incluíam um elemento que apenas tinha como função... ouvir.

Mas quando perguntei a André Cunha Leal se tinha esperança de recuperar para a rádio um pouco daquilo que o vento das austeridades levou, recebi uma grande lição com a resposta:

ANDRÉ CUNHA LEAL – Eu acho que essa pergunta devia ser feita, nem sequer aos directores, é mesmo à administração. Eu tenho sempre esperança. Mas isso é a minha veia de sonhador. Mas, mais do que esperança, se a casa “encaixar” que é um dever... Nem é preciso muito: vamos ao contrato de concessão, e ao que a lei define que é o serviço público da Antena 2. E se formos rigorosos, nem sequer é uma questão de esperança, é uma questão de ter que ser.

+ SOM – EXCERTO “BANKSTERS”, de Nuno Corte-Real (“O pesadelo começa / dum lado para outro lado / e acordo sobressaltado... / Isto só vai à porrada, só o chicote dá lei...”)

JPG / Loc. – Calma: o libreto da Ópera portuguesa *Banksters* é de Vasco Graça Moura; e quem proclama que “Isto só vai à porrada” é um banqueiro.

André Cunha Leal, é realizador, produtor, locutor, e como os estúdios da Antena2 agora são auto-operados, também é assistente e operador.

Na Traviata, gravada no Coliseu de Lisboa a 24 de Abril de 1974, bem se pode perceber como o público está explosivo.

Tudo mudou neste País e na Rádio também.

A rádio, que se bastou quando se financiou e governou a si própria, nos últimos anos tem andado para trás.

SOM – EXCERTO “BANKSTERS” (“Socorro...”)

JPG / Loc. Mas as transmissões de Ópera, pesem embora todas as carências e sacrifícios, mantêm-se em cartaz na Antena2.

ANDRÉ CUNHA LEAL – Nós em termos de directos, e no que diz respeito à ópera, temos duas vias: temos o mecanismo da Eurovisão, a Euro-rádio, e que nos fornece por exemplo os célebres directos da Metropolitan Opera House, temos igualmente a possibilidade de ouvir em directo os Proms, quando isso acontece, dos festivais de Bayreuth e outras salas de ópera. É verdade que já houve uma rotina, agora não se faz, de transmitirmos a primeira ópera do ano do Scala... Depois, há a via nacional. Aí é que nós podemos dizer que nos afastámos. Porque não é só falta de meios, vamos ser directos. A falta de dinheiro também conta.

+

SOM PAGANINI/PROMS (Primeiros 6” – depois fica por baixo)

JPG / Loc. – Quando André Cunha Leal entrou para a Antena2, existia uma avença entre a RDP e o S. Carlos, que dava para cobrir tudo o que eram direitos de autor e direitos conexos.

ANDRÉ CUNHA LEAL – Deixou de se poder fazer isso.

JPG / Loc. – Até que um governante, com muito pouco para ser lembrado e nada para ser recordado com saudade, remeteu a questão dos direitos para o arquivo morto.

ANDRÉ CUNHA LEAL – Porque basicamente remete a questão dos direitos, vamos ser directos, para o “logo se vê”...

JPG / Loc. – E nunca mais se viu, com efeito.

ANDRÉ CUNHA LEAL – Uma das coisas que mais pesa nas transmissões de ópera são os chamados “direitos conexos”, nem se quer são os direitos de autor. Porque a maioria das óperas hoje está em domínio público, ou quando não está é sempre a parcela mais baixa dos direitos totais da ópera. Os direitos conexos, que incluem desde os direitos dos editores da partitura, aos direitos dos artistas, dos encenadores, dos libretistas, etc., são absolutamente exorbitantes.

JPG / Loc. – A solução passa por muitas medidas fora de moda: enfrentar os poderes, dar murros na mesa...

Desentranhar certos assuntos do arquivo morto do “Logo se Vê”, como lhe chama André Cunha Leal.

E querer, acima de tudo, porque neste caso querer será um dever.

ANDRÉ CUNHA LEAL – A Antena 2, se quiser gravar ou transmitir uma ópera do S. Carlos, tem de ter alguém que vá ver todos os direitos que existem, e fazer contas. Feitas as contas, a Antena 2 não tem esse dinheiro. Portanto, tinha de ser uma decisão de grupo. Tinha de ser uma opção do Grupo RTP tornar a ópera num projecto relevante. O acompanhamento da actividade da OpArt. No fundo estamos a falar do OpArt porque não é só ópera, é também a Orquestra Sinfónica Portuguesa – se bem que com a Orquestra conseguimos fazer de outra maneira porque não há todos os direitos conexos duma ópera. Mas a maior parte, o que diz respeito às óperas, tinha de ser uma decisão do grupo. Tinha de ter a administração a dizer “Está aqui uma verba, vamos rever o protocolo, e a partir de agora a Antena 2 volta, como fez todos os anos, a transmitir todas as óperas do S. Carlos. Também não são muitas, a verdade é essa, que o país não tem muito dinheiro. Mas pelo menos as seis ou sete que há, que pelo menos a Antena 2 tivesse meios para as gravar e transmitir e fazer chegar a todo o país.

JPG / Loc. – Tudo isto se torna tanto mais imperioso quanto a Antena2 é a única estação de rádio que passa ópera.

ANDRÉ CUNHA LEAL – Exacto. A não ser a Antena 2 Ópera, que é um produto da Antena 2, não conheço nenhuma outra estação que transmita. Aliás, a Antena 2 transmite regularmente óperas aos sábados e aos domingos. Por vezes podem ser oratórias ou grandes obras corais sinfónicas, no programa *Mezza Voce*. De Dezembro a meados de Maio, todos os sábados à tarde temos as transmissões em directo do Metropolitan Opera House. E de meados de Julho até meados de Setembro temos os Proms, onde também há ópera. Toda a restante oferta de ópera que nós temos é em diferido, muito embora seja também resultado de gravações de rádios nossas congéneres, das rádios públicas europeias e americanas que nos fazem chegar as suas gravações. E nisso temos uma sorte impressionante porque hoje está a ser gravada uma coisa pela RAI no Scala, amanhã podemos pôr no ar.

+ INDICATIVO MEZZA VOCE + PALMAS entusiásticas nos Proms (manter por baixo)

JPG / Loc. – A transmissão de Ópera aos fins-de-semana, na Antena2, permite momentos de grande intimidade e até mesmo de cumplicidade entre programadores e ouvintes, observa André Cunha Leal.

Vencendo enormes distâncias – pois os espectáculos vêm de míticas salas do mundo operático – no espectáculo de ópera da tarde do fim-de-semana a rádio cumpre-se no seu desígnio de ser amigável e íntima com o ouvinte.

ANDRÉ CUNHA LEAL – Estes momentos são momentos de profundo contacto directo com o ouvinte. Por exemplo, quando me perguntam: “Então, que Proms é que queres? E vais fazer em directo ou em diferido?” Eu digo, não, em diferido não quero. Quero tudo em directo. Porque o directo é o momento, O ouvinte está connosco, nós estamos ligados ao ouvinte e à sala, como se estivéssemos todos a espreitar pelo buraco da fechadura para a sala de espectáculos. Esse é um momento de profunda cumplicidade com o artista que está em palco, por um lado, e com o ouvinte que está em casa e que é o fim último da nossa transmissão. É importantíssimo continuarmos a alimentar isto.

Acontece que aos fins-de-semana encontramos aqui muitas vezes o Luís Caetano a trabalhar nos seus programas de fim-de-semana, e depois vem a ópera, que é de facto esse momento em directo.

JPG / Loc. – E ao contrário do que possam tentar fazer certas ideias feitas e preconceitos, os libretos da Ópera não pararam nas tragédias de antanho.

SOM – BANKISTERS

JPG / Loc. – Acompanham e reflectem os tempos.

ANDRÉ CUNHA LEAL – Eu lembro-me de ter transmitido óperas do John Adams, também em directo, do Metropolitan, que são autênticos documentários políticos. “Nixon in China”, o “Doctor Atomic”, onde basicamente somos enfiados dentro do laboratório de Openheimer quando se estão a fazer os testes em Los Alamos, para a primeira bomba atómica. E o John Adams estreia esta ópera na altura em que se estão a discutir as sanções ao Irão. E portanto não imaginam o ambiente político que esta ópera teve, e a sua transmissão. E isto é transmitido no Met, a principal sala americana, e quando acaba – e a ópera acaba numa forma impressionante – a tensão musical vai crescendo, até que às tantas há um silêncio, que corresponde ao primeiro teste, e depois do silêncio ouve-se uma voz em japonês que só pergunta “Onde é que estão os meus filhos, onde é que estão os meus filhos?” Isto é altamente angustiante. E ao mesmo tempo percebemos que o público do Met, que é altamente expansivo, demora quase um minuto ou dois a começar a aplaudir, como se estivesse ali um cubo de gelo no meio da sala. A ópera é também isto...

+ SOM Excerto Doctor Atomic

JPG / Loc. – O maior inimigo da difusão da Ópera pela Rádio, isto é, pela Antena2, foi um vírus praticamente analfabeto e completamente estúpido que deu pelo nome de austeridade.

SOM – BANKISTERS (Socorro, socorro, socorro...)

JPG / Loc. – E no País no qual o ignorante que inventou os concertos para violino de Chopin foi o mesmo que aboliu a Orquestra Sinfónica da RDP... a ópera pela Rádio é natural que tenho sido considerada uma extravagância dispendiosa. E zás!

ANDRÉ CUNHA LEAL – Quando eu entrei na Antena 2 nós trabalhávamos com três técnicos em estúdio, neste momento só temos a Ana Almeida. Isto já diz tudo, Nós estamos todos a trabalhar em [estúdios] auto-operados, basicamente – exceptuando os colaboradores que, obviamente, têm de ter o acompanhamento de um técnico e dum assistente. E isto é a realidade da casa, ou seja: não é só o automatismo que hoje em dia é possível com os nossos programas.

JPG / Loc. – O Invasor Ocupante chamado Troika tinha, para além de um Programa, ódios de estimação: um deles era a Rádio.

Falava-se-lhes de cultura... e puxavam logo pela pistola.

ANDRÉ CUNHA LEAL – Esta casa levou muito, esta casa foi uma das principais vítimas da Troika. Quis-se acabar com esta casa, não nos esqueçamos disso! E depois há coisas que não se recuperam de um dia para o outro. Destruir é fácil, mas depois reconstruir é muito mais difícil. Tenta-se, no dia-a-dia. Nós – tenho que dizer o João

Almeida, claro, e a própria administração eu creio que tem sensibilidade para isso, mas é muito difícil reconstruir o que se perdeu. Nós fazíamos regularmente a Folle Journée, de Nantes. E iam dois técnicos, porque era transmissão portuguesa, e uma equipa da Antena 2 que incluía no mínimo dois apresentadores. Neste momento isso é totalmente impossível. E tem a ver com aquilo que nós todos sabemos. Esta casa levou muito...

JPG / Loc. – Com o Verão no Calendário e os Proms – os Concertos Promenade da BBC – em programa, há grande música para viver e ouvir na Antena2.

SOM PROMS 1 (manter por baixo)

JPG / Loc. – André Cunha Leal, programador de Ópera da Antena2, avisa que há programação a não perder.

ANDRÉ CUNHA LEAL – A última noite dos Proms é sempre a mais aguardada, e é sempre das emissões mais complexas de se fazer...

P – Porque liga a vários sítios.

ACL – Exacto. Liga a vários sítios, liga a vários parques, é um ritmo alucinante. Nós achamos que temos tempo para dizer a informação e não temos tempo nenhum. E depois nós não temos um monitor, não estamos a ver o maestro, portanto há sempre aquele risco de “pisar” a música, que nós esperamos que nunca aconteça... Aí dava muito jeito o assistente para estar absolutamente dedicado à audição do que vem da BBC. É uma das emissões mais impressionantes que eu faço. Mas depois toda a recta final dos Concertos Promenade é um espanto porque cada vez mais os Proms têm orquestras convidadas – e estamos a falar da Filarmónica de Viena, da Filarmónica de Berlim, estamos a falar das maiores do mundo – e por norma há uma concentração nos últimos 15 dias dessas orquestras. E a Antena 2, geralmente, a partir do dia 11 de Setembro é non-stop: é todos os dias, os Concertos Promenade em directo do Royal Albert Hall

+ SOM PROMS2 (intervenção de ACL a partir de Londres)

FICHA+ INDICATIVO FINAL

Programa 56 – 20.Jul.2018

A Rádio também mete férias. A programação no mês de Agosto e a prevenção para situações de emergência.

Cortina – Banda sonora “As Férias do Sr. Hulot”

JPG / Loc. – Este tapete musical não é bem um tapete, é antes uma toalha de praia.

Porque do que se trata nesta edição do programa do Provedor é de férias.

A toalha musical, que se estende à beira de praias de música, é a banda sonora do filme de Jacques Tati *As Férias do Sr. Hulot*, música de Alain Romans.

As férias começam com o Sr. Hulot, uma mala em cada mão, cachimbo na boca, a tentar identificar-se na recepção do *Hotel de la Plage*, balbuciando uma palavra que tropeça no cachimbo.

O recepcionista lá lhe extrai o cachimbo da boca e o Sr. Hulot diz então a única palavra do seu papel:

SOM – Hulot

JPG / Loc. – Hulot deu entrada no Hotel, está de férias, como bem precisa quem trabalha o ano inteiro. A Rádio do Serviço Público também vai de férias.

RUI PÊGO – O que nós temos vindo a fazer ao longo do tempo que é alguns conteúdos e alguns programas de autor deixam de ser emitidos no Verão, nalguns casos há reposições – os autores escolhem os melhores momentos desses conteúdos ou programas e são repostos durante o período do Verão – e há outros que pura e simplesmente param mesmo: aqueles que têm alguma relação com a actualidade, esses param mesmo durante este período. Como o programa do Provedor do Ouvinte, por exemplo...

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – A Rádio do Serviço Público mete férias mas está preparada para o que der, e vier.

E até já está equipada este ano com algo de que não dispunha no ano passado.

Os novos meios móveis de reportagem já chegaram.

O Director-adjunto de Informação, José Guerreiro, diz que o objectivo é assegurar a ligação com os repórteres.

SOM DE FUNDO – “Here Comes the Sun” (manter)

JOSÉ GUERREIRO – Os meios técnicos estão a ser reforçados, justamente para garantir a ligação em directo com os repórteres.

JPG / Loc. – Reforço de meios técnicos na Informação, prevenindo situações de emergência durante o Verão.

De resto, a Informação da Rádio também suspende programas em Agosto mas diz-se atenta e pronta a intervenções de emergência.

JOSÉ GUERREIRO – Durante as férias, sobretudo durante bo m~es de Agosto, vamos suspender alguns programas de informação, como normalmente sucede nesta altura do ano. Todos os programas informativos da Antena 1 regressam a partir da segunda semana de Setembro.

JPG / Loc. – A par de novos meios móveis de reportagem, para que a Rádio recupere a velocidade de informar, a Antena1 está também prevenida, apesar das férias, para situações de emergência, anuncia o director, Rui Pêgo.

RUI PÊGO – Criámos um plano de emergência para o caso de acontecer alguma coisa como aconteceu num passado recente. Isso não voltará a acontecer seguramente porque qualquer que seja a catástrofe que se perfile esse plano será executado, e portanto a antena estará imediatamente disponível para tudo aquilo que for necessário fazer em termos de acções de apoio às populações.

JPG / Loc. – As estações de Rádio do Serviço Público vão poupar energias para ganharem fôlego para nova época.

Programação mais leve, durante o mês de Agosto, mas mantendo na Antena1 o perfil da estação.

RUI PÊGO – A gente mantém, obviamente, os noticiários de topo da hora, o desporto, o trânsito, esse tipo de conteúdos que são a estrutura da própria rádio, e alguns conteúdos em relação aos quais temos obrigações legais, como A Fé dos Homens, como a obrigação da eucaristia – não temos a obrigação legal, mas habitualmente transmitimos – e outros programas que, sendo programas de autor, faz sentido manterem-se: ou porque são programas eminentemente musicais ou porque se adaptam àquilo que é este +período mais distendido da vida das pessoas, com menos obrigações horárias, e e por aí fora.

JPG / Loc. – Os grandes programas de actualidade metem férias – e esse será o caso da entrevista de Maria Flor Pedroso –, haverá mais música no ar mas a Antena1 não esquecerá o seu perfil. E em matéria de música, na Antena1, em Agosto, vão para o ar em reposição os grandes concertos gravados ao longo do ano.

RUI PÊGO – O que nós costumamos fazer todos os verões é uma linha de programação com reposição dos concertos... Nós gravamos ao longo do ano cerca de 50 ou 60 concertos de músicos portugueses – portugueses e lusófonos, também – e portanto esse acervo é normalmente programado para ser repostos neste período d«e Verão. A partir de final de Julho, mais ou menos, e durante todo o Verão até Setembro, nós emitimos esses concertos.

JPG / Loc. – Mais música pela manhã, também mesmo nas Antena2. É verdade. A Antena 2 não vai ter programação específica para o período do Verão.

Mas a Antena2 terá necessariamente programação por motivos de férias, explica o director, João Almeida.

JOÃO ALMEIDA - Quando o Programa da Manhã não é realizado pelo Paulo Alves Guerra, o programa fica um bocadinho mais “light”, mais ligeiro, mais musical. Alguns ouvintes queixam-se de palavra a mais no programa da manhã – se bem que eu respondo

sempre que é da natureza desse programa ter entrevistas, ter uma agenda que tem a ver com a programação do dia. No Verão esse tipo de actualidade não é tão premente, e quando o Paulo Alves Guerra está de férias, o programa fica com bastante menos espaço de entrevista, portanto corre mais música.

JPG / Loc. – Outra baixa na Antena2 por motivo de férias será a de Luís Caetano.

Por força das férias do realizador, fica suspensa *A Força das Coisas*, como também “Um Certo Olhar”, “A Vida Breve”, “O som que os versos fazem ao abrir”, “A Ronda da Noite”...

JOÃO ALMEIDA – Todos esses programas são substituídos por outros, nomeadamente por um programa que nos tem permitido renovar bastante a antena, que é o Caleidoscópio. Porquê? Porque de três em três meses convidamos um autor a vir à Antena 2 e apresentar a sua ideia, que depois dura três meses. E com uma grande diversidade porque aparecem todos os anos pelo menos oito programas distintos, o que nos permite depois, quando é preciso fazer estas repetições, encontrar uma diversidade que é apesar de tudo recomendável quando se trata de repetições. Os programas do Luís Caetano são substituídos por Caleidoscópios.

JPG / Loc. – Para a Antena3, férias e Verão têm outra designação: Festivais.

O Director da Antena3, Nuno Reis, sublinha que os Festivais são uma aposta ... mesmo os Festivais de que a Antena3 não é parceira...

NUNO REIS – Ao longo do Verão, e numa operação que começa logo em Junho, a Antena 3 está muito envolvida com os festivais de Verão, que nos ocupam grande parte destes dois meses de emissão com muita transmissão ao vivo de concertos, com muita reportagem, muita presença nos vários festivais. Os mais fortes vão ser obviamente o Bons Sons e o Festival de Sines, depois marcamos presença em todos os grandes festivais, mesmo naqueles de que não somos parceiros. Gostava ainda de destacar que vamos ter emissões especiais no Douro Rock e no Indie Music Fest, que são dois festivais em que nós apostamos muito este ano.

SOM – *“Summertime”, por Miles Davis (manter por baixo)*

JPG / Loc. – Este tapete luxuoso de música sobre o qual pisam agora as minhas palavras foi composto por George Gershwin para abertura da Ópera *Porgy and Bess*, estreada em 1935.

Podia ter escolhido uma das outras 25 mil versões gravadas de *Summertime*, para sublinhar que falámos do Verão neste programa, mas a versão de Miles Davis pareceu-me mais elegante.

E significava de que não estávamos a falar da estação parva, o que algumas musiquinhas usadas na sonorização podiam fazer crer, mas da temporada mais quente do ano, durante a qual maior número de pessoas vai de férias.

E o Serviço Público da Rádio também mete férias, como acontece por exemplo com o programa do Provedor.

SOM – *“Óculos de Sol”, de Natércia Barreto*

+ FICHA

+ **SOM** – *“Verão”, Carlos Mendes*

INDICATIVO FINAL

Programa 57 – 27.Jul.2018

A queda de Salazar 50 anos depois. Uma efeméride reconstruída e recontada com material do Arquivo Histórico da RDP.

CORTINA – Batuque Fúnebre (“Suite Colonial” de Frederico de Freitas). Orquestra Sinfónica Nacional

JPG / Loc. – Há meio século, uma cadeira entrou na relação dos adereços que fizeram história em Portugal.

Era uma simples cadeira de lona, de armar e desarmar.

O facto histórico é que em Agosto de 1968 António de Oliveira Salazar caiu da cadeira.

A rádio só entrou na crise mais de um mês depois do tombo, quando Salazar se rendeu aos médicos.

RM 01 - Boletim clínico sobre Salazar 1

+ INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – As fontes dividem-se: há quem escreva que aconteceu a 3 de Agosto; há quem diga que foi a 1 de Agosto.

O Século Ilustrado chegou a escrever que foi a 5 de Agosto, Dia de Nossa Senhora das Dores.

A verdade é que a data de 1 de Agosto tem uma fonte documental a seu favor, uma carta de Augusto Hilário, enfermeiro-calista do presidente do Conselho.

“Peço a Deus, senhor presidente, que nenhuma consequência tenha havido com tão tremenda queda ...” fim de citação, assina o calista, com data de 1 do oito de 68.

Nesse dia, munido do Diário de Notícias de Augusto de Castro, para se informar sobre o que já sabia, Salazar deixou-se cair na cadeira do calista, mas caiu para trás e bateu com a cabeça.

Também aqui as fontes divergem: deixou-se cair e a cadeira cedeu, dizem uns; deixou-se cair e a cadeira não estava lá, avançam outros.

O calista assistiu a tudo e voltou ao fim do dia ao Forte de São João do Estoril para deixar uma palavra de conforto ao mais ilustre dos homens aos quais tratava dos pés.

A História mistura-se com a pequena história e o jornalista Fernando Dacosta conta que a cadeira fatídica foi lançada ao mar por Dona Maria de Jesus, a fiel governanta do governante.

Não há notícias em cima do acontecimento.

Só passado mais de um mês, em 7 de Setembro, saíram as primeiras novidades e foi na rádio, na Emissora Nacional.

Depois os boletins clínicos passaram a ser de rotina.

RM 02 - Boletim clínico sobre Salazar 2

JPG / Loc. – Franco Nogueira conta, no VI volume da biografia de Salazar, que o presidente do Conselho impôs segredo sobre o trambolhão e nem quis que chamassem os médicos.

E a 19 de Agosto, o presidente do Conselho assistiu no Palácio de Belém, sem palavras, à posse do último Governo a que presidiu.

José Hermano Saraiva arcou com a pasta da crise estudantil; Bettencourt Rodrigues sobraçou a pasta das carreiras do Exército sem imaginar que tinha nas mãos a génese do MFA.

O presidente do Conselho estava visivelmente mal disposto na cerimónia de 19 de Agosto. Acabou por ser levado para o Hospital da Cruz Vermelha, para internamento e cirurgia.

Salazar viajou de Cadillac, com o médico assistente ao lado.

Quem ocupou o lugar do morto foi o director da PIDE.

Em camioneta fretada, seguiu mais tarde para a Cruz Vermelha a poltrona preferida de Salazar, segundo revelou ao Diário de Notícias a fiel governanta, Maria de Jesus, Dona Maria.

Notícias informais diziam que Salazar se sentava e caminhava no quarto; e o ministro do Interior até revelou que fora possível fazer-lhe a barba.

Mas o primeiro boletim clínico saiu e excedeu-se, segundo a avaliação do regime, ao falar em hematoma.

A partir daí a saúde do presidente do Conselho passou a ter que passar pela Censura.

RM 03 – NOTÍCIA DA E.N. – lida por Pedro Moutinho

JPG / Loc. – Os neurocirurgiões não viram com bons olhos os cortes da tesoura da Censura.

E a equipa que se debruçava sobre o leito de Salazar passou a mudar com frequência de constituição.

RM 04 – COMPOSIÇÃO EQUIPA MÉDICA

JPG / Loc. – E até chegaram reforços:

O professor Houston Merritt acercou-se da cabeceira do presidente do Conselho como prova da amizade dos Estados Unidos.

RM 05 – SOM – CHEGADA DE HOUSTON MERRIT

JPG / Loc. – Na Cruz Vermelha tinha começado o corrupio das visitas: Américo Tomás, o Cardeal Cerejeira, Henrique Tenreiro, os representantes da África do Sul, da Rodésia e do Biafra.

O Papa e o generalíssimo Franco mandaram votos de rápido restabelecimento.

Os jornalistas acantonavam-se de piquete no átrio e no exterior do Hospital.

E a repórter fotográfica Beatriz Ferreira, de O Século, subiu pela escada de serviço até ao sexto piso, mas foi interceptada pela PIDE já à porta do quarto 68.

Entretanto, os atrasos que Salazar tinha imposto à prestação de cuidados médicos principiavam a cobrar juros na saúde de um homem de 79 anos.

E assim começaram as complicações.

RM 06 - Boletim clínico sobre Salazar 3

JPG / Loc. – Chegou a esperar-se o pior desfecho.

Em 19 de Setembro de 1968, a Emissora Nacional tinha pronta a crónica de uma morte anunciada... que não chegou no entanto a ir para o ar.

RM 07 –SALAZAR MORREU (curto)

JPG / Loc. – Obituário pronto na Emissora Nacional não chegou a ir para o ar mas ficou em arquivo.

Mas o cenário a meio de Setembro foi de desenlace iminente.

“O Presidente do Conselho luta contra a morte”, tituló o Diário de Lisboa.

“Temos que nos conformar com a vontade de Deus”, rezou a irmã solteira de Salazar, Maria do Resgate.

Em intenção de Salazar já havia missas encomendadas.

RM 08 – ANÚNCIO MISSAS POR SALAZAR

JPG / Loc. – Em 25 de Setembro de 1968, o almirante Américo Tomás foi informado pelos médicos de que "a vida política de Salazar estava terminada".

Tomás começou as consultas para nomear novo governo.

E a 26 de Setembro de 1968, com lágrimas na voz, Américo Tomás disse ao País as palavras que ele próprio, como muitos milhares de outros portugueses, jamais pensariam dizer ou ouvir: a exoneração de Salazar.

RM 09 – EXONERAÇÃO SALAZAR, por Américo Tomás (final)

JPG / Loc. – A 5 de Fevereiro de 1969 – cinco meses após a entrada na Cruz Vermelha – Salazar teve alta hospitalar e regressou à residência oficial de São Bento, acenando adeuses para as câmaras de televisão.

Oito meses mais tarde, a Defesa Nacional pagou a conta do internamento e operação de Salazar na Cruz Vermelha: 4 milhões de escudos.

Em 28 de Abril de 1969, Salazar completou 80 anos de idade: tinha passado metade da vida à frente do Governo.

Nesse dia, o aniversariante falou ao País pela RTP.

RM 10 – SALAZAR – Último discurso

JPG / Loc. – Salazar voltou a aparecer em público, em 26 de Outubro de 1969, no Cadillac da Presidência do Conselho, com Dona Maria de Jesus a seu lado, no banco de trás.

Nesse dia, Salazar foi às urnas: votou para a Assembleia Nacional na congregação eleitoral da freguesia da Lapa.

Votou no automóvel, onde esperou, com o voto na mão, que lhe trouxessem a urna ao carro.

Dona Maria tirou-lhe então o voto da mão e deitou-o na urna.

Exonerado do cargo de Presidente do Conselho, Salazar conservava todas as honras inerentes ao cargo: o título de Presidente, embora de coisa nenhuma, e a residências oficial.

E foi nos jardins de São Bento, que Salazar concedeu ao jornal francês L'Aurore a entrevista que saiu publicada a 9 de Setembro de 1969.

Salazar acreditava que continuava a chefiar o Governo e lamentava que Marcelo Caetano não quisesse fazer parte da equipa.

“Para pesar os acontecimentos, é necessário estar no Governo”, sentenciava Salazar na entrevista a L'Aurore.

E esclarecendo em definitivo o jornalista francês: “O senhor sabe que ele [Marcelo Caetano] não faz parte do Governo”.

RM 11 – SOM MARCELO CAETANO

JPG / Loc. – Salazar sobreviveu dois anos à crise resultante da queda da cadeira.

Em 15 de Julho de 1970 foi acometido de grave doença infecciosa.

O “desenlace fatal” – escreve o Século Ilustrado – deu-se pelas 9 horas e 15 minutos de 27 de Julho.

As estações de rádio tiveram que esperar 3 horas que a Censura libertasse a notícia que, entretanto, corria o mundo.

“O Presidente Salazar Morreu serenamente”, escreveu O Século citando como fonte “uma serviçal de São Bento”.

Foi a enterrar a 30 de Julho de 1970, viajando o corpo de comboio de Lisboa para Santa Comba Dão.

Ficou sepultado em Santa Comba no Cemitério do Vimeiro.

RM 12 – COVEIRO DE SALAZAR – Descrição da campa

+ CORTINA – Batuque Fúnebre (Suite Colonial)

Loc /JPG – Sons do Arquivo Histórico da Radiodifusão Portuguesa.

Senhor Vicente, coveiro do cemitério do Vimeiro, Santa Comba, entrevistado por Adelino Gomes e João Paulo Guerra, em Julho de 1972.

Batuque Fúnebre da Suite Colonial, de Frederico de Freitas, Orquestra Sinfónica Nacional, gravação dos Serviços Técnicos da Emissora Nacional, estúdios de Barcarena, 1938.

+ FICHA + INDICATIVO FINAL

Programa 58 - 14 Setembro 2018

Monsanto, Prix Europa, Caeiro

Cortina – Summertime (instrumental)

JPG / Loc. – No Verão, veremos. E a verdade é que vimos.

O oitavo mês do ano foi a gosto dos ouvintes e da própria rádio.

Nos primeiros dias de Agosto foram finalmente ligadas as novas antenas à nova torre de Monsanto, abrindo caminho ao restabelecimento da normal cobertura da região da Grande Lisboa e da margem sul do Tejo.

Entretanto, ao longo do mês foram conhecidas três nomeações portuguesas para o PRIX EUROPA - categoria de rádio!

Duas grandes reportagens e duas grandes repórteres e ainda uma rádio online são os nomeados; todos do Serviço Público.

As notícias não são boas nem más: são apenas notícias.

Mas estas notícias deixam felizes todos os que amam a rádio, os que contribuíram para estes sucessos e os ouvintes.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Ao longo de seis meses, as emissões da Rádio do Serviço Público para a região da Grande Lisboa funcionaram com potência reduzida e direcção condicionada.

Um calvário para sintonizar as estações da Rádio do Serviço Público na maior concentração do País de reais e potenciais ouvintes.

A culpa foi da Tempestade Ana, que se abateu sobre o Portugal em Dezembro do ano passado.

O mais estranho é que a própria Rádio não deu notícia da sua temporária debilidade.

A não ser no programa do Provedor e dos Ouvintes.

“Em Nome do Ouvinte” deu voz aos homens que nem sequer tinham rosto: os valentes homens invisíveis que sobem às torres das antenas para ligar a rádio onde antes deles só há o silêncio.

Vítor Fernandes [VF]– Quando há um programa fala-se no jornalista, no operador de áudio, mas não se fala das outras pessoas que estão por trás. Porque sem as ondas de rádio frequência não era possível chegar ao país inteiro e essas não se vêem. E nós somos iguais: também não nos vêem, mas nós existimos e trabalhamos com uma dedicação muito grande para esta empresa porque gostamos daquilo que fazemos. Muitas vezes sentimos um pouco de injustiça por ninguém reconhecer esse trabalho.

JPG / Loc. – Nos dias 31 de Julho e 1 de Agosto a valentia dos Homens Invisíveis voltou a dar nas vistas:

Desta vez treparam à força de braços e pernas a uma torre de 72 metros, erguida nas instalações da Marinha Portuguesa, em Monsanto, para dispor 12 novas antenas do Serviço Público de Rádio.

Estes homens já não são invisíveis; e têm identidades.

VF - Eu, Vítor Fernandes, e Pedro Mendes - somos aqui de Lisboa. Estão dois colegas nossos de Coimbra: Júlio Oliveira e Vítor Pimenta. E está um colega do Porto, o José Carlos Santos. Somos a equipa da RTP. Depois contratámos fora uma equipa para nos ajudar na instalação da antena, porque não tínhamos elementos suficientes.

JPG / Loc. – Uma nova torre e 12 novas antenas vão permitir o regresso à normalidade da escuta da Antena1, Antena2, Antena3 e RDP África na região da Grande Lisboa.

As condições de captação dos sinais da rádio do Serviço Público na Grande Lisboa, incluindo a margem sul do Tejo, voltam assim à normalidade e em melhores condições do que as anteriores:

Mais potência, melhor direcção, menos consumo de energia.

Os ouvintes vão dar pela diferença.

Muito já se fez.

VF - Temos uma torre nova de cerca de 70 metros. É uma antena de 12 elementos, 6+6. No caso duma anomalia podemos colocar só metade da antena no ar e reparar a outra. Tem essa versatilidade em relação à anterior: permite numa situação de avaria em vez de ter a emissão em baixo podemos reparar a parte que está avariada e manter no ar a parte que está OK. Mudámos a filosofia: tínhamos um sistema de reserva activa e passámos a reserva passiva. Temos um emissor principal a trabalhar e temos um segundo para cada programa que no caso de avaria comuta. Ficámos altamente redundantes e; à partida se Deus quiser as falhas vão ser mínimas em termos de emissão aqui no Monsanto.

P - E a qualidade?

VF - A qualidade vai melhorar.

P - Os Ouvintes vão dar pela diferença?

VF – Não tenho dúvida nenhuma de que vão dar pela diferença. Como se costuma dizer na brincadeira, vão achar que isto agora ficou mais limpinho.

P - O que aqui se está a passar é uma solução definitiva?

VF – É uma solução definitiva, garantidamente. Esta parte da antena é uma situação ideal em termos dum centro emissor desta importância. Tem mais ganho, em relação à anterior antena, o que permite emissores de menor potência. O consumo energético vai baixar. Portanto, mantendo a mesma cobertura gastamos menos energia. Apesar de manter os emissores, a filosofia mudou completamente: toda a parte de cablagem, o telecontrole, foi tudo mudado. Estamos a passar cabos novos, é tudo novo, a linha rígida, o triplexer, foi tudo mudado. Agora vamos fazer medidas, em termos de campanha, para verificar o que estava anteriormente e o que vamos ter agora - e ver se a

cobertura se de facto ficou. Nós esperamos que sim, mas há sempre nuances que às vezes nós não prevemos e que só no terreno, medindo, é que temos a certeza.

JPG / Loc. – E as medições efectuadas após a instalação das novas antenas confirmam que os primeiros objectivos foram alcançados.

O Provedor do Ouvinte, que ao longo do ano acompanhou e divulgou com preocupação a situação técnica da Rádio do Serviço Público, alegrou-se ao poder anunciar que a crise aberta no centro de emissores de Monsanto encontrou resolução.

Esfoço de investimento, obedecendo às normas morosas da burocracia;

Persistência de membros da direcção técnica;

Dedicação e competência de técnicos altamente preparados e totalmente dedicados...

Há mais a fazer mas os técnicos da RDP sabem o caminho.

VF – É evidente que ainda poderá melhorar mais, se tivermos dinheiro no futuro... Os emissores estão a funcionar bem... Muitas vezes contratamos fora porque somos poucos, não é porque não sabemos fazer...

JPG / Loc. – Já depois das novas antenas em Monsanto, outra novidade foi a chegada dos novos meios móveis de reportagem.

Os novos meios entraram em campo no recente jogo de futebol Portugal – Croácia.

Grande reforço para as equipas de exteriores da Rádio do Serviço Público.

RM – Paulo Sérgio (Relato de jogo)

JPG / Loc. – Boas notícias a gosto, no mês das férias.

Entre Agosto e Setembro foi-se sabendo:

A grande reportagem "Frente de Fogo", da jornalista Isabel Meira, foi nomeada para o PRIX EUROPA - categoria de rádio!

RM Excerto reportagem de Isabel Meira, "Frente de fogo" (Fazer aquela estrada vai ser muito importante para mim... não foi ali que o fogo me levou...)

JPG / Loc. – A grande reportagem "Jamaika também é Portugal", da jornalista Rita Colaço, também foi nomeada para o PRIX EUROPA na categoria de Rádio-Actualidade.

RM - Excerto reportagem de Rita Colaço, "Jamaika também é Portugal" (rap – Acho que o que há aqui é um crime...)

JPG / Loc. – E a Rádio ZIG ZAG foi nomeada por um júri internacional para "Melhor Audio Digital do Ano"!

RM – Jingle Rádio Zig Zag (Eu digo e pronto! Adultos, porque é que não deixam as crianças dizer a palavra bué?)

JPG / Loc. – Quer isto dizer: há mais candidatas e candidatos da Rádio portuguesa a Prémios Europa...

Do que clubes portugueses de futebol na Liga dos Campeões.

O alarido é que faz a diferença.

A RTP para além de três programas de rádio tem ainda 2 títulos de televisão candidatos aos Prémios Europa.

RM – Igrejas Caeiro Companheiros da Alegria (jingle musica)

JPG / Loc. – Um caso levantado pelo Provedor em Maio do ano passado, respondendo a denúncia apresentada por um ouvinte, está ter desenvolvimentos.

Entre Julho e Agosto houve desenvolvimentos quanto à questão da casa que foi de Igrejas Caeiro e de Irene Velez, no Alto do Lagoal, Caxias.

A Fundação Marquês de Pombal, presidida por Isaltino Morais, herdeira da casa de Igrejas Caeiro, pretende fazer da mansão um estabelecimento de alojamento local com 7 quartos.

Nos termos do testamento, a casa foi legada à Fundação Marquês de Pombal para ali funcionar uma Casa Museu com o nome de Igrejas Caeiro.

RM – ISALTINO MORAIS – Isto não é uma casa museu...

P – Mas devia ser, não é?

IM – Mas não vai ser. Não vai ser uma casa museu porque não há dinheiro para ser uma casa museu.

JPG / Loc. – Em 18 de Agosto a Polícia Judiciária começou a ouvir testemunhas para um processo sobre a transformação da Casa Igrejas Caeiro.

O Ministério Público determinou que o caso fosse investigado.

Também em Agosto passado, o Diário da República publicou o anúncio da abertura do procedimento de classificação da Casa Igrejas Caeiro, pela Direção-Geral do Património Cultural, incluindo o património móvel integrado e jardim.

RM – ISALTINO MORAIS – Os arquitectos sabem como essas coisas são. Não é isso que vai impedir qualquer classificação... A classificação é com a Câmara Municipal.

RM – Indicativo Companheiros da Alegria – “...Uma nota de 500 não se pode deitar fora...”

JPG / Loc. – Isaltino Morais, presidente da Fundação Marques de Pombal e da Câmara de Oeiras, tem planos para o que Igrejas Caeiro sonhou vir a ser uma Casa-Museu...

O que Isaltino vê no futuro da casa designa-se Alojamento Local.

ISALTINO MORAIS – Isto é paradisíaco... Esta encosta do Lagoal é de facto uma coisa do outro mundo...

JPG / Loc. – Nem tudo foram sonhos, nas noites deste verão.

Também houve pesadelos para as manhãs da rádio.

Pela primeira vez em muitos anos, António Macedo não volta às manhãs da Antena1, após as férias de Verão.

Queixas ao Provedor dão conta de que há ouvintes que não esquecem.

Entretanto, a Rádio do Serviço Público também não terá conseguido manter um outro grande activo da Antena1 e Antena3 que foi Bruno Nogueira nos últimos dois anos.

Bruno Nogueira despediu-se dos ouvintes em Junho de um modo que configurava um imenso adeus...

RM Bruno Nogueira último Mata Bicho 29 Junho - Hoje é dia de despedidas. O Mata Bicho despede-se hoje ... A partir de segunda-feira vou andar por aí a torrar a massa do subsídio de férias. Eu detesto despedidas, portanto vamos só aflorar o tema despedida e vamos fingir que não se passa nada e que segunda cá estou para piaçabar os vossos canais auditivos.

Loc /JPG – Para responder a ouvintes que viam nas palavras de Bruno Nogueira uma despedida sem regresso, o Provedor do Ouvinte pediu explicações aos directores da Antena3 e Antena1.

O Director da Antena3 respondeu ao Provedor que “nos planos da Antena 3 e 1, a rubrica assinada pela dupla Bruno Nogueira e João Quadros iria regressar no início de Setembro”.

No entanto, no início do mês de Agosto, Bruno Nogueira entrou em contacto com Nuno Reis para comunicar que “tinha recebido um convite para iniciar um novo projecto e estava com vontade de aceitar esse desafio.”

E acrescentou o Director da Antena3:

“Ainda tentámos evitar a saída, [de Bruno Nogueira] mas tal não foi possível.”

RM Bruno Nogueira Mata Bicho de 29 Junho, final - Adeus, o prazer foi meu, está bem?

Loc /JPG – Para despedida, Bruno Nogueira escreveu no Facebook que as temporadas na Antena1 e Antena3 foram “dois anos numa rádio com uma liberdade e gana de arriscar invejáveis”.

E ponto final. O Serviço Público de Rádio deixou escapar mais um trunfo no jogo das audiências.

Recordo palavras do Director da Antena1, para o programa do provedor, a propósito de Bruno Nogueira e do Mata-Bicho:

“O programa Mata-bicho e o seu autor constituem um claro sucesso de público, nas antenas da rádio como na web”.

RM - RM Mata Bicho de 29 Junho, final – Adeus

FICHA + INDICATIVO DE FECHO

Programa 59 – 21 Setembro 2018

Reentradas e outras novidades

Som de arquivo – anúncio de nova grelha para a Antena 1 (1982) – Novos Programas na Antena 1. Uma rádio diferente. Uma alternativa para os tempos livres. Uma outra forma de comunicar.

JPG / Loc. – Eu ainda sou do tempo em que Setembro tinha música de circunstância, beberetes e croquetes servidos com as novas grelhas da rádio.

Depois, a austeridade cortou nos croquetes mas as grelhas continuaram a servir novidades em Setembro, nas reentradas.

Hoje em dia, e tal como diz um director de uma das rádios do Serviço Público, grelhas e reentradas deixaram de fazer sentido.

Mas, para o director de outra das antenas, terminadas as férias continua a mandar a tradição que a “rentrée” – em francês no original – traga novidades e refrescamento às grelhas.

E um terceiro director admite mexer na grelha mas apenas lá pelo Ano Novo.

De maneira que a tradição já não será o que era e reentradas na grelha são quando um director quiser.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Há 13 anos, por esta quadra do ano, o Director da Antena1, Rui Pêgo, anunciava nova grelha de programação carregadinha de novidades.

- Sínteses informativas de meia em meia hora
- Reforço dos programas de autor
- Formatos sobre cidadania e memória da rádio

A memória era com efeito um mote em destaques da nova grelha da Antena1 para 2005.

Júlio Isidro, Jaime Fernandes, José Nuno Martins, José Ramos e eu próprio, João Paulo Guerra, iríamos revelar memórias deste meio, no programa "Reis da Rádio".

RM - Som de arquivo – excerto do programa Reis da Rádio

JPG / Loc. – Tributo à voz de José Ramos, rei da rádio que não chegou ao final do reinado. Fica a memória de um grande profissional.

E uma notícia da Lusa em página de jornal no Público de Novembro de 2005 anunciava as novidades da grelha de programas da Antena1.

Este ano, porém, a Antena1, a RDP África e a RDP Internacional, sob a mesma direcção, não têm prevista qualquer novidade substantiva para a tal “reentrada” – escreve Rui Pêgo ao Provedor, em resposta ao pedido de apresentação de novidades.

As novidades, se e quando existirem, terão um calendário próprio de apresentação – adianta o Director da Antena1.

Acrescentando que a apresentação de novidades na grelha deixou de se justificar e fazer sentido.

Som de arquivo – Gongó (Emissora Nacional)

JPG / Loc. – Para Nuno Reis, Director da Antena3, a tradição ainda é o que era.

NUNO REIS [NR] - Terminadas as férias manda a tradição que a rentrée traga novidades e refrescamento de programas às grelhas de programas das rádios e televisões.

JPG / Loc. – A Antena3 não meteu férias pelo Verão, época de Festivais em que a Alternativa Pop aposta.

E após a quadra dos Festivais, a 3 põe as grelhas ao lume.

NR - A partir de Setembro a Antena3 altera da sua grelha de programas diária, com a passagem da Isilda Sanches para o painel 10/13h, o Rui Estevão para o horário 13/16h, e o Tiago Ribeiro passa a animar o final da tarde entre as 16 e as 19.

JPG / Loc. – Mas quanto ao elenco da Antena3, Nuno Reis teve que haver-se com inesperada mudança no cardápio:

É que a Antena3, como a Antena1, deixou de servir o Mata-Bicho.

NR - A saída do Bruno Nogueira e o conseqüente final do Mata-Bicho abre espaço para novos conteúdos de humor nas manhãs da 3. Portanto, aos humoristas do Portugalex junta-se o humorista Manuel Cardoso com o seu “Pão para malucos”, que vai para o ar às terças às 9 e 20. E em breve mais nomes se virão juntar.

JPG / Loc. – Com ou sem Mata-Bicho a vida continua na Antena3.

NR - Neste mês de Setembro teremos operações especiais em tornos dos 25 anos do derradeiro álbum dos Nirvana. Iremos olhar com a tenção especial o regresso dos U2 a Portugal. São duas das emissões especiais que temos planeado para breve na Antena3. Mas nem só de rádio vive a Antena3. No Online também teremos muitas novidades, incluindo a estreia de um documentário produzido pela estação dedicado à carreira dos Pop Dell'arte.

Som – excerto do documentário sobre os Pop Dell'arte

JPG / Loc. – A Antena2 anuncia vida nova com o ano novo.

Mas, de imediato, a 2 comunica dois programas em estreia.

João Almeida [JA] - No ciclo Caleidoscópio: são programas trimestrais, que envolvem autores convidados pela Antena2. Da autoria de Pedro Nunes, As Mulheres de Puccini - o mundo da ópera de Puccini e as suas personagens femininas. E o outro Caleidoscópio abordará A revolução silenciosa de João Domingos Bomtempo, com realização da pianista Gabriela Canavilhas. Foi Ministra da Cultura, dirigiu a AMEC - instituição que integra a Orquestra Metropolitana de Lisboa -, e vai abordar o legado de

Domingos Bomtempo neste programa. Gabriela Canavilhas já interpretou Bomtempo em edições discográficas e chegou a vez de nos mostrar um pouco dessa herança fundamental do período clássico neste programa, o Caleidoscópio.

JPG / Loc. – Esta é, para já, a novidade de uma Antena, a 2, que promete mais novas para Janeiro. No imediato a Antena2 retomou apenas o seu perfil habitual.

JA - Depois do Verão a Antena 2 retoma o seu perfil habitual. Há poucas alterações. Uma é a saída da grelha do programa Um Certo Olhar, programa de debate com realização de Luís Caetano. No lugar desse programa, na sexta à noite prossegue A Ronda da Noite. Era de segunda a quinta e passa a ser de segunda a sexta, das 11 à meia-noite. Depois, no domingo às 10 da manhã e na segunda-feira às 5 da tarde, em que o programa Um Certo Olhar era repetido, entra um programa de arquivo, Prata da Casa, de António Ferreira, com música de autores portugueses. E de resto regressam as rubricas de autor, diárias e semanais.

JPG / Loc. – Resumindo e concluindo: este ano a Rádio não mexe ou pouco mexe nas programações.

Até parece que está tudo bem assim e que não podia ser de outra maneira, como dizia o outro.

Só para os ouvintes é que não é bem assim.

Talvez espicaçados pela banal programação de Verão e pela corriqueira playlist...

... E como têm o Provedor à mão, ao pé, e do pé para a mão, vá de se queixarem. E ainda bem que se queixam.

- A programação está mesmo muito mais pobre em todas as antenas ... opina um ouvinte.

- Não sei se é consequência da "silly season", se da playlist, a música está uma lástima... acrescenta outro.

- Estava habituado a uma antena com música ponderada e bem preenchida com música portuguesa. Não entendo o que se passou. Pimba e lamechas... resume um terceiro.

Som – medley com exemplos de músicas da playlist da antena1

JPG / Loc. – Convenhamos que a tentativa do Provedor de conhecer e tentar saber e apresentar aos ouvintes novidades sobre as grelhas de programação 2018/19 do Serviço Público de Rádio resultou um tanto frustrada.

A única novidade não é propriamente novidade.

O Director da Antena3, Nuno Reis, apresenta-a nestes termos:

NR - Nos próximos meses, como sempre, temos para ouvir, ver e ler na Antena3.

Música – Video killed the Radio Star (instrumental), The Buggles

JPG / Loc. – Recentemente, em entrevista ao jornal Público, o Presidente da RTP anunciou, na única referência que fez à Rádio, que a RTP vai reformular os estúdios da rádio com *visual radio*.

Visual radio, em inglês, sem acento no á e com adjectivo antes do nome: *Visual radio*.

E portanto ficamos vagamente a saber que num Serviço Público de Rádio que mal se ouve em parcelas do território, que vive preso por arames, sustentado essencialmente pela competência, a dedicação e a capacidade de improviso de trabalhadores para reparar avarias, uma Rádio que labora sem investimento, sem orçamento, a acudir a fogos e a tapar buracos, que é produzida em estúdios com equipamentos transplantados para o edifício de Marvila no primeiro quinquénio do século – alguns dos quais vinham ainda do Convento do Quelhas –, equipamentos agora em funções com mais vias avariadas do que as disponíveis nas mesas de emissão, com cadeiras que rangem em directo e para a gravação e portas que não interditam os ruídos exteriores, correndo mesmo o risco de pôr no ar conversas de corredor, uma rádio praticamente sem novidades para anunciar na programação...

Rádio na qual a grande novidade que aí vem, para os mais altos responsáveis da empresa, será a instalação de câmaras de vídeo em alguns estúdios para avançar com a mesmíssima programação, reduzida nos custos, no elenco, nos meios, para produção da chamada *visual radio*.

Música – Refrão da música Video Killed The Radio Star, The Buggles

Loc /JPG – No mesmo dia em que a RTP apresentou a grelha da televisão... o presidente da empresa foi ouvido na Comissão Parlamentar de Cultura e Comunicação.

E perguntado sobre investimentos, também falou sobre a rádio... de obras nos estúdios, cada vez mais de frente para câmaras de vídeo, de regularização do sinal.

Faz agora precisamente um ano que o presidente da RTP, Gonçalo Reis, em entrevista aqui, ao programa do Provedor, lançou no ar a promessa de uma discriminação positiva que protegesse a rádio.

RM - Gonçalo Reis - *Portanto, nós, se quiser, até, como tradicionalmente a televisão tem tido muitos meios, eu até diria que nós estamos a uma discriminação positiva para a rádio e para o Online, porque são meios que, nessa medida, têm de ser protegidos.*

Loc /JPG – A promessa da discriminação positiva para a rádio transformou-se num slogan e segue agora para 2019... desde que...

... Desde que cheguem, para a televisão, a rádio e a internet, 16 milhões de uma dívida do Estado que a RTP reclama e diz que está por pagar desde 2003.

RM – Gonçalo Reis na AR – *Começámos, senhora deputada Carla Sousa, com um novo investimento na rádio este ano, no segundo semestre, aprovado já por este Conselho de Administração, que é a renovação dos estúdios da rádio, que deve ser discriminada positivamente com potencialidades de visual rádio. Agora, o diagnóstico que já foi aqui falado, que é feito por todos os órgãos de supervisão e de fiscalização e de acompanhamento da RTP, todos. E está nos relatórios: do Conselho Geral Independente, do Conselho de Opinião, a própria Comissão de Trabalhadores pronuncia-se regularmente*

sobre isso, os Provedores – tanto do Ouvinte como dos espectadores -, pronunciam-se sobre isto. Há ‘N’ diagnósticos feitos. Nós agora estamos a tratar dos estúdios da rádio, mas a distribuição da rádio, do sinal, ainda tem que ser melhorada. Portanto, o programa de investimentos que nós temos previsto, e aqui deixe-me ser muito taxativo: enquanto que a CAV é uma opção que o Estado accionista soberano fará – nós limitamo-nos a dar informação de que legalmente isso é possível -, em termos de o aumento de capital que é devido, e reconhecido pela Comissão europeia, é um pressuposto e é, aliás, um pressuposto do nosso plano de actividades para executar o apetrechamento tecnológico.

Deputada Carla Sousa – Quanto?

GR – 2019!

[Deputada Carla Sousa clarifica: quanto e não quando]

GR – O remanescente, que é devido desde 2003. Eu vou repetir: desde 2003.

FICHA + INDICATIVO

+ Som de Arquivo – Conf. Imprensa apresentação da grelha em 1982 – É favor afastarem-se da porta!

Programa 60 – 28.Setembro.2018

Trânsito

Tapete – Banda sonora do filme Trafic, de Jacques Tati

JPG / Loc. – Li algures e em tempos que uma nave espacial sobrevoou a Terra para recolher informação sobre eventuais habitantes.

A nave voou sobre os mares, atravessou as montanhas, planou sobre as planícies, até que descobriu as estradas, pontes, viadutos, rotundas, as cidades.

A nave vinda de um planeta distante deteve-se a observar o movimento.

E concluiu que a Terra era habitada por seres metálicos ou metalizados, em formas de sólidos em geral mais compridos que largos, dotados de mobilidade e movendo-se sobre rodas, que queimavam oxigénio e praticavam sexo através de uma mangueira que introduziam nos próprios flancos.

Foi nesta figura que ficámos na fotografia: a Terra seria um planeta habitado por automóveis.

E sendo assim, já agora, vamos ver como está o trânsito.

Som – rábula à volta do trânsito, na Antena 3, com Inês Lopes Gonçalves: O trânsito na Antena 3 é aqui com a Inês e agora vou falar-vos do trânsito na A3.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Em Portugal, 65 por cento da população total tem carta de condução: 6 milhões e meio de condutores.

E estão matriculados perto de 5 milhões der automóveis.

Se andassem todos ao mesmo tempo o País parava.

Mas mesmo não circulando todos, agora que começaram as aulas, está aberta a confusão.

Som – Trilha trânsito Antena1

Som - Gaspar Loureiro: A partir das 5 da tarde a confusão vai ser generalizada.

JPG / Loc. – E é para ajudar a pôr alguma ordem na confusão e servir os ouvintes que a Antena1 tem o serviço de informação de trânsito.

Som- Sandra Pereira em directo com informações sobre trânsito

JPG / Loc. – São apenas 4 pessoas, para informar sobre trânsito.

GASPAR LOUREIRO - Dois de manhã e dois à tarde. De manhã, um faz para a rádio e outro para a TV. E à tarde um dá voz e outro está de apoio. Mas depois há aqueles períodos de férias, em que fica só um. Eu faço muitas vezes sozinho.

JPG / Loc. – São poucos, muito poucos.

Tão poucos que não chegam para fornecer informação de trânsito aos fins-de-semana.

GL - Porque não há pessoal, aí é por falta de pessoal. A minha opinião, e o Rui Pêgo e o Ricardo Soares sabem, é que devia haver informação ao fim-de-semana. Mas acho que isso é uma questão que os ultrapassa.

Música – Trânsito, Adelaide Ferreira

JPG / Loc. – Gaspar Loureiro trabalha na empresa há 42 anos.

GL - Comecei por pacote e depois era telefonista. Em 1996, o Pedro Castelo, Director de Programas, formou o serviço de trânsito a sério. O chefe era o Costa Martins. E montaram um serviço de trânsito no Quelhas que tinha helicópteros e aviões. O serviço de trânsito tinha um peso que as pessoas nem imaginam. Em Lisboa havia um avião com um indivíduo, que eram o Rui Almeida e o António Torrado que se iam revezando; e havia um avião no Porto. E depois havia um pivô na Rua do Quelhas, com estúdio montado para o trânsito, com operador técnico e assistentes de realização. Era o Anacleto Cruz e o Falcão. E entretanto o Anacleto Cruz foi dar assistência ao João Paulo Diniz, no programa da manhã. E o Costa Martins, como eu era telefonista nessa altura, convidou-me para eu ir para lá, e portanto tenho memória disso.

JPG / Loc. – Agora são quatro pessoas, duas de manhã duas à tarde, digam o que disserem não dá para as encomendas e por isso o fim-de-semana fica de fora da informação de trânsito.

E os efectivos têm que dar informação de trânsito para a rádio e também para a televisão.

GL - Nós fazemos aqui o trânsito para a televisão já há dois ou três anos.

Música – Calhambeque, Roberto Carlos

JPG / Loc. – A informação do trânsito é dada em directo na Antena1 e na RTP, ao telefone em interacção com os ouvintes, e através de espelhos de informação na Antena3.

Som – rábula à volta do trânsito, na Antena 3, com Inês Lopes Gonçalves: Eu gostava era de estar na cama tipo jibóia, no sentido Freixo/Arrábida há filas desde Bonjóia. O pessoal é mesmo assim, está na estrada a bufar, mas agora tenho de vos falar da Segunda Circular.

JPG / Loc. – Sandra Pereira é uma das vozes do trânsito na rádio e na TV.

SANDRA PEREIRA - Temos aqui o sistema, com uma mesa de mistura e isto está tudo ligado. Nos estúdios onde a emissão está a decorrer têm um espelho da informação, que vai sendo escrita num quadro a que todos têm acesso no circuito interno. Se tiverem que dar uma entrada podem perfeitamente ler no quadro e podem dar essa entrada a quem está aqui a trabalhar no trânsito.

Som – ambiente de engarrafamento de trânsito, filme Trafic, de Jacques Tati

JPG / Loc. – Ninguém se queixa; sou só eu a falar, para dizer em consciência, pelo que vi, que as instalações são acanhadas.

GL - O senhor provedor venha aqui para este lado.

JPG / Loc. – Engarrafamento no gabinete do trânsito, com a visita da equipa do Provedor.

Gaspar Loureiro orienta a circulação na sala.

GL - Produzimos aqui informação muito variada, desde as normais filas de trânsito, por exemplo, em Lisboa, na ponte 25 de Abril, Ic19, Segunda Circular, a A5 e a Marginal, que são em regra os pontos com mais conflitos de trânsito, onde as filas são mais extensas. Depois damos os acidentes - é praticamente impossível não ocorrerem acidentes todos os dias, nestas principais vias. Depois damos outro tipo de informação, como um incêndio florestal que corta auto-estradas ou estradas nacionais, carga que um camião deixa cair numa via, incêndios em viaturas - que agora é muito frequente. Um dia destes a A2 esteve cortada por causa de um carro que se incendiou ali na zona de Ourique e esteve o trânsito cortado durante quase uma hora.

Música: Pregó a Fundo, Fausto

JPG / Loc. – A informação de trânsito já teve estúdios próprios, meios aéreos, mais meios humanos...

Mas os tempos mudaram e a contabilidade passou a ser o que mais ordena também neste nicho da informação.

António Torrado, hoje Director de antena da Rádio Latina, estação portuguesa no Luxemburgo, acompanhou a transição da informação do trânsito no Serviço Público de rádio.

E conta que para as novas instalações da RTP estava prometido um estúdio para o Trânsito.

António Torrado – Esta mudança aconteceu em 2003, quando peguei no trânsito. O que é que aconteceu? O trânsito começou a ser tão importante que depois todas as rádios começaram a ter trânsito a sério. A dada altura começámos a ter trânsito o dia inteiro - quando normalmente só havia nos prime-times, isto é, de manhã e ao final da tarde. O dia inteiro e também aos fins-de-semana. Antes de eu ter pegado no trânsito não havia ninguém que fizesse o trânsito. Eu chegava e diziam-me: oh António, não te importas de fazer o trânsito hoje? E eu pegava, ia à gaveta, tirava o telemóvel do trânsito, ligava-o, a partir daí começava a haver linha verde, e depois ia de cabine em cabine dar as informações de trânsito.

P - O Serviço Nacional de Trânsito tem as condições que merecia e devia?

AT – Claro que não tem. Ninguém tem as condições que merecia. Isto é uma casa muito grande, há prioridades à esquerda e à direita. O que é certo é que quem trabalha no serviço de trânsito sempre compreendeu que o que mais interessava não era as condições nas quais trabalhava, que é verdade – continuamos sem estúdio, que era uma coisa que estava prevista de início. Mas é como digo: há mais prioridades e esta casa foi crescendo de tal modo que temos que aceitar aquilo que vai acontecendo. Mas é preciso

lutar por essas dificuldades. Eu aliás fiquei conhecido nesta casa por ser um bocado reivindicativo.

JPG / Loc. – Há queixas de Ouvintes de que a informação de trânsito privilegia Lisboa e Porto e o resto é paisagem.

Não é bem assim.

Embora, como é evidente, Lisboa e Porto registem as mais altas concentrações de população, de trânsito e de informação.

GL - Nós fazemos informação de trânsito desde Valença a Vila Real de Santo António, desde Bragança a Sagres.

JPG / Loc. – Parece fácil mas a informação de trânsito dá que fazer.

Até porque é uma informação altamente escrutinada.

E os mais directamente interessados, os ouvintes, estão no terreno.

GL - O ouvinte do trânsito é muito atento. Se eu disser que na ponte 25 de Abril há um corte na via direita e o corte for na esquerda, há logo um ouvinte a que liga a dizer: oh senhor Gaspar enganou-se. O nome das localidades é terrível. Se nós em vez de dizermos Póvoa DE Varzim dissermos Póvoa DO Varzim....

P - E a Caparica como é que se diz?

GL - Costa DA Caparica.

P - Da?

GL - É, correcto, é Costa DA Caparica.

JPG / Loc. – O gabinete de informação do Trânsito trabalha em estreita ligação com os ouvintes, com as polícias e com as grandes infraestruturas rodoviárias de Portugal.

As câmaras que cobrem as auto-estradas e vias rápidas permitem também ao Serviço de Trânsito da Antena1 observar os locais. E é assim que Gaspar Loureiro e Sandra Pereira confirmam alertas e dão informações.

SANDRA PEREIRA - Este risco que temos aqui a vermelho é a estrada nacional 105, é o que tenho aqui escrito e é a informação de que falei no ar. É na localidade de Burgães, entre Santo Tirso e Guimarães, trânsito demorado nos dois sentidos.

P - E a origem dessa informação é da Via Verde?

SP - É da Via Verde e de algumas pessoas que nos ligam e que já confirmaram esta informação.

P - Este serviço da Via Verde é pago?

GL - Paga-se. Essas câmaras são da Infraestrutura de Portugal.

P - E é caro?

GL - Eu não sei o preço mas penso que é caro. É muito caro.

JPG / Loc. – Gratuita é a Linha Verde do Serviço Nacional de Trânsito da Antena 1. Basta ligar: 800 21 01 01 para dar ou receber informações.

Som – Medley: elementos da equipa do trânsito atendem vários tipos de chamadas de ouvintes.

JPG / Loc. – Em directo e ao vivo, aconteceu durante a visita do Provedor...

GL - Este é um exemplo de que a linha verde é uma ferramenta essencial para fazer o trânsito. A Sandra deu agora a informação de trânsito no ar. Não falou duma situação que o ouvinte viu. Ele apercebe-se de que ela não sabe e diz: vou ligar para lá. Agora vai-se confirmar. A câmara onde é que é?

SP – Saída da Segunda Circular, no sentido Algés-Sacavém.

GL - Neste caso não precisamos de confirmar, porque temos aqui a câmara. E está confirmado.

SP - Está aqui: via direita, quatro carros, como o senhor disse. Está ali o acidente.

JPG / Loc. – O contacto e a interacção pela via e pela linha de trânsito aproximam a rádio e os ouvintes.

GL - Há dezenas de camionistas que me convidam para sardinhas.

JPG / Loc. – E até se fazem amizades, a propósito da troca de informações sobre trânsito.

GL – Eu tenho muitos amigos!

SP – Grandes amizades!

GL - Eu gosto do contacto com as pessoas. Se são simpáticas para mim e me ajudam, porque é que não as posso ajudar? O serviço de trânsito é uma entreaduda: eu ajudo o ouvinte que vai no carro. E o ouvinte vai no carro, vê coisas e ajuda-me.

JPG / Loc. – Gaspar Loureiro: o G de Gaspar bem pode ser o G de GPS.

É assim, aliás, que o tratam entre amigos.

A verdade é que Gaspar tem o mapa das estradas de Portugal na cabeça... e na ponta da língua.

Som – trilha trânsito Antena 3 Knight Rider

GL - Nós temos uma rede de auto-estradas em Portugal extraordinária. Aqui para o Alentejo ou Algarve é fácil: temos a A2 que é Lisboa-Algarve, a A6 que é da Marateca até Elvas e agora há outra que rasga parte do Alentejo - que é a A13, que vai da Marateca até Almeirim. Depois há uma outra que é a A32, entre S. João da Madeira e os Carvalhos. A primeira é a mais velha, que é a A1, Lisboa-Porto. E depois há a A8 até Leiria, de Leiria sai uma que é a A17 até Aveiro e em Aveiro tem outra que é a A29 até ao Porto. Depois há a A25, de Aveiro a Vilar Formoso, a A23 – do nó de Torres Novas até à Guarda-, a A24 de Viseu até Chaves, a A4 que agora já liga Matosinhos e acaba em Bragança, a A3 que começa no Porto e acaba em Valença, a A28 que começa no Porto e acaba em Caminha. Ali em Leiria há uma nova que liga o Mosteiro da Batalha, S. Jorge, a Leiria – que é a A19. Há a A14 que liga Coimbra à Figueira da Foz. A A15, que liga Óbidos a Santarém, a A9 – que é a conhecida CRIL. Há uma auto-estrada no Porto que é equivalente à CREL – CREL

quer dizer Circular Regional Externa de Lisboa -, e no Porto há a A41, que é a Circular Regional Externa do Porto. Zona do Porto e zona Norte tem para ali auto-estradas! Tem a A7, que vai de Vila do Conde até Guimarães, depois tem a A11 que vai da Póvoa de Varzim até Vila Pouca de Aguiar....Temos uma rede de auto-estradas terrível!

Som - Final da música Calhambeque, de Roberto Carlos: Bem, vocês me desculpem mas agora eu vou embora... bye, bye...

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 61 (não emitido)

Política na Antena 1. Entrevista com Maria Flor Pedroso

Tapete – (instrumental, abertura e final, de A gente não lê – Rui Veloso)

JPG / Loc. – *O pior analfabeto é o analfabeto político.*

O analfabeto político não ouve, não fala, nem participa nos acontecimentos políticos.

O analfabeto político não sabe que o custo de vida, os preços do feijão, do peixe, da farinha, das casas, dos sapatos e dos medicamentos dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e enche o peito dizendo que odeia a política.

Ele não sabe, o imbecil do analfabeto político, que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais.

Bertolt Brecht, dramaturgo e poeta alemão.

Sim, nesta edição falamos de política...

INDICATIVO ABRERTURA

JPG / Loc. – Quando os jornalistas portugueses decidiram realizar o seu IV Congresso – Janeiro de 2016 – e procuraram um nome que reunisse consenso para presidir à comissão organizadora...

...Chegaram com naturalidade ao nome de Maria Flor Pedroso.

A editora de política da Antena1 trabalha na rádio desde 1984, é jornalista desde 1988 – há 30 anos.

Maria Flor Pedroso [MFP] – *É melhor lidar com políticos inteligentes.*

JPG / Loc. – Com uma voz destas – grave, convincente e íntima – tinha que ser da rádio, a menos que a rádio andasse muitíssimo distraída.

A jornalista Maria Flor Pedroso lida com essa matéria tão volúvel e instável que é a política.

Mas consegue dar credibilidade às notícias e inspirar confiança aos ouvintes.

Porque enfim a política, seja o que for e digam o que disserem, não deixa de ser uma ciência e uma arte.

MFP - *Há políticos que são verdadeiros artistas, mas quando se diz isto geralmente não é numa boa perspectiva. Mas acho que há ali uma certa arte - a arte da negociação e do consenso -, é preciso ter arte para se chegar lá. E a política é isso.*

JPG / Loc. – O jornalista da política tem pela frente a missão de procurar, seleccionar e dar a conhecer a informação política, com rigor, isenção, independência.

Som – Ambiente de manifestação de protesto

MFP - Claro que isto são bonitas definições e a política está, também por culpa de alguns dos seus agentes, muito descredibilizada. Mas eu penso que nós, os ouvintes, os cidadãos – que somos todos –, não nos podemos desresponsabilizar dela, primeiro; segundo, eu penso que não nos podemos desinteressar dela, também, porque o resultado dessa desconsideração da coisa pública é um resultado que não é bom para ninguém.

JPG / Loc. – Maria Flor Pedroso está na Antena1 há 21 anos, 6 primeiros-ministros, duas alternâncias, PS e PSD, governando a solo ou com acompanhamentos.

Isto num país onde a política é também, muitas vezes, sinónimo de esperteza.

MFP - Enfim, a esperteza, se for boa, é sempre melhor a esperteza do que a burrice e a estupidez. A estupidez é uma coisa muito nefasta, em qualquer área. Agora se me perguntas – isto é “à político” – se me perguntas se é melhor lidar com políticos inteligentes do que com políticos burros, ah, é melhor lidar com políticos inteligentes; se me perguntas se sinto por vezes falta de inteligência na política portuguesa, sim, sinto alguma falta de inteligência na política portuguesa; se há políticos inteligentes, não vou dizer quais, mas há alguns que eu acho que são inteligentes.

JPG / Loc. – A equipa da política da Antena1, a editoria que recolhe, trata e divulga a actividade política de todo o País, é constituída... vou dizer devagar para não pensarem que ouviram mal... a editoria de política da Antena1 é constituída por uma editora, Maria Flor Pedroso, e quatro repórteres: 5 jornalistas ao todo.

Quatro repórteres: Natália Carvalho

Som – exemplo de reportagem de Natália Carvalho

JPG / Loc. – Susana Barros

Som – exemplo de reportagem de Susana Barros

JPG / Loc. – Madalena Salema

Som – exemplo de reportagem de Madalena Salema

JPG / Loc. – João Vasco.

Som – exemplo de reportagem de João Vasco

JPG / Loc. – E a editora maria Flor Pedroso, que integra e chefia a equipa.

Som – exemplo de reportagem de Maria Flor Pedroso

JPG / Loc. – Quatro repórteres e uma editora para a editoria de política da Antena1.

Em quadras eleitorais, a equipa recebe reforços.

MFP - Sim, durante 3 semanas.

JPG / LOC. – Poucos mas bons: a experiência é uma mais-valia na reduzida editoria de Política da Antena1.

MFP – O facto de sermos jornalistas muito experientes faz com que muitas notícias não nos venham parar, porque podem perceber qual seria o fim dessas notícias - que era não irem para o ar.

JPG / Loc. – Qualquer grupo de pessoas impõe organização.

A escassez de meios humanos na editoria de política requer organização redobrada.

Organização para um máximo de objectivos com um mínimo de recursos.

MFP - Tem que haver um mínimo de organização. Às vezes é o repórter titular, mas muitas vezes não conseguimos que seja sempre a mesma pessoa a fazer aquele partido, ou a fazer o Presidente da República, ou o Primeiro-ministro, etc. Mas existe essa organização mínima, ou seja, pessoas que têm essa “pasta”. O que não quer dizer que a façam sempre, até por razões de ordem organizacional – porque as pessoas também têm direito a folgas e a férias, e como sabemos há protagonistas políticos que são um pouco avessos à ideia de férias e de parar um bocadinho. E é impossível, por exemplo, ser sempre a Natália Carvalho a fazer tudo o que o Presidente Marcelo faz, porque senão não sei se teríamos ainda Natália Carvalho, com as suas excelentes qualidades de repórter. Toda a gente faz parlamento, portanto toda a gente tem fontes em todo o lado.

JPG / Loc. – E é com um mínimo de organização para um mínimo de recursos que a Antena1 cobre toda a actualidade política.

E naturalmente com muito critério.

MFP – Nós temos aqui uma lógica que é: sempre que o Primeiro-Ministro ou o Presidente da República estão “visíveis”, a ideia é acompanhar. Depois pode acontecer que uma iniciativa qualquer, ou do primeiro-ministro ou do Presidente, seja resumida a um som, ou a uma informação. Ou seja: nem tudo o que nós acompanhamos vai para o ar. Há um crivo, uma mediação. Ou porque aquilo já foi dito... Só que o que nós temos hoje que dificulta o trabalho da política, porque isto não é só o tempo da justiça que não é o tempo mediático. É que muitas vezes o tempo do directo não é o tempo do jornalista. E nós hoje temos, por razões de ordem económicas em primeiro lugar, qualquer coisa que está a acontecer está a ser dada em directo por uma televisão. Por exemplo: há debates na Assembleia da República que são dados em directo simplesmente porque é muito barato pôr no ar o parlamento-

JPG / Loc. – A editoria de política da Antena1 foi a única que não se fundiu em momento algum com a Televisão no âmbito da RTP / Rádio e Televisão de Portugal.

Maria Flor Pedroso diz, como editora de política da Antena1, que não lhe foi sequer apresentada tal hipótese.

Mas sentia-se forte pressão nesse sentido.

MFP - Houve uma tendência forte, no passado para, por exemplo, numa visita do Presidente da República, fazer para a rádio e a televisão. Aí a rádio deixa de existir. Isso aconteceu com uma visita, ainda como presidente, de Cavaco Silva a Timor e foi feita uma avaliação que não correspondeu. E mostrámo-nos radicalmente contra, porque os ouvintes da Antena 1 foram privados de saber o que é que se passou. Timor não é um país qualquer, para Portugal. Não é possível. Basta tê-lo feito uma vez. E o problema por vezes também é esse: é que o poder de decisão está por vezes em pessoas que não tiveram a tal rotação em relação a várias formas de trabalhar.

JPG / Loc. – Agora a forte pressão na RTP é no sentido de tornar a rádio mais visual. Ou, melhor dizendo, em inglês, para parecer mais global e moderno, *Visual Radio*.

Som – Indicativo Entrevista de Maria Flor Pedroso

JPG / Loc. – A editora de política da Antena1, mesmo fazendo uma entrevista para a rádio e para a TV, não vê que as características da rádio se encaixem no enquadramento de uma câmara de TV.

MFP - Eu acho que uma das características da rádio é precisamente não ser visual. Se bem que eu faço um programa de entrevista que foi o primeiro programa de entrevista na rádio e na televisão. Neste momento só está na rádio, mas continua a ser filmado para a net. Por causa do eventual futuro impacto em televisão. E eventualmente também na net, admito que com imagem possa ser mais apelativo. Se bem que eu falo de coisas muito maçadoras e portanto não é por aí, pelos clicks, que me movo.

JPG / Loc. – A integração da Rádio e da Televisão na Rádio e Televisão de Portugal é uma virtualidade difícil de digerir.

E de dirigir, já agora.

Porque há uma questão de marca que se vai desperdiçando.

Com as marcas da Rádio – RDP ou Antena1,2,3 – sempre em perda.

MFP - Eu não posso ter uma notícia que é da Antena 1, mas depois o que aparece é RTP. O que as pessoas identificam como RTP é televisão, não é rádio. E portanto não vale a pena insistir num conceito que, ele próprio não é entendido pelos ouvintes da Antena 1. E eu penso que enquanto uma notícia Antena 1 não aparecer com o logo da Antena 1 - que nesta altura mudou;, nós tínhamos um logo muito forte com aquela bola, e agora temos um logo que enche muito menos o olho, digamos assim-, dificulta de facto essa identificação.

JPG / Loc. – As redes sociais são também uma nova plataforma política e um novo meio de comunicação.

Com redes, os políticos falam sozinhos perante um imenso auditório, impõem uma agenda, ditam respostas sem haver perguntas, respondem sem risco de serem confrontados.

MFP - É uma forma que pode vir a tornar-se preocupante, da forma como os agentes políticos – os deputados, os dirigentes nacionais dos partidos, etc. – utilizam as redes sociais. Porque muitas vezes utilizam para dizerem aquilo que acham que têm para dizer sem contraditório. Fazer política via facebook e depois não querer fazer política pela mediação... Porque o que os políticos querem evitar é a mediação jornalística da coisa. E se nós nos demitirmos desse papel e só fizermos de megafone a opiniões que depois não podem ser contraditadas, mediadas, estamos a demitir-nos do nosso papel.

JPG / Loc. – Nas entrevistas políticas que faz para a Antena1, Maria Flor Pedroso desafia os entrevistados a escolherem música para o final do programa.

E no programa do Provedor desafiámos a própria Maria Flor Pedroso a escolher um disco, uma canção.

MFP – É a minha escolha duma música que quase toda a gente cantou, que nasceu para um bailado, de Roland Petit, uma música de 1945, ali à saída da Guerra. Não sei bem porquê, esta música sempre me acompanhou. A Versão inglesa é Autumn Leaves, em francês é Les Feuilles Mortes.

JPG / Loc. – O poema de Jacques Prévert, e a música de Joseph Kosma, na voz de Yves Montand.

Música: Les Feuilles Mortes

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 62 – 19.Outubro.2018

Novo Director Técnico: sonhos e projectos

Som – Rádio a sintonizar

JPG / Loc. – A entrevista que vão ouvir, e que constitui a essência desta edição do programa do Provedor, foi gravada, editada, montada e sonorizada em estúdios da RDP.

Depois, ficou acessível para alinhamento na emissão no instrumento de automação, o Dalet.

Posto isto, foi transmitida por via hertziana no dia e à hora previstos pelo Serviço Público de Rádio, incluindo regiões autónomas da Madeira e dos Açores, e ficou disponível na RTP Play e no Facebook da Antena1.

Se tudo correu como previsto e se funcionaram as parabólicas da Altice e os emissores, antenas e servidores do Serviço Público de Rádio, o programa está entregue ao seu destino: os ouvintes.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – O engenheiro Carlos Barrocas é Director, depois de Junho, dos Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da Rádio e Televisão de Portugal.

Para a entrevista ao Programa do Provedor, o Director Técnico fez-se acompanhar de duas responsáveis de áreas muito sensíveis: Ana Cristina Falâncio, emissores; Maria João Dias, estúdios e transmissões exteriores.

Na entrevista de 55 minutos que deu à equipa do programa do Provedor, Carlos Barrocas disse 25 vezes a palavra “projecto”, 13 vezes a palavra “relevante” e 31 vezes a palavra investimento.

Eu até quero acreditar – e transmitir aos ouvintes essa crença – nas boas intenções do projecto relevante do Director Técnico da Rádio e Televisão de Portugal.

Mas para tanto eu teria também que continuar a acreditar, indefinidamente, na discriminação positiva que iria dar à Rádio alguma coisa do muito que a Rádio perdeu para a Televisão.

O problema é que os projectos, quanto mais relevantes, mais investimentos requerem.

E os investimentos dependem do compromisso de cerca de duas dezenas de milhões de euros que a RTP reclama como dívida do Governo.

Carlos Barrocas [CB] - *Eu diria que a RTP necessita de um esforço relevante e adicional de investimento para conseguir em pouco tempo, ou num tempo razoável, dotar-se dos meios com que deve trabalhar.*

JPG / Loc. – Com o dinheiro previsto e, principalmente, sem o dinheiro previsto, a RTP terá que realinhar prioridades.

Carlos Barrocas promete – tanto quanto lhe cabe prometer – que a Rádio estará sempre na primeira linha para investimentos e reequipamento.

CB - Eu acho que nesta lista está muita coisa em primeiro lugar, o problema está aqui. Sei que a rádio está em primeiro lugar. Mantemos esse foco, mas temos que olhar para a televisão também – que está também num estado bastante antigo. A vida faz-se disto também, gerindo um bocadinho as prioridades. Sei que o que está previsto para a rádio nestes 20 milhões ultrapassa em grande parte os 20 ou 30 por cento deste investimento, o que é um tema relevante para a rádio.

JPG / Loc. – O Serviço Público de Rádio tem vivido preso por arames; a Televisão não estará muito melhor.

Houve algum esforço em 2018: novos meios móveis de reportagem, ainda a ser testados; Novas antenas em Monsanto; novos equipamentos na Serra do Muro e na Foia.

Mas a substituição apenas parcial do equipamento – novas antenas, com o velho quadriplex e velhos emissores – já deu faísca em Monsanto.

Dizia-se que o material velho ficou zangado porque apareceu um material novo cheio de genica e o material velho não aguentou.

CB - Há um material, há um equipamento que acusou a idade com a entrada do novo equipamento, sim. E, portanto, estamos neste momento em processo de recuperar o velho equipamento, dotá-lo de modernidade, para aguentar a potência demissão que estamos a colocar. É verdade.

P - Mas está prevista a compra de um quadriplex novo?

CB – Está em processo... está em processo de colocar para apreciação superior. Sim. É isso mesmo.

JPG / Loc. – Projectos há muitos e, a cumprirem-se todos, a Rádio ganha melhores condições para encarar e cumprir o futuro:

- Intervenção nos estúdios de produção, nomeadamente de Lisboa, a começar já em Fevereiro do ano que vem;

- Intervenção para resolver a sempre periclitante gestão dos alinhamentos de emissão.

CB – A ferramenta de automação é a ferramenta que toda a rádio utiliza onde coloca o seu alinhamento de emissão. Já tem dez, doze anos de vida, e nós queremos mudar claramente para dar uma nova estrutura...

P – Mudar?

CB – Mudar é uma expressão que significa ou fazer o upgrade ou mudar.

P – Estamos a falar do Dalet...

CB – Estamos a falar da solução Dalet, actualmente, sim, o que nós entendemos pelo famigerado Dalet – que está em análise. Teremos que recuperar um conjunto de atributos e análises de mercado sobre esse sistema para decidir exactamente o que se vai fazer. É um caminho que não está efectuado ao detalhe. Falta decidir qual é a ferramenta – se é a Dalet como *upgrade* ou se é outra ferramenta e os tempos que decorrem depois aí. Ainda há esse passo para ser dado.

JPG / Loc. – Este ano, a maior parte da correspondência com críticas e queixas ao Provedor do Ouvinte foi por motivos técnicos.

Som – exemplo de falha do Dalet em directo: locutor debate-se com a dificuldade em lançar indicativos.

JPG / Loc. – E com razão: este ano, a joia da coroa da Antena2, os concertos Prom da BBC constituíram um desconcerto pegado, porque a parabólica estaria desalinhada;

Som – exemplo de falha em transmissão de concerto na Antena 2 por suposta falha no satélite. Locutor pede desculpa aos ouvintes.

JPG / Loc. – A Antena Aberta fechou-se, com frequência, por perda de contacto com os ouvintes;

Som – exemplo de falha na Antena Aberta por falha do sistema RDIS: jornalista explica que terá de suspender o programa por não conseguir colocar chamadas no ar

JPG / Loc. – Houve repórteres da bola a terem que rematar relatos pelos telemóveis, porque outros meios falharam.

Som –falha de entrada em directo de enviado especial à Alemanha

JPG / Loc. – E no dia 30 de Setembro, um domingo, até falhou a ligação à Eucaristia Dominical.

Som – falha técnica e ausência de alternativa impedem transmissão da Eucaristia: locutor pede a compreensão dos ouvintes

JPG / Loc. – O Director técnico, Carlos Barrocas, e a responsável pelos exteriores, Maria João Dias, explicam o que aconteceu.

CB - Estava prevista uma ligação entre o local e a RTP. Essa ligação, no momento antes da entrada no ar, quando se faz todos os testes operacionais da linha, não estava activa. E portanto o meio de transmissão não estava lá. Falou-se com o fornecedor dessa linha e o fornecedor foi analisar. O facto é que a análise desse problema não conseguiu fazer com que o meio de transmissão ficasse activo até ao momento em que a missa aconteceu. E, como tal, desse ponto de vista não se consegue fazer uma emissão sem meios de transmissão e não se fez.

P – Esse problema envolveu a Altice?

CB - A linha estava alugada portanto à empresa Altice.

Maria João Dias [MJD] - O cabo foi cortado devido a uma queda de uma árvore. Teve de ser substituído o cabo de ligação.

CB - Ou seja, foi uma ocorrência fortuita que neste caso concreto teve por coincidência impacto na emissão de forma muito objectiva.

JPG / Loc. - Sem meios de transmissão alternativos não há milagres, nem missa ao Domingo. E é assim que o serviço Público, e o cumprimento do Contrato do Serviço Público de Rádio, em dada fase do respectivo percurso, fica nas mãos de um grupo económico privado e estrangeiro.

CB - Todos os exteriores passam por uma empresa qualquer, seja a Altice, seja portuguesa, seja como for, portanto, nós para evitarmos estar dependentes de um meio de transmissão, temos que ter dois ou três meios alternativos de backup. Algumas vezes temos, outras vezes não temos.

JPG / Loc. - E, de forma muito objectiva, para além de todos os projectos e relevâncias, como de desinvestimentos e descontinuidades, o Director Técnico da Rádio tem um sonho.

CB - O meu sonho é passar um mês sem ouvir falar que há avarias na rádio. Já fico feliz. E portanto não quero muita coisa [gargalhada].

JPG / Loc. - E de momento há um projecto ainda pouco claro que a RTP embala como quem acalenta um filho:

O neófito dá pelo nome de *Visual Radio*.

Ou seja, já que estamos a falar de projectos, de relevância, de investimentos ...

...Numa rádio presa por arames... já começou a colocação de câmaras de vídeo nos estúdios.

CB - A *Visual Radio* pretende dar visibilidade através de imagens de televisão a toda uma operação de rádio. Pode ser mais ou menos automatizada. Aquilo que se pretende colocar na RTP é, em concreto, um estúdio específico onde vai actuar um conjunto de bandas ou de entrevistas e que vai dar a esse estúdio uma visibilidade como se fosse televisão. Inicialmente de forma não automática mas no futuro pretende ser automática de forma a que as câmaras possam apontar para onde a voz está dirigida de forma a ser uma realização automática. *Visual Radio* significa apenas transportar para uma zona, para um local, imagem da rádio. Já existem *Visual Radio* feitos, mesmo na própria RTP que já fez essas imagens. O que acontece neste projecto é que isto assim fica feito de forma um bocadinho mais profissional, se é que posso chamar assim, com ferramentas automáticas e com câmaras que sejam realmente câmaras que dêem boa visibilidade.

JPG / Loc. - Isto de rádio com imagem... uma rádio está-se mesmo a ver... parecendo que não levanta uma questão racional.

Acontece que o sortilégio da rádio é o mistério da voz.

O Som da rádio é a antítese da imagem da TV.

A imagem da TV dá e diz tudo, o som da rádio sugere tudo e mais alguma coisa.

E ninguém debateu esta questão, quando se tratou de promover a rádio no modo visual.

CB - Do meu conhecimento esse assunto não foi tratado, sendo que nesta fase o Visual Radio não é ainda uma instalação neste contexto nesta primeira fase. Nesta fase estamos mais dedicados a questões muito mais eminentemente técnicas. A visual radio será uma segunda fase que irá alavancar-se na recuperação tecnológica que estamos a fazer, que será para 2019, seguramente.

P - Haverá um estúdio para Visual Radio?

CB – O que estamos a prever é que haja um estúdio com essa funcionalidade mais digna, se é que posso chamar assim, sendo que hoje em dia os estúdios de emissão normais já têm uma pseudo-visual radio porque têm câmaras que colocam imagem no facebook. Portanto, esse conceito de visual radio já cá está, agora vai ser dado um passo mais profissional, se é que posso chamar assim.

P - Alguns jornalistas ficaram preocupados com a difusão da imagem, mas sendo assim podem ficar sossegados, porque só se entrarem nesse estúdio específicos...

MJD – Não

P – Não podem estar sossegados?

MJD – Não, porque todos os estúdios de emissão vão ter essa possibilidade. Agora, se essa possibilidade está sempre ligada, não tem a ver com a oportunidade. Tem a ver com a pessoa que está lá e se autoriza a utilização da sua imagem para esse fim e isso terá de ser dialogado com o Director respectivo.

CB – A tecnologia não estará de forma automática ligada. Em qualquer estúdio.

JPG / Loc. – Ficam as garantias da engenheira responsável pelos estúdios, Maria João Dias, reforçadas pelo Director Técnico da RTP, Carlos Barrocas.

Claro que a Rádio Visual – Visual Rádio, no original – poderá sempre contribuir para um novo realismo radiofónico, ou suprarrealismo indigente, se preferirem:

... Mostrar a cadeira que range no estúdio ou a cara do animador quando o directo não entra.

CB - Pretendemos que seja alvo de resolução no curto prazo, portanto eu espero que em termos de visual radio as imagens que se passa sejam duma maior alegria no trabalho nos novos estúdios do que sejam a cadeira a ranger ou as avarias.

Som cortina

JPG / Loc. – E o provedor deve uma explicação aos ouvintes: na semana passada o programa do Provedor não foi para o ar.

O programa estava gravado e pronto, tinha como tema a informação política na rádio do serviço público e como protagonista a então editora de política da Antena1, jornalista Maria Flor Pedroso.

A notícia de que a jornalista tinha aceitado o convite para desempenhar o cargo de Directora de informação da RTP – televisão, que é o que RTP continua a querer dizer – esvaziou aquela edição do programa do Provedor do seu conteúdo.

Felicidades para Maria Flor Pedroso.

Mas como comentou de imediato uma ouvinte atenta: foi uma boa notícia para a TV, péssima notícia para a Rádio.

Com efeito, a Rádio lá perdeu mais um precioso activo.

Maria Flor Pedroso – Houve uma sangria grande na informação da Antena 1 e muitos dos que saíram eram dos melhores.

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 63 -27 Outubro 2018

Gostos e Desgostos dos Ouvintes/ balanço e contas

Tapete - Herbie Hancock - Maiden Voyage

JPG / Loc. – Em 24 de Julho deste ano O Provedor recebeu queixa de um Ouvinte que, ao chegar a casa e ao ligar o aparelho de rádio, sintonizado prévia e terminantemente na Antena2, deparou com ... um concerto de jazz em directo.

O ouvinte diz que se despediu da Antena2 nesse mesmo dia e nem sequer respondeu à pergunta do Provedor que procurou saber em que rádio iria refugiar-se um ouvinte auto-exilado da Dois.

Três meses antes, em Abril, um outro ouvinte escrevera a pedir ... mais jazz na Antena2.

Mais jazz, pois é dessa música que gosto; a ópera faz-me impressão aos ouvidos, queixava-se o ouvinte.

Há gostos e desgostos para todas as tintas, realces e azimutes.

O que vale é que a diversidade das antenas do Serviço Público dá para todo os gostos, na senda de todos os ouvintes.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – No início de Outubro, um ouvinte estabeleceu contacto com o Provedor para Questionar aquilo que designa por “política de não dar voz aos sem-voz”...

... Propondo, em sentido contrário: “Dar voz aos sem-voz.”

Grande tema, quando a comunicação de sentido único está a dar as últimas.

O ouvinte em questão vinha com um lastro de 5 mensagens sem resposta, nos idos de 2015.

Ninguém respondeu... diria o Solnado e queixava-se o ouvinte.

De maneira que o Provedor começou por recuperar as perguntas sem resposta e responder-lhes: eram de Maio e Setembro de 2015.

A mensagem de Maio, 8 de Maio de 2015, era simplesmente para saudar a entrevista dada pelo então novo Director de Informação da RDP, João Paulo Baltazar, ao programa “Em Nome do Ouvinte”...

Excerto de Entrevista a João Paulo Baltazar (08-05-2015): Eu acho que há um condicionamento muito grande que afecta toda a comunicação social, a pública e a privada, e que afecta o País no seu todo, que é o condicionamento da crise económica. Uma imprensa com meios – humanos, sobretudo, mas também técnicos -, é uma imprensa mais forte, com maior capacidade de investigação e de aprofundar temas. Esse é um condicionamento que convém ter presente e que persiste ainda.

JPG / Loc. – Ao actual Provedor, entre outras ideias, o ouvinte porta-voz dos sem-voz sugeriu – como forma de aproximação e participação dos ouvintes ...

... Mais abertura aos cidadãos na “Antena Aberta” ...

... A troca de menos políticos e comentadores encartados.

E mais responsabilidade, com mais desdobramento regional, no “Portugal em Directo”.

Lá tive que explicar que o programa já teve quatro edições diferentes – Lisboa, Porto, Coimbra e Faro – com o desdobramento regional que o ouvinte defende.

Som – Indicativo Portugal em Directo

JPG / Loc. – Mas o desdobramento regional do “Portugal em Directo” terminou com a política da troica aplicada ao Serviço Público de Rádio:

Cortes e mais cortes, cortes cegos, surdos, mudos, cortes estúpidos, cortes nos centros regionais de produção e cortes no pessoal dos centros regionais que sobreviveram.

E nada disso foi repostado com o fim da troica e da austeridade.

O Serviço Público de Rádio ainda não chegou ao “pós-troica”.

Ou terá sido o “pós-troica” que ainda não chegou ao Serviço Público de Rádio?

Certo é que, hoje, a RDP não tem meios para fazer edições desdobradas do “Portugal em Directo”, como já fez.

Este Portugal é apenas em Directo, alternadamente, de Lisboa e do Porto.

Embora as notícias possam chegar de Norte, do Sul, do continente como das Regiões Autónomas.

Som - Jornalista Mário Galego apresenta menu de edição do Portugal em directo, com notícias sobre o aeroporto da cidade da Horta (Açores), cultura em Viseu e outras notícias de âmbito nacional.

JPG / Loc. – Entretanto, e apesar de todos os pesares, a Rádio continua a ser memorável.

Quase toda a gente sabe de cor – isto é, do coração – alguma coisa memorial que ouviu na rádio em tempos idos.

E é assim que em 2018, ainda há ouvintes a perguntar ao Provedor por “À Esquina da Um”, programa de António Cardoso Pinto, anos 90...

Som de arquivo – excerto do programa Esquina da Um

JPG / Loc. – À Esquina da Um. António Cardoso Pinto, com o poema de Daniel Filipe A Invenção do Amor.

Há episódios de “À Esquina da Um” em arquivo na RTP, mas não disponíveis na RTP Play.

E também há ainda, em 2018, quem continue a perguntar ao Provedor por “Lugar ao Sul”, de Rafael Correia, programa que se foi extinguindo este século contra o parecer de sucessivos provedores.

Som de Arquivo – excerto de Lugar ao Sul

JPG / Loc. – O programa “Lugar ao Sul”, que viveu na Antena1 ao longo de três décadas, está agora na RTP Play em modo reeditado.

Isto é, bastante alterado... Direi mesmo quase irreconhecível.

Som da RTP Play – Excerto da versão colocada na net de Lugar ao Sul

JPG / Loc. – E neste ano de 2018, pelo andar da carruagem, o volume de mensagens dos ouvintes ao Provedor vai andar, mais ou menos, pelo calibre do ano passado.

O que se passa é o que o conteúdo das mensagens anda mais disperso.

O futebol e companhia limitada tiveram um pico de queixas em Fevereiro, numa das vagas da crise de Alvalade.

As questões da programação tiveram um píncaro em Junho, com a saída de António Macedo.

Som – Notícia da Antena 3 sobre a saída António Macedo

JPG / Loc. – E as questões técnicas estiveram na crista da onda das perguntas ao Provedor todo o ano mas em particular entre Março e Julho.

Monsanto seguiu em frente, com novas antenas e velhos emissores e o mesmo quadriplex.

E a crise mantem-se latente...

Som – exemplo de Avaria em emissão em directo na Antena 2: locutor pede desculpa aos ouvintes.

Som Carlos Barrocas - O meu sonho é passar um mês sem ouvir falar que há avarias na rádio. Já fico feliz. E portanto não quero muita coisa.

JPG / Loc. – O sonho do Director técnico: Um mês sem avarias na rádio.

As questões técnicas têm-se espalhado ao longo de todo o ano na correspondência dos ouvintes ao Provedor.

Constantes também foram as questões dos ouvintes em redor do rigor da informação e do pluralismo nos comentários.

O Humor tem andado sensivelmente pacificado.

E a música já teve mais críticas; mas todas as que tem, hoje, são negativas: absolutamente uma lástima, resume um ouvinte do Porto.

Som – excerto de música de Matias Damásio

JPG / Loc. – No cômputo de 9 meses de correspondência dos ouvintes, a Antena1 domina a cena da rádio pública com perto de 70 por cento das mensagens ao Provedor.

Seguem-se a Antena2 e a Antena3, por esta ordem.

Os Açores participam mais do que a Madeira.

Os ouvintes da RDP África intervêm mais que os da RDP Internacional.

Som – locutor da RDP África diz as horas em Portugal, Angola, S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné Bissau e África do Sul.

JPG / Loc. – Bom mesmo é que 34 ouvintes se dignaram escrever ao Provedor, nos primeiros nove meses deste ano, para dizer que gostaram, ou gostaram mesmo muito, de alguma coisa que ouviram na Rádio do Serviço Público.

Ouvintes gostaram, por exemplo, do Festival Antena2

Som – excerto de conferência emitida pelo Festival Antena2

JPG / Loc. – Ouvintes também gostaram de David Ferreira A Contar na Antena1...

Som – excerto do programa A Contar, de David Ferreira

JPG / Loc. – Ouvintes gostaram, já em Setembro deste ano, da reportagem “Com Olhos de Ouvir”, da repórter Rita Colaço, com sonoplastia de Paulo Castanheiro.

Comentava um ouvinte: “O som parece que foi trabalhado com pinças.”

Som – excerto da reportagem “Com Olhos de Ouvir”, de Rita Colaço

JPG / Loc. – Assim como ouvintes já tinham gostado, em Fevereiro, da reportagem "A Fronteira de um Nome", da jornalista Isabel Meira.

Desabafava uma ouvinte: “toca no coração do mais empedernido dos Homens”.

Som – excerto da reportagem "A Fronteira de um Nome", de Isabel Meira

JPG / Loc. – E assim corre, pelo serviço do Provedor do Ouvinte, o ano de 2018. A três meses do final do actual mandato do provedor.

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 64 - 03 Novembro 2018

Central técnica: a rádio de coração aberto

TAPETE batida cardíaca LENTO

JPG / Loc. – Quando preparava este programa, a equipa do Provedor discutiu se a Central Técnica da RDP será o cérebro ou o coração da Rádio.

Na Central Técnica confluem todos os sons produzidos nos estúdios, com todos os sons recebidos do exterior.

E depois todos os sinais são reexpedidos, numa transfusão universal.

Estevão Góis [EG]: Todos os sinais que serão depois distribuídos passam por aqui

*P – De todas as antenas e toda a rádio do serviço público, chega aqui tudo? EG-
Sim*

P – E também chegam os exteriores? É o coração, aqui.

EG – É o coração, exactamente.

TAPETE batida cardíaca RÁPIDO

JPG / Loc. – Estamos exactamente no coração da Rádio.

A Rádio pulsa, palpita, lateja, aqui na Central Técnica.

E como devem calcular, a visita para a qual vos convidamos, tem reservado o direito de admissão: é só para quem tem a Rádio no coração.

Venham connosco.

E acrescentaria o poeta António Gedeão:

Então, meninos!

Vamos à lição!

Em quantas partes se divide o coração?

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Numa rádio a tropeçar de velhice, com mobiliário e equipamento do tempo das outras senhoras – a Dona Quelhas e a Dona Amoreiras, que antecederam a Dona Marechal Gomes da Costa – a Central Técnica é uma excepção à regra.

Maria João Dias [MJD]: Esta Central é óptima, aliás foi o único equipamento novo que veio para a Marechal Gomes da Costa. Tem sido uma experiência muito boa. Tem problemas, mas são problemas normais, mas nunca nos deixou ficar com problemas não resolvidos.

JPG / Loc. – Maria João Dias, directora responsável pelos estúdios e exteriores do Serviço Público de Rádio.

A Central Técnica é o único elo da cadeia da Rádio que não pode falhar...

... Que tem mesmo que assegurar o funcionamento quando tudo o mais entra em falha.

Nomeadamente quando há falhas nas horas e horas e horas de emissão em piloto automático: madrugadas, fins-de-semana.

EG – Pois, aí quando está em automático normalmente é sempre o dalet: está programado e às vezes bloqueia ou está a correr e não está a reproduzir, ou está mesmo parado com falta de programa.

P – E o que é que fazem para repor a emissão?

EG – No caso de não se resolver nada no momento, temos os CD de emergência. Eles já estão estipulados para cada antena e também consoante o horário da madrugada - primeira, segunda, terceira, por aí fora,- e são aplicados nesse sentido.

JPG / Loc. – Estevão Góis, há 7 anos na Central Técnica da RDP, nas instalações de Chelas / Olivais... após 21 anos no Centro Emissor de Ondas Curtas, em Pegões.

Estevão Góis foi técnico do Centro Emissor de Pegões, até que a Onda Curta, dois anos depois de vultosos investimentos, fechou.

EG – Isso é conhecido, já foi relatado várias vezes pelo Provedor. Não se sabe porquê, depois daquele investimento todo, não é? Acabou por encerrar, primeiro provisoriamente e... provisório que se viu logo que tinha intenção definitiva.

JPG / Loc. – Na Central Técnica da Rádio, no edifício da RTP, não há pilotos automáticos nem controlos remotos.

Aquele é o centro nevrálgico que tem que funcionar e não dispensa a intervenção humana.

MJD - Fazemos 365 dias, 24 horas, turnos das 00h às 8h, das 8h às 16h e das 16h às 24h. E está um só elemento na central. Pontualmente, temos dois - porque na escala de turnos há um dia em que há uma acumulação. E é nesse dia que nós aproveitamos para dar algum descanso à equipa porque, infelizmente, como temos a equipa muito na linha de água, eles nunca conseguem ter folgas fora do previsto.

P - Quantas pessoas há na equipa no total e quantas seriam o ideal?

MJD – São cinco turnos vezes três, portanto são 15. E isto é para manter a equipa. Agora, basta um ir de férias. Houve uma altura em que estávamos confortáveis, quando tínhamos no mínimo dois, sendo que três era o ideal.

JPG / Loc. – A Central Técnica regula o trânsito dos sons de todas as estações, hertzianas e internéticas, da Rádio do Serviço Público.

É na Central Técnica que primeiro se dá por qualquer falha nas emissões.

MJD – Em relação às antenas temos aqui um equipamento feito por um engenheiro nosso, o eng^o Abrantes, que está ligado a uma série de sintonizadores e que, quando há falha de sinal no emissor, apita e acende um vermelho. Nessa altura, qual é o procedimento do técnico? Não temos emissão no emissor, então vamos andar para trás: vamos ver onde é que há a falha. Vamos à saída do estúdio, olha, está óptimo; vamos à saída do processador, está óptimo; vamos ao sintonizador do satélite, olha! Foi aqui! Então actuamos logo para o provider para repor a situação, e para o piquete de emissores para entrarem em backup.

JPG / Loc. – Maria João Dias, responsável pelos estúdios e exteriores da Rádio.

Pela Central Técnica passa tudo o que vai a caminho do ar.

Mas a qualidade do sinal que passa pela Central Técnica não é igual à que os ouvintes recebem em casa... que será pior.

MJD – *Eu não diria pior, eu digo diferente. Porque às vezes isso é uma questão de gosto. E quem tem que definir a performance do som é o gestor da antena e, portanto, ele ficará como o gestor da antena achar que é essa a imagem sonora que quer reproduzir.*

P – *O som padrão, de que a rádio pública era exemplo, já não existe?*

MJD – *Essa história do som padrão confesso que é discutível. Não estamos a falar de áudio com os níveis padrão. Estou a falar do som padrão: aquilo que nós ouvimos e que achamos que é o padrão. Se eu tiver um oscilador a dar-me mil hertz, é o que tenho de ouvir - porque aquilo é uma frequência, não há que enganar. Se à saída do processador aquilo se transformar em 500 hertz, é visível - porque eu quero é emitir mil hertz. Portanto, o som padrão tem a ver com o som que o gestor quer que seja. É o padrão de cada um.*

JPG / Loc. – Num ponto por onde passam, à chegada e à partida, todas as emissões da Rádio do Serviço Público, a organização e planeamento do trabalho são ferramentas indispensáveis, como explica o técnico Estevão Góis.

EG – *O colega que cá está dá a indicação do que está a acontecer, o que é que já foi feito e o que está em curso. Temos o planeamento diário...*

P – *Planeamento que tem os directos...*

EG – *Sim, tem tudo o que se vai passar durante esse dia. Depois organizamos e vamos preparando consoante os pedidos. Há as tardes de futebol, aí foca-se mais nos exteriores do futebol, e são as situações mais movimentadas. À excepção de quando há problemas! Por acaso ontem houve problemas com os estúdios, já se sabe o estado em que estão, e ontem foram dois – da Antena 3 e da Internacional. Na Antena 3 não sei muito bem o que foi, mas a manutenção teve de actuar. Na Internacional houve lá um cheiro a queimado e tiveram de parar para ver o que é que se passava, até desaparecer. Basicamente, para o nosso trabalho é só a questão da mudança de estúdio. Temos de alterar todas as ligações permanentes: o que estava num estúdio, passa para outro. E é isso.*

JPG / Loc. – Na Central Técnica, onde tudo está organizado e planeado, há ainda assim espaço para o inesperado.

Nem que o inesperado seja apenas o imprevisível de um episódio de um programa de autor.

E estando na rádio, Estevão Góis tem histórias para contar.

Porque os dias da rádio se fazem de histórias.

EG – Tive aqui uma de surpresa, quando estava cá há pouco tempo. Coincidiu com a presença da senhora da limpeza na Antena 2. Aquilo estava para lá um rebuliço maluco: parecia uma maquineta a rolar e uns sons estranhos, entretanto aparecia outro som totalmente diferente, acho que até Quim Barreiros ouvi nesse dia, tudo misturado. E eu fiquei aqui atrapalhadíssimo, porque estava cá há pouco tempo e disse: o que é que se está a passar, que está aqui uma confusão, ainda por cima na Antena2, a rádio clássica, e pronto, assustei-me. Depois fui pesquisar e apercebi-me de que aquilo era a emissão normal.

JPG / Loc. – Não era a senhora da limpeza... nem uma maquineta estranha... nem uma interferência pimba...

É mesmo assim:

Dois ao Quadrado, com Pedro Coelho, na Antena2, a excêntrica e experimental *Arte Rádio*.

Excerto do programa Dois ao Quadrado

JPG / Loc. – A Central Técnica da Rádio é uma plataforma de transição entre passado, presente e futuro.

No trânsito para as cartas electrónicas, ainda é possível deparar com fio de cobre, esse metal quase precioso que foi saqueado do centro de emissores de Pegões.

MJD – Temos aqui toda a parte electrónica que faz a ligação dos estúdios às cartas da central. Como vêem, ainda é tudo cobre. Futuramente será feito de outra maneira. Os cabos, se estes forem 100, passarão a dez.

JPG / Loc. – A Central Técnica é o coração da Rádio e como coração envolve algum mistério e sedução.

Para entrar há que bater à porta...

... Tocar a campainha que, naquele ambiente de sofisticação técnica e tecnológica, ressoa como um portão de quinta.

Som: campainha da central

IF /Loc. – *Imagine uma sala com uma cabine de um avião lá dentro.*

MJD – Quando viemos para cá e pensámos na mesa de operação, lembrámo-nos todos: eh pá, isto é cockpit dum avião!

IF /Loc. – *Isto é a mesa de operação.*

MJD – Tem os equipamentos, tem as luzes...mas não saiu perfeita. Tentámos. Para a próxima vai sair melhor.

IF /Loc. – *É aqui que faz escala a maioria dos sons da rádio.*

MJD – Só a Antena 1 é que tem a possibilidade de receber directamente pelo menos quatro sinais mono. De resto passa tudo aqui pela central.

IF /Loc. – *E é também aqui que se controlam os sinais e a qualidade das emissões.*

MJD – Conseguimos ter aqui uma visão geral do que se está a passar no nosso mundo.

IF /Loc. – *Para entrar no coração da rádio, é preciso tocar à campainha. A área é reservada.*

(Som da campainha da Central [imita latidos de cães])

IF /Loc. – *Toque campestre para entrar num cenário de quase ficção científica.*

EG – [atendendo o telefone] Está confirmado, os circuitos estão feitos, sim.

IF /Loc. – *Aos comandos da mesa, um único técnico. Sem co-piloto.*

EG – Ah, sim, Estevão. Estevão Góis.

IF /Loc. – *E a acompanhar a visita do Provedor, a responsável pela equipa: Maria João Dias.*

MJD – Em situações de muito trabalho são os telefones todos a tocar. É horrível.

IF /Loc. – *Atender os telefones é só uma entre as múltiplas tarefas que passam pela mesa de controlo da matriz.*

MJD – É uma matriz lógica, que está ligada à nossa central através duma data de cartas electrónicas.

IF /Loc. – *À esquerda da mesa há vários bastidores. Parecem armários gigantes mas, em vez de roupa, guardam circuitos.*

MJD – Se alguma carta estiver com alarmes aparece o vermelho e temos que chamar os nossos colegas da manutenção para verificar o que se passa.

IF /Loc. – *É através destas ligações que chegam à rádio todos os exteriores. Aqui estão também os processadores de áudio das antenas. E ainda o painel de comutação manual.*

MJD – Podemos ficar sem o controlo da matriz e nós sabemos que hoje em dia os computadores podem fazer essa malandrice a qualquer um.

IF /Loc. – *Sem piloto automático não há voos de grande curso. Mas os mínimos olímpicos estão sempre garantidos.*

MJD – Conseguimos através desta matriz assegurar o mínimo para continuar as emissões no ar. Se estivermos numa Tarde Desportiva não vamos conseguir receber os jogos todos.

IF /Loc. – *E atrás deste painel há mais para ver*

MJD – Vamos entrar?

IF /Loc. – Maria João Dias leva-nos à sala dos servidores.

MJD – Está muito frio, como podem verificar.

IF /Loc. – É a este espaço, gelado e ruidoso, que chegam as emissões regionais dos Açores e da Madeira, mas também os concertos da União Europeia de Radiodifusão. Ou, ainda, as rádios online. Tudo controlado por uma única pessoa. Deviam ser mais.

MJD – De facto, estar oito horas aqui – e, além disso, [os técnicos] precisam de sair para outro tipo de necessidades naturais que todos nós temos -, é muito tempo para estar fechado.

IF /Loc. – A pilotar sozinho a central, Estevão Góis trata agora de pôr em contacto os estúdios de Lisboa e do Porto.

EG – Estão nos estúdios do Porto dois convidados à espera para uma gravação para a Antena 2, com o Alves Guerra.

IF /Loc. – Estabelecido o circuito, o técnico já atende novos pedidos.

(Som: Estevão Góis atende telefone)

IF /Loc. – Pelo meio tem de vigiar os sinais das rádios...

MJD – Também para controlo temos ali um painel onde temos os vários sinais.

IF /Loc. – ...ouvir todas as emissões, de todas as rádios...

MJD – Nós estamos sempre a escutar o sintonizador.

IF /Loc. – ...fazer testes de som...

EG – Para garantir que não há falhas, não é?

IF /Loc. – ...e, claro, assegurar tudo o que está planeado para aquele dia.

MJD – Depois há sempre aqueles que aparecem, porque a informação é dinâmica.

[som: batimento cardíaco]

IF /Loc. – Bate coração: como artérias, há cabos e mais cabos por todo o lado...

JPG – Por baixo dos nossos pés também estão cabos.

MJD – Cabos.

IF /Loc. – ...alguns à vista, outros não.

JPG – Quilómetros de cabos.

MJD – Quilómetros de cabos! [risos]

JPG / Loc. – Visita guiada à central técnica da rádio do Serviço Público.

A rádio de coração aberto, no programa do Provedor e dos Ouvintes.

FICHA + INDICATIVO FINAL

Programa 65 - 09 Novembro 2018

Henrique Amaro: de Moçambique a Portugal

JPG / Loc. – *A caixa de madeira polida tinha ao meio um rectângulo azul, cheio de letras e, em baixo, ao comprido, quatro grandes botões negros.*

Ligava-se... e, a princípio, apenas saíam ruídos ásperos mas, aos poucos, desapareciam. Ia-se rodando o botãozinho... Histórias infantis. Teatro.

E notícias de todo o mundo.

Aqui Londres; aqui Berlim; aqui Nova Iorque.

E quando se queria, era música toda a noite e todo o dia.

Manuel da Fonseca: A rádio sempre era uma companhia.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – *Liga-se a rádio, clica-se, e lá de dentro soam vozes.*

Locutor, animador, jornalista...

Entre os ofícios da rádio, quando se fala de Henrique Amaro, há que acrescentar a especialidade de divulgador musical.

Som: Indicativo do programa Portugal

JPG / Loc. – Henrique Amaro difunde música, com elevado conhecimento e critério, e assim faz da rádio esse grande auditório de harmonias e ritmos, como de assimetrias e descompassos: a rádio é arte de geometria variável.

A rádio preenche-se em grande parte de música... mas não só.

Mesmo um divulgador musical como Henrique Amaro reclama mais algo de que a rádio precisa.

Henrique Amaro [HA] - *Precisa de ter pessoas lá dentro. Precisa de ter pessoas lá dentro porque eu, até como consumidor, gosto. Gosto muito de música, mas quando ouço rádio gosto de ouvir pessoas a conversar. Gosto de ouvir pessoas a falar, a trocar ideias que por vezes se complementam. E gosto muito da ideia de divulgação - seja de livros, de cinema, de discos -, gosto de ouvir pessoas a falarem e a divulgarem cultura.*

JPG – *E somando aquilo de que a rádio se faz, ao que se ouve, Henrique Amaro identifica-se com a Rádio do Serviço Público:*

Considera mesmo que se trata de um serviço completo, com memória, presente e futuro, e distribuindo-se por diversas antenas.

HA - *Se juntarmos as 3 rádios – e até podia juntá-las com a RDP África - a 1, a 2 e a 3 cumprem isso. Olham para o passado - para uma memória relevante -, mostram o que está a acontecer, e lançam pistas para o que possa vir a acontecer amanhã. Eu gosto muito desta ideia.*

JPG – A música e a rádio são as componentes da vida profissional de Henrique Amaro.

Mas a ordem dos factores não foi arbitrária:

A música chegou primeiro e levou Henrique Amaro até à rádio.

HA - Diria que são gostos paralelos, embora a música sempre se tenha sobreposto à rádio. Eu chego à rádio através da música, não o contrário.

JPG – Tudo começou numa infância agitada entre Moçambique e Portugal, em 1974.

Henrique veio para os arredores de Lisboa com quatro anos de idade.

Em relação a África e a Moçambique não deixou nem trouxe qualquer memória.

Mas nos arredores de Lisboa rapidamente adquiriu um conhecimento.

HA - Vim viver para casa numa tia minha, em Alhandra, no bairro dos trabalhadores da Cimpor, na altura Cimentos Tejo, e a minha primeira ligação à música possivelmente foi a colecção de vinil que a vizinha da minha tia tinha. E aí é que eu ouço muita canção de intervenção – o Zeca Afonso, o Sérgio Godinho – que faziam parte da colecção do vizinho.

Som: Excerto de Os vampiros, de Zeca Afonso

JPG – E foi assim que tudo começou.

Com música. Boa música, colecionada num bairro de sólida cultura popular, em Alhandra, na corda do rio Tejo, entre esteiros e engrenagens...

Som: Excerto de Os vampiros, de Zeca Afonso

HA - Quando volto atrás, quando começo à procura do início de alguma coisa, essa é a primeira memória que eu tenho do contacto com a música, é essa colecção de discos. A segunda parte já vem quando os meus pais se estabelecem e compram a sua casa. O meu pai sempre teve o hábito de ter rádio, havia um rádio em quase todas as partes da casa.

JPG / Loc. – Henrique cumpriu à volta de Lisboa o destino de se ir fazendo um homem, passando pela fase de rapaz.

Na idade do Liceu, em Queluz, a rádio entrou na vida de Henrique Amaro. Porque a liberdade abrir nos liceus muitos novos caminhos de conhecimento e comunicação.

HA - Uma das ideias das associações de estudantes, naquela vontade de juntar qualquer coisa ao quotidiano da escola, foi criar um núcleo de rádio. E criaram. Havia quatro colunas na sala de convívio e ninguém conseguia escutar nada, com o ruído normal de dezenas, centenas, de pessoas ninguém escutava nada. Mas havia a ilusão, de quem estava no núcleo de rádio a locutar ou a passar música, de que estava a ser escutado no outro lado.

JPG / Loc. – Foi assim que a música se juntou à rádio na vida de Henrique Amaro.

O passo seguinte foi o que levou a perceber que a rádio fazia já parte da sua vida.

Embora Henrique tivesse outros planos para a vida futura.

HA - Nunca pensei fazer da rádio a minha profissão. Quando tive de decidir que curso tirar, sempre alimentei a vontade de ser professor do ensino básico. Também é algo inexplicável, talvez pela boa experiência que tive, queria tornar-me professor. E consegui. Fui professor. Nunca o exerci, mas tirei o curso. Porque, entretanto, aí sim, a rádio intromete-se. Tive uma experiência na TSF, com o Vítor Marçal, depois surge a Rádio Energia. Estou na Energia, faço o serviço militar obrigatório... Portanto, eu só sou profissional – isto é, acordo de manhã e deito-me à noite a pensar em rádio –, só aqui, na Antena 3. Entrei para aqui no início. Eu perdi um pouco as contas ao tempo, mas aqui há dias fui alertado: no dia 2 de Fevereiro de 2019 completo 25 anos de RDP/ RTP.

JPG / Loc. – Agora, a Antena3 está à beira de completar 25 anos como parte do projecto da Rádio do Serviço Público.

E Henrique Amaro tem tantos anos de profissional de rádio como os anos de idade da Antena3. É um dos fundadores.

Som de arquivo do início da Antena 3 com Henrique Amaro ao microfone

JPG / Loc. – A 3 identifica-se hoje como Alternativa Pop.

De início era simplesmente uma Rádio Jovem.

HA - O que é isso de rádio jovem? Funciona entre os 15 e os 20? Eu gosto mais de olhar para uma rádio de cultura pop. E acho que a Antena 3 nos últimos anos tem conseguido ganhar essa consistência: uma rádio que está atenta a uma cultura urbana, pop, a nível nacional.

JPG – Henrique Amaro divulga música por escrito, em artigos, edições de livros e de colectâneas de música, na organização de festivais e outros acontecimentos.

E na Antena3, dedica-se à divulgação de música, em especial da música portuguesa.

Mas no início houve muito boa gente que duvidou que a música portuguesa fosse bastante – em quantidade e qualidade – para alimentar uma só hora de rádio.

HA - Eu lembro-me bem da primeira conversa que tive com o Jaime Fernandes, o director – fundador – da Antena 3, quando ele no início me convidou para fazer parte da equipa Antena 3 e eu disse-lhe que aceitava, mas colocava como condição ter um programa de uma hora onde pudesse mostrar essa música emergente. Um programa de divulgação que mostrasse a música que estava a acontecer na altura neste país. E o Jaime perguntou-me: “Tu tens a certeza de que podes assegurar um programa de uma hora com isso?”

Som: Música Educação (É Liberdade), Da Weasel

JPG / Loc. – Será difícil enumerar a quantidade de bandas que nasceram e cresceram pela mão de Henrique Amaro.

Como é natural, entre todas essas bandas algumas dizem-lhe mais que outras.

HA - É sempre mais fácil partilhar histórias de sucesso do que de insucesso, não é? Eu acho que os Da Weasel são uma banda que marca uma geração. É uma banda que,

embora tenha acabado a actividade, deixou marca, deixou herdeiros, deixou saudade. E essa – não diria eu – eu/nós, Antena 3, acho que sentimos todos... O facto de tocarmos as primeiras gravações, acompanhar a banda no seu crescimento até à paragem de actividade, acho que nos deixa a todos de algum modo orgulhosos.

Som: refrão Educação é Liberdade

P – E sentes-te o Júlio Isidro da Antena 3?

HA – Não. Eu gostava de ser. Porque o Júlio Isidro é sem dúvida uma referência incrível. Olha, aí está um grande exemplo de como, apesar da idade, a jovialidade e a eficácia da comunicação, e a experiência, se sobrepõem ao bilhete de identidade.

JPG / Loc. – E como será inevitável, porque as histórias são o dia-a-dia dos Dias da Rádio, Henrique Amaro tem histórias da rádio para contar.

Mesmo que, para tanto, tenha que puxar pela memória.

HA - Um dia fui para o renascimento, o segundo renascimento, do Festival de Vilar de Mouros, em 95 ou 96. Eu, Álvaro Costa e Nuno Calado. E fomos os três fazer uma emissão para cima numa casa de banho! Uma casa de banho que estava a 100 metros do palco principal. E, enfim, aconteceu um pouco de tudo: do bem-estar no primeiro dia e de um mal-estar no último. Isto parecem histórias de outros tempos. Fazer emissão em cima de uma casa de banho! Parece que aconteceu há 50 anos. Não, aconteceu há menos de 25. Depois há outras que eu vou guardar, são privadas [risos].

Som cortina

JPG / Loc. – Nesta edição do programa Em Nome do Ouvinte voltámos à Antena3. E aqui travámos conhecimento e demos a conhecer o trabalho de divulgação de música de Henrique Amaro.

Som: excerto de programa de Henrique Amaro

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 66 – 16 Novembro 2018

Antena Aberta

Som: telefone a tocar

JPG / Loc. – Em tempos que já lá vão ... a única oportunidade de um ouvinte chegar à fala na rádio era... para pedir um disco no Quando o Telefone Toca.

Som de arquivo Quando o Telefone Toca

JPG / Loc. – E mesmo assim com sérias limitações...

Som de arquivo Quando o Telefone Toca

JPG / Loc. – Depois, com a democracia e com a contenção do a pouco e pouco... lá se foi abrindo a rádio de dois sentidos.

Os latinos chamavam Fórum a esses espaços abertos ao diálogo...

Os gregos chamavam-lhe Ágora, e passeavam de cá para lá, enquanto conversavam.

Na rádio, na Antena1, chama-se Antena Aberta...

Som: Indicativo Antena Aberta

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Na Antena1, todas as manhãs, de segunda a sexta, a antena abre-se aos ouvintes.

E António Jorge é, há 10 anos, o editor do programa.

Medley: ouvintes dizem bom dia a António Jorge

JPG / Loc. – A Antena Aberta é o retorno da comunicação da Rádio, a opinião dos ouvintes.

Mas quanto à abertura da Antena, no correio do Provedor, um considerável volume de queixas julga a participação dos ouvintes muito limitada.

António Jorge (AJ) - Eu percebo essa queixa e também recebo chamadas fora do período da emissão em que os ouvintes apresentam essa queixa. Tento explicar-lhes a história mais recente da Antena Aberta: o programa chegou a ter uma hora e meia de duração, sendo que primeira meia hora era dedicada aos convidados - que apresentavam um contexto, análise e explicação do tema em debate -, e depois praticamente uma hora seria dedicada aos ouvintes. A direcção da Antena1 decidiu encurtar o espaço e, portanto, há que fazer um equilíbrio entre os convidados e os ouvintes. Há dias em que a participação dos convidados é mais evidente ou ocupa mais tempo. É uma gestão muito difícil. Eu entendo a crítica mas, dado o tempo reduzido, é difícil dar esperança a quem sente esse problema.

JPG/ Loc. – A Antena Aberta está no ar há mais de 20 anos.

O jornalista António Jorge já herdou o programa com formato reduzido.

Medley: ouvintes pedem mais tempo na Antena Aberta

JPG/ Loc. – Quando a Antena abria hora e meia por dia, os ouvintes tinham... deixa cá fazer as contas... dois terços do programa... quarenta minutos...

Com 45 minutos de duração, os ouvintes deveriam ter meia hora.

Mas o editor do programa reconhece que não têm.

AJ - Não todos os dias, mas há vezes em que esse tempo é superior porque, com muita regularidade, há programas em que a participação é única e exclusivamente de ouvintes. Mas não é esse o padrão do programa. O normal é que haja um convidado a abrir, um mais ou menos a meio do programa e outro mais ou menos no fim, o que dará sempre 30/35 minutos de participação dos ouvintes. Mas depende. Tudo depende.

JPG – Outra dúvida que confunde os ouvintes... e que está sempre presente no confessionário do Provedor...

É o critério da selecção dos ouvintes.

Sim... porque há uma selecção... e um critério.

AJ - Há um critério, aliás há vários. Vou tentar ser claro em relação à bondade desses critérios. Quando o animador revela o tema que vamos discutir, o telefone começa imediatamente a tocar. A pessoa que atende começa a registar o nome, a idade, a profissão e a localidade da pessoa que se está a inscrever. O que acontece muitos dias, para não dizer todos os dias, é que os primeiros sete ou oito são os mesmos todos os dias. Se fosse a cumprir-se a ordem de inscrição, teríamos sempre e apenas aqueles ouvintes em antena. Porque não haveria espaço para outros. E, portanto, tentamos equilibrar, colocando um ou dois desses ouvintes, com ouvintes novos que se inscrevem dentro do tempo mas mais tarde.

JPG – Há ouvintes que se inscrevem com lugar marcado na linha de partida para a abertura da antena. E nem temem a falsa partida de um tema desconhecido.

AJ - São aqueles que ligam por volta das nove e meia da manhã, muitas vezes nem o tema foi revelado em antena.

JPG / Loc. – Há quem se inscreva para a Antena Aberta com a antena ainda fechada.

Mas o editor da Antena Aberta tem ideia de que são pessoas de convicções...

Representam-se a si próprios e às ideias que têm.

Para António Jorge são ouvintes a sério.

AJ - Tenho ideia de que são ouvintes a sério. Outra coisa é perguntar: esses ouvintes têm algum tipo de visão do mundo? Eu já os conheço de tal forma, pelas intervenções que fazem ao longo dos anos, que tenho quase a certeza de que sei qual é a visão deles do tema que está em debate. Agora, não estão ao serviço de ninguém. É a convicção deles que expressam sempre, julgo eu.

JPG / Loc. – A Antena Aberta é um programa de opinião e a opinião é livre.

Medley: participação de ouvintes na Antena Aberta

JPG / Loc. – Mas a presença em antena tem responsabilidades e limites.

AJ - Essa é provavelmente a grande dificuldade do programa, o grande segredo, e o maior desafio para quem está ali todos os dias a lidar com o ouvinte. A grande barreira é a falta de educação. A partir do momento em que o discurso ultrapassa os limites mínimos da educação, faço parar imediatamente a intervenção do ouvinte. E depois também há uma coisa muito difícil: a conversa é como as cerejas, um tema arrasta o outro, as pessoas têm muita tendência para misturar no meio da intervenção estão a fazer variadíssimos temas. E às vezes é compreensível que um tema possa estar ali, mas a maior parte das vezes é despropositado. E quando eu sinto que esse momento está a chegar, tento interromper o ouvinte e dar oportunidade a outros. Nem sempre o faço com elegância, às vezes dizem que sou muito bruto a cortar a palavra às pessoas, e não é nunca essa a intenção.

JPG / Loc. – A Antena Aberta não é uma operação radiofónica de risco.

Som: exemplo de falha técnica na Antena Aberta

JPG / Loc. – Mas apesar de simplicidade de pôr no ar uma ligação telefónica, a Antena Aberta já chegou a fechar por motivos técnicos.

AG - Sim, permanece ao longo dos anos, e até me causa uma espécie de reacção dermatológica: como é que a evolução da tecnologia tem sido tão grande nos últimos anos e no que diz respeito à colocação de chamadas telefónicas no ar ainda não há nenhum equipamento, pelo menos na casa não conheço, que permita melhorar substancialmente a qualidade das chamadas telefónicas. Ultimamente tenho tentado recorrer, nomeadamente no que diz respeito à participação dos convidados, a novas plataformas que utilizam a internet, como o Whatsapp, mas nem assim estou satisfeito e acho lamentável. Não sei se existe lá fora, mas aqui dentro da empresa não há nenhum sistema que permita melhorar a qualidade das chamadas e essa é uma tragédia.

JPG/Loc. – A Antena Aberta foi-se abrindo, ao longo dos tempos, a novas plataformas.

Som Antena Aberta: António Jorge lê comentários do facebook

JPG/Loc. – Hoje, a Antena está no ar e em rede.

AJ - As redes sociais têm uma vantagem para a rádio, que é amplificarem a mensagem e conseguirem público novo. Agora, se é um produto interessante do ponto de vista da imagem, provavelmente não é. Mas que se consegue obter um outro público para a rádio, isso é um facto. E eu tenho a prova disso todos os dias.

P – Para além dos sete ou oito que telefonam, também há comentadores habituais no facebook?

AJ - Há sim senhor. Há pessoas que todos os dias ou com muita regularidade comentam no facebook.

P - E há moderação de comentários no facebook?

AJ - Aí não.

Música: Imagine/ John Lennon (instrumental)

JPG / Loc. – A Antena Aberta é marca da Antena1 e, no entender de António Jorge, quanto ao nome está bem como está.

E como a rádio, assim como todo o mundo, também é composta de mudanças...

António Jorge tem ideias para mudar o programa... mudando muito mais no compromisso da rádio com o ouvinte.

AJ - Eu tinha uma ideia de ter um grande espaço que pode ir das 11 às três da tarde, uma espécie de hora de almoço alargada em que vários assuntos são discutidos, com a peça jornalística, com o directo do comentador e do protagonista. E a seguir, o espaço aos ouvintes. Permitir que os ouvintes, durante dez minutos possam também discutir aquele assunto. E os assuntos podiam ser diferentes ao longo desse espaço. Em vez de ser estanque, ser aquele espaço de palavra e de informação em que há também oportunidade dos ouvintes comentarem os diferentes assuntos que vão surgindo naquelas quatro horas, por exemplo.

JPG / Loc. – A ideia proposta por António Jorge, e aqui registada ao ir para o ar, seria a de uma Antena 1 aberta das sete da manhã às sete da tarde.

Uma rádio e uma antena talvez impossíveis, admite o editor da Antena Aberta.

AJ - Imagina a Antena 1 aberta das sete da manhã até às sete da tarde. É impossível, mas conseguirias ter uma cumplicidade muito maior do que o ouvinte.

JPG / Loc. – Arqueologia radiofónica: excepção à regra, nos tempos em que a rádio falava sozinha....

Nos idos anos 70, mais concretamente em 1972, na RR, no programa Tempo Zip, eu próprio, que hoje faço de Provedor dos Ouvintes, tentei dar voz ao outro lado da rádio.

(Som do arquivo pessoal de João Paulo Guerra 😊)

JPG – Estou sim?

Ouvinte [jovem mulher] – Está?

JPG - Estou sim, faz favor?

Ouvinte – Pois eu acho que devem ser dados à mulher os mesmos direitos do que ao homem, mas desde que elas mostrem merecê-los. E esses concursos de beleza que se fazem por aí não ajudam nada, pelo contrário. Pois eu acho que qualquer mulher que se inscreve numa manifestação dessas é imatura e insegura de si, precisa que lhe dêem um prémio e que afirmem que ela é bela para se sentir admirada. Porque não se pode sentir admirada de outra maneira, por exemplo intelectualmente, e então recorre ao factor físico, que é o mais fácil e o mais cómodo, não tem tanto trabalho.

JPG – E é absolutamente acidental, aliás, não é?

Ouvinte – Pois. Eu acho que isso ainda mostra mais a inferioridade dela. Acho que ela é capaz de ser igual, e é, mas não trabalha por isso.

JPG – Não trabalham, por exemplo, essas. Mas há outras que trabalham.

Ouvinte – Sim, pois.

JPG – E você, trabalha?

Ouvinte – Eu trabalho.

JPG / Loc. – Foi lua de pouca dura, e digo lua porque o Tempo Zip era noturno.

A abertura do programa Tempo Zip aos ouvintes durou duas ou três noites de emissão.

Rapidamente e em força, fui chamado ao gabinete da Censura interna da RR e acabou-se a conversa de dois sentidos.

Aliás, no mês seguinte, acabou o próprio programa.

Som de arquivo Quando o Telefone Toca

FICHA + INDICATIVO

Programa 67 - 23 Novembro 2018

Madrugadas

Tapete – Canto Moço, A Jazzar no Zeca, Zé Eduardo

JPG / Loc. – Nas madrugadas do Serviço Público de Rádio há recolher obrigatório. Soa o toque de recolher e nas madrugadas da Rádio entra de serviço o piloto automático.

Som: sinal horário

JPG / Loc. – Então e se acontece alguma coisa?
Bem ... se acontece... como já aconteceu... logo se vê.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – A grande questão é a falta de dinheiro... que implica falta de meios humanos, quer dizer de pessoas...

Pessoas em directo e ao vivo para darem corpo e alma à rádio da madrugada.

Todos os directores se queixam: com os meios financeiros e humanos de que dispõem, a solução é o piloto maquinal.

João Almeida [JA] - É uma solução barata, mas sem dúvida que era preferível ter sempre uma emissão activa. Isto é: com pessoas sempre a conduzir a emissão.

JPG / Loc. – João Almeida, Director da Antena2.

E o Director da Antena3, Nuno Reis, diz a mesma coisa por outras palavras.

Nuno Reis [NR] - As restrições financeiras e a melhoria dos sistemas automáticos de gestão de rádio fizeram com que a presença humana passasse a ser dispensada das emissões da madrugada e, regra geral, do fim-de-semana. Não é, naturalmente, uma situação ideal. Seria importante para a rádio manter essa presença humana em directo nestes horários, mas as restrições orçamentais – tal como referi -, tornaram inevitável a opção de pré-gravar as madrugadas e grande parte do fim-de-semana.

JPG / Loc. – Carrega-se no botão e já está: com a vantagem para a empresa de o piloto mecânico nem sequer reclamar integração no quadro ou requalificação.

A excepção no cenário despovoado do piloto robotizado é um jornalista de plantão às notícias na Antena1.

João Paulo Baltazar [JPB] - Penso que interessa notar que a Antena 1 é a única estação ou canal do grupo RTP com informação do grupo RTP com informação 24 horas por dia, 7 dias por semana. Actualmente, os noticiários das madrugadas da Antena 1, entre segunda e sexta-feira, são escritos e apresentados por dois jornalistas que rodam quinzenalmente nestas funções. Para garantirmos a informação nas madrugadas de sábado e de domingo organizámos uma “bolsa” de jornalistas – neste momento são 12 – , que vão realizando rotativamente essa tarefa.

JPG / Loc. – João Paulo Baltazar, Director de Informação.

Quanto à programação, as noites da rádio, vocacionadas para fazerem companhia à solidão, são preenchidas com emissões gravadas, programas repetidos e, até na Antena 3, conteúdos de difícil digestão.

Som: excerto de música heavy metal, do programa Alta Tensão, da Antena 3

JPG / Loc. – Cada antena escolheu o modelo barato que mais se adequa ao respectivo perfil e ao auditório que conhece.

Na Antena1, como explica o Director-adjunto Ricardo Soares, a linha de montagem inclui programas de autor e programação musical com reposição de pequenos formatos da grelha da Antena1.

Ricardo Soares [RS]- As madrugadas da Antena 1 estão estruturadas da seguinte forma: de segunda a sexta-feira têm uma linha de programação de autor entre a meia-noite e as duas; ao sábado e ao domingo a programação de autor é dilatada ao longo da noite, ou seja, começa às 11 da noite e vai até às 7 da manhã; de domingo para segunda há também programas de autor excepcionalmente até às 3 horas; e depois temos uma outra linha de programação, que não a programação de autor, que tem um programa chamado Linha do Horizonte, que é um programa mais musical e que acomoda reposições de alguns dos pequenos formatos que a Antena 1 transmite entre segunda e sexta-feira. A única madrugada que é totalmente musical é a madrugada de domingo para segunda, entre as 3 e as 5h. Grosso modo, esta linha de programação que engloba exclusivamente o programa Linha do Horizonte, que vai para o ar de segunda a sexta-feira, o horário de 2ª a 6ª feira é das 3 às 5, o horário de 3ª até 6ª é das 2 às 5h, com excepção de um dos dias, que é de 4ª para 5ª feira, em que temos ainda um programa à 1h07, que é um programa feito em parceria com o hospital Júlio de Matos - o programa “Rádio Aurora”.

Som: Excerto do Programa Rádio Aurora

JPG / Loc. – Rádio Aurora: outras vozes humanas ocupam o lugar do piloto inconsciente nas madrugadas de quarta para quinta, depois das notícias da uma da manhã, na Antena1.

Na Antena2, as madrugadas não fogem à regra do piloto automático na rádio do Serviço Público.

Som: excerto da madrugada da Antena 2

JPG / Loc. – O Director da 2, João Almeida, reconhece que o perfil do público específico da Antena cultural determina os conteúdos que o piloto involuntário vai pôr no ar.

JA – É música contemporânea, músicas do mundo, música experimental. Portanto, são músicas que se dirigem a um público mais específico e que são colocadas na madrugada, também porque são colocadas online, exactamente por se dirigirem a um público tão específico. A outra parte da madrugada é ocupada com repetição de programas de autor, que já repetem durante o dia. Mas, quando nós púnhamos a música a oito pela madrugada fora, uma vez que não havia apresentador, foi uma solução que não nos agradou, porque a rádio requer uma presença humana. E concluímos que, não havendo a possibilidade de colocar um apresentador de madrugada, uma vez que não temos mão d’obra necessária, então mais valia recorrermos à repetição dos programas

de autor, onde sempre há uma presença clara do realizador, do que pôr simplesmente a música a correr.

JPG / Loc. – A repetição de programas de autor empresta vozes às madrugadas do piloto mecânico e afónico na Antena2.

A Antena3 dá música aos ouvintes, na madrugada do piloto automático.

Som: excerto do Programa A Profecia do Duque, Antena 3

JPG / Loc. – Mas como sublinha o Director da 3, Nuno Reis, a música da madrugada é servida por especialistas da alternativa pop.

NR - As madrugadas da Antena3 são preenchidas naturalmente com música de diversas proveniências. Todos os dias, entre a meia-noite e as 2h, temos um programa diferente, com um autor diferente que explora uma área musical diferente. Rui Miguel Abreu, Joaquim Albergaria e Mário Lopes, Isilda Sanches, Álvaro Costa – são estes alguns dos nomes que dão música aos ouvintes em programas com assinatura. Às duas da manhã uma hora de peso com o Rock de António Freitas e, entre as 3h e as 6h, voltamos à playlist da Antena 3, apresentada pela Vanessa Augusto ou pelo André Santos. Antes do arranque do programa da manhã, entre as 6h e as 7h, recordamos a prova oral do Fernando Alvim do dia anterior.

JPG / Loc. – O piloto das madrugadas só não é inteiramente maquinal porque as direcções das antenas do Serviço Público conhecem, nem que seja só de vista, os auditórios que servem.

Na Antena2, por exemplo, João Almeida sabe que tem pela madrugada poucos ouvintes...

Poucos mas bons e exigentes ouvintes.

JA - Existem públicos muito aficionados, isto é, quando ouvem os programas ouvem muitas horas e do princípio ao fim, e até bastante criteriosos. Isto é: às vezes as escuta durante o dia, apesar de ser em maior número, é mais distraída do que a escuta de madrugada - que é muito atenta. E os programas que passamos de madrugada também são exigentes exactamente porque implicam essa escuta mais atenta. Significa que são meticolosos e que os tais programas de que falava de forma marginal, no sentido de não terem muita gente, são muito exigentes do ponto de vista do rigor. E esse público, sendo pouco, multiplica bastante pelo facto de ser um público muito activo e aficionado. E, portanto, se ponderarmos não apenas a quantidade mas a qualidade do público, acho que as madrugadas têm um papel relevante dentro do contexto duma transmissão diária.

JPG / Loc.- Públicos mais exigentes, conteúdos mais inacessíveis...

E mesmo nas madrugadas da Antena2, há programas que vão procurando um público que não se sabe com precisão se existe e onde andar...

JA - A Arte Rádio continua a fazer parte da madrugada: uma madrugada por mês, que tem repetição. Portanto, na prática, são duas madrugadas por mês dedicadas à arte rádio, isto é, a rádio em que os sons não são escolhidos pelo seu significado directo mas sim pela sua característica sonora. Por exemplo, as palavras são escolhidas muitas vezes pelo som, pelo lado formal, e não pela mensagem. Digamos que não são programas habituais que têm o mesmo tipo de comunicação que têm os programas durante o dia. São programas onde a rádio é vista dum ponto de vista experimental.

Som: excerto de Arte Rádio emitida pela Antena 2

JPG / Loc.- A Antena3, tanto quanto sabe, de madrugada tem um público disponível para aceitar e entender conteúdos mais difíceis.

NR - Não temos dados muito precisos sobre quem ouve as madrugadas e os horários mais tardios da rádio. O perfil dos ouvintes não andará longe dos restantes horários da Antena 3, num horário em que tentamos cativar algum público mais específico de algumas áreas musicais difíceis de enquadrar nas emissões diurnas.

JPG / Loc. - A Antena1 procura conhecer o outro lado das madrugadas com piloto mecanizado.

O que não é fácil para uma rádio generalista, como reconhece o Director-adjunto Ricardo Soares.

RS - É particularmente complicado dizer quem está a ouvir a madrugada. Podemos falar da comunidade estudantil, podemos falar de alguém que trabalha na madrugada profunda, que põe as cidades em funcionamento no dia que está a nascer, enfim... é muito vago apontar o público A, B, ou C em relação àquilo que é para quem estamos a trabalhar naquele momento.

JPG / Loc. - A questão mais sensível que se apresenta a emissões sem gente é a ocorrência de situações de emergência.

A rádio não pode faltar quando tudo o mais começa a falhar: a segurança, o amparo, a confiança...

O Director de Informação, João Paulo Baltazar, diz que as situações de emergência estão precavidadas...

Mesmo com o piloto mecânico no comando das operações.

JPB - Em caso de emergência, o jornalista contacta a direcção de informação que, em ligação com a direcção de programas, desencadeia de imediato os procedimentos para garantir a melhor informação, o melhor serviço aos ouvintes. Isto implica obviamente a mobilização de mais profissionais. É que, mesmo sem piloto automático, um só jornalista não consegue estar em antena, fazer contactos, colocar chamadas no ar, etc.

JPG / Loc. - Falando de madrugadas com piloto digital, o Director da Antena2, João Almeida, não deixou de salientar que, por regra e costume, a rádio requer uma presença humana.

O Director-adjunto da Antena1, Ricardo Soares, também fala de uma rádio de companhia...

...Apesar de ser automático o piloto que a põe no ar.

RS - A estação é uma companhia sempre, porque tem sempre conteúdos. Mesmo a emissão da Linha do Horizonte, que é mais musical, tem sempre conteúdos de palavra.

Mas eu diria que é uma madrugada de companhia nesse ponto de vista - que tem sempre conteúdo, tem sempre palavra, para quem quer ouvir uma estação de rádio com estas características.

JPG / Loc. – Rádio em modo de piloto automático nas madrugadas do serviço público.

Este País e esta rádio devem mais alguma consideração pelas madrugadas...

RM – Canção “Madrugada”

JPG / Loc. – Madrugada, letra e música de José Luís Tinoco, 1975.

Arranjo e direcção de orquestra de Pedro Osório.

Voz, única, de Duarte Mendes.

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 68 – 30 Novembro 2018

Levante-se o Rui: as crónicas de Rui Cardoso Martins

Tapete Máquina de Escrever

JPG / Loc. – *A escrita é capaz de ser a maior invenção da Humanidade.*

Eu tinha muito medo de andar a estragar árvores.

De escrever livros que não servissem para nada.

Não sei se servem, a sério.

E por isso não escrevo livros todos os anos.

Rui Cardoso Martins, entrevista a Anabela Mota Ribeiro, jornal Público 2013.

Romancista, jornalista, repórter, cronista, argumentista, guionista...

Numa só palavra: escritor.

Rui Cardoso Martins -Já tive de decidir isso: escritor. Escritor cobre tudo.

JPG / Loc. – Rui Cardoso Martins é um dos cronistas do painel “O Fio da Meada”.

Tapete Fio da Meada

JPG / Loc. – Sai às quartas-feiras nas manhãs da Antena1.

E a Rádio, na carreira de Rui Cardoso Martins, é um regresso.

RCM - Curiosamente, passei muitos anos sem escrever para a rádio mas comecei na rádio. Estava a estudar e fui convidado por um professor para um programa da Onda Média da Rádio Comercial, e na altura tinha de fazer uns textos de apresentação dos convidados. Mas a minha voz não aparecia.

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Rui Cardoso Martins, cronista no painel “O Fio da Meada”, foi jornalista do jornal Público. Como repórter esteve no cerco de Sarajevo e em Mostar, às portas de Timor ocupado e nas primeiras eleições da África do Sul sem apartheid.

Na ficção foi co-autor do argumento do filme “Zona Jota”, entre outros. É autor de quatro romances. Tem dois grandes prémios da Associação Portuguesa de Escritores.

Mas o que em geral se associa de imediato ao nome de Rui Cardoso Martins é o lado humano da justiça, registado nas histórias de tribunais das crónicas “Levante-se o réu”.

Som cinema: Levante-se o réu...

JPG / Loc. – Foram 17 anos de publicação no jornal Público e agora no JN.

E bem pode dizer-se que nas crónicas de “Levante-se o Réu” havia algo da escola da rádio. Algo que transportava os leitores para o ambiente das salas dos tribunais.

RCM - Mas é verdade. Eu tento reproduzir por escrito diálogos às vezes insuperáveis, de pessoas que estão em sofrimento, a tentar defender-se ou a tentar atacar

alguém. E nesse aspecto é rádio porque conseguimos quase ouvir como é que as pessoas falam. Eu tento também dar o ambiente do que se passa na sala de julgamentos.

JPG / Loc. – Uma escrita direita ao assunto.

José Cardoso Pires dizia que gostava das crónicas de tribunal de Rui Cardoso Martins porque eram muito “pá, pá, pá: vão ao osso, direito ao assunto”.

Agora, no processo de escrita das crónicas para a Antena1, Rui Cardoso Martins vai recolhendo imagens e impressões que depois soma no texto que vai para o ar.

RCM - Eu vou guardando ideias das viagens que faço e na véspera já sei mais ou menos o que vai ser. Mas uma vez até me disseram aqui: isto chama-se o Fio da meada, não se chama o Fio da Navalha.

Som: excerto de crónica de Rui Cardoso Martins

JPG / Loc. – Na Antena1 Rui Cardoso Martins continua a escrever com veia de cronista.

Mas afinal o que é um cronista? O que é uma crónica?

RCM - Há definições de crónica muito curiosas. Por exemplo, na América do Sul, descobri há pouco - uma vez que vieram cá cronistas da América do Sul à Casa Fernando pessoa -, e eles chamam crónica a uma reportagem alongada com valor literário. Eu já fiz vários tipos de crónica. E comecei com crónica, mas era crónica de tribunal, que é um caso específico que ainda hoje mantenho, e onde aprendi a escrever, na verdade.

JPG / Loc. – A crónica é uma disciplina que fez escola nos jornais e na rádio.

E Rui Cardoso Martins mantém os seus cronistas de referência.

RCM - Leio muitos cronistas norte-americanos, porque me interessei por política. Gosto muito do Krugman, que foi prémio Nobel; o Nicholas Kristof; gosto desde sempre das crónicas do Lobo Antunes; gostava muito das crónicas do Dinis Machado e do José Cardoso Pires; do Manuel António Pina, que escrevia no JN, e que muitas vezes em Lisboa não era tão lido como devia. Além disso foram pessoas que me ajudaram muito, aconselharam-me.

Som: martelo de tribunal+máquina de escrever

JPG / Loc. – Agora, Rui Cardoso Martins está a escrever uma peça de teatro para o Nacional. Uma peça sobre o jornalismo.

Tapete: som ambiente de redacção cheia

RCM – Fui convidado para escrever uma peça. Depois chegámos à conclusão de que seria um tema interessante e foi também aquilo que queria fazer. E depois até estive em Berlim com uma bolsa literária que ganhei com esse projecto. Vai ser uma peça com muitos actores, para tentar dar a ideia do que era antigamente uma redacção.

JPG - Quando havia redacções com muitos jornalistas.

RCM – Quando havia redacções com muitos jornalistas e muitas coisas engraçadas que hoje são completamente impossíveis de imaginar e que o João Paulo sabe muito bem, não é?

JPG - E com barulho, com vozes...

RCM – Barulho, vozes, cigarros, garrafas de whisky escondidas... Eu conheci isso no princípio Público, já com uma geração fantástica de jornalistas que vinha daquele mundo do Bairro Alto. Eu sou mesmo da transição. É também uma transição democrática. Devo ter sido da primeira geração que começou a escrever totalmente livre.

Tapete: passos iniciais da música Grândola Vila Morena, de Zeca Afonso

JPG / Loc. - Rui Cardoso Martins também tem no portefólio o enredo de mais um filme. Passa-se no Ribatejo e vem de antes para depois do 25 de Abril.

RCM – É uma história dum latifúndio, com um certo fôlego épico, e que terá coisas que não são minhas, porque depois é um trabalho colectivo em que os actores também participam. Eu sou alentejano, mas no Ribatejo também há isso: aquele tipo de mundo dentro do mundo, com escola primária e posto da GNR. Em que o senhor é uma espécie de senhor feudal, mas às vezes acontecia que eram respeitados.

JPG / Loc. – Rui Cardoso Martins fez reportagens; escreveu notícias.

Mas um dia perdeu a paciência para o jornalismo de agenda: foi quando estive três horas à espera de uma comunicação do Governo e lhe saiu pela frente o Dr. Marques Mendes.

Som: Contra-Infomação Marques Mendes

JPG / Loc. – Rui Cardoso Martins virou-se para a comédia: foi fundador das Produções Fictícias e co-autor do Contra-Infomação.

Som: Indicativo Contra-Infomação Rádio

JPG / Loc. – Uma realidade que, por si própria ou pela forma como era observada, dava vontade de rir.

RCM – Sim, escrevi muita comédia para rádio também, no Contra-Infomação, para televisão. Aliás, a minha coroa de glória linguística é o “penso eu de que”. É uma frase que toda a gente diz e que fui eu que introduzi na língua comum. Já existia, como é óbvio, mas não com este truque de se transformar em frase final.

P – Foi o Pinto da Costa.

RCM – Sim, era a personagem Bimbo da Costa, que tinha o Bobby e o Tareco. E um dia, para ser verdadeiramente justo, eu estava com o David Lopes Ramos - um grande amigo que já faleceu, um grande crítico, a pessoa que nunca vi cometer uma injustiça, defini-o assim uma vez e toda a gente concorda -, estávamos na redacção e o Pinto da Costa estava a falar e diz “penso de que já estamos prontos”. E ele diz: penso de que? E quando o boneco apareceu ficou logo. Muitas vezes o humor é isto: um pequeno twist, uma pequena mudança, penso eu de que.

Som: personagem Bimbo da Costa no Contra Infomação

JPG / Loc. – Agora, nas manhãs da Antena1, às quartas-feiras, Rui Cardoso Martins puxa, enrola e desenrola O Fio da Meada.

E não exclui criar uma frase que fique como marca da crónica na rádio.

Som: trilha Fio da Meada

RCM - Gostaria muito, talvez apareça. Às vezes são pessoas que nos dizem de fora: achei muita graça ao que disseste. Outras vezes sentimos logo, é uma questão de ouvido, de que aquilo bate certo com o que se está a passar. Mas há frases espantosas. Eu colho muitas em Tribunal, como um homem que disse depois de ser condenado: “peço perdão e vou viver a minha pessoa de outra maneira”. Isto é duma força extraordinária.

Som: excerto de crónica de Rui Cardoso Martins

JPG / Loc. – Rui Cardoso Martins. Uma longa e diversificada carreira na escrita.

E tudo começou pela Rádio.

Verdade: este homem com uma vida cheia nos romances, nos jornais, no cinema, no teatro, na televisão, começou pela Rádio.

RCM – Eu Pensei que fosse mais difícil mas depressa me convenci de que para escrever para a rádio tinha que encontrar um tempo com muito mais pressão, muito mais actual, um tempo que me envolvesse a mim e o mundo ao mesmo tempo, um tempo horário, por assim dizer, que tivesse a ver com o dia-a-dia e com o próprio dia. Até porque, escrevendo uma crónica que se chama O Fio da Meada, senti que podia ir enrolando e desenrolando assuntos do passado e do próprio dia. Isso é muito interessante, gosto muito de fazer isso.

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 69 - 07 Dezembro 2018

Luís Carlos Patraquim, poeta e cronista da RDP África

Tapete José Afonso Galinhas do Mato

JPG / Loc. – *Depois do distúrbio e das guerras, o que faz correr o povo?*

“O povo corre para dentro de si, traçando no chão o círculo da sua identidade” - diz o velho, sentado à sombra da grande árvore.

Ele sabe uma quantidade enorme de estórias.

O povo nunca está parado, sempre a correr como a grácil gazela ou como a chita rápida e voraz?

“Não. O povo dança por dentro do tempo” - diz o velho, tossindo, depois da baforada no cachimbo.

Ele parece não se incomodar com as perguntas... E porquê que há povo?

“Essa pergunta não se faz ao povo” - diz o velho, rindo.

A Pergunta e o Povo, Luís Carlos Patraquim, poeta moçambicano e cronista na RDP África.

Som: *gargalhada de Luís Carlos Patraquim*

Som: *spot RDP África - frequência de Maputo*

Música: *Girls of Kilimanjaro, Miles Davis*

JPG / Loc. – Mais adiante, sobre música de Miles Davis, a pedido expresso de Patraquim, entram no programa Girls of Killimanjaro...

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Luís Carlos Patraquim, poeta moçambicano, fala todas as semanas de Lisboa para Moçambique, e outros destinos africanos de língua portuguesa, através da RDP África.

Som: **INDICATIVO SOM DA LEITURA**

JPG / Loc. – A crónica intitula-se “O Som da Leitura” e procura que a cumplicidade de uma história vença o tom intimista da sua poesia.

Luís Carlos Patraquim [LCP] - *Tento ser irónico, coloquial quando consigo. Leio mal, tenho uma voz miserável, mas a coisa vai andando, vai-se safando por aí.*

JPG / Loc. – Luís Carlos Patraquim nasceu na cidade que então se chamava Lourenço Marques, hoje Maputo.

Nasceu em 1953 e por essa altura, Luís Carlos de todo o mundo, uni-vos... eram registados em homenagem ao tal Luís Carlos brasileiro.

LCP – Dar-me-ia jeito, mas não é. Luís não sei porque é, e Carlos era o nome do meu padrinho. Só mais tarde é que soube que havia um Luís Carlos Prestes. Mas o Luís Bernardo Honwana dizia-me sempre esta piada: “Luís Carlos, não Prestes [gargalhada].”

JPG / Loc. – Quanto ao apelido Patraquim, Luís Carlos não sabe de onde virá.

Mas, como bom escritor, é capaz de ficcionar a origem.

LCP – Deve ser um grupo de piratas que naufragou na costa do Algarve, ali para os lados de Lagos, e depois deu este nome esquisito. Sempre tive problemas na escola por causa disso: pensavam que era uma alcunha, que não era o meu nome. Então era aquela coisa dos miúdos de liceu que começam a estudar ciências, os micróbios e os bichinhos, e a minha alcunha era o batráquio.

Música: HAITI, Gilberto Gil e Caetano Veloso

JPG / Loc. – Na cidade de Lourenço Marques dos anos 50, Luís Carlos Patraquim vivia e frequentava a escola na zona dos brancos pobres.

LCP – Eu andava na Escola João de Deus, que era já na parte da circunvalação da cidade, na parte quase do subúrbio, no Alto Maé, virado para a ravina, para as chamadas barreiras. Essa era a parte dos brancos pobres, da criolagem...

P - Brancos pobres, portanto quase pretos...

LCP – [risos] parece a canção do Caetano Veloso. E os funcionários públicos, ligados aos Caminhos-de-Ferro indo-portugueses, malta negra – mas a malta negra era mais da zona da Mafalala, aí havia uma espécie de micro-cosmos de Moçambique inteiro, no subúrbio da Mafalala. E era uma cidade muito compartimentada. Era mesmo uma lógica colonial a funcionar.

JPG / Loc. – Numa cidade e num País de *quase brancos pobres como pretos / De pretos, pobres e mulatos / E de quase brancos quase pretos de tão pobres* – como observa o poema de Gilberto Gil na canção de Caetano Veloso...

Era bem natural que o sonho comandasse a vida...

O sonho, ou outra coisa, fizeram de Lourenço Marques e de Moçambique uma cidade e um país de poetas.

LCP – Moçambique tem vários, eu serei o menor deles. Vários e importantes, desde o Rui de Noronha - com alguma influência anterior mas já a pensar África; depois a Noémia de Sousa, mulata, é um termo de que não gosto muito, mas pronto, mulata; o José Craveirinha; o Ruy Knopfli, natural de Inhambane. E começa-se a criar um micro-cosmos duma gente não ligada ao regime de altura e que começa a pensar o País.

JPG / Loc. – O poeta Luís Carlos Patraquim, cronista da RDP África, não reconhece quando começou a escrever, para além de escrever nos cadernos da escola.

Mas sabe com precisão quando foi tocado pela poesia.

E que obra poética o tocou.

LCP – Nem gosto muito de falar nisso, que é aquilo que é vulgar de Lineu, que é a mania que se escreve uma versalhada ‘à maneira de’. Mas levei com um tijolo na cabeça, no melhor sentido do termo, e disso lembro-me perfeitamente, quando aos 12 anos um amigo da minha mãe me oferece os sonetos do Antero de Quental. Aquilo deu-me uma pancada muito forte [risos]. E a partir daí aquilo começou a baralhar aqui qualquer coisa e foi até hoje, diga-se de passagem [risos].

JPG / Loc. – O regime colonial tinha razão quando desconfiava dos intelectuais. E até o general Kaúlza tinha razão quando suspeitava dos nativos evoluídos.

A libertação começa na mente e é daí também que partem as decisões.

Em 1973, ao fazer 20 anos, Luís Carlos Patraquim decidiu sair de Moçambique.

LCP – Não queria, mas não era só pelo serviço militar. Na altura já estava politizado para saber que queria estar do outro lado. Ouvia-se a Voz da Frelimo, de Dar Es Salaam, na Tanzânia. Estava na Voz de Moçambique. Tinha sido expulso do liceu por querer fazer um jornal muito ingénuo, quase adolescente, mas que indignou as autoridades da altura, tanto a Mocidade Portuguesa como a reitoria do Liceu António Enes. Aquilo deu um escândalo de tal ordem que chegou ao Governo-Geral. E quem nos safou foram os grandes senhores da terra – Adrião Rodrigues, Eugénio Lisboa, a malta da Voz de Moçambique. Porque O Brado Africano já tinha sido tomado pela PIDE. Tinha sido um grande jornal, mas já estava controlado pela PIDE, e a Voz de Moçambique, que era da Associação dos Naturais de Moçambique, era o único que ainda era mais ou menos tolerado. E aí, nós fomos expulsos do liceu, e fomo-nos refugiar naquilo que eu considero a minha pequena universidade ou grande universidade que foi a Voz de Moçambique, onde tive o privilégio de aos 16 ou 17 anos começar a lidar com gente como Eugénio Lisboa, José Craveirinha, Ruy Knopfli, Adrião Rodrigues, Homero Branco, uma série de nomes. E a partir daí comecei a tomar consciência duma série de coisas e a recusar liminarmente a Guerra Colonial.

JPG / Loc. – Patraquim veio para Portugal com o pretexto de continuar a estudar. Mas em Portugal o que procurou foi o caminho da emigração: saiu, a salto, por Barrancos. Sem qualquer ligação ou apoio a redes clandestinas, Luís Carlos Patraquim chegou a Estocolmo e instalou-se na Suécia, um país aberto às causas do chamado Terceiro Mundo. E foi a trabalhar, em Estocolmo, que dois anos depois teve notícia de uma acção militar em Portugal que iria virar uma parte do mundo.

LCP – No meu caso foi lindíssimo, porque eu nesse dia fiz gazeta à fábrica de retretes onde trabalhava [risos]. Fui para um café e a Folha da Tarde, que é o que quer dizer Aftonbladet em sueco - está claro que já havia no ar que alguma coisa poderia acontecer, tinha havido as Caldas a 16 de Março, estava já tudo um bocadinho acelerado -, e vejo um sueco numa mesa ao lado a abrir o Aftonbladet, com uma grande fotografia do Spínola e com o título em sueco Golpe de Estado em Portugal. Eu dei um salto que e a mesa partiu-se toda. Começámos logo a telefonar, a malta toda apareceu, foi uma bebedeira durante três dias. Durante três dias não dormi.

Som de Arquivo: notícias do 25 de Abril em rádios estrangeiras

JPG / Loc. – O golpe militar em Portugal iria mexer com o mundo.

Patraquim, naquele tempo, e face às notícias do Aftonbladet, decidiu regressar... a Moçambique, o que aconteceu em Dezembro de 1974.

E o regresso da Suécia a Moçambique, naturalmente tinha escala em Portugal... onde encontrou um País diferente.

LCP – Nunca mais me esqueço desta imagem, que é passar pelo Rossio, quando percebi que a coisa tinha mudado: é quando vejo junto ao Nicola duas velhinhas vestidas de preto, aquela imagem típica do Portugal da província, com sacos de compras. Eu segui-as, armado em repórter da alma, e uma discutia com a outra o que era o socialismo. E eu disse: não, isto mudou! E era um cheiro a soruma...

Música: Bob DYLAN, MOÇAMBIQUE

JPG / Loc. – Em Moçambique, Luís Carlos Patraquim trabalhou na imprensa, ajudou a formar a agência moçambicana de notícias...

Iludiu-se e desiludiu-se com a revolução.

LCP – Eu vivi a independência e o pós-independência, a década prodigiosa da revolução, e o falhanço da revolução. Em 1986, entre indignação e outras coisas vim para aqui. Era para ir para a Suécia e fazer uma espécie de férias para depois voltar a Moçambique, mas a vidinha tem das suas coisas, nascem filhotes, há coisas que acontecem e vai-se ficando. E Moçambique está dentro de mim, dizer isto é uma evidência, desde sempre.

JPG / Loc. – A meio da década de 80, Patraquim veio para a Europa: a ideia era voltar à Suécia, ficou em Portugal.

É poeta e prosador, autor de diversos livros, recebeu em 1995 o Prémio Nacional de Poesia, de Moçambique.

E de Lisboa fala, como moçambicano, para Moçambique e outros países abrangidos pela rede da RDP África.

A crónica intitula-se O Som da Leitura.

LCP – Chamei-lhe O Som da leitura nesta perspectiva: não é para ler a badana do livro X ou Y ou dizer que saiu o livro tal. É, a pretexto duma realidade qualquer, que eu tenho a liberdade de escolher, contextualizá-la à minha maneira, mais literária do que outra coisa, mas também política se me apetecer, e depois reencaminhar isso para qualquer referência bibliográfica que possa ser importante e que possa enquadrar o ouvinte que esteja interessado no que acabei de dizer.

JPG / Loc. – Numa crónica recente, Luís Carlos Patraquim falou de uma biblioteca que desapareceu de vista da Casa Branca, sob o mandato presidencial daquele que nós sabemos.

Som - excerto de crónica de Luís Carlos Patraquim:

“Isto está a ficar complicado. (...) E parece que vem aí uma grande chuvada, como diria Bob Dylan”

Música - A Hard Rain's a-Gonna Fall, Bob Dylan

JPG / Loc. – Mas Patraquim sabe que no seu país, Moçambique, também desaparecem bibliotecas. E não é só quando morrem velhos sábios.

LCP – Infelizmente desapareceram algumas: a biblioteca da Associação dos Naturais de Moçambique, ou pelo menos não se sabe onde está; desapareceu a biblioteca fabulosa da Associação Africana, que era uma dor que o José Craveirinha tinha do lado esquerdo em relação a esse assunto; desapareceu uma excelentíssima biblioteca da Sociedade de Estudos de Moçambique que, apesar de ligada de alguma maneira ao anterior regime era uma biblioteca absolutamente fabulosa; desaparecem bibliotecas humanas sem que alguém se interesse.

Música: Miles Davis / Girls of Kilimanjaro

JPG / Loc. – Sobre música de Miles Davis a pedido do entrevistado, e com Miles Davis com Dave Holland, Tony Williams, Chick Corea, Wayne Shorter no tema Girls of Kilimanjaro... eis o fundo musical para lançar o poeta Luís Carlos Patraquim na abordagem da sua poesia.

LCP – Tentar criar uma espécie de cumplicidade. Se bem que eu tenho sobre mim, desde os poemas até tudo o resto que escrevo, a pecha de ser muito complicado ou muito intimista. É uma coisa que me há-de perseguir até ao fim dos dias, não há nada a fazer.

JPG / Loc. – Luís Carlos Patraquim, poeta moçambicano. O Som da Leitura sai às quartas-feiras à tarde, na RDP África.

Som – excerto de crónica de Luís Carlos Patraquim:

"A Europa não sabe o que fazer com as migrações. (...) A Europa começa a engolir o grande peixe da sua aquacultura humanista."

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 70 – 14 Dezembro 2018

Madrugadas RDP África e RDP Internacional

Tapete Malageña, Paco de Lucía

JPG / Loc. – A Rádio Nacional de Espanha, aqui ao lado e tão longe, duplicou a partir do final de Outubro de 2018 as horas de emissão em Onda Curta...

... E está a emitir em português, com destino a pescueiros do Atlântico Norte, Atlântico Sul e África Ocidental, Oceano Índico e Oriente.

Através da Onda Curta, da qual o Governo de Portugal e a RTP abdicaram, a Rádio Nacional de Espanha é agora porta-voz da língua portuguesa.

Som: excerto da emissão em onda curta da RNE em língua portuguesa

JPG / Loc. – Por cá, a RDP África e a RDP Internacional aderiram ao modo piloto automático nas madrugadas da rádio.

Na RDP Internacional, bom dia Califórnia, boa noite Austrália.

Na RDP África, com menos uma hora em Cabo Verde, mais duas em Moçambique, não há confusão com os fusos.

Dizemos bom dia em Lisboa e os ouvintes da RDP África respondem na hora e na mesma língua.

Som: ouvinte da RDP África diz bom dia

INDICATIVO ABERTURA

JPG / Loc. – Nesta edição do programa do Provedor, vamos falar mais adiante da Onda Curta, onde Espanha está a avançar, em língua portuguesa, pelo espaço abandonado por Portugal.

Tapete – ambiente nocturno

JPG / Loc. – Para já, vamos às madrugadas, na RDP Internacional e RDP África.

Não há dia nem noite na RDP Internacional.

Embora o canal Internacional da RDP funcione 24 horas por dia.

João Barreiros [JB] - Na verdade nós não temos madrugadas na RDP Internacional. Não temos manhãs, não temos noites... temos tudo isso e tudo junto. Essa é a particularidade da RDP Internacional: está a transmitir para todo o mundo a toda a hora. E os nossos elementos têm isso presente: sabem que estão a falar em simultâneo às 8 da manhã para a Califórnia e às 11 da noite para Sidney.

JPG / Loc. – João Barreiros, Director adjunto.

Na madrugada de Lisboa, a RDP Internacional funciona em conexão com estações portuguesas de rádio da costa Atlântica.

JB – Na nossa madrugada de Portugal, por exemplo, estamos em simultâneo com a WGFD, que fica na zona de Boston, Newark, e que tem meio milhão de portugueses à volta e que nos está a transmitir. E portanto damos aqui alguns sinais na programação do que está a acontecer nos Estados Unidos... Mas basicamente é isso, porque não há propriamente essa ideia de madrugada.

Som – locutor da RDP Internacional saúde ouvintes: “Bom dia, boa tarde ou boa noite, consoante o local e a hora a que nos escuta.”

Som – spot RDP Internacional

JPG / Loc. – Já a RDP África, quando emite da madrugada em Lisboa, fala para noctívagos da Guiné-Bissau e Cabo Verde, de Angola e São Tomé, de Moçambique e também dos centros urbanos de Portugal, Coimbra, Porto e Faro.

Jorge Gonçalves [JG] - Atenção, porque nós não temos uma cobertura de fusos horários tão alargada como por exemplo a RDP Internacional. Nós temos, no limite, uma diferenciação de fusos na ordem dos dois fusos. Nós temos o princípio da manhã, nomeadamente a partir das 5 horas da manhã, na generalidade do tempo são 7 horas em Moçambique. E portanto nós estruturámos a nossa programação do início da madrugada para alguns destinos específicos, neste caso Moçambique.

Som – locutor da RDP África saúda ouvintes pela manhã: “Uma boa viagem a bordo do toca-toca, do chapa, do machibombo, do barco ou do comboio. Que a jornada seja maningue nice e o dia leve.”

JPG / Loc. – Jorge Gonçalves, Director adjunto, constata que a RDP África fazia madrugadas de proximidade com os ouvintes...

... Mas razões de finança e de gestão de recursos humanos levou a estação a aderir ao piloto automático.

JG – Como é um sistema ainda relativamente recente, gera algumas preocupações: não estar tecnicamente ainda afinado, eventualmente. E pode causar algumas preocupações, por vezes isso acontece. Temos com alguma frequência nota de alguns incidentes no arranque dos programas, ou na falta de conteúdos. Não são programas em directo.

JPG / Loc. – Jorge Gonçalves, Director-adjunto: a RDP África funciona em piloto automático nas madrugadas, o que traz problemas técnicos e de distanciamento dos ouvintes.

JG – A madrugada era o espaço nobre da programação e da comunicação com os ouvintes. Era um momento, aliás, em que a rádio era uma rádio de companhia, que acompanhava actividades. Nós temos uma sociedade que vive de dia e de noite. E, curiosamente, do ponto de vista da comunicação com os ouvintes, nós perdemos muito esse espaço de comunicação com os ouvintes da noite.

JPG / Loc. – O piloto automático, na RDP África como em qualquer rádio do mundo, corta os laços da intimidade entre quem faz e quem ouve a rádio.

Adeus tu cá, tu cá; o piloto automático não satisfaz algo que os ouvintes procuravam nas madrugadas da rádio: a proximidade e intimidade.

JG – Mais íntimo. Com as pessoas que estavam hospitalizadas, que estavam acamadas, com os taxistas, com as actividades profissionais que se desenvolvem durante a noite. E portanto nós perdemos um bocado disso, infelizmente.

Som: Spot satélite RDP Internacional

JPG / Loc. – Desde que foi exterminada a Onda Curta, a RDP Internacional transmite-se e retransmite-se online e por satélite: e por estes meios é difícil recensear quem está do outro lado, a ouvir.

Mas a RDP Internacional sabe a quem se destina: a emigração portuguesa.

Som – locutor da RDP Internacional: “RDP Internacional transmitindo para todo o mundo. No mundo da lusofonia, sempre a melhor melodia em perfeita harmonia”

JPG / Loc. – E a RDP Internacional sabe que há velhos e novos emigrantes portugueses à escuta das estações de rádio que retransmitem o sinal.

JB - Satélite e internet, e eu não minorizo, antes pelo contrário, valorizo bastante esta relação com as rádios portuguesas – que nos distribuem, nalguns casos, ao longo de muitas, muitas horas ao longo do dia. O que é que nós podemos dar? Nós podemos dar a noção de como é Portugal hoje. Essa noção tanto interessa a alguém que está no Brasil como a alguém que está no Luxemburgo ou até noutros territórios. Nós temos portugueses a viver em todo o lado. E alguns ouvem-nos.

JPG / Loc. – Em matéria de conteúdos, a RDP África ganhou alguma autonomia nos últimos anos.

Há uns tempos retransmitia a Antena1 nas madrugadas.

Agora, retransmite-se a si própria, como explica Jorge Gonçalves.

JG - As madrugadas passaram a ser ocupadas – e são neste momento ocupadas – , essencialmente por conteúdos de programas de entretenimento ou de informação que integram a grelha semanal da RDP África e que têm depois nas madrugadas os seus espaços de repetição.

Som – Spot do programa Manual de Instruções

JPG / Loc. – Para ouvir e novo, no calor da noite, no silêncio da madrugada... Ou para ouvir pela primeira vez.

A RDP África repete nas madrugadas conteúdos da sua grelha.

Quanto à RDP Internacional, retransmite largos períodos de emissão e os noticiários de hora a hora da Antena1.

Mas a RDP Internacional também funciona com meios próprios e em directo.

JB - Ao longo da semana, é sempre em directo. Neste momento ainda é possível – apesar de o canal ser um canal relativamente pequeno, do ponto de vista do número de pessoas que temos a trabalhar –, mas é possível mantermos essa estrutura, e acho que

faz sentido dada a sua natureza e dada esta complexidade de termos as comunidades divididas por vários fusos horários. Enquanto for possível, iremos fazê-lo.

JPG / Loc. – A RDP África é difundida nos países africanos por redes de FM.

Som – Spot futebol RDP África

JPG / Loc. – Nos países africanos aos quais a RDP África se destina há um elo muito forte na ligação entre as emissões e os ouvintes.

E esse elo joga-se com os pés e por isso se chama futebol.

JG - O desporto, nomeadamente o futebol, é um elemento estrutural, estruturante mesmo, da programação de qualquer meio de comunicação audiovisual. E portanto não faria sentido termos uma programação alternativa. O futebol é parte integrante da nossa estratégia de programação. E portanto isso significa que esse período da tarde e noite de sábados e domingos são os únicos momentos em que a produção de conteúdos da RDP África se retira para dar lugar à produção de conteúdos da Antena 1, nomeadamente a produção desportiva.

JPG / Loc. – Portugal, que há mais de cinco séculos se lançou no caminho marítimo para a globalização, mantém duas estações de rádio que ligam o País ao Mundo, por satélite e pela internet, eventualmente por transmissões locais em FM.

Som – Ouvintes da RDP Internacional falam na rádio

JPG / Loc. – Quanto a queixas ao provedor e outras mensagens de ouvintes:

Em relação à RDP África, as queixas mais frequentes devem-se a motivos técnicos, alguma das quais resolvidas, como aconteceu recentemente com os emissores de FM em Maputo.

Quanto à RDP Internacional, ainda vão chegando queixas sobre a falta que faz a Onda Curta a ouvintes pelo mundo fora.

A denúncia mais recente sobre a extinção da Onda Curta tem data de 7 de Dezembro deste ano, 2018:

Um ouvinte lamenta que a Espanha esteja a transmitir em português através da Onda Curta.

Isto competia à RDP Internacional, diz o ouvinte.

Com efeito a Rádio Nacional de Espanha transmite para diversos destinos, através da Onda Curta, na língua de Camões mas com sotaque de Carmen Miranda.

Som: excerto da emissão em onda curta da RNE em língua portuguesa

JPG / Loc. – O gabinete do Provedor confirmou a informação do ouvinte sobre os horários e destinos de transmissões em Onda Curta da Rádio Nacional de Espanha e da Rádio Exterior de Espanha, em língua portuguesa.

A Rádio Exterior de Espanha, equivalente à RDP Internacional, reforçou a programação com novos espaços de produção própria, difundida de forma complementar através de aplicações de internet, TDT, móveis e por satélite.

E a Rádio Nacional de Espanha também avançou, em língua portuguesa, por um espaço que Portugal abriu com a extinção da Onda Curta.

Som de arquivo – Miguel Relvas no Parlamento: “Sobre a onda curta: vamos eliminar? Vamos. Não temos meios. Vamos sim senhor eliminar a Onda Curta. Não temos meios. Não há aqui dúvidas”

Som – Excerto de fado transmitido no programa em Onda Curta da RNE e despedida da locutora: “a emissão em português fica por aqui, com a banda madrilenha Colectivo Panamera e a música Hacia el Sur.”

[entra música espanhola]

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 71 – 21 Dezembro 2018

Natal dos ouvintes com discos pedidos

Tapete – jingle bells (instrumental)

JPG / Loc. – Como habitualmente e mais uma vez, sem exemplo, aqui está o Natal dos Ouvintes no programa do Provedor.

Um programa de discos pedidos pelos ouvintes, discos perdidos pela playlist.

Ao longo do ano juntámos as críticas de ouvintes à playlist da Antena1, em particular as críticas às omissões de autores e cantores.

E como é Natal, aqui estão, reencontrados, os discos perdidos...

Som de Arquivo – Herman José deseja Feliz Natal

INDICATIVO ABERTURA

Som de Arquivo – Trilha do Programa quando o Telefone toca

JPG / Loc. – Há 79 anos pegou a moda de pedir discos à rádio.

Som de Arquivo do Programa quando o Telefone Toca, com Matos Maia

JPG / Loc. – Neste caso, os ouvintes não pedem: criticam os esquecimentos ou omissões da playlist.

O Provedor vai respondendo e tomando notas.

E por esta quadra do ano aqui estão os discos perdidos... postos no sapatinho, na chaminé ou na árvore de Natal dos Ouvintes.

E seguimos para a canção número 1 que, para variar, é a canção número 6.

Som de Arquivo - Manuela Moura Guedes apresenta a canção número 6 do Festival da Canção de 1984. Entra actuação de Maria Guinot.

JPG / Loc. – Maria Guinot, “Silêncio e tanta gente”.

Quando Maria Guinot faleceu, este ano, em Novembro, um ouvinte observou, em mensagem ao Provedor, que silenciada já estava a voz da cantora na Antena1.

Maria Guinot: “*Uma voz silenciada há vários anos nessa emissora desconhecendo-se a razão para que tal tivesse acontecido.*”

Mas o programa *Em Nome do Ouvinte*, sendo do Provedor, escapa à playlist.

Malfadada playlist, classifica um ouvinte em mensagem ao provedor.

«Esquizofrenia musical», carrega outra ouvinte...

Som: Spot promocional com músicas que passam na Antena 1 (Azeitonas, Matias Damásio, HMB)

JPG / Loc. – Vá lá, vá lá... o ouvinte que se segue não vem dar por falta de uma voz...

Mas saudar o regresso transitório de um cantor e autor que não pára muito por estas paragens: Chama-se José Mário Monteiro Guedes Branco.

Som de arquivo de José Mário Branco: “Sim, José Mário Branco”

JPG / Loc. – José Mário Branco, para a música; Zé Mário para os amigos.

Música: José Mário Branco – Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

JPG / Loc. – Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades - soneto de Luís de Camões, adaptado para canção por José Mário Branco, que também fez a música e canta o poema.

A gravação é de Paris 1971: nesse tempo ainda havia censura.

Há quem fale de censura quando fala da playlist.

O bom do Fernando Quinas, locutor da rádio, dizia algo melhor:

Dizia que quando chegou à rádio havia discos proibidos; depois passou a haver discos obrigatórios.

Som de Arquivo: Jorge Alves no programa Que quer ouvir

JPG / Loc. – E agora que há discos obrigatórios, nos termos da playlist, em mensagem ao Provedor um ouvinte lamenta «que quem manda na ‘playlist’ da Antena 1 continue a votar Zeca Medeiros ao ostracismo».

E continuando: «Atitude bem diferente tem sido a do Sr. Armando Carvalheda pois já tive o ensejo de ouvir aquele carismático cant’autor açoriano actuar duas vezes no palco da rádio.

Som: excerto de programa Viva a Música de Armando Carvalheda, com Zeca Medeiros.

JPG / Loc. – Do palco da rádio ao cenário do programa do Provedor, Zeca Medeiros.

E segue o programa de Natal dos Ouvintes, com discos perdidos.

Escreve um ouvinte: “a Antena 1 da qual sou ouvinte assíduo e onde se ouve bastante música portuguesa, mas onde me parece existir o lápis azul, de triste memória.”

E o ouvinte acrescenta que “isto se passa com um certo tipo de música e com alguns cantores”.

E se é preciso um exemplo, o ouvinte cita José Afonso.

Música: Canto Moço – Zeca Afonso

JPG / Loc. – Canto Moço, José Afonso.

Nesta edição do programa do Provedor, o Natal dos Ouvintes, com discos perdidos pela playlist.

Um, entre muitos outros ouvintes, escreveu ao Provedor a manifestar o seu descontentamento pela selecção musical e pelas músicas repetidas vezes sem conta durante o dia, enquanto tantas outras ficam esquecidas.

Som de Arquivo: Jorge Alves no programa Que quer Ouvir

JPG / Loc. – Músicas esquecidas e pouca novidade, acrescenta o ouvinte.

Vamos então à novidade:

Esta é uma novidade da música brasileira, embora nascida e cultivada em Portugal.

É o Natal... Natal tropical de Luca Argel.

Música: Luca Argel - Natal, Natal

JPG / Loc. – Luca Argel, 4 livros de poesia, 2 discos.

Estudou música na Universidade do Rio de Janeiro; Literatura na Universidade do Porto.

FICHA + INDICATIVO FECHO

Programa 72 – 28 Dezembro 2018

Sons do ano

Som ambiente: passarinhos a chilrear

JPG / Loc. – Este ano houve passarinhos no programa do Provedor.

Som Isaltino Morais [IM]: Olhem os passarinhos ali, os melros. Olhem para isto: estão a preparar a Primavera, estão a preparar a criação, estão a ver? Portanto, a Natureza é assim!

JPG / Loc. – A memória da Rádio ficará diminuída se lhe faltar a Casa Museu Igrejas Caeiro.

Mas Isaltino Morais, presidente da Câmara de Oeiras e da Fundação Marquês de Pombal, decidiu que o testamento de Igrejas Caeiro, quanto à criação da Casa Museu, não será para cumprir.

IM – Isto não é uma casa-Museu!

P – Mas devia ser, não é?

IM – Mas não vai ser! Não pode ser uma casa-Museu, porque não há dinheiro para ser uma Casa-Museu!

JPG / Loc. – Este ano, no Programa do Provedor, com ou sem passarinhos, com ou sem passarões, falou-se sempre da Rádio.

E, calcule-se, até houve boas notícias nos sons do ano de 2018.

INDICATIVO ABERTURA

Som de arquivo – Jorge Alves no programa Que Quer Ouvir: É sempre com grande prazer e carinho que organizamos este programa. O seu disco está aqui pronto a ser transmitido.

JPG / Loc. – Vira o disco e paga o mesmo:

No Orçamento do Estado para 2019, tal como no de 2018, o Governo mantém o valor da Contribuição Audiovisual.

São 2,85 euros por mês (mais IVA), por cada lar que consuma energia.

Excepção feita, em Portugal, para os agricultores, como para os criadores de camelos.

Na Suíça, onde também não há camelos, votação de 72 % decidiu, em referendo, continuar a pagar o Serviço Público de Rádio e Televisão.

A taxa na Suíça é 11 vezes superior ao que se paga em Portugal.

E os portugueses pagam por ano o mesmo que os alemães desembolsam por mês para ter um serviço público de rádio e televisão.

Som João Pedro Figueiredo - Nós pagamos cerca de três euros por mês, o que - quer em termos absolutos, quer em termos relativos, ou seja, já depois de ponderado o

poder de compra e o nível de vida de cada um dos países -, é manifestamente dos valores mais baixos que se cobram na Europa.

JPG / Loc. – João Pedro Figueiredo, jurista, vogal do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

A Contribuição para o Audiovisual sucedeu, em Portugal, à Taxa da Rádio, cobrada no recibo da electricidade.

Em 1974 tinham passado à reforma os cobradores de taxas.

Som - José António Justo, Antigo Fiscal de taxas da Emissora Nacional: As pessoas não gostavam de pagar a taxa.

JPG / Loc. – Em Dezembro deste ano, ficámos a saber que a Rádio Nacional de Espanha está a emitir em língua portuguesa, através da Onda Curta - abandonada pelo Governo Português e extinta pela RTP.

Som - Medley com sons de arquivo:

Miguel Relvas (2013): Vamos sim senhor eliminar a Onda Curta. Não temos meios, não há aqui dúvidas!

Gonçalo Reis (2015): O tema da Onda Curta é um tema mesmo histórico, é um tema mesmo...desculpe usar a expressão...é um tema da Guerra Fria!

Início de emissão em Onda Curta e em Português da RNE (2018): Rádio Exterior de Espanha. Emissão em Português!

JPG / Loc. – O Governo de Portugal e a RTP extinguiram a Onda Curta...

E tal como a Onda Curta, a Onda Média também está condenada.

É tudo em nome da Finança e da contabilidade.

Som - Medley entrevistas 2018:

André Cunha Leal - Esta casa foi uma das principais vítimas da Troika. Quis-se acabar com esta casa, não nos esqueçamos disso.

Ana Cristina Falâncio: Precisamos de dinheiro.

André Cunha Leal - E depois há coisas que não se recuperam de um dia para o outro. Destruir é fácil. Depois, construir é muito mais difícil. Tenta-se, no dia-a-dia.

Nuno Isidro: Não é fácil. Isto não é sustentável em nenhuma rádio do mundo.

Maria João Dias: Isto é uma questão política.

José Carlos Teixeira: Às vezes dá-me a sensação de que estamos a lutar dentro da própria casa.

Vítor Fernandes: Nem sempre é fácil. Muitas vezes os ouvintes estão muito chateados.

André Cunha Leal - Eu tenho sempre esperança. Mas isso é a minha veia de sonhador. Nem é preciso muito: vamos ao Contrato de Concessão. E, se formos rigorosos, nem sequer é uma questão de esperança. É uma questão de ter quer ser.

Excerto da Ópera Banksters (libretto de Vasco Graça Moura): Isto só vai à porrada, só o chicote dá leis. Falo convosco, imbecis...

JPG / Loc. – Mas entretanto, não sobra dinheiro que se veja para resolver os muitos problemas das redes de FM.

Em 2018, por vezes a sinfonia ficou incompleta, na Antena2, por motivos técnicos.

Som – excerto de emissão da Antena 2 com falha na transmissão de concerto em directo

JPG / Loc. – Monsanto não foi padroeiro das avarias na Rádio.

Os padroeiros da Rádio foram os Santos da Casa... que fizeram o milagre de fazer rádio todos os dias.

Som – Pedro Mendes: Sem as ondas de radiofrequência não era possível chegar ao País inteiro e as pessoas poderem ouvir rádio. E essas não se vêem! E nós somos iguais: também não nos vêem, não sabem quem somos. Mas nós existimos.

Som – ambiente tempestade

JPG / Loc. – Em Dezembro do ano passado, a tempestade Ana deixou uma torre de antena como a torre de Pisa.

E a Rádio andou três meses com uma torre de 19 toneladas às costas.

Depois passou a andar às costas da torre da Renascença ...

Erguida nova torre, finalmente em Agosto, nem tudo estava feito.

Vítor Fernandes [VF]: É evidente que a gente ainda poderá melhorar mais, caso no futuro tenhamos algum dinheiro para comprar os emissores novos à potência máxima.

P – Os emissores são os antigos?

VF - Sim, mantivemos os emissores.

JPG / Loc. – Nova torre... novas antenas...

Foi a vez de avariar o quadriplexer... – equipamento de recepção e distribuição de sinais entre satélite, emissores e antenas.

Potência novamente reduzida... mas desta vez sem afectar de forma mensurável a cobertura.

Por estas e outras, quando em Outubro o novo Director de Engenharia da RTP, Carlos Barrocas, se dispôs a responder ao Provedor, e aos ouvintes, não pôde deixar de sonhar... acordado.

Som – Carlos Barrocas: O meu sonho é passar um mês sem ouvir falar que há avarias na rádio. Já fico feliz.

JPG / Loc. – O Provedor do Ouvinte colocou nas agendas a situação da Rádio quando, em 6 de Março, apresentou o quadro da situação na Comissão Parlamentar de Comunicação.

O Provedor não foi a única voz a falar da degradação técnica da Rádio.

A 20 de Março, o presidente do Conselho Geral Independente levou o estado da Rádio ao Parlamento.

Som António Feijó - Quando fala do colapso técnico e tecnológico da empresa, não sei se é possível talvez exprimi-lo de modo tão drástico, mas faz parte de muita da discussão que temos com o Conselho de Administração. Agora poderá dizer: mas o que é que fazem em relação a isso? Para além deste exercício, que é um exercício escondido, e em relação ao qual nós somos muitas vezes injustamente criticados por desconhecimento público, nós temos encontros muito robustos com o Conselho de Administração.

Som – excerto de emissão da Antena 1 com falha técnica na Antena Aberta que impedia a recepção de telefonemas

JPG / Loc. – No mesmo dia, os deputados ouviram também o alerta do presidente do Conselho de Opinião da RTP:

Som – Manuel Coelho da Silva: A rádio está num estado de condições técnicas que não dá para disfarçar mais. Temos uma rede de antenas que é propriedade da empresa. As únicas que foram alienadas foram as da televisão, as de rádio não foram. Não têm tido manutenção mas começam a atingir situações de colapso. Para não falar dos próprios estúdios. Basta lá ir e ver as condições em que estão os estúdios.

Som – excerto de emissão da Antena 1: locutor debate-se com paragem do sistema Dalet.

JPG / Loc. – Na caixa de correio do provedor não caem apenas torres de antenas e queixas por falta de sinal de rádio.

Há ouvintes que escrevem ao provedor para elogiar programas, enaltecer autores... elogiar o Serviço Público.

A verdade é que apesar dos cortes e mais cortes, há lugar para programas de qualidade... E até para raridades como Ricardo Saló.

Som – Excerto de programa de Ricardo Saló: A jornada de mil quilómetros começa com um passo. Boa noite.

JPG / Loc. – Porta aberta para Ricardo Saló nas Antenas 2 e 3....

Som – efeito sonoro de porta a abrir

JPG / Loc. – Mas na Antena 1, em 2018, a porta fechou-se para António Macedo:

Som - António Macedo [AM]: Na rádio é que eu sou feliz.

Som – excerto de crónica de David Ferreira: Desculpem lá se não me habituo a esta era de bombistas suicidas e de Brunos de Carvalho. Mas...a RTP deitar fora a mais emblemática das vozes da rádio pública, o mais caloroso dos seus animadores, sem qualquer razão que a razão compreenda, é uma destruição de um activo. Precioso. Som

AM – Bom dia, bom fim-de-semana. [Final de crónica] Paulo Rocha, locutor, fechando a crónica em antena: Bom fim-de-semana, António Macedo. O David Ferreira regressa na próxima segunda-feira. O Macedo não.

JPG / Loc. – O sonoro protesto de David Ferreira na rádio, foi acompanhado pelos lamentos dos Ouvintes:

Mas a administração da RTP preferiu pagar para ver Macedo pelas costas...

Som - ambiente de porta a fechar

JPG / Loc. – Na memória dos programas do Provedor de 2018 sobra um som que ficou original... E original seguiu para arquivo.

Entrevista com a editora de política da Antena1, Maria Flor Pedroso, estava pronta a ir para o ar em 12 de Outubro de 2018.

Pouco antes, a Antena1 anunciou que Maria Flor Pedroso aceitara o convite para Directora de Informação da Televisão.

A entrevista era boa mas não saiu...

Som Maria Flor Pedroso: Houve uma sangria grande de elementos na informação da Antena 1 e muitos dos que saíram eram dos melhores.

JPG / Loc. – Flor Pedroso fora da rádio. Mais uma saída a somar a tantas outras.

RM - Medley entrevistas 2018

Henrique Amaro – Gosto muito de música mas quando ouço rádio gosto de ouvir pessoas.

João Almeida – Sem dúvida que era preferível ter a antena sempre com pessoas a conduzir a emissão.

Nuno Reis – Seria importante para a rádio manter essa presença em directo, mas as restrições orçamentais tornaram inevitável a opção de pré-gravar as madrugadas e grande parte do fim-de-semana.

Jorge Gonçalves - A madrugada era um espaço nobre da programação e da comunicação com os ouvintes. Nós perdemos muito esse espaço de comunicação.

José Carlos Teixeira – Nos exteriores éramos doze. Estamos reduzidos a metade.

Maria João Dias – Não consigo pôr a minha equipa em formação, porque se não tenho equipa para trabalhar, não tenho para pôr formação.

Vítor Fernandes – Porque o número de pessoas que estão a fazer assistência à rede é muito reduzida, obriga-nos a estar disponíveis para a empresa muitas horas.

Gaspar Loureiro - Porque não há pessoal. Aí é por falta de pessoal. Hoje em dia não é fácil meter pessoas.

Paulo Sérgio - E, portanto, estamos a fazer o mesmo com menos gente. Um dia isso vai ter que ser ultrapassado, ou então teremos obviamente que deixar de produzir tanta coisa.

JPG / Loc. – Da parte dos ouvintes, a seguir às questões técnicas e ao afastamento de António Macedo, outra questão na lista das preocupações, em mensagens ao Provedor, foi o futebol... em cima do acontecimento que foi o Mundial.

E com os profissionais do relato da bola a começarem já a fazer exercícios de aquecimento.

Som – Alexandre Afonso exemplifica como se aquece e trabalha a voz antes dum relato

JPG / Loc. – Para o Mundial, a Onda Média foi ligada à máquina, após anos de investimentos zero...

E os ouvintes vá de perguntarem ao Provedor: Onde pára a Onda Média?

Há perguntas ao provedor que exigem paciência, investigação, consultas, pareceres.

Também há por vezes que recorrer à memória dos arquivos.

Muita ginástica mental exige a função de Provedor. Verdade.

Som de arquivo – excerto do programa Ginástica para Todos

JPG / Loc. – Recurso à memória, individual e colectiva,

Recurso aos arquivos da rádio.

Som de Arquivo – Humberto Delgado (1958): Ninguém sabe portanto, minhas senhoras e meus senhores, onde isto pode ir ter. Há uma coisa porém que juro aqui: eu estou pronto para morrer pela liberdade! [aplausos entusiásticos]

JPG / Loc. – General Humberto Delgado: a crónica de uma morte anunciada.

Aos sons dos arquivos da RDP, juntaram-se no programa do Provedor outros registos históricos:

Som – excerto de leitura de Comunicado do MFA pela locutora Clarisse Guerra (25 de Abril de 1974)

JPG / Loc. – Memória de muito do que se disse e alguma coisa do que não chegou a dizer-se este ano no programa Em Nome do Ouvinte.

Cortina

JPG / Loc. – Quanto ao futuro, futuro próximo.

Há muitas e boas promessas para 2019.

Promessas de melhorias concretas, escritas em papel, em novo plano estratégico, e deixadas de viva voz no Parlamento, em Setembro deste ano, pelo presidente do Conselho de Administração, Gonçalo Reis:

Som Gonçalo Reis– Agora estamos a tratar dos estúdios da rádio, mas a distribuição da rádio, o sinal, ainda tem que ser melhorada. Portanto, o programa de investimentos que nós temos previsto, e aqui deixe-me ser muito taxativo, enquanto que a CAV é uma opção que o Estado accionista soberano fará, nós limitamo-nos a dar a informação de que legalmente isso é possível, em termos do aumento de capital que é devido, e reconhecido pela Comissão Europeia, é um pressuposto. E, aliás, é um pressuposto do nosso plano de actividades para executar o apetrechamento tecnológico.

JPG / Loc. – Promessas repetidas no programa do Provedor pelo Director Técnico da RTP, Carlos Barrocas:

Som Carlos Barrocas [CB] - Para 2019 e 20 temos um plano de investimentos ambicioso desenhado, que esperamos naturalmente que venha a ser concretizado.

JPG / Loc. – Promessas para a rádio, para já ainda entre a esperança e a perspectiva.

Som CB - Está em processo de colocar para apreciação superior, sim. É isso mesmo.

FICHA + INDICATIVO FECHO

-
- ⁱ Engenheiro Carlos Barrocas, Director de Engenharia da RTP, entrevista ao programa *Em Nome do Ouvinte*, 20 de Outubro 2018.
- ⁱⁱ António Macedo ao Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, 11 Maio 2018.
- ⁱⁱⁱ Report Media use in the European Union, Novembro 2016
- ^{iv} Engenheiro Carlos Barrocas, entrevista já citada ao programa do Provedor.
- ^v Vítor Fernandes e Pedro Mendes, técnicos de emissores da Rádio do Serviço Público, *Em Nome do Ouvinte*, 09 de Março de 2018.
- ^{vi} Ministro Miguel Relvas, chamado ao Parlamento chamado pelo PS para falar sobre o futuro da Rádio e Televisão de Portugal, Antena 1, 29 Janeiro de 2013.
- ^{vii} Gonçalo Reis, presidente da Administração da RTP, audição parlamentar na Comissão de Ética, Cidadania e Comunicação, Antena1, 17 de Junho de 2015.
- ^{viii} Engenheiro Carlos Portugal, antigo Director técnico da RDP, entrevista a *Em Nome do Ouvinte*, 09 Fevereiro de 2018.
- ^{ix} Engenheiro Carlos Barrocas, entrevista citada.
- ^x Pedro Mendes, técnico do Departamento de Emissão Nacional, entrevista a *Em Nome do Ouvinte*, 09 de Março de 2018.
- ^{xi} Decreto-Lei n.º 2/2019, de 11 de Janeiro.
- ^{xii} João Paulo Baltazar, Director de Informação, entrevista ao programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, 08 Junho 2018.
- ^{xiii} Programa “Em Nome do Ouvinte”, 16 Março 2018.
- ^{xiv} Zorka Zumeta, veterano especialista em rádio e comunicação, carreira de Rádio na Cadena SER, Fevereiro de 2017, especialistas profissionais de Rádio de Espanha e da América Latina respondem à pergunta: Como acha que deveria ser a rádio ideal em 2020?
- ^{xv} Hugo Figueiredo, administrador da RTP, citado por “Dinheiro Vivo Online” 15 de Maio 2018.
- ^{xvi} Gonçalo Reis, presidente da RTP, entrevista ao jornal Público, 13 de Setembro de 2018.
- ^{xvii} Engenheiro Carlos Barrocas, entrevista já citada.
- ^{xviii} Engenheiro Carlos Barrocas, entrevista já citada, 20 Outubro 2018.
- ^{xix} Vítor Fernandes, técnico do Departamento de Emissão Nacional, *Em Nome do Ouvinte*, 09 Março 2018.
- ^{xx} Pedro Mendes, técnico de emissores da RTP, edição citada do programa do Provedor.
- ^{xxi} Balanço Audiências Ano 2018, Rádio, Gabinete de Audiências e Estudos de Mercado da RTP.
- ^{xxii} Engenheiro Carlos Barrocas, Director de Engenharia da RTP, entrevista já citada.
- ^{xxiii} Gonçalo Reis, *Em Nome do Ouvinte*, 6 de Outubro de 2017.
- ^{xxiv} Viriato Teles, em viriatoteles.net, 15 de Junho de 2018.
- ^{xxv} José A. Rodrigues, Vila Nova de Gaia, edição Público, Porto, 16 de Junho de 2018.
- ^{xxvi} *Em Nome do Ouvinte*, 11 Maio 2018.
- ^{xxvii} Sílvio Correia Santos, professor na Universidade de Coimbra, investigador nas áreas da Comunicação, com tese de doutoramento sobre o serviço público de radiodifusão em Portugal, entrevista a *Em Nome do Ouvinte*, 15 Dezembro 2017.
- ^{xxviii} Carlos Magno, presidente da Entidade Reguladora da Comunicação, Antena1, 26 de Fevereiro de 2014.
- ^{xxix} PAIO, Plano de Atividades, Investimento e Orçamento 2018 (da Administração da RTP).
- ^{xxx} *Em Nome do Ouvinte*, 15 Dezembro 2017.
- ^{xxxi} *Em Nome do Ouvinte*, de 19 de Janeiro de 2018 e nos dois programas seguintes.
- ^{xxxii} E-mail de ouvinte, 5 de novembro de 2018.
- ^{xxxiii} Paulo Sérgio, *Em Nome do Ouvinte*, 15 Junho 2018.
- ^{xxxiv} Alerta do Provedor à Direcção da Antena1 sobre excesso de relatos de futebol na programação, 26 Novembro 18.
- ^{xxxv} Reclamação de ouvinte de Lisboa recebida através do gestor de mensagens da RTP, 10-11-2018.
- ^{xxxvi} João Paulo Guerra, Provedor do Ouvinte, e Jorge Wemans, Provedor do Telespectador, Lisboa, 16 de Julho de 2018.

Nota: este relatório está redigido de acordo com a norma ortográfica anterior ao AO90.

